UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Entre narrativas, fragmentos e estilhas: construções de atletas
brasileiros sobre os Jogos Olímpicos do México de 1968

Dhênis Rosina

São Paulo
2018

DHÊNIS ROSINA

Entre narrativas, fragmentos e estilhas: construções de atletas
brasileiros sobre os Jogos Olímpicos do México de 1968

VERSÃO CORRIGIDA

(versão original disponível no Serviço de Biblioteca)

Tese apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências

Área de Concentração: Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e do Esporte

Orientadora: Profa. Dra. Katia Rubio.

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Serviço de Biblioteca

Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Rosina, Dhênis

Entre narrativas, fragmentos e estilhas: construções de atletas brasileiros sobre os jogos olímpicos do México de 1968 / Dhênis Rosina. -- São Paulo: [s.n.], 2018.

214p.

Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Katia Rubio

1. Jogos Olímpicos (História) 2. História do esporte 3. Atletas olímpicos (Brasil) I. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Autor: ROSINA, Dhênis

Título: Entre narrativas, fragmentos e estilhas: construções de atletas brasileiros sobre os Jogos Olímpicos do México de 1968

Tese apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências

Data: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

O caminho até o doutorado foi longo, cruzei com muitas pessoas durante esse processo. Foram viagens, mudanças, cidades, instituições, caminhos que mudaram meu olhar e minha percepção do mundo. Sou grato a todos que, de alguma forma, animaram minhas ideias com perguntas simples, como por exemplo, sobre o que eu estudava, essas perguntas me fizeram falar e explicar questões inusitadas sobre meu trabalho, que aos poucos o colocou em perspectiva, iluminando-o em diferentes ângulos.

Aproveito esse momento, para nomear e agradecer as pessoas que me acompanharam e contribuíram, de diferentes formas, no processo de doutoramento e na concretização dessa pesquisa.

À minha orientadora Katia Rubio, que gentil e prontamente abriu as portas do GEO para um paranaense desconhecido que se apresentou por e-mail. Por sua amizade e seu acolhimento. Para além disso, me apresentou um 'novo mundo', o encantador universo das narrativas. Seu conhecimento sobre os estudos olímpicos e oralidades, foi um alicerce seguro para me aventurar em novas ideias.

Aos professores que compuseram minha banca, José Carlos Sebe Bom Meihy, Lucia Leão, Soraia Chung Saura e Sandra Maria Patrício Ribeiro pelos questionamentos, contribuições e diálogos estabelecidos no decorrer da pesquisa.

Ao grupo de estudos GEO-USP, Katia, Bianca, Birigui, Carlos, Edilene, Gabi, Gislaine, Isaias, Ivan, Julia, Julio, Juliana, Luciana, Luciane, Maria Alice, Marcelo, Marcos, Naty, Nina, Neilton, Rafael, Rovilson, Vinícius, Walesca e Willian. Por fazerem do GEO um lugar de amizade, boas conversas, piadas, e muitas risadas. Por serem responsáveis pelas melhores quartas-feiras desses quatro anos, do café da manhã à feijoada com caipirinha. Meus dias na USP não seriam os mesmos sem vocês.

Ao Vilson Birigui, amigo para o churrasco, para passeios, e também para o trabalho. Obrigado pelo acolhimento em São Paulo e obrigado pelo auxílio na organização das entrevistas e documentos necessários para a pesquisa.

A minha trinca de ases nesse jogo, Gabi, Julia e Rafa, trio valioso com quem dividi os melhores momentos da universidade. Entre aulas, cafés, risadas e conversas, uma infinidade de ideias.

A Maria Alice e Luciana Ângelo pela amizade, pelas conversas e por me apresentar São Paulo de forma única.

A minha amiga Marina, que logo cedinho, com seu radiante 'Bom dia!', um abraço apertado e um bom café com canela, me davam as forças necessárias para enfrentar mais um dia de trabalho nessa pesquisa.

As minhas amigas-irmãs Viviane Santos e Alessandra Borges, que me acompanham desde a graduação e comemorando juntos cada etapa vencida.

Aos meus amigos André, Cleber, Lydiana e Sandradi que mesmo à distância me acompanharam em todo esse processo e sempre estiveram ao meu lado quando precisei.

Aos amigos do curso de Pedagogia de Cianorte, Alessandro, Fernando, Darlene, Glaciane, Gislaine, Gesilaine e Marli pela compreensão, apoio e amizade.

A Marli, minha companheira de doutorado, pelas conversas, leituras do texto, por dividir todas as alegrias e ansiedades de cada etapa desse processo.

Ao Paulo pelas horas de conversa sobre a pesquisa. Por revisar e corrigir meu texto.

Aos todos meus amigos, de ontem, hoje e sempre! Vocês dão razão à vida!

A todos meus mestres, da minha primeira professora da pré-escola aos professores da pós-graduação, com a certeza que de alguma forma vocês me fizeram semente, eu hoje sou fruto de vocês.

Ao meu companheiro Valdinei Brunetta, que compartilhou cada etapa do doutorado comigo. Em nenhum momento a distância foi pretexto. Passeamos, jantamos, fizemos piquenique, exploramos como ninguém a "terra da garoa". Foi você quem acompanhou de perto minhas angústias, expectativas e alegrias. Obrigado pelo carinho e compreensão durante esses anos.

À minha família, pela torcida de sempre, por compartilharem dos meus sonhos, e à medida do possível entendê-los. Ao meu pai José Carlos. À minha mãe do coração Claudineya. Aos meus irmãos Edna, Evandro, Gabriela e Gabriel.

Meu agradecimento à CAPES pela bolsa de estudo, esse apoio foi fundamental para desenvolver as atividades de pesquisa.

Meu muito obrigado a todos os atletas olímpicos brasileiros que gentilmente contaram suas histórias.

*“O futuro nada mais é do que um vazio indiferente que não interessa a ninguém,
mas o passado é cheio de vida e seu rosto irrita, revolta, fere,
a ponto de querermos destruí-lo ou pintá-lo de novo.
Só queremos ser mestres do futuro para podermos mudar o passado.
Lutamos para ter acesso aos laboratórios onde se pode retocar
as fotos e reescrever as biografias e a História”*

Milan Kundera
O Livro do Riso e do Esquecimento

RESUMO

ROSINA, D. **Entre narrativas, fragmentos e estilhas:** construções de atletas brasileiros sobre os Jogos Olímpicos do México de 1968. 2018. 214 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

A escolha do México como cidade sede para os Jogos Olímpicos de 1968 ocorre em um momento em que o mundo se voltava para a corrida espacial, em que as periferias do mundo, vivia o confronto com a violência, com as ditaduras e as guerras genocidas, em que eram testados os produtos da corrida armamentista, incluindo armas químicas, biológicas e mísseis teleguiados. Pela primeira vez na história os Jogos Olímpicos seriam realizados em um país não industrializado, na América Latina, o que despertou controvérsias e manifestações em relação a escolha da cidade sede e aversão dos anglo-saxões. Atletas em sintonia com a juventude de seu tempo, frequentadores de universidades e atentos ao que se passava em seus países, foram aos Jogos não apenas para competir. Eles tinham ideais, posicionamento político e fizeram do esporte um meio para dar visibilidade às suas manifestações. O Brasil vivia sob a ditadura militar com a restrição de direitos civis, fechamento do congresso nacional, mandatos de parlamentares cassados, estabelecimento da censura aos meios de comunicação e inquéritos militares sigilosos. Intimidações, torturas, sequestros, desaparecimentos e mortes marcaram o auge do autoritarismo militar no Brasil. É nesse contexto que a delegação brasileira viaja para os Jogos Olímpicos do México, em 1968. O objetivo desta tese é construir uma narrativa sobre os Jogos Olímpicos do México, de 1968, a partir das sínteses biográficas e das estilhas das narrativas de 54 dos 81 atletas brasileiros participantes desta competição. Essa construção se dá a partir uma discussão sobre os fundamentos teóricos-metodológicos da pesquisa na história oral, das narrativas biográficas e do banco de histórias, onde são encontrados os conceitos de fragmento biográfico e história oral de família.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos do México; atletas olímpicos brasileiros; história oral; narrativas biográficas; estilhas da narrativa.

ABSTRACT

ROSINA, D. **Between narratives, fragments and chips: constructions of Brazilian athletes on the 1968 Olympic Games of Mexico**. 2018. 214 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

The choice of Mexico as the host city for the Olympic Games in 1968 occurred in a moment in which the world turned to the space race, in which the periphery of the world lived conflict with violence, with the dictatorships and genocide wars, in which arms race products were tested at, including chemical and biological weapons, and guided missiles. For the first time in history, the Olympic Games would be held in a non-industrialized country, in Latin America, which arouse controversy and manifestations related to the chosen host city and aversion to Anglo-Saxons. Athletes tuned with the youth from their time, university goers and those attentive to what was happening in their countries, went to the Games not only to compete. They had ideals, political positioning and made the sport a mean to give visibility to their manifestations. Brazil was under a military dictatorship with civil right restrictions, the closing of the national congress, parliamentary mandates persecuted, the establishment of censorship to the media and secret military inquiries. Intimidations, tortures, kidnappings, disappearances, and death marked the peak of military authoritarianism in Brazil. It is in this context that the Brazilian delegation travels to 1968 Olympic Games of Mexico. The purpose of this thesis is to build a narrative about the Olympic Games of Mexico, through biographical synthesis and narrative chips from 54 of 81 Brazilian athletes that participated in that competition. This construction is based on a discussion about the theoretical-methodological foundations of the research in oral history, biographical narratives, and the history bank, where the concepts of biographical fragment and oral family history.

Keywords: Olympic Games of Mexico; brazilian olympic athletes; oral history; biographical narratives; narrative chip.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Atletas Olímpicos brasileiros nos Jogos Olímpicos de 1968	48
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A intercessão entre diferentes entrevistas	54
--	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AMAM Academia Militar das Agulhas Negras
CBD Confederação Brasileira de Desportos
CBF Confederação Brasileira de Futebol
CND Conselho Nacional de Desportos
COB Comitê Olímpico Brasileiro
COI Comitê Olímpico Internacional
ESEF-IPA Escola Superior de Educação Física-Centro Universitário Metodista
EUA Estados Unidos da América
FAB Força Aérea Brasileira
FIBA Federação Internacional de Basquetebol
FINA Federação Internacional de Natação
GEO-USP Grupo de Estudos Olímpicos da Universidade de São Paulo
ITA Instituto Tecnológico de Aeronáutica
NBA National Basketball Association
PUC Pontifícia Universidade Católica
UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro
USP Universidade de São Paulo
URSS União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 A HISTÓRIA ORAL DE VIDA	25
2.1 O SUJEITO DA HISTÓRIA ORAL	31
2.2 A ENTREVISTA EM HISTÓRIA ORAL	34
3 O ACERVO DO PROJETO “MEMÓRIAS OLÍMPICAS POR ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS” COMO BANCO DE HISTÓRIAS	38
3.1 AS MEMÓRIAS OLÍMPICAS	38
3.2 COMO UM FIO DE ARIADNE: HISTÓRIAS DE VIDA E NARRATIVAS BIOGRÁFICAS	40
4 UMA LINHA NO HORIZONTE: O DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	44
4.1 ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO GRUPO	45
5 A HISTÓRIA ESCRITA A PARTIR DE UM BANCO DE HISTÓRIAS	51
5.1 ERA NECESSÁRIO VOLTAR AO ATLETA?	51
5.2 TRABALHANDO COM AS NARRATIVAS OU O OFÍCIO DO ARTESÃO	53
5.3 FRAGMENTO NARRATIVO	54
5.4 HISTÓRIA ORAL DE FAMÍLIA	54
5.5 O CAMINHO ENCONTRADO: AS ESTILHAS DA NARRATIVA	56
6 PROCEDIMENTOS E PROCESSOS COMPOSITIVOS DA NARRATIVA DO GRUPO	58
6.1 A ESCRITA DA NARRATIVA DO GRUPO E O PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO	59
6.2 A ESTILHA DA NARRATIVA	59
7 SOBRE O MUNDO E O MOVIMENTO OLÍMPICO NO PÓS-GUERRA.....	61
7.1 A ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO OLÍMPICO	61
7.2 O MUNDO PÓS-GUERRA E O MOVIMENTO OLÍMPICO.....	66
8 A DÉCADA DE 1960 E OS JOGOS OLÍMPICOS DO MÉXICO	70
9 O BRASIL NA DÉCADA DE 1960	76
10 ENTRE HISTÓRIAS E FRAGMENTOS: AS ESTILHAS BIOGRÁFICAS	82
10.1 ATLETISMO	84
10.2 BASQUETEBOL	89
10.3 BOXE.....	104
10.4 ESGRIMA	107
10.5 FUTEBOL	112
10.6 HIPISMO.....	134

10.7 IATISMO	137
10.8 LEVANTAMENTO DE PESO.....	145
10.9 NATAÇÃO	149
10.10 POLO AQUÁTICO	161
10.11 REMO	181
10.12 TIRO ESPORTIVO	183
10.13 VOLEIBOL	187
11 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES.....	201
REFERÊNCIAS.....	204
LISTA DE SITES CONSULTADOS	211
ANEXOS	212

1 INTRODUÇÃO

O ponto de partida de uma tese se dá a partir de uma trajetória que mescla interesses, dúvidas e oportunidade. Os Jogos Olímpicos do México, de 1968, tornaram-se o objeto dessa tese em decorrência de muitos movimentos pessoais e acadêmicos, que começaram desde muito cedo. Não existe dúvida quando penso por onde começar a narrativa dessa trajetória, se não, por quem eu sou e de onde vim. Longe de se aproximar das questões ontológicas do ser humano, tenho hoje essas questões e sua importância bem definidas em minha vida. Sou filho biológico de José Carlos Rosina e Aparecida Berti Rosina, e também fui criado e educado por Claudineya Mendes, minha mãe do coração. Minha mãe Aparecida era “do lar” se fossemos tratá-la em um documento formal como um registro civil, mas aqui tenho a oportunidade de dar outro significado para sua existência. Minha mãe foi a responsável pelos cuidados primeiros de nossa existência e segurança em uma época que esse era o papel tradicional dado as mulheres, principalmente quando se define mulheres do interior do Paraná em uma região fundamentalmente agrícola. Meu pai agricultor, por muitos anos ganhou a vida como caminhoneiro, escoando a produção de grãos e de algodão da Cerealista Cocedil que tinha em sociedade com um irmão e um primo em Bourbonia, um pequeno distrito de Barbosa Ferraz, no noroeste do Paraná, onde nasci e morei até os 16 anos.

Como cada história é única, soma-se a essas duas pessoas que contribuíram diretamente na minha formação mais uma mãe, do segundo casamento de pai, Claudineya Aparecida Mendes, professora de História, que teve um papel determinante nas minhas escolhas e na minha trajetória acadêmica e profissional. Isso tudo é importante pontuar para entender de onde vem meu amor pelos livros e pelas palavras. Não era apaixonado pelo campo e pela agricultura, então a escola serviu como lugar de refúgio. Bourbonia é um lugar pequeno onde todos se conhecem, isso facilitou meu precoce ingresso na escola, muito antes da idade obrigatória. Assim comecei a frequentar a Escola Arnaldo Coneglian, onde completei o ginásio, hoje ensino fundamental, mas com o nome de Colégio Estadual de Bourbonia. Nessa época eu também tralhava com meu irmão Evandro tirando leite, e não podia deixar de cumprir essa obrigação, por isso, no ensino médio, fui estudar em Luiziana, no Colégio Estadual Adauto da Silva Rocha, onde o curso era vespertino e de melhor qualidade, uma vez que em minha cidade o ensino médio era apenas no período

noturno. Como nessa escola lecionavam professores que já estavam em cursos de pós-graduação tive a oportunidade de conhecer, desenvolver e participar de alguns projetos, que me deram a certeza do caminho que iria escolher. No último ano do ensino médio o caminho escolhido era a Universidade, isso não era comum. Digo isso pois quando volto para visitar minha família e revejo meus amigos dos tempos do ginásio é muito pequeno o número dos que foram para a universidade.

Fui aprovado em dois concursos de vestibular. Um deles para cursar Turismo na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campo Mourão, chamada hoje de UNESPAR e o outro foi para o curso de Educação Física na Universidade Estadual de Maringá, curso pelo qual optei. O primeiro ano do curso foi cheio de conflitos o que me levou a desejar desistir, uma vez que os professores do curso naquele período tinham o modelo tecnicista como referência. O auge do conflito foi marcado por uma nota 4,0 em uma prova teórica de atletismo. Uma intervenção de minha mãe deu um sentido àquele momento. Ela foi firme em sua orientação: ‘que primeiro você termina a faculdade e depois escolhe o caminho a seguir ou até mesmo fazer outro curso’. A desistência estava fora de questão.

Embora a questão tecnicista marcasse minhas experiências no primeiro ano do curso, um outro grupo, ainda emergente e minoritário, fez despertar minha paixão pela área sociocultural da Educação Física. As disciplinas de Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação Física I e II despertaram minha determinação de permanecer no curso, e ali decidi qual área gostaria de seguir e o novo objetivo a alcançar que seria o mestrado. No primeiro ano do curso participei de dois projetos de ensino que foram fundamentais para minha formação teórica e deram a base para eu ser um pesquisador. *Educação Física Escolar: Uma Construção Coletiva* com as professoras Verônica Muller e Rosângela Mello e o projeto: *A Formação do Pesquisador: Introdução aos Fundamentos teóricos*, sob coordenação da professora Rosângela Mello e da professora Maria Rosemary Coimbra Campos Sheen. Esses projetos foram fundamentais para eu participar da seleção, ingressar e ser bolsista do Grupo PET (Programa de Educação Tutorial), projeto no qual me dediquei nos três anos seguintes da minha graduação. Esse grupo tinha como objetivo desenvolver atividades que estavam relacionadas ao tripé que compõe o ensino universitário, ou seja, tínhamos que apresentar em nossos relatórios atividades de ensino, pesquisa e extensão. Como atividade de ensino optei por ser monitor de Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação Física I. As atividades de extensão eram voltadas para os

acadêmicos do curso e egressos, no qual desenvolvemos cursos relacionados ao aperfeiçoamento dos processos de pesquisa bem como dos novos temas que eram pertinentes a área, como os esportes radicais e a atividade física relacionada a natureza. As atividades de pesquisa foram direcionadas para o desenvolvimento histórico do PET de Educação Física da UEM e seus egressos, resultando em minha primeira publicação no livro *Reinventando a graduação: os grupos do Programa de Educação Tutorial da UEM*. O trabalho publicado intitulado *A Construção da Corporeidade na Grécia Antiga*, decorrência das minhas leituras para a disciplina de Fundamentos da Educação Física, levou ao projeto sobre a corporeidade na Idade Média Ocidental, que se tornaria a base para o meu trabalho de conclusão de curso e projeto de mestrado. A participação em pesquisas científicas me proporcionou aquilo que considero a experiência mais rica da minha vida acadêmica, pois, foi acompanhado desses textos que viajei a congressos e tive a experiência única, ainda no segundo ano da graduação, de fazer uma comunicação em um evento nacional. Ainda lembro que a única certeza que ficou dessa experiência, foi do pouco que sabia e que era preciso estudar muito mais. Nesses eventos tive contato com outros pesquisadores e com professores que eram referência na área servindo como uma inspiração encarnada.

Com a participação no grupo PET foi possível a aproximação com o processo de pesquisa e, a escrita do texto final para a conclusão do curso, não chegou a ser traumática, assim, a defesa do trabalho já coincidiu com o processo de seleção para o mestrado. Defendi a monografia intitulada: *Sobre o Arquétipo de Corpo no Agostinismo*, sob a orientação do professor Ademir Quintilio Lazarini, do Departamento de Fundamentos da Educação, o trabalho teve como objetivo compreender o conceito de corpo fundado a partir da obra de Santo Agostinho no que diz respeito a relação entre corpo e alma e as práticas corporais no medievo. Com o término da graduação, e certo em seguir a carreira acadêmica, fiz a prova de ingresso no mestrado em Educação da Universidade Estadual de Maringá, pois, no Programa de Pós-Graduação em Educação Física ainda não havia a área de concentração dos estudos socioculturais da Educação Física. Com um projeto incipiente e com pouca relação com a área da Educação fiquei como suplente no processo seletivo, mesmo assim, cursei duas disciplinas na condição de aluno especial. Nesse período frequentei o Grupo de Estudos Transformações Sociais e Educação na Antiguidade e

Medievalidade (GETESEAM) aprofundei minhas leituras em relação ao tema e reconstruí meu projeto de pesquisa.

Em 2006 ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação na área de concentração de História e Historiografia da Educação, como aluno regular sob a orientação do professor José Joaquim Pereira Melo. No primeiro ano dediquei-me ao cumprimento dos créditos e disciplinas obrigatórias, com participação mais assídua no grupo de pesquisa tive a experiência com a organização de eventos nacionais e internacionais, concomitante ao desenvolvimento e publicação de artigos científicos em anais, livros e periódicos. Uma característica que marca minhas publicações, mesmo as da graduação, é o fato de não restringir minha escrita ao objeto de pesquisa. Assim tenho trabalhos publicados que tratam de outros períodos da História da Educação e, em todos eles, busco relacionar ou pelo menos aproximar a temática da minha área de formação a Educação Física.

Marco o primeiro semestre do segundo ano do mestrado como o período que eu tive condições plenas para uma boa produtividade acadêmica, pois, me tornei bolsista do programa e tinha fluência teórica para escrever e publicar meus textos. O período foi curto pois com ele dividi o tempo para escrever a dissertação e me organizar para a qualificação e defesa da pesquisa. Defendi a dissertação intitulada: *Corpo e Educação: O Diálogo Entre as Concepções de Epicuro, Sêneca e Santo Agostinho*. Nesse trabalho discuto o do conceito de corpo para a nascente sociedade medieval, a partir das obras de Santo Agostinho, e como o pensamento 'pagão', destaca-se os pensadores Epicuro e Sêneca, contribuiu para fundamentar a gênese de uma outra dimensão ontológica do ser humano. Destaca-se então o processo de elaboração, reelaboração e negação dos conceitos que fundam o medievo e são pensados a partir das sociedades consideradas pagãs.

Depois da qualificação do mestrado fui indicado por uma amiga Regina Celia Rampazzo Czadotz para uma entrevista na Faculdade do Centro do Paraná, na cidade de Pitanga, para lecionar a disciplina de Prática de Ensino em Educação Física I. Para minha surpresa e felicidade, no ano seguinte antes de iniciar as aulas veio o convite para assumir a disciplina de Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação Física. Nessa experiência profissional vivi os primeiros conflitos da sala de aula e do relacionamento interpessoal entre professor-aluno, que construímos e entendemos no decorrer de nossa jornada como docente. Naquele momento como não tinha a tradição ou a experiência para fundamentar meus atos contei com a

fundamentação e as leituras que tive na graduação e na pós-graduação. O fato de começar minha trajetória como docente em uma pequena faculdade privada no interior do Paraná, cujo foco eram as aulas em si, me distanciou das atividades de pesquisa e extensão, que davam sentido ao ensino superior. Somando meu interesse e de alguns alunos consegui desenvolver alguns projetos de pesquisa, além de publicar e apresentar trabalhos científicos nos eventos acadêmicos da instituição. Isso foi fundamental para desenvolver minha experiência enquanto orientador. Se as dificuldades marcam o início de carreira em uma instituição pequena, por outro lado, todas as oportunidades estão abertas pois quase tudo está por fazer. Assim, mesmo novato na instituição fui membro do colegiado do curso e pude contribuir na nova organização curricular e acompanhar a aprovação do curso de Educação Física pelo MEC, fato marcante para a história do curso e a minha, profundamente. Com a aprovação do curso pelo MEC eu e parte dos docentes do curso fomos demitidos, a suposição para essa atitude é que nossas titulações oneravam a folha de pagamento da instituição. Assim, aprendi uma lição sobre a qual não havia refletido até aquele momento: mesmo que professores, somos trabalhadores como tantos outros, e a dinâmica é a mesma de qualquer mercado de trabalho. Nessa instituição tive minhas primeiras experiências na Pós-Graduação – *Latu sensu*, ministrei meu primeiro curso, orientei minha primeira monografia de pós-graduação e participei das bancas de defesa. Isso me levou a próxima instituição que trabalhei, no grupo de pós-graduação Dimensão em parceria com a Faculdade Dom Bosco. Trabalhei nessa instituição com as disciplinas de Metodologia do Trabalho Científico e Seminário Científico que favoreceram o aprofundamento de leituras nessa área do conhecimento. Voltei para essa instituição dois anos depois, convidado para ser ‘Nome de Turma’ da segunda turma do curso de Educação Física em que dei aula.

Mesmo seguindo a carreira de docente o doutorado era uma etapa certa a ser cumprida. Com a abertura do curso de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UEM, e a reorganização das áreas e do modelo de prova a ser aplicado, considerei como certo esse caminho a seguir. Cheguei a cursar duas disciplinas como aluno não regular, porém com a instabilidade provocada em função das reformulações dos temas da prova escrita desisti de entrar no programa e voltar para minha área afim, a Educação Física. Foi nesse processo que conheci os textos da professora Katia Rubio e entrei em contato falando da minha intenção de pesquisa para o doutorado. Assim comecei a me envolver com a pesquisa sobre Olimpismo e a

conhecer a metodologia que orientava o projeto do grupo, o trabalho com histórias de vida de atletas olímpicos, passei a colaborar com o Grupo de Estudos Olímpicos entrevistando os atletas olímpicos que moravam no estado do Paraná.

Nesse mesmo período comecei a trabalhar na Faculdade Integrado de Campo Mourão no curso de Educação Física, o que me motivou ainda mais a voltar a estudar as questões específicas da área. Nessa instituição acompanhei de perto as questões que diziam respeito ao curso de bacharelado em Educação Física trabalhando com as disciplinas de formação geral ligadas à sociologia e à filosofia, bem como com os estágios supervisionados em gestão, esporte, lazer e saúde.

Com o objetivo de cursar o doutorado na Universidade de São Paulo passei a organizar as condições materiais para essa nova etapa. No início de 2013 prestei o teste seletivo para a vaga de professor temporário na área de Metodologia da Pesquisa no Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá. Aprovado em primeiro lugar assumi as aulas dessa disciplina no Campus Regional de Cianorte. Servindo em uma universidade pública imaginei que teria as condições adequadas para voltar ao processo de pesquisa e encaminhar meu doutorado. Não foi preciso muito tempo para ver que isso não passava de uma ilusão. Com uma carga horária superior a 544 h/a anuais, lecionando disciplinas que englobavam a história e filosofia da educação, a metodologia da pesquisa e a sociologia, percebi que as condições de trabalho entre a instituição pública e privada estavam cada vez mais próximas. A dedicação à pesquisa e à docência em uma área de especialidade é uma condição rara nas instituições de ensino superior público do estado do Paraná e muitas vezes isso não se restringia ao professor colaborador, como era o meu enquadramento institucional.

Mesmo nessas condições de trabalho consegui recuperar as atividades que acredito fazer parte do trabalho docente no ensino superior. Ainda no primeiro mês de trabalho me tornei TIDE (professor com dedicação exclusiva) da instituição com o projeto de pesquisa individual: *Corpo, Alma e Educação: A relação entre as dimensões humanas e a Arete Homérica*; e o projeto *Levantamento e catalogação de fontes para a história e memória das instituições escolares do município de Cianorte*, desenvolvido coletivamente sob a coordenação da professora Marli Delmônico de Araújo Futata. Participei também como professor voluntário da Universidade Aberta da Terceira Idade com o curso: *Introdução ao Mundo do Vinho*. Essa nova experiência me apresentou uma outra dimensão do tempo para a aprendizagem, exigiu uma

reflexão ainda maior sobre meus métodos de ensino e o desenvolvimento do conteúdo. Dados técnicos ou científicos de nada valiam se não houvesse sentido, ou seja, trabalhei com alunos que não dominavam o discurso científico como verdadeiro e não estavam acostumados a essa linguagem, assim, o esforço para o entendimento e para se fazer entender era dobrado. Quando cheguei ao Campus de Cianorte, existia o projeto de emancipação de um departamento de Pedagogia, que se concretizou no ano seguinte. O quadro docente era pequeno e o curso contava com a colaboração de professores que vinham de Maringá somente para ministrar as disciplinas no período noturno. Se isso não mudou com a abertura do departamento, ao menos garantiu a autonomia do curso. Sendo assim, mesmo como professor temporário tive espaço para desenvolver atividades que somente um professor efetivo desenvolveria em uma Universidade pública. Nos dois anos que trabalhei na instituição organizei a Semana de Pedagogia em conjunto com as professoras Glaciane Cristina Xavier Mashiba e a professora Marli Delmônico de Araújo Futata. A organização desses eventos me fez entender uma importante face da esfera pública que é a burocracia e a necessidade de editais para lidar com o dinheiro público. Por outro lado, oportunizou o contato com professores de outras instituições, autoridades na área temática do evento e a experiência de organizar a publicação do evento, concretizando os registros necessários para sua validade.

A necessidade e a vontade do grau de doutorado urgiam. No fim de 2013 consegui definir meu tema de pesquisa que trataria dos Jogos Olímpicos de 1968, na Cidade do México. Com a imersão na pesquisa “Memórias Olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”, no universo da história oral e das narrativas biográficas tomei como ponto de partida e de chegada os atletas brasileiros que participaram daquela edição olímpica. As questões de ordem social e política que gravitavam em torno daquela competição pareciam ser, em princípio, o norte do trabalho. A ditadura militar no Brasil, a Primavera de Praga e as manifestações em Paris pareciam ter uma importância inquestionável para quem viveu na segunda metade do século XX.

Enquanto os membros do Grupo de Estudos Olímpicos trabalhavam arduamente na busca dos atletas e na realização das entrevistas, havia também uma intensa mobilização de construção do método da pesquisa, que se fundamentou, originalmente, nas histórias de vida. Nesses anos de participação foi possível conviver com a necessidade da busca e a incerteza sobre as possíveis respostas, exercício explícito nessa tese.

Foi num desses exercícios sobre o método que tomei contato com a proposta literária de Alejandro Zambra em “Múltipla Escolha” (2017), que me inspirou na principal parte desse estudo, sobre a construção de uma narrativa sobre os Jogos Olímpicos do México, em 1968, a partir da narrativa biográfica dos atletas olímpicos brasileiros que participaram dessa edição dos Jogos. Zambra propõe um exercício, que coloca o leitor frente a um texto cuja narrativa pode ser construída a partir de escolhas, tornando-o não estático, não linear, um texto mutante, que ao sabor da escolha do leitor, toma sentido e forma. Seriam essas as possibilidades:

Duzentas e vinte três

1. Você se lembra das sardas nos peitos, nas pernas, na barriga, na bunda dela. O número exato: duzentas e vinte e três pintas. Mil duzentos e sete dias atrás eram duzentas e vinte e três.
2. Relê as mensagens que ela te mandava: são bonitas, divertidas. Parágrafos longos, frases vivas, complexas. Palavras cálidas. Ela escreve melhor que você.
3. Lembra-se de quando dirigiu por cinco horas para vê-la por apenas dez minutos. Não foram dez minutos, foi a tarde inteira, mas você gosta de pensar que foram dez minutos.
4. Lembra-se das ondas, das pedras. Das sandálias dela, de um machucado no pé. Lembra-se de seus olhos se deslocando rapidamente das coxas para os cílios dela.
5. Nunca se acostumou a estar com ela. Nunca se acostumou a estar sem ela. Lembra-se de quando ela dizia, num sussurro, como se falasse consigo mesma: *está tudo bem*.

- A) 5 – 1 – 2 – 3 – 4
- B) 4 – 5 – 1 – 2 – 3
- C) 3 – 4 – 5 – 1 – 2
- D) 2 – 3 – 4 – 5 – 1
- E) 1 – 2 – 3 – 4 – 5

Ao escolher uma ou mais alternativas, o leitor se descobre em um exercício poético, em que as nuances do texto, e os pequenos detalhes, permeiam sua escolha. Desse modo, o leitor-autor pode optar por um caminho nostálgico que se inicie com as memórias, ou então, um percurso descritivo, ou ainda uma brincadeira com o tempo, “*Não foram dez minutos, foi a tarde inteira, mas você gosta de pensar que foram dez minutos*”, um tempo subjetivo, não linear, mensurado pela intensidade da experiência e não pelo tempo social/ cronológico. Portanto, o texto exige persistência, dedicação e trabalho por parte do leitor, tornando a leitura de uma história inacabada, cujas impressões e imagens se formam no decorrer das questões, e de acordo com a(s) alternativa(s) escolhida(s) pelo leitor.

Esse exercício foi fundamental para pensar nos encaminhamentos práticos com as 54 narrativas dos 81 atletas olímpicos que estiveram no México, cujo trabalho se tornou dinâmico, me fazendo perceber as mais de cinquenta e quatro possibilidades de organizar uma narrativa sobre os Jogos Olímpicos de 1968, abrindo assim um universo infinito de possibilidades. A narrativa construída nessa tese é a escolha de uma alternativa, embora haja tantas outras possibilidades abertas ao leitor, que pode inverter e subverter o texto, já que este não assume uma condição estática e finita, por isso, não tem a pretensão de esgotar nenhuma discussão, teórica ou metodológica.

A atenção a não linearidade presente na fala do sujeito que anima o fato histórico me levou à busca de uma construção metodológica que contemplasse essas questões. A busca pelas narrativas fundamenta-se em Rubio (RUBIO, 2014a, 2016a) e os fundamentos teóricos no campo da História Oral se apoiam nas ideias de ‘fragmento biográfico’ e na ‘história oral de família’, proposta por Meihy e Ribeiro (2011). A partir da ideia de fragmento biográfico, cheguei à construção de cinquenta e quatro fragmentos narrativos sobre os Jogos Olímpicos de 1968. O conceito de história oral de família, apontou a possibilidade de organizar uma narrativa, a partir de “recortes” da história de vida. Esses conceitos foram fundamentais para eu desenvolver o conceito de “Estilhas da Narrativa”, que consiste em pequenos “estilhaços” da história de vida do sujeito, que podem ser organizadas pelo pesquisador como uma busca intencional de sentido, para a construção da narrativa de um episódio específico. Utilizo a metáfora do mosaico como a imagem mais expressiva dessa metodologia, uma vez que, a estilha da narrativa pode ser comparada aos pequenos pedaços de cerâmica que servem para compor um mosaico. Sendo assim, a estilha fora do mosaico (ou da narrativa) tem sua forma e sentido únicos, porém no momento em que faz parte de uma composição ela ganha intencionalidade, tonalidade, e sentido dentro de um todo. Sem uma estilha o mosaico se mostra incompleto, com lacunas, a busca por estilhas sempre será necessária, essa condição nos permite aludir à questão da provisoriedade do conhecimento, em constante transformação, está sempre sujeito a novas interpretações e novas descobertas. Por isso, o mosaico composto por essa metodologia, será sempre um quadro em construção com uma moldura provisória.

A partir do exposto, o objetivo desta tese é construir uma narrativa sobre os Jogos Olímpicos do México, de 1968, a partir das estilhas das narrativas dos atletas brasileiros participantes desta competição.

Para tanto, na primeira parte apresentamos o método que norteia a pesquisa. Essa discussão tem como finalidade situar os fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa, apresentar o conceito de narrativas biográficas que norteou a pesquisa “Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”, do qual, essa tese é uma extensão. E ainda, se propõe a apresentar os conceitos advindos do campo da história oral, como: o banco de histórias, o fragmento biográfico e a história oral de família, que foram ideias fundamentais para a elaboração do conceito de “estilhas da narrativa”.

Na sessão seguinte busco situar a organização e desenvolvimento do Movimento Olímpico, principalmente durante a Guerra Fria, que desencadeará algumas questões específicas que emergirão durante os Jogos Olímpicos do México. Além disso, são discutidos os princípios do Olimpismo como: representação nacional, amadorismo x profissionalismo e a condição apolítica desse movimento. Contemplo ainda o cenário político de 1968 que do ponto de vista internacional apresenta um cenário único com a Primavera de Praga, o movimento estudantil na França e os embates relacionados com as questões raciais nos Estados Unidos. Por outro lado, no Brasil, há o acirramento político com a permanência da ditadura militar que levará ao AI-5.

Na sequência, apresento as sínteses biográficas e os fragmentos narrativos dos atletas que estiveram na edição olímpica do México, são 81 sínteses biográficas e 54 fragmentos narrativos, essa diferença se explica pelo número de atletas que compuseram a delegação e o número de atletas entrevistados. Os fragmentos narrativos foram construídos por meio das “estilhas da narrativa” a partir da história de vida de cada atleta.

A título de síntese, na última parte, apresento as últimas reflexões geradas a partir do diálogo entre todo o material aqui apresentado.

2 A HISTÓRIA ORAL DE VIDA

Considerando panorama histórico oferecido pelos autores José Carlos Sebe B. Meihy com a colaboração de Suzana L. Salgado Ribeiro (2011) e Fabíola Holanda (2013); Maria Isaura Pereira de Queiroz (1988, 1991) e Jacques Le Goff (2013), remeto-me diretamente à moderna história oral. Por isso, não exponho o desenvolvimento desse campo de estudo ao longo dos tempos, os argumentos desenvolvidos servem para localizar a discussão proposta nesse estudo e, ao mesmo tempo, refletir sobre as contribuições dessa disciplina para a compreensão do objeto proposto.

A história oral se propõe registrar a experiência ou a vivência social de indivíduos, grupos ou comunidades e transformá-las em documento escrito. Nesse sentido, a história oral lida com uma matéria prima viva, que sente no presente as repercussões e os desdobramentos de questões que atravessaram sua trajetória em algum momento de sua vida. A partir dessa perspectiva, o passado não está cristalizado, ele assume uma condição mutável, acompanha o sujeito, que o coloca sob condição constante de leituras e releituras. Portanto, considera-se que o passado só pode ser alcançado a partir do presente, serve para esclarecê-lo e se torna uma criação constante da história. Nesse sentido, o que existe, são representações do passado.

As relações entre passado e presente não devem levar à confusão e ao ceticismo. Sabemos agora que o passado depende parcialmente do presente. Toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não é só inevitável, como legítimo. Pois que a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente (LE GOFF, 2013, p.53).

Em um movimento contínuo de requalificação, o passado ganha fluidez e passa a ser visto por outras perspectivas com outras vozes, para além do discurso oficial. Vozes alternativas indicam “outras versões” sobre fatos já estabelecidos pela história tradicional, “Ao dar voz a setores desprezados por outros documentos, a história oral ganha significado ao filtrar as experiências do passado através da existência de narradores no presente” (MEIHY; HOLANDA, 2013, p.28). Portanto, o narrador, do mesmo modo o ouvinte, não reconstituem os fatos do passado (isso equivaleria a se

submeter a uma filosofia da história reificante e positivista), mas o relembram (SARLO, 2007), imprimindo-lhe um caráter de passado-presente.

Na condição de narrador¹ o sujeito se dispõe a contar sua vida, ao narrar suas experiências ele realiza um trabalho constante da memória, traz para o presente situações esquecidas ou escondidas no passado, seu relato, como propõe Sarlo (2007, p.27), “é perseguido por um momento autorreferencial, metanarrativo, ou seja, não imediato”.

[A narrativa] é uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 2012, p.205).

A captação da experiência do sujeito torna-se a preocupação central do pesquisador em história oral, por entender que na sua vivência, como ser que anima a sociedade, está expresso o significado e o sentido social de entrevistá-lo. O relato oral tem como função “registrar o que ainda não se cristalizara em documentação escrita, o não-conservado, o que desapareceria se não fosse anotado; [...] o não-explicito, quem sabe mesmo o indizível” (QUEIROZ, 1991, p.02). O interesse em conservar o que foi narrado sustenta a relação entre o ouvinte e o narrador (BENJAMIN, 2012), sendo que o ouvinte assegura ao narrador a condição de reprodução da sua história.

Nesse sentido, interessa ao ouvinte, a forma com que o sujeito narra e expressa suas emoções, a fluidez da memória não impede a realização da história oral. Ao contrário, a história oral se ancora na memória e essas características cancelam o registro como “documentos vivos” – expressão cunhada por Michelet (apud MEIHY; HOLANDA, 2013, p.124). Portanto, se a “memória falha, erra, desvia, camufla, distorce, inventa. [...] É exatamente isso que interessa”. O documento transpõe o texto, abrange a palavra e o gesto, para Le Goff (2013) na condição de *etnotextos*.

¹ Entendemos o narrador, como o define Walter Benjamin (2012), “o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila a sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. [...] O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo”.

Num primeiro momento, da história oral, as narrativas captadas serviam para “ilustrações de casos ou fabulações gerais”. Extraíam-se partes das narrativas somente para complementar as explicações e os argumentos do pesquisador, a narrativa não tinha força própria, servia como peso neutro e de complemento argumentativo. Esse quadro se transformou com o desenvolvimento e os avanços da tecnologia, que proporcionaram uma independência da fonte oral em relação a outras fontes. Nesse processo, as narrativas passaram a ser consideradas pelo significado expresso pelo sujeito, como um significado em si, um discurso independente, que assegura sua autonomia em relação a fonte documental (MEIHY; HOLANDA, 2013).

Com a difusão do rádio e do gravador, esse ‘novo’ aparato para a captação de histórias possibilitou o processo de transformação do oral para o escrito em seus detalhes. Com o documento escrito as narrativas demonstraram suas possibilidades de fundamento para reflexão coletiva, uma vez que ganharam o ‘status’ de documento físico, transcrito – pelo menos na tentativa – em sua completude.

A fala do sujeito, essa dimensão etérea que se perde no ar, tinha partes ou impressões anotadas em cadernos de campo, porém uma parte do “registro se perdia na passagem do oral para o texto, e este ficava igualado a qualquer outro documento” (QUEIROZ, 1991, p.03). Com essa tecnologia, ‘novas’ formas de captação possibilitam a atenção aos detalhes, ganham a potencialidade de serem ouvidas e reouvidas, interpretadas e transcritas. Com essas ‘novas’ formas de captação da experiência vivida, no tempo real das pessoas, as histórias ganharam seus acervos, conservando com maior precisão a linguagem do narrador.

A narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito (BENJAMIN, 2012, p.220-221).

A revolução tecnológica continuou com a câmera fotográfica, filmadoras e gravadores. Atualmente esse cenário se reconfigura com os *smartphones*, que ganharam espaço entre os objetos tradicionais por combinar todas essas funções em um único aparelho. A facilidade de manipulação, principalmente pelo tamanho, e o acesso à essa tecnologia, possibilitaram a entrada de um maior número de pesquisadores no campo da oralidade, gerando uma gama cada vez maior de narrativas, e, ao mesmo tempo, o afinamento das técnicas, a fundamentação de seu

uso, para a apreensão dos processos. Questões como a performance do ouvinte, o lugar que o aparelho ocupa no cenário da conversa e a condução do diálogo tornam-se questões de reflexões para além do tema escolhido.

Essa revolução procedimental, que acontece a partir da segunda metade da década de 1960, foi organizada pela escola de Chicago (BECKER, 1994), onde se formaram os primeiros grupos que pensaram nas normas para a prática de captação das “histórias de vida” e passaram a considerá-la por fornecer “dados” não convencionais para a ciência social, por sua postura abertamente subjetiva e pelo fato da narrativa ser em primeira pessoa.

A história oral enfatiza a história pessoal do sujeito, e nela encontra uma conexão com as questões objetivas que a pesquisa pretende responder. A questão que leva as narrativas a uma transgressão de histórias individuais é o interesse público pela vivência desses sujeitos, que demonstram em suas falas os traços da coletividade, que o caracterizam como ‘ser social’. Torna-se então matéria essencial da história oral a humanização das percepções que até então eram apresentadas como expressões institucionais, ou de macroestruturas (MEIHY; HOLANDA, 2013).

A dimensão social das narrativas se alcança na medida em que diversas entrevistas se fundem e revelam a identidade social de um grupo ou comunidade. A identificação das questões e dos temas que são recorrentes aproximam o pesquisador da realidade do sujeito.

Ao trabalhar no campo da oralidade e da memória estamos frente a fontes não documentais. Assim, o narrador tem a liberdade de contar sua história ao seu modo, seguindo seu tempo e sua organização. O trabalho com memória oral nos oferece pontos de vista distintos e, por vezes, contraditórios entre eles. A narrativa não privilegia a unilateralidade para o qual tendem certas instituições e discursos oficiais, para Bosi (2003) aí se encontra a maior riqueza dessa modalidade de pesquisa.

A memória, se situa, em um tempo não linear e vai além da repetição de uma experiência vivida. Ao contar sua história o sujeito a reconstrói e imprime traços próprios e característicos de seu tempo.

Na memória reside, portanto, muitas vezes, um presente sem codificação, sem atualização possível do conhecimento e da experiência [...]. Portanto, não devemos esperar do testemunho que ele explique algo, nós não devemos fazer-lhes perguntas nem inquiri-lo sobre a história, mas apenas garantir-lhe o direito de falar, de contar (CYTRYNOWICZ, 2003, p.136).

Cabe ao pesquisador então escutar, sem indagar, respeitando mesmo que não haja um encontro entre história e memória. Nas histórias de vida o pesquisador irá encontrar as dores e as intensidades subjetivas vividas pelos sujeitos. Assim, a memória não é uma reprodução literal da história ou das experiências vividas, mas uma recriação do passado a partir das vivências acumuladas, do momento vivido e das influências do contexto social e cultural do sujeito.

A memória muitas vezes é frágil e passível de apropriação por um discurso que lhe é externo, como que uma memória oficial que mantém o registro e ao mesmo tempo instrumentaliza a retórica do sujeito. O discurso oficial reproduzido pelas instituições escolares 'cuidam', muitas vezes, das lacunas que o sujeito tem de sua vivência ou participação de um momento histórico; produzindo discursos unilaterais e homogêneos. As testemunhas orais não são mais autênticas que a versão oficial do fenômeno analisado, muitas vezes essas lembranças são dominadas por um processo de estereotipia e se dooram a memória institucional (BOSI, 1994, 2003). Denominada como memória pública, essa dimensão deve ser considerada quando se trata de acontecimentos políticos, pois são momentos em que uma das faces da memória pública tende a permear as consciências individuais.

Se a memória da infância e dos primeiros contatos com o mundo se aproxima, pela sua força e espontaneidade, de pura evocação, a lembrança dos fatos públicos acusa, muitas vezes, um pronunciado sabor de convenção. Leitura social do passado com os olhos do presente, o seu teor ideológico se torna mais visível (BOSI, 1994, p.453).

A memória pode ser considerada um fenômeno construído quando se torna expressão verbalizada de um fato ressignificado pelo narrador, posto que se refere a algo ocorrido e revivido por meio da fala, na qual ganha uma nova forma tanto descritiva quanto afetiva (RICOEUR, 2010). Ao narrar sua história o atleta imprime o caráter temporal da experiência humana, assim, o tempo torna-se tempo humano na medida em que se articula com a narrativa, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal.

A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a do seu acontecer (ameaçado desde o seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepetível), mas a de sua lembrança. A

narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar (SARLO, 2007, p.25).

Ao contar sua trajetória o atleta passa por um processo de reflexão e ressignificação dos momentos que marcaram sua vida. E se permite inverter ou subverter sua narrativa obedecendo uma cronologia própria marcada pela afetividade que estabeleceu pelo evento. A narrativa é uma “escavação” original do indivíduo que busca na memória os fatos mais significativos, não arbitrariamente. Mesmo operando com liberdade na escolha dos acontecimentos no espaço e no tempo, a memória incide de um significado coletivo. A memória se enraíza no concreto, ela é formada coletivamente e quando consideramos as narrativas individuais como elemento fundamental da pesquisa propomos superar o âmbito da subjetividade e alcançar o plano social, entender que o que é relatado está inscrito na coletividade à qual o narrador se insere. “O conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos da escolha e rejeição em relação ao que será lembrado” (BOSI, 2003, p.54).

Nesse exercício de relembrar o sujeito transforma sua experiência ao verbalizar ou escrever no esforço de transformá-la em uma história. “A memória procura um sentido e encadeia-o em outras construções que, do ponto de vista da identidade pessoal, fazem sentido, criam nexos e explicações, constroem uma espécie de auto-história” (CYTRYNOWICZ, 2003, p.131).

Sendo assim, a memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida. Por história devemos entender não uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto (HALBWACHS, 2003).

Com a multiplicidade de interpretações que a história narrada pelo atleta nos oferece deparamo-nos com supostas “verdades” sobre um mesmo fato. Rubio (2014b) propõe uma postura compreensiva e menos analítica em relação a essa questão, por entender que cada pessoa carrega uma verdade sobre uma situação ocorrida. Essa imprecisão constante no trato com as narrativas sugere o entendimento de verdades parciais, individuais ou até mesmo momentâneas, considerando a intensidade com que as memórias emergem sobre o tema em questão. “A ambiguidade e o caráter enigmático da linguagem se tornam essenciais para uma filosofia e a clareza

linguística é evitada com cuidado e explicitamente condenada como expressão de simples bom senso e de superficialidade” (ROSSI, 2010, p.22).

Trabalhar com essas “verdades” não é um problema quando a preocupação da pesquisa se preocupa com os processos e circunstâncias segundo as quais essas memórias são construídas, reconstruídas ou atualizadas. Nesse sentido, a narrativa vem carregada de uma mescla confusa entre passado e presente, muitas vezes marcada pela ruptura e não linearidade. Entre memória e história parece haver, em certos momentos, uma impossibilidade de comunicação (CYTRYNOWICZ, 2003). Essa contraposição entre memória e história pode ser entendida como propõe Rossi (2010, p.28) pela interpretação e distanciamento crítico da história em relação ao passado; a memória implica sempre uma participação emotiva quanto ao vivido, que é sempre vaga, fragmentária, incompleta e sempre tendenciosa em alguma medida. Para o autor, “A história e a memória coletiva podem ser pensadas como as duas pontas de uma antinomia: em que os avanços da historiografia fazem continuamente retroceder o passado imaginário que foi construído pela memória coletiva”.

Existe, desse modo, uma subjetividade que faz emergir a própria memória. Nesse sentido, Bosi (1994, p.8, *grifo nosso*) nos orienta a respeito da impossibilidade de “conceber o problema da recordação e da localização das lembranças quando não se toma como ponto de referência os *contextos sociais reais* que servem de baliza à essa reconstrução que chamada memória”. A integração entre memória e história, em apelo à memória coletiva e as memórias privadas, permite aos historiadores abandonar a cena pública e a cronologia oficial para ocupar-se do mundo da vida privada que haviam sido submersos quando do triunfo da história sobre a memória, que sufocou as memórias locais e particulares presa a um discurso científico, que, a partir da modernidade, construiu os últimos séculos do passado “humano”. Para Rossi (2010, p.28) “A imagem de uma ‘história’ que sufoca e mata as vivazes memórias particulares e locais irá exercer uma sedução enorme, vai combinar-se de forma variada a um difuso e persistente clima de polêmica anticientífica e disso irá alimentar-se”.

2.1 O SUJEITO DA HISTÓRIA ORAL

As pesquisas que privilegiam os diferentes aspectos da dinâmica social, e da vida em sociedade, se interessam pelos sujeitos que animam a sociedade, ou seja, a prioridade desses estudos é dar voz a setores da sociedade que foram alijados da

escrita dos processos sociais, como por exemplo da escrita da história. Nessa perspectiva, a oralidade se torna uma das vias pelas quais pessoas, e grupos comuns, ganham espaços para inscreverem suas histórias.

A relação entre sujeito e objeto, que nos modos tradicionais da ciência moderna estão separados, na pesquisa em história oral assumem uma interdependência, que se configura no paradigma orientador para produção do conhecimento. O sujeito torna-se protagonista, é ele quem narra, e quem escolhe o que vai narrar. “A prática da história oral é decorrente da *experiência*, supõe-se que o processo de elaboração do produto final tenha uma *lógica interna* que dependa da memória e da decisão de *revelar os conteúdos pelo narrador*” (MEIHY; HOLANDA, 2013, p.122, *grifo nosso*). Ao colocar o sujeito no centro de suas reflexões, o que se busca é uma releitura do passado, que integre os indivíduos no processo histórico. O sujeito da história oral tem nome e vivencia o momento histórico, portanto, o fato histórico permeia sua narrativa.

O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua própria autobiografia (como é o caso de Frederick Douglass), quer concorde em responder a uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros (nem seria capaz de fazê-lo, mesmo que o quisesse) (PORTELLI, 1996, p.02).

Cabe, portanto, destacar a crítica do conceito de fato histórico proposta por Le Goff (2013, p.11) quando afirma que “o fato histórico não é um objeto dado e acabado, ele resulta da construção do historiador”, essa percepção provocou o reconhecimento de diferentes realidades históricas até então negligenciadas pelo historiador. No campo da história oral, não se espera do narrador a certeza de datas ou nomes, mas sim suas impressões pessoais, um olhar de baixo, que demonstra uma singularidade inscrita na memória coletiva.

A história oral de vida, ao trabalhar com a experiência, sugere entendimento de um espaço pessoal, subjetivo, e supõe-se que haja também um roteiro muito menos factual e mais vinculado a outras alternativas que revelam, por exemplo, as narrativas pessoais através de impressões, medos, sentimentos, sonhos. Com isso, quer-se afirmar que não há necessariamente um caminho obediente à continuidade material dos fatos e, assim, se reconhece na história oral de vida a promessa de uma história do subjetivo (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.84).

Por isso, a necessidade de em primeiro lugar conhecer a realidade desse sujeito, reconstruir o lugar pessoal e social de sua fala, uma vez que, sua condição é mutável. A cada investigação “temos que nos qualificar com critérios morais, sociais, políticos, de classe, de nível profissional, e isso caracteriza a dinâmica da vida em frequente mudança” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.46).

A valorização do indivíduo na produção do conhecimento, a escuta/leitura da sua história a partir do lugar que ele fala e a consideração de contextos distintos, levam a uma outra forma de olhar para o mundo, fazendo com que o sujeito e/ou os grupos se identifiquem com o conhecimento produzido, uma vez que se produz em colaboração e coletivamente. Ao narrar sua história a pessoa a pessoa pode ser levada a uma tomada de consciência, se perceber como parte da dinâmica social, como sujeito histórico que atua diretamente no desenvolvimento das questões que o cercam. Esse processo, leva a construção de uma identidade pessoal e coletiva cada vez mais forte.

Mesmo individual, a narrativa, tem em si o conteúdo do momento histórico e das instituições com as quais sujeito manteve relação. Emergem dessa narrativa acontecimentos que foram significativos na trajetória pessoal ou do grupo ao qual o indivíduo pertence. Cabe ao pesquisador perceber, o que ultrapassa o caráter individual do que foi narrado, e o que está inscrito na coletividade.

Tomados como personagens da vida coletiva o sujeito se explica por ela ou demonstra sua contradição. Aí reside a condição democrática necessária para a produção de “versões da história”. O respeito ao narrador, coloca o pesquisador em uma posição compreensiva dos aspectos que formam o sujeito. Afastando-o cada vez mais, da busca para entender as forças que o determinam, muitas vezes, de forma reducionista, por essa perspectiva o sujeito da pesquisa passa a ser visto como um Ser complexo e indeterminado, que ao narrar atribui significado a sua existência. A complexidade, como propõe Munné (2012, p.31), é um fenômeno qualitativo “que não depende da quantidade de elementos, partes ou componentes, mas da natureza de suas inter-relações”.

Cabem duas posições opostas a esse respeito, que podemos qualificar como reducionismo e antirreducionismo. Pode-se argumentar que, precisamente por ser complexo, deve-se entender o comportamento da forma mais simples possível, abstraindo o que não é essencial. Pode-se também argumentar que o essencial é precisamente a complexidade, então, ao invés de tentar eliminá-la,

deve-se pesquisar e intervir sobre o comportamento respeitando ao máximo essa complexidade (MUNNÉ, 2012, p.28).

Compreender o sujeito por essa via multifacetada, tomando o cuidado de não escolher um caminho simples e reducionista para entendê-lo, enriquece o processo de pesquisa. O caráter interdisciplinar proposto, não demarca uma área específica do conhecimento, sendo assim, tentar estabelecer limites em uma única ciência reduziria de forma considerável as possibilidades de interpretações que as entrevistas podem nos oferecer. É justamente essa imprecisão e a falta de limites que coloca esse estudo na fronteira, e permite a aproximação de outras ciências para compreensão do fenômeno.

2.2 A ENTREVISTA EM HISTÓRIA ORAL

A entrevista é uma característica comum do fazer em história oral, pois, as narrativas dos colaboradores são as principais fontes na condução da pesquisa. Porém, fazer entrevistas não significa fazer história oral, é com essa advertência dos autores Meihy, Ribeiro e Holanda (MEIHY; HOLANDA, 2013; MEIHY; RIBEIRO, 2011) que inicio minhas reflexões sobre o encontro entre o narrador e o pesquisador, considerado fundamental para o processo desta pesquisa.

A entrevista pode ser considerada o primeiro obstáculo do pesquisador no trabalho com a oralidade, esse encontro marca o primeiro trabalho do narrador: realizar uma transposição, traduzir uma experiência indizível em vocábulos, transformar uma ação ou emoção em palavra que não necessariamente têm a mesma intensidade da experiência vivida. Por isso, Queiroz (1988, 1991) aponta para esse processo como uma primeira mutilação, um enfraquecimento, a passagem do obscuro para a nitidez. É nesse momento que a fluidez da narrativa se cristaliza na palavra gravada.

A importância desse momento se revela por ser o encontro entre o pesquisador e as pessoas que lhe darão a matéria prima de trabalho. Essa ocasião merece atenção pois nesse momento o pesquisador tem a oportunidade de imergir no ambiente dos sujeitos, perceber a realidade que o cerca, seus costumes e conhecer suas condições de vida. O respeito conduz esse encontro, o sujeito que se propõe a contar abre seus espaços de intimidade para receber o pesquisador. Encontros realizados na sua casa, no trabalho, ou clube, na presença de amigos e de familiares, que não

necessariamente, presenciam a conversa. Ao expor suas lembranças a atenção do ouvinte é fundamental, “quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido” (BENJAMIN, 2012, p.205).

O narrador está na condição de protagonista, ele narra os fatos como testemunha histórica de quem vivenciou aquele momento, a narrativa atende aos desejos e interesses do sujeito que conta sua história, ele escolhe contar as experiências que considera dignas de serem preservadas (QUEIROZ, 1988). No entanto, nada do que relata pode ser considerado supérfluo, para todos os episódios escolhidos existe um sentido para compor e significar sua existência. Os juízos de valor, bem como, o lado que estavam naquele momento estão presentes na narrativa. Cabe ao pesquisador ouvir e evitar situações que possam constranger o narrador.

Não é raro o entrevistado se sentir ‘falando para História’ e isso só o dignifica como ‘centro de atenção’, pelo menos no momento de sua fala. Nesse momento, destaca-se o ‘protagonismo’ do narrador. É na entrevista que o pesquisador encontra o ‘outro’, sujeito dono de sua história retrçada com lógica própria e submetida às circunstâncias do tempo da entrevista (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.22).

As pessoas ao serem entrevistadas seguem um planejamento proposto num projeto inicial, essa sistematização serve para orientar o pesquisador no processo de captação das narrativas. No entanto, essa sistematização não é fixa, ela depende das relações e das “redes” que vão se construindo no decorrer do processo. O encontro com o colaborador deve ser agendado e planejado antecipadamente. Momento em que o pesquisador esclarece ao sujeito os motivos do encontro, explica a pesquisa e ressalta o porquê de sua participação no projeto. Ao concordar com a entrevista o sujeito dá o seu primeiro consentimento para realização da pesquisa, que passa a se realizar num processo de colaboração entre pesquisador (ouvinte) e sujeito (narrador).

A entrevista em história oral acontece de forma dialógica, uma “conversação continuada” (QUEIROZ, 1991), dirigida pelo pesquisador que elegeu o tema e escolheu o interlocutor pela relação deste com a pesquisa. A conversa pode seguir um roteiro², previamente estabelecido, ou então, se desenrolar conforme uma sistematização de assuntos proposto pelo pesquisador.

² Para Meihy, Holanda e Ribeiro (MEIHY; HOLANDA, 2013; MEIHY; RIBEIRO, 2011) o uso do roteiro para entrevista distinguirá o modo de fazer história oral, considerada nesses casos como “história oral temática”. A história oral temática assume um caráter documental, o assunto central é definido e aprofundado a partir das informações que se tem previamente, podendo chegar algumas vezes ao

Uma narrativa é permeada por pequenas interrupções, por silêncios, que devem ser respeitados como espaços-momentos, em que o narrador reflete sobre a própria história. O pesquisador, ouvinte, encaminha a conversa a partir de estímulos, que têm como objetivo principal garantir o fluxo narrativo por parte do entrevistado. Desse modo, os estímulos funcionam como um sinal para que o narrador saiba que está sendo ouvido e, por outro lado, demonstra a liberdade da autoconstrução do colaborador. No momento da entrevista o pesquisador está entre a pergunta e o estímulo. Porém, é importante ressaltar que pergunta é diferente de estímulo (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.12). “Nas perguntas, busca-se ter respostas objetivas, diretas, e nos estímulos procura-se a lógica e a construção do argumento”.

O pesquisador deve se ater à valorização subjetiva³ dos detalhes, que exprimem o trabalho da memória do narrador. O apego a uma ordem cronológica dos fatos reduz o entender da natureza da memória do Ser que trilha seus próprios caminhos no momento que está narrando. Quando “a memória e as circunstâncias narrativas não obedecem à sequência lógica dos fatos, a entrevista em história oral de vida ganha foros de construção poética ou literária” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.82), é exatamente essa dimensão narrativa que se privilegia.

A duração da entrevista pode seguir dois caminhos. O primeiro quando o pesquisador tem um número determinado de pessoas e horas a serem ouvidas (isso acontece principalmente quando os projetos são financiados e têm verbas específicas para edição e transcrição); ou então, quando o pesquisador se dispõe a ouvir o colaborador o tempo que ele achar necessário, nesses casos o que dirige a entrevista é a observação do pesquisador, que deve estar atento aos sinais de esgotamento da narração.

A conversa coincidirá “com o *Tempo* lembrado pelo memorialista que assim é intuído por dentro” (BOSI, 2003, p.48). *Tempo* que deve ser respeitado pelo pesquisador, que a todo momento deve manter a liberdade do depoimento. Desse

processo de confronto e/ou confirmação das informações ditas pelo sujeito. Podemos considerar esse aspecto mais próximo de uma objetividade que muitas vezes anulam ou limitam os aspectos subjetivos no decorrer da pesquisa. Pois, o fluxo narrativo segue o roteiro do pesquisador e limita a livre associação do narrador ao contar sua história. Para Queiroz (1988, 1991) essa diferença se fundará entre fazer história de vida ou colher depoimentos; sendo que, a ideia de depoimento se aproxima do conceito de história oral temática, conforme exposto.

³ Considero por “subjetivo” o que Queiroz (1991, p.22) entende como “aquilo que pertence a um indivíduo e somente àquele, distinguindo-o dos demais; [...]”. No julgamento subjetivo de um indivíduo estariam as marcas de suas impressões, de seus gostos, seus hábitos, seus desejos e aspirações únicas e fundamentalmente seus, inconfundíveis com os demais.

modo a entrevista não se torna uma apropriação indébita do pesquisador com o entrevistado, mas sim, em uma relação de confiança e de amizade.

O pesquisador que trabalha com essa metodologia deve ser um atencioso ouvinte, prestar atenção ao que se conta e como se conta, observar os gestos, os sorrisos e as expressões faciais, pois muitas vezes são por esses sinais que a pessoa nos diz se podemos continuar a explorar o tema nos pormenores da experiência vivida ou se essa história se encerra por ali.

A entrevista termina com uma questão: “tem mais alguma coisa que não conversamos, mas que você gostaria de contar?” Ao dar essa liberdade para o narrador, por sua vontade, ele pode encerrar a entrevista, demonstrando satisfação com o que contou; ou então, o narrador propõe outro tema, conta uma nova história, retoma o diálogo. Quando isso acontece, o sujeito percebe que algum fato, que o marcou fortemente, ficou fora da narrativa. Nesse diálogo, quem dimensiona a pertinência de explorar esse novo tema é o pesquisador.

No decorrer do processo de realização das entrevistas, constata-se a perda progressiva da independência de cada entrevista (MEIHY; HOLANDA, 2013), sendo assim, o que interessa ao pesquisador é a totalidade organizada dessas histórias, que ganham a razão de ser quando estão em comunicação com as outras. Para isso, torna-se fundamental a organização de um “banco de histórias”.

3 O ACERVO DO PROJETO “MEMÓRIAS OLÍMPICAS POR ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS” COMO BANCO DE HISTÓRIAS

Os bancos de história são acervos planejados a partir de projetos que buscaram de algum modo “caracterizar um conjunto de experiências individuais, que ganham sentido no coletivo” (MEIHY; HOLANDA, 2013, p.126). O banco de história não pressupunha uma análise imediata e serve como um acervo para estudos futuros.

Esses acervos podem se originar de dois modos: a partir de entrevistas que são realizadas para um projeto com um fim/tema específico. A entrevista, nesse caso, é um “meio” para compor o banco de histórias; ou no segundo caso, quando uma coleção de histórias é captada exclusivamente para ser arquivada, nesses casos, a entrevista é pensada como um “fim”.

No último caso, quando a entrevista é realizada como um “fim”, ela serve de recurso fundamental para a formulação de documentos, com os relatos da experiência de grupos específicos. Formando os chamados “centros de informação, de documentação ou de memória”. Nesses casos, em específico, geralmente as entrevistas são mais abertas às histórias de vida ou a temas específicos da vivência de um grupo, com esse objetivo os bancos de história assumem uma característica original de gerar novos documentos. A partir da inserção dessas narrativas no banco de histórias, emergem diferentes temas de pesquisa, e até mesmo, existe a possibilidade de desenvolvimento de ‘novos’ objetos para o campo científico.

O projeto “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros” se aproxima dessa proposta por ter como objetivo conhecer a história de vida dos atletas que representaram o Brasil em alguma edição dos Jogos Olímpicos.

3.1 AS MEMÓRIAS OLÍMPICAS

A pesquisa “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros” é um projeto desenvolvido pelo Grupo de Estudos Olímpicos da Universidade de São Paulo (GEO-USP) sob coordenação da professora Katia Rubio. O projeto tem como objetivo catalogar a história olímpica brasileira por meio da história de vida dos atletas que protagonizaram esses momentos. Contribuindo, assim, para a constituição da memória social do esporte e de um imaginário esportivo brasileiro, a partir das narrativas do atleta olímpico. Nas palavras da autora: “A relevância de conhecer suas histórias era imperiosa não apenas para entendimento do que é o esporte

contemporâneo, mas para humanizar o atleta, colocando-o no papel de protagonista de um espetáculo globalizado” (RUBIO, 2014a, p.106). A pesquisa cumpriu as funções de mapeamento dos atletas olímpicos, captação das entrevistas, passagem do oral para o escrito e arquivamento dessas histórias. O banco de histórias está localizado no Centro de Estudos Socioculturais do Movimento Humano (CESC/EEFE/USP) e o acesso é restrito aos pesquisadores do grupo.

Todas as histórias foram publicadas na forma de verbetes no livro “Atletas Olímpicos Brasileiros⁴” (RUBIO, 2015), elaborados a partir das entrevistas, realizadas pessoalmente ou por outros meios, como computador e telefone. No caso dos atletas falecidos (314 atletas) ou não encontrados, a pesquisa foi realizada em acervos e com familiares. A obra é composta por 1.796 verbetes, num total de 1.355 homens e 445 mulheres. Esse projeto de pesquisa se desenvolveu ao longo de 18 anos. Foram realizadas aproximadamente 1.389 entrevistas (RUBIO, 2014b). Aproximadamente 66 pesquisadores participaram diretamente na captação das narrativas. Na última etapa do projeto 23 pesquisadores trabalharam diretamente nessa tarefa de “proporções olímpicas” (RUBIO, 2015).

Esse projeto se transformou em um grande acervo de histórias que hoje fomenta as pesquisas dos integrantes do Grupo de Estudos Olímpicos, que se incumbem das propostas analíticas das entrevistas, ou seja, na proposição e delimitação de ‘novos’ objetos de estudo. Mesmo se tratando de um grupo específico – o Atleta olímpico, é possível construir recortes e propor uma infinidade de temas para a interpretação das narrativas. Com a realização de entrevistas em formato de narrativa biográfica, foi possível:

[...] extrair não apenas os dados objetivos da trajetória dos atletas olímpicos brasileiros, mas também conteúdos de ordem latente que permitem a inferência sobre questões relacionadas à construção da subjetividade dessas pessoas e da construção de suas identidades tanto como atletas como cidadãos e pós-atletas (RUBIO, 2014a, p.106).

Alimentados por dados objetivos e subjetivos, o banco de histórias de atletas olímpicos brasileiros se constituiu então como uma fonte⁵ inesgotável de pesquisa.

⁴ Essa publicação reúne as participações dos atletas brasileiros até os Jogos Olímpicos de 2012 em Londres. O projeto “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros” é um projeto contínuo, nessa nova etapa tem como objetivo entrevistar os ‘novos olímpicos brasileiros’ que participaram dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016.

⁵ Refiro-me aqui ao termo fonte no sentido de lugar que brota, que nasce, nascente.

Desse modo, o que define o processo de pesquisa será o olhar no pesquisador para a narrativa, sua leitura definirá o objetivo da sua investigação, que se altera continuamente à medida em que o observador interage com as histórias.

Por isso, a delimitação do objeto de interesse pode seguir um recorte tradicional, quando fundado pelas fronteiras de cada campo do conhecimento, fato que não se restringe às ciências humanas, uma vez que, as informações contidas nas narrativas dos atletas, são quantificáveis. Ou um recorte transversal, quando o pesquisador considera a complexidade do homem e da sociedade não se restringe a um campo específico da ciência, a partir disso, se auxilia na contribuição que cada disciplina pode oferecer para leitura do fenômeno proposto.

Como apresentado, as narrativas para os bancos de histórias se revelam menos dirigidas, com conteúdos relacionados à vontade de quem narra e escolhe o que quer narrar. Considerando as dimensões geográficas e populacionais da pesquisa, essa característica orientou a captação das entrevistas, e ainda, foi norteadas pelo conceito de “narrativas biográficas” proposto por Rubio (2014a), para atender questões específicas do projeto.

3.2 COMO UM FIO DE ARIADNE: HISTÓRIAS DE VIDA E NARRATIVAS BIOGRÁFICAS

A busca por um método que orientasse a captação das narrativas dos atletas olímpicos acompanhou todo o processo de pesquisa, reflexão que se estende por quinze anos de pesquisa e está registrado no capítulo “Memórias e Narrativas Biográficas de Atletas Olímpicos Brasileiros” (RUBIO, 2014a). Nesse texto, a autora lança mão da imagem do labirinto, presente no mito de Ariadne, para dimensionar a proposta do projeto, demonstrar a facilidade com que entramos nesse universo, sem saber o que encontraríamos no caminho, ou como regressar. Desse modo, o fio de Ariadne se transfigura na ideia do método.

Nesse texto, a autora aponta as contribuições de autores de diferentes áreas para pensar a narrativa dos atletas e também o caminho de construção do conceito de “narrativas biográficas”, destacando a proximidade que a pesquisa estabeleceu com outras metodologias ao longo do processo, e o porquê da necessidade de se pensar num conceito específico para a pesquisa. As contribuições teóricas para a pesquisa se destacam em três campos: os estudos da memória com Ecléa Bosi (1994, 2003), Michael Pollack (1989, 1992) e Maurice Halbwachs (2003); a Escola dos

Annales (BURKE, 2010, 1992; LE GOFF, 2013), a partir da proposta de uma “história das mentalidades”, principalmente das contribuições de Jacques Le Goff; e as propostas de José Carlos Bom Meihy, Suzana Ribeiro, Fabíola Holanda (MEIHY; HOLANDA, 2013; MEIHY; RIBEIRO, 2011) e Verena Alberti (2004, 2005) no que diz respeito a história oral.

Fundado por esse referencial, as *Narrativas Biográficas* “são entendidas como discursos individuais que oferecem uma compreensão do sujeito que narra, do mundo e das próprias experiências acumuladas na trajetória da existência” (RUBIO, 2014a, p.115). Portanto, a narrativa expressa uma história única e singular, sua intensidade e o fluxo de lembranças é a expressão original do sujeito que narra livremente os episódios que considera marcantes em sua trajetória. Por esse caminho, a atenção se volta para o trabalho da memória do sujeito, como ele constrói e reconstrói suas lembranças. Por fenômeno construído, entende-se, “a expressão verbalizada de um fato ressignificado pelo narrador, posto que se refere a algo já ocorrido e presentemente revivido por meio da fala, na qual ganha nova forma tanto descritiva quanto afetiva” (RUBIO, 2014a, p.111). Na narração os aspectos sensíveis ou instintivos com a variação comum a quem conta, diz respeito aos ajustes do indivíduo na sociedade.

Nesse processo, a confiabilidade da fonte está na fala do sujeito, que é considerada em sua plenitude. O pesquisador deve respeitar o que o narrador conta e como ele conta, compreender os significados atribuídos a sua vivência. A realidade ganha seu contorno subjetivo, pois, torna-se “um reflexo ou uma projeção da experiência vivida como real”. Desse ponto de vista, o trato com a narrativa vai além de verdades universais; a narrativa nos oferece versões dos fatos, por isso, sugere “verdades parciais, individuais ou mesmo momentâneas, afirmadas na intensidade das memórias que emergem sobre o tema” (RUBIO, 2014a). A história de vida do atleta torna-se “um retrato oficial, uma versão fabricada e intencional. Nessa direção, a verdade reside na versão oferecida pelo narrador, que é soberano ao revelar, ocultar, negar, esquecer ou deformar casos, situações” (MEIHY; RIBEIRO, 2011).

Nessa perspectiva, Meihy, Ribeiro (2011) e Rubio (2014a) corroboram ao afirmar que, esse tipo de narrativa, trata da construção de conhecimento sobre a pessoa, de outra natureza, os aspectos subjetivos ganham relevância, por isso,

nesses casos, não cabe a ideia de “ilusões biográficas⁶” como propõe Bourdieu (2006). Quando o atleta conta suas experiências, sua história não abarca somente os componentes objetivos, de sua trajetória no esporte, como participações em competições e conquistas de medalhas. Na entrevista esses dados se cruzam com sua subjetividade em aspectos de ordem pessoal carregados de afetividade e emoção.

A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados (PORTELLI, 1996, p.02).

A narrativa, por esse ponto de vista, ganha uma dimensão privilegiada na construção e circulação dos significados atribuídos pelo narrador a sua história. Portanto, é necessária uma postura cada vez mais compreensiva e menos analítica para a compreensão de cada narrativa, a apreensão dos sentidos dados pelo narrador está no jogo de palavras e nas figuras de linguagem e não na materialidade (aspectos linguísticos) de um conjunto de palavras.

Essas questões foram norteadoras para a captação das entrevistas que compõe o banco de histórias de “memórias olímpicas”. Em campo, munidos de tripé e câmera, íamos ao encontro dos atletas, que recebiam um convite simples, porém provocador: “Por favor, me conte sua história de vida”, A pergunta feita na espontaneidade do encontro levava o narrador a um estranhamento: “Mas contar tudo?” E novamente o pesquisador lhe dava a liberdade de contar o que quisesse. Essa pergunta inicial desencadeava reações diversas que iam de um fluxo narrativo contínuo, à necessidade de formular perguntas para que o sujeito contasse sua história.

As narrativas biográficas [...] constituíram-se como um reencontro do sujeito-atleta com sua subjetividade, do indivíduo-atleta com sua identidade, e da pessoa-atleta com a sociedade no momento em que operava um ser competitivo e de vida pública, no caso dos pós-atletas,

⁶ O conceito de “ilusão biográfica” proposto por Bourdieu (2006) revela, em última instância a uma desqualificação da narrativa pessoal. Atribuindo um caráter ilusório e/ou fictício na narrativa proposta pelo indivíduo, desconsiderando os conteúdos subjetivos e implícitos em sua história de vida.

e no presente, como atores de outros papéis sociais (RUBIO, 2014a, p.115).

Devido à dimensão do projeto, pela quantidade de sujeitos e pelo deslocamento geográfico necessário para encontrá-los, as entrevistas aconteciam em encontros únicos e tinham como objetivo captar, a partir de uma narrativa espontânea, suas vivências, como foi sua vida e o que ele é nesse momento. Trata-se de captar as impressões que o atleta tem da própria vida, das questões que lhe são caras e que de certo modo cruzaram significativamente sua trajetória. As entrevistas contavam com a espontaneidade das lembranças do narrador e dos aspectos que marcaram significativamente sua vida. Se afastando cada vez mais da preocupação com dados objetivos, como: lembranças de nomes ou datas precisas; pois quando essas informações são colocadas em primeiro plano interrompem o fluxo narrativo do sujeito. Meihy e Ribeiro (2011) ressaltam que se por um lado, as entrevistas únicas captam a espontaneidade do narrador, uma síntese que atesta revelações menos pensadas ou premeditadas. Por outro lado, trai a pessoa que narra, que sem pensar, diz algo que não diria em outra circunstância.

Dessas entrevistas foi possível extrair elementos históricos, demográficos e conteúdos de ordem subjetiva, tanto do sujeito quanto do grupo ao qual ele pertence. Esses dados contribuíram para compor uma cartografia do sujeito-atleta brasileiro, e para entender as transformações ocorridas ao longo de sua trajetória e também no desenvolvimento do campo esportivo no Brasil (RUBIO, 2014a). Mesmo individual, o enredo da narrativa traz em si o conteúdo do momento histórico e das instituições com as quais o sujeito manteve relação. Emergem da narrativa acontecimentos que foram significativos na trajetória pessoal ou do grupo ao qual o indivíduo pertence.

Tendo esses aspectos da narrativa em mente, considerando a dimensão coletiva e individual que ela abarca, essa pesquisa tem como eixo norteador os eventos que marcaram a participação da delegação brasileira nos Jogos Olímpicos da Cidade do México em 1968.

4 UMA LINHA NO HORIZONTE: O DELINEAMENTO DA PESQUISA

O atleta, para essa pesquisa, tornou-se o centro de preocupação, pois, sua história se constitui como a principal fonte para escrever uma das versões da história dos Jogos Olímpicos da Cidade do México. A narrativa tomou, portanto, a centralidade das reflexões, e meio pelo qual a história foi escrita. A partir dessa perspectiva, este trabalho propõe construir uma narrativa sobre a participação da delegação brasileira nos Jogos Olímpicos de 1968 na Cidade do México, por meio das “estilhas da narrativa” dos atletas brasileiros que participaram dessa edição dos Jogos. O que eu busco na escrita dessa história é uma fusão entre a experiência cotidiana contada pelo atleta e os aspectos coletivos que marcaram a trajetória do grupo nesse evento.

Coloco esse objetivo na linha do horizonte, pois, ele me orienta, me serve de guia, aponta uma direção, mas, ao mesmo tempo, está entre a ilusão e a realidade. Uso essa imagem do horizonte para pensar na transitoriedade da produção do conhecimento, pois, se a linha do horizonte é inalcançável, nessa esteira também se coloca a leitura do mundo, sempre provisória e incompleta. O inalcançável se traduz então como o provisório, temporário e até mesmo efêmero. O que se busca é uma leitura, uma versão da história, a partir da polifonia expressa nas narrativas de um grupo de atletas olímpicos, que por um lado se diferenciam pelas condições históricas e geográficas, por outro, estão unidos pela ‘condição de ser atleta’. Definida por Rubio (RUBIO, 2014a, p.111) como uma “unidade relacionada a busca da excelência, ao caráter competitivo da atividade e a submissão a um sistema marcado pela hierarquização e força das instituições que viabilizam sua vida”.

Conhecidos inicialmente como *sportman*, uma denominação genérica que servia para todas as pessoas envolvidas direta ou indiretamente com o *sport*, o ‘Ser atleta’ é um conceito que se personifica e se transforma ao longo de todo o século XX, passa a ser utilizado para designar o praticante de atividade esportiva em geral (MELO, 2007). O ‘Ser’ que encontra na prática esportiva o sentido para sua vida, traça em seus objetivos a superação de limites e tem o seu cotidiano marcado pelo treinamento.

O treinar, que se desenvolve como uma prática “curiosa” no século XIX, ganha contornos mais nítidos com os avanços do conhecimento científico nas áreas médicas e biológicas (SOARES, 2001), num avanço contínuo para as regiões mais ocultas do corpo. Dessa maneira, se impõe cada vez mais com certa rigidez e exigência metódica

a sua prática, a ponto de se tornar palavra-chave das pedagogias modernas para a formação física.

É sua insensível transformação mais ainda: o interesse dedicado primeiro à vontade e aos seus efeitos, o interesse voltado, a seguir, para as regiões mais obscuras do corpo, às resistências, aos obstáculos escondidos. A passagem da simples expectativa da força, por exemplo, a um objetivo mais profundo, mais complexo, o de um interminável e íntimo desabrochar pessoal. Daí a idéia de um domínio sempre maior, mas também de um conhecimento mais interiorizado (VIGARELLO, 2008, p.197-198).

Essa pesquisa é sobre esse Ser, que se dedica diariamente a intensas horas de treinos para superar os próprios limites, e também, os limites que existem na sua modalidade. Um Ser, fora da média, que quer deixar sua marca e inscrever seu nome na história. Olhar para o personagem que protagoniza esses feitos (BURKE, 1992; SHARPE, 2011), lhe dar voz, no intuito de compreender as forças que o moldam, reforçam o caráter democrático e inclusivo de uma ‘nova escrita da história’.

4.1 ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO GRUPO

A organização de um quadro com a lista de todos os atletas que foram a essa edição dos Jogos Olímpicos foi fundamental para organizar as informações a respeito do grupo que compõe essa pesquisa. Soma-se a isso, a inexistência de uma lista completa com o nome dos atletas que estiveram nessa edição dos Jogos. Mesmo provisória e construída ao longo de toda a pesquisa, essa planilha constituiu a primeira etapa do trabalho, no que diz respeito a aproximação do pesquisador com suas fontes: ou seja, as entrevistas.

Para organização desse quadro utilizamos diferentes fontes, as principais foram, o livro “Atletas Olímpicos Brasileiros” (RUBIO, 2015), e os dados da pesquisa “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros”. O livro “De Atenas a Atlanta: 100 anos de Olimpíadas” (CARDOSO, 1996) e o site sports reference⁷, estas últimas referências foram as primeiras fontes de pesquisa, se apresentaram como alternativas até a publicação da pesquisa sobre os atletas olímpicos brasileiros.

A dificuldade em conhecer os atletas que compuseram a delegação está principalmente na figura do atleta reserva que compõe a equipe, eles passam pelo

⁷ <https://www.sports-reference.com/olympics/summer/1968/>
<https://www.sports-reference.com/olympics/countries/BRA/summer/1968/>

mesmo processo seletivo que os jogadores titulares para entrar na seleção, porém, seu nome não consta nos documentos oficiais da partida, como por exemplo, nas súmulas dos jogos. Nesse estudo, considero a história contada pelo atleta reserva fundamental para compor o quadro das histórias olímpicas, sua história revela outra perspectiva sobre o evento narrado. Mesmo não sendo objetivo da pesquisa construir um quadro definitivo dos atletas que foram a essa edição dos Jogos, alguns documentos e histórias cruzaram meu caminho⁸. Foi assim que descobri mais dois atletas que compuseram a delegação brasileira nos Jogos Olímpicos de 1968, Ralph Conrad e Joaquim Feneberg⁹, ambos atletas reservas da equipe de iatismo, não contatavam em nenhuma das listas citadas anteriormente.

Considerando esse histórico, comecei a pesquisa revisando algumas publicações, que apresentavam um total de 84 atletas (80 homens e 4 mulheres) (CARDOSO, 1996); chego a 76 nomes (73 homens e 3 mulheres) pelo site¹⁰ *sports reference*, que considera somente os atletas titulares de cada delegação. Com a publicação da pesquisa “Atletas Olímpicos Brasileiros” (RUBIO, 2015) chego a uma lista de 79 atletas, sendo 75 homens e 4 mulheres. Por fim, apresento uma lista com 81 atletas, desses 77 homens e 4 mulheres, distribuídos em 13 modalidades. Desse total 16 atletas são falecidos, e somente 02 foram entrevistados antes de falecer. Para compor uma narrativa dos Jogos olímpicos de 1968 no México a pesquisa conta com a entrevista de 54 atletas (52 homens e 2 mulheres).

Apresento na tabela abaixo os atletas que fizeram parte da delegação brasileira nos Jogos da XIX olimpíada na Cidade do México em 1968. A lista tem como objetivo apresentar os dados demográficos, para uma primeira caracterização do grupo, como: sua cidade natal, para entender a distribuição geográfica dos personagens; o número de atletas que compuseram a delegação brasileira; a idade que o atleta tinha quando participou dessa edição dos Jogos; a modalidade que participou, e se foi entrevistado.

⁸ Refiro-me aqui à entrevista de Ralph Conrad à Rodolfo Lucena no folha online esporte (LUCENA, 2003). A partir dessa pista o velejador Burkhard Cordes confirmou a participação dos atletas: Ralph Conrad e Joaquim Feneberg, na equipe de iatismo em 1968. Burkhard me enviou a ata (EM ANEXO) do Yacht Club Santo Amaro, publicada em 07 de dezembro de 1968, no qual, o clube homenageia os atletas que participaram dos Jogos Olímpicos. Para isso, traz a listagem de toda a equipe de iatismo que esteve nos Jogos.

⁹ Devido aos objetivos da pesquisa e ao número de narrativas que compõe essa etapa do trabalho, não foi possível ir em busca desses atletas para entrevistá-los. Porém, são objetivos que delineiam os desdobramentos futuros dessa pesquisa.

¹⁰ <https://www.sports-reference.com/olympics/countries/BRA/summer/1968/>

Atletas brasileiros que participaram dos Jogos Olímpicos de 1968

	Nome	Modalidade	Idade	Nascimento	Falecimento	Cidade natal	Entrevistado
01	Aída dos Santos	Atletismo	31	01/03/1937	-	Niterói – RJ	Sim
02	Irenice Maria Rodrigues	Atletismo		?	27/04/1981	Itabirito – MG	Não
03	Maria da Conceição Cypriano	Atletismo	25	18/12/1943	?	Rio de Janeiro – RJ	Não
04	Nelson Prudêncio	Atletismo	24	04/04/1944	11/2012	Lins – SP	Sim
05	Antonio Salvador Succar	Basquetebol	29	14/06/1939	-	Lules – Argentina	Sim
06	Carlos Domingos Massoni (Mosquito)	Basquetebol	29	04/01/1939	-	São Paulo – SP	Sim
07	Carmo de Souza (Rosa Branca)	Basquetebol	28	19/07/1940	22/12/2008	Araraquara – SP	Sim
08	Celso Luiz Scarpini	Basquetebol	24	27/11/1944	-	Porto Alegre – RS	Sim
09	Hélio Rubens Garcia	Basquetebol	27	02/09/1941	-	Franca – SP	Sim
10	José Aparecido dos Santos	Basquetebol	22	15/11/1946	-	São Paulo – SP	Não
11	José Edvar Simões	Basquetebol	25	23/04/1943	-	São José dos Campos – SP	Sim
12	José Geraldo de Castro (Zé Geraldo)	Basquetebol	18	18/09/1950	-	Presidente Prudente – SP	Sim
13	Luiz Claudio Menon	Basquetebol	24	07/02/1944	-	São Paulo – SP	Sim
14	Sérgio Toledo Machado (Sérgio Macarrão)	Basquetebol	23	24/02/1945	-	Rio de Janeiro – RJ	Sim
15	Ubiratan Pereira Maciel (Bira)	Basquetebol	24	18/01/1944	17/07/2002	São Paulo – SP	Não
16	Wlamir Marques	Basquetebol	32	16/07/1936	-	São Vicente – SP	Sim
17	Exedito Arrais Alencar	Boxe	22	24/02/1946	31/05/1997	Ceará	Não
18	Servilio Sebastião de Oliveira	Boxe	20	06/05/1948	-	São Paulo – SP	Sim
19	Arthur Telles Cramer Ribeiro	Esgrima	26	21/03/1942	-	Campo Grande – MS	Sim

20	Carlos Luiz Rodrigues do Couto	Esgrima	38	10/02/1930	-	Rio de Janeiro – RJ	Não
21	Dario Marcondes Amaral	Esgrima	36	23/05/1932	-	São Paulo – SP	Sim
22	José Maria de Andrade Pereira	Esgrima	36	09/10/1932	-	São Borja – RS	Sim
23	Ademir Ueta (China)	Futebol	20	03/10/1948	-	São Paulo – SP	Sim
24	Antônio Pedro de Jesus (Toninho)	Futebol	21	26/07/1947	-	São Paulo – SP	Sim
25	Arnaldo de Mattos	Futebol	21	15/01/1947	-	São Paulo – SP	Sim
26	Cláudio Norberto Deodato	Futebol	21	27/08/1947	11/09/2011	São Paulo – SP	Não
27	Daniel Euclides Moreno (Moreno)	Futebol	20	18/12/1948	-	São Paulo – SP	Sim
28	Fernando Ferretti	Futebol	19	26/04/1949	29/08/2011	Rio de Janeiro – RJ	Não
29	Getúlio Pedro Cruz	Futebol	21	13/02/1947	12/02/2008	São Paulo – SP	Não
30	Hamilton Chance Rubio	Futebol	19	04/03/1949	-	São Paulo – SP	Sim
31	João de Almeida Filho	Futebol	21	03/07/1947	-	São Paulo – SP	Não
32	Jorge Alves da Silva	Futebol	22	23/02/1946	-	São Paulo – SP	Não
33	José dos Santos Dutra	Futebol	20	26/01/1948	-	Rio de Janeiro – RJ	Não
34	José Plínio de Godoy	Futebol	22	03/02/1946	-	São Paulo – SP	Não
35	Lauro de Melo	Futebol	24	12/09/1944	-	São Paulo – SP	Sim
36	Luiz Henrique Byron de Mello	Futebol	19	25/02/1949	-	Rio de Janeiro – RJ	Não
37	Manoel Maria Evangelista Barbosa dos Santos	Futebol	20	29/02/1948	-	Belém – PA	Sim
38	Miguel Ferreira Pereira	Futebol	19	20/09/1949	-	Rio de Janeiro – RJ	Sim
39	Raul Marcel Barreto	Futebol	20	06/02/1948	30/03/2011	São Paulo – SP	Não
40	Sebastião Carlos Silva (Tião)	Futebol	20	08/03/1948	-	Santa Leopoldina – ES	Sim
41	José Roberto Reynoso Fernandez	Hipismo	21	07/07/1947	2002	São Paulo – SP	Não
42	Lucia de Faria Alegria Simões	Hipismo	23	11/11/1945	-	Rio de Janeiro – RJ	Sim
43	Nelson Pessoa Filho (Neco)	Hipismo	33	16/12/1935	-	Rio de Janeiro – RJ	Não
44	Axel Frederik Preben-Schmidt	latismo	29	30/04/1939	-	Niterói – RJ	Sim
45	Burkhard Cordes	latismo	29	15/05/1939	-	Darmstadt - Alemanha	Sim

46	Erik Oluf Preben-Schmidt	latismo	29	30/04/1939	-	Rio de Janeiro – RJ	Sim
47	Joaquim Feneberg	latismo	25	05/04/1943		São Paulo – SP	Não
48	Jörg Bruder	latismo	31	16/11/1937	11/07/1973	São Paulo – SP	Não
49	Ralph Conrad	latismo	24	30/08/1944		São Paulo – SP	Não
50	Reinaldo Conrad	latismo	26	31/05/1942	-	São Paulo – SP	Sim
51	Luiz Gonzaga de Almeida	Levantamento de Peso	27	20/08/1941	-	Mucugê – BA	Sim
52	César Augusto Filardi	Natação	22	06/04/1946	-	Vista Alegre do Alto – SP	Sim
53	João Reynaldo Costa Lima Neto (Nikita)	Natação	21	17/05/1947	-	Recife – PE	Sim
54	José Roberto Diniz Aranha	Natação	17	02/02/1951	-	São Paulo – SP	Sim
55	José Sylvio Fiolo	Natação	18	02/03/1950	-	Campinas – SP	Sim
56	Alúcio Marsili	Polo Aquático	21	30/08/1947	-	Rio de Janeiro – RJ	Sim
57	Álvaro Roberto de Ávila Pires	Polo Aquático	27	13/08/1941	-	Rio de Janeiro – RJ	Sim
58	Arnaldo Marsili	Polo Aquático	21	30/08/1947	-	Rio de Janeiro – SP	Sim
59	Cláudio Rinaldi Câmara Lima	Polo Aquático	20	07/06/1948	-	Rio Grande do Sul	Não
60	Fernando Antonio Sampaio Sandoval	Polo Aquático	26	18/11/1942	-	São Paulo – SP	Sim
61	Henrique Filellini	Polo Aquático	29	18/07/1939	-	São Paulo – SP	Sim
62	Ivo Kesselring Carotini	Polo Aquático	26	16/02/1942	-	São Paulo – SP	Sim
63	João Gonçalves Filho	Polo Aquático	34	07/12/1934	27/06/2010	Rio Claro – SP	Não
64	Marco Antônio de Viçosa Jardim	Polo Aquático	28	01/05/1940	-	Rio de Janeiro – RJ	Sim
65	Pedro Pincioli Júnior	Polo Aquático	25	16/12/1943	-	São Paulo – SP	Sim
66	Edgard Gijzen	Remo	28	29/01/1940	31/07/2008	Antuérpia – Bélgica	Não
67	Harry Edmundo Klein	Remo	26	01/01/1942	-	Porto Alegre – RS	Sim
68	Durval Ferreira Guimarães	Tiro Esportivo	33	14/07/1935	-	Santos – SP	Não
69	Edmar Vianna de Salles	Tiro Esportivo	40	15/06/1928	-	Belo Horizonte – MG	Sim

70	Antônio Carlos Moreno	Voleibol	20	11/06/1948	-	Santo André – SP	Sim
71	Carlos Eduardo Albano Feitosa	Voleibol	27	08/06/1941	28/07/2007	Rio de Janeiro – RJ	Não
72	Décio Viotti de Azevedo	Voleibol	29	12/10/1939	-	Belo Horizonte – MG	Sim
73	Gerson Albino Schuch	Voleibol	22	22/01/1946	-	Santa Maria – RS	Sim
74	João Ernesto Jens	Voleibol	24	03/06/1944	-	São Paulo – SP	Sim
75	Jorge Américo Oliveira Souza	Voleibol	23	17/04/1945	-	Rio de Janeiro – RJ	Não
76	José Maria Schwartz da Costa	Voleibol	27	10/01/1941	-	Belém – PA	Sim
77	Marco Antônio Volpi	Voleibol	25	01/07/1943	-	Porto Alegre – RS	Sim
78	Mário Stiebler Dunlop	Voleibol	22	14/01/1946	-	Rio de Janeiro – RJ	Sim
79	Paulo Roberto Petterle	Voleibol	19	21/02/1949	-	Rio de Janeiro – RJ	Sim
80	Sérgio Telles Pires Pinheiro	Voleibol	24	11/06/1944	-	Rio de Janeiro – RJ	Sim
81	Victor Mario Barcellos Borges	Voleibol	26	26/06/1942	05/12/2009	Rio de Janeiro – RJ	Não

5 A HISTÓRIA ESCRITA A PARTIR DE UM BANCO DE HISTÓRIAS

A partir da lista de atletas que foram aos Jogos Olímpicos na Cidade do México, passamos para segunda etapa da pesquisa, que foi separar as entrevistas no banco de histórias e organizá-las, para construir um cronograma de trabalho com as narrativas.

No Trabalho com as narrativas, nas primeiras leituras, o objetivo foi delinear as histórias que tangenciavam a temática específica dos Jogos de 1968. Porém, durante a leitura, a questão que mais me intrigava era, se existia ou não a necessidade de voltar ao atleta, se era necessário entrevistá-lo novamente, realizar uma entrevista específica, sobre os Jogos Olímpicos de 1968, a partir das referências da história oral de vida temática (MEIHY; HOLANDA, 2013; MEIHY; RIBEIRO, 2011).

5.1 ERA NECESSÁRIO VOLTAR AO ATLETA?

Respondi essa questão voltando a campo, realizei uma entrevista piloto, adotando a proposta metodológica da “história oral temática”, que se justificava por existir um foco central de preocupação no encaminhamento das entrevistas, que são realizadas a partir de um “roteiro investigativo¹¹”. Para isso, considerei as primeiras entrevistas de história de vida do atleta como o “ponto zero”. Pois, essas narrativas me deram os elementos temáticos primários, para elaborar o “roteiro investigativo”.

A entrevista básica ou as entrevistas iniciais são chamadas de ponto zero e são elas que animam a sequência pretendida. É da fase de *ponto zero* que se extraem as perguntas específicas que favorecem a continuidade das demais. A fase de *ponto zero* deve fornecer elementos capazes de se aprofundar os pontos indicados na problemática e que devem ser perseguidos na investigação (MEIHY; HOLANDA, 2013, p.49, *grifo nosso*).

A história oral temática – frequentemente utilizada como uma modalidade da história oral; nesse projeto se mostrava como alternativa para um segundo momento da pesquisa: o reencontro com o atleta entrevistado. Essa modalidade de pesquisa assume um caráter documental, por ter um tema central definido e buscar o aprofundamento de informações que se tem previamente, podendo chegar algumas vezes ao processo de confronto e/ou confirmação das informações ditas pelo atleta.

¹¹ O roteiro temático construído para essa etapa da pesquisa está em anexo.

Podemos considerar esse aspecto mais próximo de uma objetividade que muitas vezes anulam ou limitam os aspectos subjetivos no decorrer da pesquisa.

O cuidado na elaboração do roteiro para entrevista se deteve na permanência de um fluxo narrativo do entrevistado, mesmo que cronológico. A busca por um fluxo narrativo, nos distancia das entrevistas mais tradicionais, que interrompem a fala do narrador para formular a próxima questão. A ideia central foi em utilizar os temas do roteiro investigativo como estímulos à conversa. Desse modo, ao compor o roteiro de conversa optei por temas abertos, por exemplo: viagem e chegada ao México, cerimônias de abertura e de encerramento, a volta para o Brasil, a vila olímpica, aspectos da alimentação e os sonhos. Compus um roteiro a partir de temas exploratórios, que davam condição para o recordador compor sua narrativa com liberdade, e a partir da sua vontade.

A ideia de voltar ao atleta se tornava uma possibilidade para detalhar as experiências que esses sujeitos tiveram na Cidade do México. A entrevista piloto foi agendada e realizada com um atleta do basquetebol, Carlos Domingos Massoni, conhecido como “Mosquito”. A entrevista aconteceu em sua residência na cidade de Guarulhos-SP no dia 25 de junho de 2016. Com a realização dessa entrevista piloto constatei que muitos dos detalhes se fundiram ao longo do tempo, o reencontro foi praticamente uma repetição da primeira entrevista. O encontro com Carlos Massoni aconteceu 48 anos após os Jogos Olímpicos, nesse espaço de tempo distinguir as lembranças de cada competição se mostraram inviáveis para o narrador¹². Essa experiência foi suficiente para decidir trabalhar somente com as entrevistas vindas do ‘banco de histórias’, considerando que as 54 narrativas que tinha em mãos, configuravam material suficiente para (re)construir a trajetória da delegação brasileira nessa edição dos Jogos Olímpicos.

Considere então a sugestão dos autores Meihy, Holanda e Ribeiro (2013; 2011) que recomendam: 1) Verificar previamente o que foi produzido sobre o tema para evitar repetições ou mesmo negar trabalhos feitos anteriormente. E, 2) Não fazer entrevista para projetos em que o material escrito/ arquivado possam resolver as hipóteses do trabalho. A partir disso, o esforço da pesquisa se voltou para o trabalho com as narrativas, e o principal desafio que se colocava à escrita da história era em

¹² Para não confundir os aspectos metodológicos e analíticos do trabalho eu retomo esse tema no próximo capítulo, com o objetivo de apresentar alguns apontamentos teóricos sobre a experiência do reencontro com o atleta.

como manter a polifonia do grupo, fazer com que as vozes dos narradores não fossem suprimidas por uma narrativa linear e diretiva, em um universo de 54 atletas que tinham o Jogos Olímpicos do México como ponto de cruzamento dessas 54 histórias.

5.2 TRABALHANDO COM AS NARRATIVAS OU O OFÍCIO DO ARTESÃO

A busca por um método para trabalhar com as narrativas se mostrava nebuloso devido à dimensão do universo escolhido. Mesmo sem ter um caminho definido para apresentar as 54 histórias, o objetivo do trabalho me deu o primeiro recorte: a experiência vivida desses atletas nos Jogos Olímpicos de 1968; esse foi o ponto de partida para iniciar a leitura das entrevistas, que já estavam transcritas. Organizei a leitura das entrevistas a partir do tema específico deste estudo, e nesse mesmo processo, destaquei outros temas e informações que tangenciavam o objeto proposto.

Com os excertos das narrativas grifados e separados, o desafio posto era como apresentar essas narrativas ao leitor, mais ainda, organizar um texto que servisse de reflexão coletiva. O processo ainda não estava claro, porém, eu estava munido dos referenciais que sustentam essa reflexão. Ou seja, mesmo sem ter um caminho definido, existia uma ideia a perseguir, direcionado pela solidez de alguns conceitos, que me orientaram na construção do caminho a percorrer. A primeira questão que se destacava era considerar a força da narrativa, a fala do sujeito em sua plenitude; não fragmentar a fala do narrador ou utilizá-la como complemento argumentativo ou condição ilustrativa. Somado à isso, os eventos históricos deveriam continuar como foi apresentado pelo narrador, em segundo plano, permeando sua história de vida. Portanto, na apresentação da narrativa o fato histórico não deveria se sobrepor aos detalhes subjetivos da sua narração.

Com esses preceitos em mente, encontro na literatura disponível a inspiração para uma proposta metodológica para a tese. A ideia se fundou principalmente na proposta de Meihy e Ribeiro (2011) em sua obra: 'Guia Prático de História Oral: Para empresas, comunidades, universidades, famílias', quando tratam da História Oral e das narrativas recortadas. Encontro, nesse texto, dois procedimentos metodológicos: o fragmento narrativo e a história oral de família, ambos atendiam parcialmente ao meu objetivo. A partir desses conceitos, foi possível adaptar a proposta ao meu objeto de pesquisa e compor uma terceira ideia, por esse processo chego ao conceito de "estilhas da narrativa".

5.3 FRAGMENTO NARRATIVO

O conceito de ‘fragmento narrativo’ consiste na proposta de elaborar uma narrativa a partir do recorte de um episódio específico, ou de pequenos casos presenciados pelo narrador. Essa possibilidade metodológica permite que o pesquisador elabore histórias a partir da história de vida, recupere contos da tradição oral, narrativas de ficção, mitos e crenças existentes no grupo. Recurso metodológico necessário principalmente quando entrevistamos contadores de histórias, poetas e cantores. Ao optar por trabalhar com o ‘fragmento narrativo’ o pesquisador se isenta dos aspectos mais amplos de uma história de vida, e sua atenção de volta para o episódio específico que escolheu para narrar. O descompromisso com outros temas da narrativa leva o pesquisador a uma leitura mais categórica da entrevista, que por sua vez, ganha uma objetividade mais evidente, a partir de uma organização cronológica e de caráter linear do evento escolhido (MEIHY; RIBEIRO, 2011).

A proposta do ‘fragmento narrativo’ atendeu a primeira etapa do trabalho com as narrativas. Que foi, a partir da história de vida dos atletas, construir “fragmento(s)” sobre os Jogos Olímpicos de 1968. A partir dessa proposta, construí um acervo com 54 fragmentos, que contém os elementos biográficos de cada atleta, bem como, e suas lembranças da participação nos Jogos Olímpicos.

A questão que se colocava era como, articular as histórias narradas em diferentes momentos da narrativa, dar um sentido ao fragmento construído nessa primeira etapa. Nessa busca, encontrei a proposta da história oral de família.

5.4 HISTÓRIA ORAL DE FAMÍLIA

A proposta metodológica da ‘história oral de família’ tem como objetivo construir, através de gerações, a trajetória de grupo familiares. Nesse sentido, ela não se confunde com a história de vida individual mesmo tendo seus fundamentos nessa metodologia. Ou seja, a história oral de família é construída a partir de histórias de vida que contemplem uma noção de projeto familiar. Essa metodologia, tem uma relação intrínseca com o estudo de gerações. Quando se fala em gerações, “tem-se claro [o processo de transformação histórico que envolve os membros de uma comunidade] e que há [nas entrevistas] elementos culturais que mudaram e outros que dão unidade, que resistem, constituindo-se no núcleo da entrevista” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.128).

Os autores apontam para a possibilidade de aplicar o mesmo recurso, utilizado para a história oral de família, em outros grupos institucionalizados, tais como: sindicatos, associações religiosas, esportivas ou políticas. De acordo com Meihy e Ribeiro (2011, p.128) “a partir dos objetivos orientadores das propostas agremiativas que se orientam as histórias orais de vida que devem responder à relação entre os indivíduos, os membros e os objetivos do grupo ou da comunidade”. Desse modo, as histórias não se apresentam como a soma das partes, mas estão na inter-relação entre os indivíduos, o grupo, ou o projeto que orienta a instituição. Relação que se apresenta pela repetição de alguns fatores nas narrativas individuais.

Em história oral, o ‘gruppal’, ‘social’ ou ‘coletivo’ não corresponde a soma dos particulares. O que garante unidade e coerência às entrevistas enfileiradas em um mesmo conjunto é a *repetição de certos fatores* que, por fim, caracteriza a memória coletiva (MEIHY; HOLANDA, 2013, p.28, *grifo nosso*).

Para compor a história oral desses grupos é necessário estabelecer uma “lógica entre os fragmentos” da narrativa para construir as recordações de um episódio ou fato apresentado pelo grupo. A proposta da ‘história oral de família’ ou ‘de grupos’, serviu para compor mais três itens da metodologia que tinha em mente. O primeiro, quando diz respeito a repetição de fatores que caracterizam a memória coletiva do grupo, pois essa questão, foi recorrente na leitura e fichamento das narrativas dos atletas.

O segundo item está na relação entre indivíduo e grupo, e na alteridade da narrativa do sujeito, que faz parte do grupo, mas não se dissolve em uma narrativa sobre o grupo. Nesse sentido, destacam-se as questões que fazem parte da construção da identidade do sujeito, da percepção do ‘eu’, diferente do grupo e ao mesmo tempo parte dele. Nessa medida, as diferentes vozes são necessárias, e do mesmo modo, as repetições das histórias com diferentes sons.

Da inevitável relação entre o indivíduo com o grupo ao qual pertence faz-se a percepção do eu e do outro e também se registram as marcas que pontuam as histórias de vida, tanto em uma perspectiva cronológica e linear quanto na recursividade da memória que trafega de forma cíclica (RUBIO, 2014a, p.112).

O terceiro item diz respeito à construção de uma lógica entre os fragmentos. Essa talvez foi a questão que mais me perturbou na leitura das entrevistas. Essa

metodologia propõe a construção de uma lógica, a partir da aproximação de temas narrados pelos sujeitos, que mesmo sendo de diferentes gerações, expressaram em suas narrativas temas semelhantes. Desse modo, as diferenças estão nas nuances entre os fragmentos, nas gerações, que carregam a marca do tempo em sua narrativa. Nesse encontro entre as diferentes gerações, pode-se perceber o quão próximo, ou distante são as mentalidades dos indivíduos que compõe o grupo.

Nessa metodologia, o obstáculo para a pesquisa está na questão norteadora da proposta: o vínculo entre diferentes gerações. A diferença de gerações é uma característica que marca o grupo de atletas que foram aos Jogos Olímpicos em 1968, o atleta mais novo da delegação, João Roberto Aranha, tinha 17 anos, enquanto, atleta mais velho da delegação tinha 40 anos de idade. Não existe dúvida que essa variável é significativa para compreender a leitura que cada atleta fez dos Jogos, porém, isso me afastava do objetivo proposto, centrado na composição de uma narrativa polifônica, construída a partir narração da experiência dos atletas que estiveram nos Jogos Olímpicos de 1968.

5.5 O CAMINHO ENCONTRADO: AS ESTILHAS DA NARRATIVA

A partir dos instrumentos metodológicos “Fragmento Narrativo” e da “História Oral de Família” chego, por adaptação, a proposta de “estilhas da narrativa”, a partir das histórias de vida. A primeira questão que caracteriza essa metodologia é a escolha de um tema em comum, entre as histórias de vida do grupo pesquisado. O tema em comum se torna o ponto de intercessão entre as diferentes histórias (ver figura na próxima página).

Figura 1 – A intercessão entre diferentes entrevistas

O ponto de intercessão indica o local em que o pesquisador encontrará os elementos para compor a narrativa do grupo, sobre um tema, ou um episódio em específico. A intercessão entre as entrevistas caracteriza, em certa medida, a dimensão social das narrativas e se aproxima da ideia da memória coletiva do grupo. Num movimento em que a memória coletiva e a identidade social se fundem para dimensionar uma representação do social.

A partir desse primeiro recorte, passo para a descrição dos processos compositivos da narrativa do grupo.

6 PROCEDIMENTOS E PROCESSOS COMPOSITIVOS DA NARRATIVA DO GRUPO

A primeira etapa de trabalho com a entrevista é sua transcrição. Ezra Pound (apud MEIHY; HOLANDA, 2013) aponta para a existência de duas vidas na palavra: a oral e a escrita. Portanto, a transcrição pode ser considerado um momento de materialização, a fala perde sua dimensão etérea e ganha o peso da palavra grafada. A transcrição consiste no ato de converter as falas de uma entrevista em um texto escrito. Uma tentativa, não mais que isso, de transpor de forma perfeita e fiel, para o papel, os diálogos captados na(s) conversa(s) com o interlocutor. Nesse momento, são mantidos os ruídos, as interferências e os erros de linguagem, que podem ser lapidados posteriormente. Essa etapa é fundamental para o pesquisador pois, a ‘palavra escrita’ possibilita seu trabalho analítico. Para Meihy e Holanda (2013, p.135) “é impossível do etéreo, do verbo, se passar a materialização da escrita com fidelidade absoluta como se uma coisa fosse outra. Admitir isso, aliás, seria temeridade, visto que sons entonação, cacoetes, modulações, não se registram sem alterações”.

No caso desse estudo, devido à existência do banco de história, as entrevistas estavam transcritas. Portanto, meu trabalho estava centrado em compor o grupo, organizar os vídeos e as transcrições para as próximas etapas: a textualização e a transcrição. Organizei as transcrições separando as entrevistas por modalidades. Essa sistematização me permitiu organizar os pontos de intercessão por temáticas que diziam respeito aos momentos que envolviam toda a delegação brasileira nos Jogos e também quanto aos momentos de competição, distintos a cada modalidade. A partir da primeira leitura da narrativa de cada atleta, organizei um fragmento narrativo sobre os Jogos Olímpicos da Cidade do México, com isso, cheguei a composição de 54 fragmentos.

A etapa seguinte foi a textualização dos ‘fragmentos’, fundado pela proposta de Meihy e Ribeiro (2011), nesse momento do processo, as perguntas foram retiradas e, quando necessário, fundidas à narrativa, o texto permaneceu em primeira pessoa e foi reorganizado, a partir de indicações cronológicas e/ou temáticas, com o objetivo de aproximar os temas abordados na entrevista e retomados em diferentes momentos da conversa. A partir desse processo, é notável a interferência do pesquisador no texto, a qual se torna explícita no processo transcriativo. Nesse momento o pesquisador escolhe o “tom vital da entrevista” – uma frase que serve de epígrafe para

leitura da narrativa. O pesquisador, no trato com o texto, elenca os temas recorrentes, que emergem das narrativas, e que irão encaminhar as discussões, talvez explicações, na última parte do texto.

6.1 A ESCRITA DA NARRATIVA DO GRUPO E O PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO

O momento transcriativo é a elaboração de um texto recriado em sua plenitude. Nessa etapa, a entrevista é outra e a mesma. O pesquisador se aproxima de uma dimensão poética, literária da escrita da narrativa. A transcrição é um “fundamento-chave para a história oral, pois, sendo ela aplicada ao estudo de grupos, comunidades e indivíduos, abandona os estritos caminhos da racionalidade e se abre às convenientes dimensões subjetivas” (MEIHY; HOLANDA, 2013, p.136). O senso estético do pesquisador encontra aproximações entre o fazer história oral e a literatura. Momento de proximidade e não de fusão, pois o texto transcrito não compartilha da liberdade de criação fictícia que alimenta as narrativas literárias. Nesse sentido, a transcrição é uma “mutação” onde, se abandona os domínios estritos do fazer científico e se aproxima da ideia de *fictio*, no sentido de algo construído, não de falso ou não-factual.

Na elaboração do processo compositivo, algumas referências tiveram fundamental importância para refletir sobre o fazer narrativo. Destaco as contribuições de Peter Burke (2010), a respeito do renascimento das narrativas. Referência que se desdobrou na leitura de “O queijo e os Vermes” (GINZBURG, 1987) e “O Mais Longo dos Dias” (RYAN, 2013). Soma-se a esse quadro as contribuições de Elizabeth Burgos (2007), que narra a trajetória e os aspectos da vida de Rigoberta Menchú, em uma perspectiva de narrativa como forma de poder. Joaquim dos Santos (1998), em “Feliz 1958” me proporcionou uma reflexão sobre as sutilezas históricas do cotidiano, em perceber como palavras e objetos revelam a mentalidade de um tempo recente.

6.2 A ESTILHA DA NARRATIVA

O trabalho com o fragmento narrativo consistiu num processo compositivo, de organização e ordenação dos temas recorrentes nas narrativas. A partir disso, os fragmentos narrativos foram desfragmentados em temas, por esse processo eu chego a ideia de “estilhas da narrativa”. Quando digo estilhas refiro-me à ideia de estilhaço,

pedaços, algo despedaçado em muitas partes. As estilhas também são os pequenos pedaços de cerâmica de um mosaico, imagem que se aproxima muito da proposta metodológica que proponho.

As estilhas de um mosaico se diferenciam em suas sutis nuances, à primeira vista não demonstram singularidade, parecem repetitivas, a partir do momento em que o observador se afasta, os contornos ganham forma, sentido e significado. Portanto as estilhas da narrativa ganham significado no conjunto da obra, no mosaico. As “estilhas da narrativa” a princípio nebulosas e confusas, em decorrência do recorte feito da história de vida, quando organizadas pelo pesquisador, com o objetivo de narrar um episódio, formar a imagem de uma experiência, ganham sentido e significado para revelar a história vivenciada pelo grupo.

Com a ideia de estilha narrativa, eu chego a organização de uma narrativa do grupo, que preserva a voz do narrador, em primeira pessoa. E mantém a história contada pelo atleta como a principal fonte, se não a única, na versão dos fatos; nesse caso, considerados como ‘verdades últimas’, mesmo que as apresentações das diversas versões se mostrem, algumas vezes, opostas e conflituosas entre si. Para isso, foi necessário respeitar as questões que atravessam a narrativa como gênero, raça, classe social, educação formal e idade. Questões que se mostraram fundamentais para manter uma lógica coerente na constituição da história do grupo (MEIHY; HOLANDA, 2013).

Para garantir a polifonia do grupo na narrativa a repetição foi um recurso necessário. Sendo assim, na narrativa é possível perceber a repetição da mesma história em diferentes fragmentos, porém, a partir da voz de diferentes narradores. A opção em manter essas histórias retoma a ideia de nuance entre as peças do mosaico, pois, pode se tratar de uma mesma história, mas seu conteúdo não é igual, já que foram contadas por pessoas diferentes.

7 SOBRE O MUNDO E O MOVIMENTO OLÍMPICO NO PÓS-GUERRA

Desde a origem do Movimento Olímpico afirmou-se que esporte e política eram questões que não se relacionavam, nem se sobrepunham. Porém, desde o início do século XX foi possível perceber que sem a aproximação dos governos dos Estados Nacionais não era possível realizar os Jogos Olímpicos, nem organizar o esporte para que ele pudesse ser normatizado e universalizado. Essas questões ganharam contornos ainda mais evidentes após a Segunda Guerra Mundial quando dois blocos antagônicos passaram a interferir na macro política internacional, na economia e também no esporte.

Este capítulo pretende situar o leitor sobre a dinâmica social que antecede os Jogos Olímpicos do México, interferindo diretamente não apenas em sua organização, como nas inúmeras manifestações que ocorreram ao longo de sua realização.

7.1 A ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO OLÍMPICO

A busca por um novo modelo educativo e uma política esportiva estavam na pauta do Barão Pierre de Coubertin que desejava ver a França como um país estável e em consonância com a ideia de progresso como a vizinha e temida Inglaterra. Sua ideia de esporte acompanhava os movimentos internacionalistas que ocorreram no final do século XIX e inspiraram a organização do Movimento Olímpico que persiste até o presente (RUBIO, 2001a).

Mobilizado pela experiência de Thomas Arnold e a Rugby School Coubertin foi à Grã-Bretanha conhecer o sistema educacional que lá emergia e descobriu nessa visita que a antiga colônia, os Estados Unidos da América, também se empenhava em ter o esporte como parte do processo educacional tanto das escolas públicas como particulares. Essa busca coincide com os trabalhos arqueológicos realizados na Grécia que desvendaram a história de celebrações atléticas nos sítios arqueológicos de Olímpia, Nemeia, Delphi e em Atenas, onde eram realizados os Jogos Públicos da Antiguidade, essa descoberta permitiu aos arqueólogos uma leitura mais detalhada sobre o cotidiano dos Jogos na Antiguidade (RUBIO, 2002a). O interesse de Coubertin pelos Jogos Olímpicos estava associado ao renascimento dos estudos da Antiguidade Clássica e pela fascinação que a cultura helênica exercia na cultura europeia (MANDELL, 2006; RUBIO, 2010; SALVADOR, 2004).

Inspirado por essas questões Coubertin tomou para si a tarefa de organizar uma instituição de caráter internacional com a finalidade de recriar os Jogos Olímpicos. O estabelecimento do Movimento Olímpico ocorre em 1894, e coincide com a criação de outras instituições internacionais, que tinham como objetivo a resolução de conflitos internos e externos, de forma racionalizada, sem recorrer às armas e ao uso da violência (RUBIO, 2011). Deste movimento surge o Comitê Olímpico Internacional que se responsabilizaria pelo suporte humano e material para a realização daquilo que viria ser os Jogos Olímpicos.

Embora as práticas Atléticas da Antiguidade tenham servido como referência para a criação dos Jogos Olímpicos da Era Moderna o que se percebe é um distanciamento da proposta original, uma vez que a sociedade do século XIX, bem como os meios de produção, são absolutamente distintos, impedindo qualquer comparação (BARBERO, 1993). O que se observa é o uso do referencial mítico e simbólico da Antiguidade onde reside o imaginário heroico que servirá de substrato para a imagem do atleta na modernidade, e consequentemente, dos Jogos Olímpicos, colocando-os na esfera do sagrado. O esporte como um fenômeno característico da sociedade moderna, assumiu um caráter objetivo, técnico e quantitativo ligado diretamente aos valores e descobertas científicas, característico das sociedades industriais.

Ainda que o imaginário heroico prevaleça no esporte atual, sua estrutura e funcionamento estão fundamentados em uma lógica ditada por uma sociedade que tem como referência a produção e, portanto, é objetivo, técnico, quantitativo e associado aos valores e descobertas científicas. E por isso não pode ser comparado às práticas atléticas da Antiguidade quanto a sociedade era então pautada em outro modo de produção (RUBIO, 2011, p.86).

Com o desenvolvimento de novas tecnologias, o aperfeiçoamento das máquinas, e dos instrumentos de aferição, a palavra-chave daqueles tempos, estava na ideia de progresso. Isso garantia um elevado grau de precisão quanto aos resultados alcançados nas competições, que demonstravam um progresso constante, indicando a cada novo recorde uma prova de excelência, e no limite do mérito, capaz de provocar respeito, admiração e júbilo pelo realizador do feito. A partir dessa similaridade, o recorde se submetia a mesma ideia de progresso (MANDELL, 2006). Em consonância com a vida moderna os fundamentos do esporte olímpico têm um

caráter marcadamente normatizado, disciplinado, geometricamente mensurável, e de fácil intercâmbio. O esporte moderno respondia assim às necessidades espirituais, morais e míticas de uma sociedade em rápidas vias de transformação e de internacionalização (SALVADOR, 2004). Se as características inerentes ao jogo, estão em conformidade com a sociedade de seu tempo, do mesmo modo a ideologia que fundamenta o Movimento Olímpico segue os princípios do momento e das classes sociais daqueles que os pensou, esses preceitos estão na Carta Olímpica, documento que registra a fundação do movimento e norteia todas suas ações, desde então poucas mudanças sofreu ao longo de mais de um século de existência, comprovando a impermeabilidade do grupo responsável pela criação do fenômeno olímpico moderno, bem como das ideias ali contidas.

Coubertin almejava que o Movimento Olímpico tivesse uma organização própria independente dos acirramentos políticos internacionais. No entanto, a condição apolítica era por si só contraditória, uma vez que o grupo fundador do Comitê Olímpico Internacional (COI) era formado por pessoas de classe social definida como nobre e aristocrática. Isso por si só demarcava a posição social e política desse grupo e seu grau de influência nos espaços sociais dos quais participava, fossem eles os clubes, as agremiações, suas cidades ou países. Isso teve importância não apenas na organização internacional do Movimento Olímpico, mas também na formação das Federações Esportivas – instituições responsáveis pela política esportiva, como a criação e universalização das regras de cada modalidade.

A questão da representação nacional no Comitê Olímpico Internacional foi resolvida por Coubertin com a representatividade reversa, ou seja, a representação nacional no COI não depende da escolha dos países que o compõe, quem escolhe o representante é o COI, e este será considerado *embaixador dos ideais olímpicos* em seus respectivos países (RUBIO, 2005). Com essa inversão Coubertin garantiu a independência do movimento olímpico. A proposta de representação nacional tomará forma a partir da manifestação do desejo das antigas colônias de terem representações próprias nos Jogos Olímpicos, questionando assim o poder, principalmente da Inglaterra, em ter sob sua bandeira os melhores atletas (MANDELL, 2006; SALVADOR, 2004). Estavam dadas as primeiras demonstrações de que, para o Movimento Olímpico, a geografia do esporte era independente da geopolítica mundial, fato que se mostrou impraticável logo nas primeiras edições dos Jogos. Isso porque

no mundo daquele momento coexistiam formações de territórios que transitavam entre os impérios (políticos e econômicos), Estados Nacionais e as colônias.

A organização dos Jogos Olímpicos por representações nacionais caracterizou a dimensão política que o esporte tomou na modernidade. Essa representação agrega o sentimento de nacionalismo que muitos países se utilizam até o presente para aumentar seu prestígio em âmbito internacional. “La utilidad ideológica de los Juegos Olímpicos sólo se instrumentaba a través del estado-nación o no competir en absoluto” (SALVADOR, 2004, p.263). Os atletas olímpicos competem como membros de uma nação, portanto, podem ser usados pelos interesses do Estado, como seu representante oficial. A sugestão da representação esportiva nacional, também desenvolveu um sentimento patriótico nos atletas, na população dos países participantes e no público. O que se observou com o aumento da visibilidade das vitórias de atletas bem-sucedidos foi a personificação da figura do herói nacional.

A imagem que a prática esportiva proporciona ao atleta como força, destreza e virilidade são características desejáveis aos cidadãos de uma nação. Foram necessárias algumas edições olímpicas para que a figura do atleta se confundisse com a imagem do Estado na expressão desses valores como características daquele povo. Entende-se que “a concordância em defender determinadas cores, marcas e dizeres reflete, no mínimo, uma tolerância a tudo o que acompanha o que se defende” (LICO, 2007, p.16). A relação entre esporte e nacionalismo fica expressa nas cerimônia de premiação, quando acontece o hasteamento das bandeiras e a execução do hino nacional do país vencedor, esses símbolos expressam uma relação direta entre o esporte e os estados nacionais.

Los Juegos Olímpicos son, con toda claridad, un festival de los Estados-nación, que acuden a competir sobre sus logros y mostrar La pujanza de su juventud, en las Olimpiadas los himnos suenan constantemente, mientras que las banderas suben y en esos momentos toda actividad se paraliza en celebraciones de afirmaciones nacionalistas (SALVADOR, 2004, p.652).

Coubertin estabeleceu o amadorismo como marco teórico do Olimpismo¹³. Este preceito está fundamentado em valores aristocráticos, que considerava amador todo

¹³ O termo Olimpismo se refere a um conjunto de valores pedagógicos e filosóficos do Movimento Olímpico. não diz respeito, a aspectos formais ou burocráticos que sustentam a instituição (RUBIO, 2011; RUBIO; CARVALHO, 2005).

atleta que jamais tivesse recebido prêmio em dinheiro por um resultado alcançado em competição ou competido com profissionais. Também não poderia receber dinheiro para exercer a função de professor ou monitor de atividades físicas, fossem elas competitivas ou não (GIGLIO; RUBIO, 2017). Esse preceito garantia que o esporte permanecesse no domínio da aristocracia e da burguesia, que mantinham o controle da sua organização e institucionalização, afirmando assim, o esporte como uma prática hedonista (BOURDIEU, 1993). A partir de 1908 o COI estabeleceu que cada federação era responsável por definir as regras do amadorismo. A competição olímpica destinava-se apenas e tão somente a amadores, que não recebiam qualquer remuneração, que não fossem registrados como profissionais, muito embora pudessem ter reembolso de despesas para o pagamento de viagens e hospedagens. Também se considerava remuneração despesas de treinamento pagas pelas entidades representadas pelos atletas (RUBIO, 2002b).

A origem do termo 'profissional do esporte' está relacionada à prática esportiva daqueles que tinham jornadas semanais de trabalho e praticavam o esporte no tempo livre. Nessa categoria incluíam-se os operários das fábricas que montavam seus times de futebol, para jogarem nos finais de semana (BROHM, 1993). Esses jogadores, passam a ser liberados pelos donos das fábricas para competirem em campeonatos, em alguns casos os jogadores eram remunerados pelo período que estavam competindo. Esse prestígio permite supor que os donos dos meios de produção já reconheciam que a performance de seus funcionários gerava algum tipo de ganho para a empresa. Porém, esse fato desagradou a aristocracia inglesa, por incluir no seleto grupo de olímpicos pessoas originárias das classes populares, descaracterizando essas práticas como essencialmente destinadas as classes mais abastadas (BROHM et al., 1993).

A regra de amadorismo promoveu inúmeras tensões dentro do Movimento Olímpico ao longo do século XX, gerando inclusive a exclusão do futebol e do tênis dos Jogos Olímpicos de 1932. Durante a Guerra Fria foi tema de embate entre o bloco capitalista e socialista, uma vez que os países da cortina de ferro entendiam que todos os seus atletas eram amadores por servirem ao Estado ou às Forças Armadas. Enquanto isso, no bloco capitalista, os atletas estão nos clubes e nas universidades e não podem ter qualquer tipo de ganho que se configure prêmio, inclusive o uso de sua imagem. Isso perdura até a entrada de Juan Samaranch na presidência do COI, na década de 1980, quando passa a interpretar as práticas esportivas de forma

independente, como produto individual, e do associacionismo voluntário (RUBIO, 2002b, 2016b). Com a multiplicação dos meios de comunicação, o avanço da tecnologia, o deslocamento dos centros de poder e o entendimento do esporte como um produto de consumo de nível internacional o amadorismo foi suplantado pelo profissionalismo. A profissão de atleta foi apresentada àqueles que possuem habilidades específicas e buscam condições de trabalho como em qualquer outra profissão. “O atleta profissional é um novo tipo de trabalhador que vende a um patrão sua força de trabalho (capaz de produzir um espetáculo que atrai multidões); é valor de troca de sua força de trabalho, regulado pelas leis de oferta e procura do mercado” (RUBIO, 2002b, p.03).

Ao lado do amadorismo, o *fair play* figura como um dos pilares do Olimpismo. Conceito apresentado por Milligan Sloane a Coubertin, na ocasião de sua visita a Universidade de Princeton (MANDELL, 2006). O *fair play* está baseado no *ethos* cavalheiresco do esporte vitoriano, e no plano geral, era entendido como uma atitude moral positiva em relação a prática esportiva. Assim o *fair play* se configura como o código ético do Olimpismo, se define como um conjunto de princípios que orientam a prática esportiva dos atletas e das demais pessoas envolvidas no campo esportivo.

O *fair play* presume uma formação ética e moral daquele que pratica e se relaciona com os demais atletas na competição, e que este atleta não fará uso de outros meios que não a própria capacidade para superar os oponentes. Nessas condições não há espaço para formas ilícitas que objetivem a vitória, suborno ou uso de substâncias que aumentem o desempenho (RUBIO, 2001b, p.6).

A dinâmica histórica leva o Movimento Olímpico a rupturas e continuidades, demonstrando as necessidades de transformação e adaptação de seus conceitos às novas formas de organização social. A ordem mundial gerada após a Segunda Guerra Mundial terá reflexos intensos no cenário olímpico, transformando os Jogos Olímpicos em uma arena simbólica para as tensões vividas nos campos de batalha.

7.2 O MUNDO PÓS-GUERRA E O MOVIMENTO OLÍMPICO

Ao perceber as rupturas e continuidades do Movimento Olímpico à luz dos acontecimentos mundiais, que de algum modo mudaram os rumos da história olímpica, Rubio (2010, 2016b) propõe uma periodização dos Jogos Olímpicos da Era Moderna. A autora propõe uma divisão em quatro fases: Fase de Estabelecimento – de Atenas

1896 a Estocolmo em 1912; Fase de Afirmação – Antuérpia 1920 a Berlim 1936; Fase de Conflito – de Londres 1948 a Los Angeles 1984; Fase profissional – de Seul 1988 até os dias atuais. O objeto dessa tese está circunscrito à *fase de conflito* dos Jogos Olímpicos, que compreende o período de 1948 a 1984. Essa fase teve início logo após a Segunda Grande Guerra e se estendeu até a década de 1980, no universo olímpico esse período ficou marcado pelo boicote americano aos Jogos de Moscou em 1980, e pela resposta dos soviéticos nos Jogos de Los Angeles em 1984 (LICO, 2007; RUBIO, 2010, 2016b).

A marca desse período são as tensões geradas pela Guerra Fria, que teve como protagonista duas potências: Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). O termo Guerra Fria foi utilizado porque o conflito armado não ocorreu diretamente. O confronto se deu por meio de intimidações, de boicotes, espionagem e diplomacia (FARIA; MIRANDA, 2013). O conflito armado foi substituído por um forte jogo ideológico e de propaganda, que bombardeava suas áreas de influência, com anúncios que os faziam acreditar estar no melhor lado do mundo.

Após 1945, a instauração da Guerra Fria reformularia o jogo político em termos, literalmente, de um duelo de propaganda. O núcleo das potências capitalistas de um lado e, do outro, o bloco soviético, separados simbolicamente pelo muro de Berlim, manteriam seu enfrentamento por meio do controle das comunicações, da política cultural e dos sistemas educacionais, na medida em que o advento das armas atômicas tornavam o conflito direto inviável (SEVCENKO, 2001, p.85).

O muro de Berlim significou a materialização do conceito “cortina de ferro” utilizada por Churchill para designar os limites entre o mundo ocidental e oriental. A Guerra Fria tomou uma nova dimensão denominada corrida espacial, pois os governos acreditavam que serviria de propaganda sobre o potencial tecnológico de cada país (FARIA; MIRANDA, 2013). A tecnologia desenvolvida, nesse período, contribuiu de forma significativa para o domínio e leitura do espaço aéreo, para a produção de novas armas de guerra, não tripuladas, com poderes de destruição cada vez maiores.

O objetivo dessas duas potências políticas e econômicas era divulgar, para o seu povo e para o mundo, a superioridade de seus regimes, para isso transformaram os Jogos Olímpicos em mais um dos campos de combate da Guerra Fria. Desse

modo, os resultados do esporte de alto rendimento passaram a comprovar a eficácia de cada sistema. “Los Estados no dudan en usar a los campeones, sean de la raza que sean, siempre que les consigan más medallas que los ‘otros’” (SALVADOR, 2004, p.652).

Los diversos equipos nacionales y sus atletas, individualmente, actuaron en medio de um ambiente ideológica y simbólicamente caldeado. Las competiciones atléticas, el ritual y la fiesta transcurrieron con relativa calma, confirmando de esta forma la impresión de que estas celebraciones eran venerables y habían adquirido, quizá, una legitimidad sagrada (MANDELL, 2006, p.260).

Com a entrada da União Soviética nos Jogos Olímpicos, em 1952, as demonstrações de tensões se manifestaram de duas formas:

- *Entreblocos* quando as disputas envolviam países do bloco capitalista e do bloco socialista, independentemente de ser o país hegemônico.
- *Intrabloco*, quando as disputas aconteciam entre os países alinhados, demonstrando a inexistência de uma propagada unidade.

O que se observa dos registros desses conflitos é uma tendência a construir um discurso de unidade entre os países representantes do bloco capitalista, como se não houvesse discordância ou insatisfação entre eles. Dessa forma, na historiografia, a presença do conflito durante uma partida foi interpretada como ausência de *fair play*¹⁴. Por outro lado, quando se tratava de conflitos que envolviam os países do bloco socialista, eles foram interpretados como manifestação de insatisfação em relação ao regime autoritário que emanava de Moscou. As nações satélites encontravam no campo do esporte o *locus* para o enfrentamento impossível no território geográfico. Por isso, as disputas entre esses países e a União Soviética tomavam contornos mais dramáticos, e o espaço dedicado ao esporte, se tornava palco das dramatizações

¹⁴ Quando observamos essas tensões presentes nas narrativas da historiografia olímpica, percebe-se uma discrepância entre as leituras das tensões do mundo capitalista e o mundo socialista. Quando se trata dos países capitalistas as fontes históricas leem as tensões como ausência de *fair play*. Por outro lado, quando as tensões marcam as competições entre os comunistas, ou entre comunistas e capitalistas, os adjetivos de batalha entram em cena, e corroboram a ideia de que a competição excedeu o limite da violência. São possíveis então, duas explicações para esse fenômeno: primeiro pelo predomínio de literatura europeia e norte americana no registro e análise da história olímpica. Em segundo lugar por não existir, em nenhum momento histórico, um alinhamento ideológico entre o Comitê Olímpico Internacional e as nações socialistas. Diferentemente do que ocorre com o bloco capitalista.

sociais, como uma metáfora da guerra. O esporte era uma das armas para enfrentar a tirania e o totalitarismo soviético.

A título de exemplo, nos Jogos Olímpicos de 1956, na competição de polo aquático entre húngaros e soviéticos, a polícia australiana teve que conter a torcida, quando um jogador da Hungria teve o supercílio aberto, em uma disputa com bola dentro da piscina, e foi retirado do jogo para receber atendimento médico (CARDOSO, 2000). Essa vitória foi uma exceção, pois, naquela edição a URSS despontavam como potência esportiva no cenário mundial, resultado de um projeto de longo prazo, que teve início em 1945, com o recrutamento minucioso de crianças que se encaixavam em perfis físicos e psicológicos, previamente especificados, para ganhar uma medalha olímpica. Isso mostrou como os resultados esportivos poderiam ser alcançados ao longo dos tempos. O êxito dos soviéticos no esporte estava fundado em um trabalho interdisciplinar, que desenvolvia as qualidades dos atletas nos ginásios e centros de treinamento intensivo. Trabalho apoiado, financiado e publicado pelos meios de comunicação do Estado¹⁵ (MANDELL, 2006; SALVADOR, 2004).

A partir de então, passaram a despontar como potência mundial no esporte quebrando a hegemonia dos países ocidentais. O modelo soviético se tornou exemplo para os países que aspiravam a condição de potência esportiva em alguma modalidade. A aplicação dessa política se destacou nos outros países socialistas, a exemplo da Alemanha Oriental, Iugoslávia, Hungria e Bulgária.

¹⁵ A especialização do treinamento de atletas remonta aos Jogos Olímpicos de 1932, em Los Angeles. Essa edição olímpica foi o marco de uma nova era nos programas de treinamento, mais especializados e científicos, que submetiam o atleta a uma disciplina mais estrita, dirigida exclusivamente para alcançar novas marcas. Pois, enquanto uma vitória soma pontos no quadro de medalhas, o novo recorde perpetua em todas as competições da modalidade, até ser quebrado novamente. Tendo isso em vista, os soviéticos instituíram as Ciências do Esporte como uma política de estado, superaram décadas de estudos das universidades estadunidense. Com estudos sobre as pernas dos velocistas, que corriam em pistas artificiais; a oxigenação do sangue nas provas de resistência, ou a eficácia do vestuário esportivo em túneis de vento (MANDELL, 2006; SALVADOR, 2004).

8 A DÉCADA DE 1960 E OS JOGOS OLÍMPICOS DO MÉXICO

No auge da Guerra Fria, a década de 1960 foi marcada pelo acirramento das relações entre EUA e URSS. A crise dos mísseis em 1962 significou o ápice das tensões entre esses países, quando a presença soviética em Cuba, foi considerada inadmissível pelo governo estadunidense, que respondeu de forma imediata a ofensiva e inviabilizou os planos dos soviéticos. O término dessa ‘crise’ iniciou um período de distensão da Guerra Fria, garantindo a coexistência pacífica entre os blocos de poder (FARIA; MIRANDA, 2013). Ao desconsiderar por completo a possibilidade de um enfrentamento armado, as duas potências se voltaram se voltaram para a corrida espacial, culminando com o lançamento da Sputnik pelos soviéticos e a chegada dos estadunidenses na lua, em 1969.

O lançamento dos primeiros satélites promoveu uma revolução nos meios de comunicação, e em pouco tempo possibilitou que às transmissões televisivas pudessem ser realizadas ao vivo, transformando radicalmente os Jogos Olímpicos (RUBIO, 2006). Foi o caso dos Jogos Olímpicos de Roma, em 1960, quando as competições foram transmitidas em tempo real para a Europa Ocidental. Nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964, as disputas foram transmitidas pela primeira vez para todo o mundo, esse marco transformou a mediação entre o público com a competição, antes possível apenas pelos relatos dos jornais impressos ou da narração dos radialistas, agora podia ser vista em tempo real.

A escolha do México como cidade sede para os Jogos Olímpicos de 1968 ocorreu em um momento em que o mundo se voltava para a corrida espacial, em que as periferias do mundo viviam o confronto com a violência, a exemplo das ditaduras e das guerras genocidas, que eram testados os produtos da corrida armamentista, incluindo armas químicas, biológicas e mísseis teleguiados (SEVCENKO, 2001). Pela primeira vez na história os Jogos Olímpicos seriam realizados em um país não industrializado, na América Latina (MANDELL, 2006). As controvérsias e manifestações contrárias em relação ao evento começaram com a escolha do país sede, considerado parte do terceiro mundo, motivo que despertou aversão dos anglo-saxões (ALMEIDA; CAPRARO; MARCHI JUNIOR, 2015). O México obteve a sede dos XIX Jogos Olímpicos da Era Moderna, na reunião do COI em outubro de 1963, na cidade de Baden-Baden, Alemanha. Na ocasião a proposta da Cidade do México venceu as candidaturas das cidades de Detroit (EUA), Lyon (França) e Buenos Aires

(Argentina). “En aquella reunión la ciudad de México recibió 30 votos, Detroit 16, Lion doce e Buenos Aires dos. No es un dato menor que la ciudad capital haya triunfado en la primera ronda” (RODRÍGUEZ KURI, 2002, p.39).

A escolha da Cidade do México recebeu forte apoio por parte de Avery Brundage, então presidente do COI, devido às questões relacionadas à política internacional, como os ritmos dos conflitos da Guerra Fria, na primeira metade da década de 1960; as ameaças ao monopólio esportivo exercido pelo COI, pelos países não alinhados e; o previsto aumento dos custos que os Jogos Olímpicos de Tóquio imprimiram às futuras edições olímpicas. Por outro lado, fatores internos, relacionados à aparente estabilidade do modelo político mexicano e o desempenho favorável da economia nacional contribuíram para o apoio de Brundage àquela candidatura (RODRÍGUEZ KURI, 1998, 2015). A política mexicana, nesse período, era unipartidária e o seu presidente Díaz Ordaz governava o país de forma autoritária, aos moldes de uma ditadura. Por isso, os Jogos Olímpicos foram organizados a partir de decretos presidenciais, diminuindo a transparência das decisões políticas para destinar o dinheiro público. Essa condição autoritária de gestão, permitiu a execução de um projeto que manteve o *status* que os organizadores dos Jogos Olímpicos esperavam já nessa época, considerando que todas as obras de infraestrutura e demais despesas dependiam dos recursos advindos do poder público. Fato que gerou um enorme descontentamento da população, principalmente dos estudantes universitários.

As contradições e os conflitos políticos, internos e externos, marcaram a organização dos Jogos Olímpicos no México. Os conflitos internos foram desencadeados por grupos civis que faziam a oposição ao governo, e criticavam as inversões da política mexicana quanto a utilização de verbas públicas. Para esses grupos, os recursos investidos deveriam ser destinados às reformas sociais necessárias a um país em desenvolvimento como era o México. Denunciando que, de outra forma, a imagem veiculada pelos meios de comunicação sobre os Jogos era falsa e encobria todos os problemas e carências vividas pela população (MANDELL, 2006). Outra questão interna que afetou a organização dos Jogos, foi a definição do Comitê Organizador, que aconteceu apenas em outubro de 1966, três anos após à escolha da Cidade do México como sede dos Jogos, fato que gerou uma forte expectativa quanto ao cumprimento dos prazos para o término das construções. O atraso com as obras, gerou especulações sobre a capacidade do México de realizar

os Jogos Olímpicos, isso levou um jornal do Arizona (EUA) a pressupor sobre a possibilidade de transferência dos Jogos para Los Angeles, argumentando que a cidade contava com as instalações necessárias para realização do evento (RODRÍGUEZ KURI, 2002).

Em outra interferência, o comitê estadunidense requisitou a mudança do calendário olímpico, de outubro para os meses de abril, setembro ou novembro, alegando que as possibilidades dos turistas estadunidenses viajarem para o México nesses meses seriam maiores. Rodriguez Kuri (2015) aponta outras razões para o pedido como adiantar a agenda das emissoras de televisão, que em outubro transmitiriam o campeonato de futebol americano e a cobertura das eleições presidenciais. “No es difícil inferir que se trató, abiertamente, de un chamaje, dada la importancia política de Estados Unidos para México, la importancia de ese país como competidor olímpico y la succulenta zanahoria de los millones de dólares por derechos de televisión” (RODRÍGUEZ KURI, 2002, p.43).

Ainda em relação aos conflitos externos, o comitê organizador intermediou a tentativa dos dirigentes internacionais de convidar a África do Sul para reintegrar o grupo dos países participantes. O convite gerou protestos das outras nações africanas, contrárias à política do *apartheid*, e também da URSS, devido a influência dos EUA naquele país. Outra ameaça de boicote, foi feita pelos atletas negros estadunidenses, que viviam o auge dos conflitos raciais e a luta pela conquista dos direitos civis. Essas questões fizeram com que o comitê organizador e o COI recuassem na confirmação do convite (RODRÍGUEZ KURI, 2015).

O ano de 1968 pode ser considerado o momento em que as questões latentes da década de 1960 foram catalisadas, esse ano ficou marcado por mobilizações em escala global, sobretudo por organizações juvenis. O movimento estudantil estava organizado em diferentes países, tomaram as ruas reivindicando melhores condições de ensino, principalmente no âmbito universitário, e por reformas sociais. O mundo vivia um clima de incertezas e de mudanças, uma marca expressiva nessa edição dos Jogos Olímpicos, que ficou marcada pelos protestos que remetiam ao momento político, dessa vez, protagonizados por atletas de diferentes países, que se utilizaram da visibilidade de um dos principais eventos do mundo contemporâneo para demonstrarem que seus desejos transbordavam a esfera da competição.

Com relação a esses protestos destacamos a organização do movimento estudantil na França, que reivindicava por melhorias na educação e se transformou

em uma ameaça a estabilidade do governo do general De Gaulle. Na Tchecoslováquia as manifestações eram contra a invasão da União Soviética, marcou a “Primavera de Praga”. Nos EUA os protestos eram contra a guerra do Vietnã e pela luta dos direitos civis, principalmente pelo movimento negro (Panteras Negras), que denunciavam a segregação racial em seu país (FARIA; MIRANDA, 2013). Nos países da América Latina, em que vigorava o governo ditatorial, as organizações estudantis contestavam o autoritarismo dessa forma de governo (COUTO, 2010), que por sua vez, desqualificou o movimento chamando-os de baderneiros e perigosos e, com isso, justificou a perseguição aos estudantes.

Não eram apenas radicais e explosivos, mas singularmente eficazes na expressão nacional, e mesmo internacional, de descontentamento político e social. Nos países ditatoriais, em geral elas forneciam os únicos grupos de cidadãos capazes de uma ação política coletiva [...]. E se houve um momento, nos anos de ouro posteriores a 1945, que correspondeu ao levante mundial simultâneo com que os revolucionários sonhavam após 1917, foi sem dúvida 1968, quando os estudantes se rebelaram desde os Estados Unidos e o México, no ocidente, até a Polônia, Tchecoslováquia e Iugoslávia, socialistas, em grande parte estimulados pela extraordinária irrupção de maio de 1968 em Paris, epicentro de um levante estudantil continental (HOBSBAWN, 1995, p.292-293).

Esses movimentos rejeitavam tudo que estava estabelecido, visto como velho, obsoleto e superado. Requisitavam o “novo”, ideias libertárias e a construção de uma utópica liberdade (HOBSBAWN, 1995). Motivados por essas ideias, e com o objetivo de demonstrar ao mundo suas reivindicações, dez dias antes da abertura oficial dos Jogos Olímpicos, os jovens mexicanos organizaram uma manifestação popular, com o objetivo de denunciar os gastos excessivos e a corrupção no gerenciamento das verbas para a realização dos Jogos Olímpicos; outro ponto da pauta era, a invasão dos *campi* de duas universidades públicas. Os manifestantes se reuniram em Zócalo, em frente à catedral e o palácio nacional, a tensão acumulada estourou, quando o exército abriu fogo contra os estudantes, a manifestação foi duramente reprimida, aos moldes do protocolo de segurança adotado na década de 1960, resultando em um número não confirmados de mortes, o evento ficou marcado como o ‘Massacre de Tlatelolco’ (RODRÍGUEZ KURI, 1998, 2015; RUBIO, 2004). Avery Brundage se posicionou dizendo que se tratava de uma questão de política interna do México e que isso não interferiria no desenvolvimento pacífico dos Jogos Olímpicos, procurando

manter, com esse discurso, a condição apolítica e supranacional do Movimento Olímpico, como idealizado nos cânones da Carta Olímpica. Após esse incidente, não houve novas manifestações, passando a impressão de que a realização dos Jogos era uma festa, e contava com a unanimidade nacional.

As manifestações de caráter político, relacionados à política mundial, marcaram essa edição dos Jogos. Alguns atletas se utilizaram do lugar mais alto do pódio para apresentar ao mundo suas convicções. Esses atletas estavam em sintonia com a juventude de seu tempo, frequentadores de universidades e atentos ao que se passava em seus países, foram aos Jogos não apenas para competir. Eles tinham ideais, posicionamento político e fizeram do esporte um meio para dar visibilidade às suas convicções.

Isso ficou evidente na premiação da prova dos 200 metros rasos quando os atletas Tommie Smith e John Carlos, primeiro e terceiro colocados, respectivamente, após receberem suas medalhas, no momento da execução do hino nacional de seu país, com as cabeças abaixadas e braço levantado, com o punho fechado revestido por luvas pretas, fizeram uma referência direta ao movimento dos Panteras Negras que lutavam, principalmente, pelos direitos civis da população negra e denunciavam à segregação racial que marcava a política estadunidense. Esse é considerado o gesto de maior impacto político da história olímpica contemporânea. O gesto dos atletas medalhistas dos 200 metros do atletismo se eternizou nas imagens transmitidas, ao vivo, para todo o mundo. Desde então, o Movimento Olímpico passou a ter mais atenção aos ícones produzidos nos palcos montados por si mesmos.

O COI exigiu medidas enérgicas do Comitê Olímpico Americano, que prontamente puniu os atletas banindo-os do Movimento Olímpico, inviabilizando qualquer possibilidade de participação futura em Jogos Olímpicos (SALVADOR, 2004). Peter Norman, o atleta australiano medalhista de prata, aderiu ao protesto, usando em seu uniforme, o emblema do Projeto Olímpico para os Diretos Humanos, e foi punido com a mesma dureza. Pressionado pelo Comitê Olímpico Australiano a declarar que fora coagido pelos demais atletas, Norman reafirmou suas convicções e não renegou seu gesto. Como resposta o Comitê Olímpico puniu o atleta, relegando-o ao ostracismo em todas as competições esportivas, mesmo durante os Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000, mantiveram o atleta na esfera do esquecimento. Sua reabilitação ocorreu apenas em 2012, 6 anos após a sua morte (GAZZANIGA, 2015).

A medida tomada por Avery Brundage dividiu opiniões na delegação estadunidense, com isso, ele não participou da entrega de medalhas nas outras provas do atletismo, sob ameaça de boicote por parte dos atletas, que disseram não receber o prêmio, caso fosse entregue pelo presidente do COI. Os atletas estadunidenses demonstraram solidariedade e indignação com os companheiros de equipe, e disfarçaram as novas manifestações que remetiam aos atletas expulsos da competição.

Nos ringues o boxeador George Foreman, após derrotar o soviético Jonas Chepulis, na categoria peso-pesado, e conquistar a medalha de ouro, celebrou sua vitória tremulando uma pequena bandeira dos Estados Unidos. Esse gesto não foi interpretado como protesto, mas como uma celebração da vitória, pois está previsto nos protocolos do Comitê Olímpico e Organizador. Porém, considerando o contexto específico dessa edição dos Jogos, principalmente, após a repercussão da expulsão dos atletas do atletismo, pode-se considerar o gesto como político e anti Black Power.

Outro protesto impresso nessa edição dos Jogos Olímpicos ocorreu durante a premiação da prova de solo, da ginástica artística. A atleta, tcheca, Vera Caslavská, ao conquistar sua quarta medalha de ouro nessa edição dos Jogos, dividiu o primeiro lugar com a soviética Larisa Petrick. No momento do protocolo de premiação, durante a execução do hino nacional soviético, a atleta tcheca não prestou reverência aos símbolos nacionais daquele país. Sua recusa era um protesto contra a invasão de Praga que ocorreu meses antes do início dos Jogos Olímpicos e chegou a ameaçar a participação da atleta. Isso porque ela precisava de uma autorização das novas autoridades para sair do país (CARDOSO, 2000). Após a manifestação o Comitê Olímpico decidiu não punir a atleta tcheca, essa decisão pode estar relacionada à popularidade que a atleta desfrutava no país sede ou pela repercussão negativa da expulsão dos atletas americanos.

Esses episódios colocaram a prova a prática dos ideais estabelecidos por Pierre de Coubertin a respeito da condição apolítica do Movimento Olímpico, e demonstraram, mais uma vez, o fio tênue entre política e Movimento Olímpico, quanto ao seu posicionamento nos Jogos Olímpicos de 1968, na Cidade do México.

9 O BRASIL NA DÉCADA DE 1960

O golpe militar que depôs um presidente da República legalmente eleito e instaurou uma ditadura que manteve os militares no poder por quinze anos foi o evento político que marcou a história republicana brasileira na década de 1960. Sendo assim, essa sessão tem como objetivo fazer algumas considerações sobre o contexto social e político desse período, tendo em vista que, essas questões são fundamentais para compreender a narrativas dos atletas olímpicos, elas nos servem de pano de fundo e ressaltam as questões latentes desse momento histórico.

O Brasil não ficou à margem dos movimentos políticos que tomaram as ruas do mundo no ano de 1968. Com as ideias vindas, principalmente da França, o movimento estudantil e a ação dos trabalhadores irromperam uma série de manifestações populares em diferentes lugares do país, demonstrando sua insatisfação com o governo militar e dispostos a confrontar o processo de militarização do Estado. Essas manifestações lavaram ao enrijecimento da ditadura militar, que após quatro anos de existência se tornava, a cada ano, mais arbitrária e autoritária. O golpe militar foi uma forma de conter a política populista de João Goulart, apoiado pelas classes conservadoras e pelos Estados Unidos, que construíram um discurso de “medo” e, ao mesmo tempo, colocaram-se como a única via para impedir uma subversão da ordem e garantir a “segurança nacional”. Com isso, garantiram aos primeiros a manutenção de seu *status quo* e ao segundo, o alinhamento do Brasil ao bloco econômico capitalista.

O medo brasileiro de uma subversão da ordem tem uma relação estreita com as reformas de base proposta pelo governo João Goulart e com os fantasmas da Revolução Cubana, que colocou um governo comunista no poder ameaçando a hegemonia política e ideológica dos Estados Unidos na América Latina, “as direitas, historicamente envolvidas em aventuras golpistas, sempre na ofensiva, apareciam agora defendendo a democracia, a hierarquia e a disciplina nas Forças Armadas, os valores cristãos supostamente ameaçados” (REIS, 2014a, p.84).

Cuba foi a primeira nação latino-americana a ingressar no bloco socialista, fato que deixou o governo dos EUA cada vez mais alarmado (COUTO, 2010; VIEIRA, 2014), pois a proximidade com a URSS possibilitaria uma base de ação militar muito próxima do território estadunidense. Com a tomada do governo em Cuba, por Fidel Castro, as Forças Armadas tomaram contornos mais nítidos nos países de terceiro

mundo, organizaram uma doutrina em consonância com a política mundial, cujo discurso era garantir a segurança e o desenvolvimento da nação (FAUSTO, 1996). Com a Revolução Cubana os militares temiam uma guerra revolucionária no mundo subdesenvolvido paralela ao confronto entre os dois blocos de potências da Guerra Fria. Os acirramentos de forças entre EUA e URSS proporcionou a construção de um contexto marcadamente polarizado em que posições moderadas dificilmente podiam ser defendidas. Desse modo, nenhum país se manteve neutro ao conflito entre as duas superpotências, e o Brasil não fugiu à regra. Sobretudo, por conta de sua posição estratégica na América Latina, uma vez que faz fronteira com a maior parte dos países desse continente, somado isso, merece destaque o potencial econômico do país “estimado” pelo número da população. Essas características mantiveram o Brasil sob o olhar atento da política estadunidense, que manteve o Brasil nos planos de sua política externa garantindo a dependência econômica e o alinhamento ideológico ao bloco capitalista.

A relação entre EUA e Brasil foi estremecida no governo de Jânio Quadros (1960-1961) que propôs uma “política externa independente”; a implantação dessa política significava que o Brasil poderia se relacionar com os países do bloco socialista. Jânio Quadros foi “encarado como uma via para impedir que o maior país da América Latina escorregasse pelo caminho da instabilidade e do comunismo” (FAUSTO, 1996, p.440). Esse posicionamento da política brasileira feria o alinhamento acordado com os Estados Unidos em um momento que as tensões da Guerra Fria se voltavam para a definição dos aliados as grandes potências. João Goulart (1961-1964), sucessor de Jânio Quadros enfrentou resistências em seu governo quanto ao modelo político que propôs. O plano trienal proposto por Jango previa as reformas de base, a título de exemplo, o plano previa a reforma agrária, política e educacional. As reformas significavam uma tentativa de modernização do capitalismo brasileiro para diminuir as desigualdades sociais do país, porém, essas medidas encontraram forte resistência, principalmente das classes dominantes, que viram na proposta do governo uma tentativa de implantar o comunismo no Brasil, as “reformas, caso realizadas, provocariam uma radical distribuição de renda e de poder e uma ampliação notável da noção de cidadania” (REIS, 2014a, p.80). Sendo assim, o impacto previsto com essas políticas despertou a insatisfação das classes conservadoras e, ao mesmo tempo, do governo estadunidense, “o medo do caos, do comunismo, a ameaça do nivelamento social, da desestruturação da família, tudo isso

assombrava os espíritos e não apenas das elites sociais, mas de segmentos populares” (REIS, 2014a, p.84). Para esses setores da sociedade brasileira, a entrada de Jango no governo significava a volta da política populista de Getúlio Vargas, de acordo com Fausto (1996, p.442) “João Goulart significava a encarnação da república sindicalista e a brecha por onde os comunistas chegariam ao poder”.

Em meio a um quadro social insustentável com os confrontos entre os grupos de direita e esquerda, civis e militares, somado à pressão do governo dos Estados Unidos para o alinhamento do Brasil em seu bloco político na Guerra Fria, estava montado o cenário político propício para o golpe militar (GASPARI, 2014; REIS, 2014b). Sendo assim, a implantação de uma ditadura militar foi o caminho encontrado e ostensivamente apoiado pelos Estados Unidos¹⁶. Utilizando um discurso de “doutrina de segurança nacional”, o regime militar se mostrava como a única via segura para impedir a desordem, promover o crescimento econômico e formar uma barreira contra o comunismo.

Acabou, porém, prevalecendo o improvável, a vitória, sem luta, dos golpistas. Evidenciaram, sem dúvida, capacidade de decisão muito superior, atestada pela própria determinação de iniciar o golpe com tropas constituídas apenas de recrutas e com escassa munição (REIS, 2014a, p.84-85).

A organização de um governo militar no Brasil definiu as linhas de um regime político autoritário capaz de impedir manifestações populares, vistas como subversão da ordem, uma anarquia populista. Sendo assim, de forma autoritária, o governo militar se encarregou de desfazer as organizações sindicais e estudantis, proibiu as greves e as manifestações populares. Com o mesmo propósito, o modelo de ditaduras militares se estendeu para outros países da América Latina, pois eram consideradas “ditaduras confiáveis do ponto de vista norte-americano, pois não admitiam a presença de organizações comunistas em seus territórios” (FARIA; MIRANDA, 2013, p.49). As classes sociais mais privilegiadas, com o apoio de alguns setores populares, abriram mão de sua liberdade para manutenção do seu domínio econômico e *status quo*, temendo uma radicalização popular semelhante à Revolução Cubana.

¹⁶ “hoje está provado que ele [governo americano] soube antecipadamente do golpe militar de 31 de março de 1964” (COUTO, 2010, p.24).

Mobilizavam-se grandes empresários, representantes de capitais nacionais e estrangeiros, proprietários de meios de comunicação, chefes políticos de diferentes partidos, hierarcas civis e religiosos, mobilizando segmentos das camadas médias e mesmo setores populares. Compartilhavam um grande medo, o de que a sociedade brasileira estava deslizando para a subversão da ordem, o caos social e político (REIS, 2014a, p.80).

Com o golpe militar, prontamente os militares conduziram o general Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1967) à presidência, legitimaram seu governo por meio da publicação do primeiro Ato Institucional (AI-1) que deu poderes excepcionais ao governo militar. Esse foi o primeiro de uma sucessão de decretos que tiveram por objetivo limitar o livre exercício da cidadania dos brasileiros. O AI-1 foi acompanhado pela repressão política, momento em que foram suspensas as eleições diretas para presidente e proibida a formação de partidos políticos sem o expresse consentimento do estado. Após o decreto do AI-2 esses direitos também foram suprimidos, o que reforçou os poderes do presidente da República com atos complementares. O governo passou a legislar por meio de decretos-leis e ampliou a ideia de segurança nacional. Nesse Ato, a medida mais importante foi a extinção de todos os partidos políticos existentes e a instituição de eleições indiretas para presidente da República. Esse Ato foi complementado pelo AI-3 que estendeu as eleições indiretas também para os estados. Somado às restrições dos direitos políticos Castelo Branco fundou o Serviço Nacional de Informação (SNI), responsável pela espionagem da sociedade e por praticar crimes contra a democracia e os direitos humanos, por exemplo, a prática de tortura contra seus opositores (FAUSTO, 1996; GASPARI, 2014).

Novas medidas políticas de repressão foram tomadas sob o governo do general Artur da Costa e Silva (1967-1969), ministro do Exército. Ele foi eleito de forma indireta, a partir de um decreto de Castelo Branco. As medidas adotadas pelo novo governo tinham como objetivo garantir a “unidade revolucionária”, para isso, decretaram a limitação da autonomia dos estados e a centralização do processo de tomada de decisões. Os órgãos de segurança do estado foram favorecidos com a “Lei de Imprensa e a Lei de Segurança Nacional” que impunham a censura aos meios de comunicação, facilitando o controle das pessoas que faziam oposição ao governo militar repressor. Essa medida permitiu que sindicatos, a União Nacional dos Estudantes (UNE), Universidades, jornais, rádios e demais organizações civis fossem

ocupadas e destruídas. Os opositores eram presos, torturados, mortos ou desapareciam.

Esse contexto levou ao fortalecimento de movimentos populares contrários ao governo, e como resposta sentiram o enrijecimento do regime militar, pois os princípios de liberdade de expressão e de manifestação colidiam com os 'novos' valores decretados pelo governo militar. Estava instalado uma política de repressão política e cultural, os movimentos contrários ao governo foram reprimidos por todo o país. Mesmo assim, inspirada pelos movimentos de outras partes do mundo, eclodiram greves nos principais centros industriais, a resistência civil brasileira se organizou e, em consonância com o movimento estudantil, tomaram as ruas das principais cidades do país com o objetivo de demonstrar sua insatisfação com o governo militar. A repercussão desses movimentos tem seu ápice com o evento que ficou conhecido como a "sexta-feira sangrenta", no dia 21 de junho de 1968, quando uma passeata no Rio de Janeiro se transformou em uma verdadeira batalha entre estudantes e policiais. Após esse episódio, a sociedade civil se organizou em grandes manifestações, dentre elas, uma mobilização que reuniu cerca de 100 mil pessoas, e percorreu pacificamente as ruas do centro do Rio de Janeiro.

O auge da repressão veio com a publicação do Ato Institucional nº 5, esse decreto deu plenos poderes para aniquilar todos os movimentos de oposição à ditadura militar, e ainda, mobilizou todas as forças para conter um processo de guerra civil revolucionária. Conforme Couto (COUTO, 2010, p.40) a partir do decreto AI-5 "ser de esquerda, mesmo não revolucionário, passou a ser caso de polícia".

Se tudo desse certo, o Ato Institucional de abril de 1964 seria o único. Não foi. Se tudo desse certo, o Marechal Costa e Silva governaria com a constituição de 1967. Não governou. Se pelo menos algumas coisas dessem certo, o AI-5 duraria menos de um ano. Durou dez. Se as coisas não descem tão errado, as Forças Armadas, depois de se envolverem com tarefas de repressão política, regressariam às suas tarefas profissionais. Não regressaram (GASPARI, 2014, p.143).

Ao contrário dos outros Atos Institucionais o AI-5 teve sua vigência indefinida, foi o mais abrangente e arbitrário instrumento do regime militar. Com esse decreto o golpe militar de 1964 se completou e se radicalizou. Os militares abandonaram o posto de moderadores das crises do governo republicano para governar, substituindo o poder civil por prazo indeterminado. Esse decreto determinou uma situação de

“Estado de Sítio”, com isso, o congresso foi fechado, mandatos de parlamentares e direitos políticos foram cassados, estabeleceu-se a censura da imprensa e inquéritos militares passaram a ser sigilosos. Para Couto (2010), a “ditadura não se assume como ditadura”, ressaltando a expressão de Elio Gaspari (2014), é uma “ditadura envergonhada”. No entanto, a repressão política se exacerbou e exagerou nos métodos e nas ações. Intimidações, torturas, sequestros, desaparecimentos e mortes marcaram o auge do autoritarismo militar no Brasil.

Os atletas brasileiros que foram aos Jogos Olímpicos de 1968 na Cidade do México deixaram o país em meio a esse clima hostil da ditadura militar, o Brasil estava próximo a um colapso, a uma guerra civil. Porém, essa viagem não afastou os atletas dos movimentos que reivindicavam por mudanças, já que esse consistia no ideal dessa geração, embora utópico, o objetivo era transformar o mundo.

10 ENTRE HISTÓRIAS E FRAGMENTOS: AS ESTILHAS DA NARRATIVA

Antes do leitor adentrar à leitura das narrativas, algumas advertências são necessárias para garantir a compreensão da proposta e a organização do texto. A princípio pontuo, que as narrativas, são construções do presente sobre o passado. Ao falar do passado os atletas fizeram uma leitura retrospectiva, somando a experiência e as informações acumuladas ao longo desses anos sobre aquilo que eles viveram no México em 1968.

Alguns desses atletas apresentaram em suas narrativas presentes, uma compreensão sobre aquilo que aconteceu nos Jogos olímpicos em questão, que não necessariamente representa sua consciência naquele momento, ou seja, muitos deles não tinham a dimensão dos eventos nacionais e internacionais que ocorriam na época em que eles desempenhavam o papel de atleta, porém, essas questões atravessaram as experiências dos atletas nos Jogos Olímpicos, algumas vezes de maneira tangível, que era impossível ignorar.

No decorrer da narrativa existe uma discrepância entre o número de sínteses biográficas e o número de fragmentos narrativos. Isso porquê, dos oitenta e um atletas que estiveram nos Jogos Olímpicos da Cidade do México, cinquenta e quatro foram entrevistados. As sínteses biográficas foram retiradas do livro “Atletas Olímpicos Brasileiros” (RUBIO, 2015).

É importante ressaltar ainda que os dados oficiais, como datas e resultados de provas, que constam nas narrativas, não foram corrigidos, eu mantive a fala do narrador em todos os casos, sempre o buscando entender o significado atribuído a esses resultados, e não sua correspondência as marcas oficiais. Sempre que possível mantive a incerteza do narrador quanto a esses números. Porém, em alguns casos a certeza compõe a narrativa, e não necessariamente o dado apresentado corresponde aos dados oficiais.

Outra advertência diz respeito à forma de escrita das narrativas. Ao leitor que espera, ou está acostumado, a uma escrita da história onisciente e onipresente, essa história foi escrita essencialmente a partir das narrativas dos atletas, ou seja, carregam em si sua singularidade e são expressões das experiências de vida de cada atleta. Desse modo, o leitor não deve ser passivo na leitura do texto, a tessitura das estilhas para a construção do mosaico, é um trabalho do leitor. O texto depende

necessariamente do seu trabalho imaginativo para formar uma imagem no fim da narrativa.

Esse processo, se assemelha a contemplação de um mosaico, que ganha seus contornos e a nitidez necessária quando o observador se distancia da obra. Esse distanciamento é responsável pela definição da imagem e pela beleza das cores. O tempo cuidará das arestas, sempre com o cuidado de deixá-la com uma moldura provisória, pois, com o passar dos anos, com novas pesquisas, novas estilhas podem aparecer. Nesse processo algumas estilhas podem ser substituídas, ou então, novas estilhas podem compor em sua infinidade as versões dessa história.

10.1 ATLETISMO

Síntese biográfica

Aída dos Santos

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 1º de março de 1937, mas estudou e morou em Niterói - RJ. De família humilde, não teve muitas oportunidades para praticar esportes. Ajudava a mãe nos afazeres domésticos, o que lhe dava pouco tempo para fazer outras coisas. Gostava do voleibol, mas foi no atletismo que surgiu a oportunidade para treinar e se destacar. Acompanhando uma amiga ao estádio Caio Martins, fez um salto a convite dela e chegou a 1,40 metros de altura, sem nenhuma técnica. O recorde era de 1,45 metros. Em sua primeira competição saltou 1,50 metros. Ao mostrar sua medalha para o pai, levou uma surra, pois para ele “esporte era coisa de vagabundo”. No início da década de 1960, com 19 anos, começou a competir pelo Vasco da Gama. Com a ajuda de custo que recebia, comprava pão para levar para casa. Chegou a desmaiar de fome, mas não parou de treinar e competir. Com o fim dos esportes amadores no Vasco da Gama, foi para o Botafogo. Disputou o Troféu Brasil, saltando 1,65 metros e fez índice para os Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964. Ainda assim, teve que passar por mais cinco fases classificatórias para “reforçar” o índice já conquistado. Foi a única mulher da delegação brasileira dessa edição olímpica. Não tinha uniforme, nem técnico, nem qualquer apoio. Foi à pista apenas nos dias de treinamento e na competição e lá contou com apoio da colega cubana Miguelina Copian. Ainda assim, obteve o 4º lugar, sendo a primeira atleta brasileira a chegar a uma final olímpica. Não conquistou a medalha, mas voltou consagrada. Nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967, participou do pentatlo e conquistou a medalha de bronze. Foi aos Jogos Olímpicos do México, em 1968, competindo no pentatlo. Voltou a conquistar o bronze no pentatlo nos Jogos Pan-Americanos de Cali, em 1971. É formada em Educação Física e Pedagogia. Compete no voleibol e no atletismo máster até o presente. É mentora do Instituto Aída dos Santos e mãe da atleta olímpica Valeskinha.

Irenice Maria Rodrigues

Nasceu em Itabirito - MG. Foi afiliada ao Vasco da Gama, onde fazia salto em altura. Transferiu-se para o Botafogo, onde experimentou as provas do salto em distância, dos 400 metros rasos e dos 800 metros, no início de 1965. Desafiou as normas do esporte ao se dedicar aos 800 metros. Era uma prova proibida às mulheres. Tornou-se recordista brasileira dos 400 metros rasos; e sul-americana dos 800 metros. Foi aos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967 e estabeleceu o primeiro recorde reconhecido, dos 800 metros. No ano seguinte, foi aos Jogos Olímpicos do México. Porém, um desentendimento com outra atleta, já na Vila Olímpica, levou ao seu desligamento e ao retorno forçado ao Brasil, antes da competição acontecer. Formou-se em Letras. É falecida.

Maria da Conceição Cipriano

Nasceu no Rio de Janeiro, em 18 de dezembro de 1943. Era atleta do salto em altura e começou no atletismo no Flamengo. Participou dos Jogos Pan-Americanos de São Paulo, em 1963 e de Winnipeg, em 1967 e, em ambos, terminou na 4ª colocação. Posteriormente, transferiu-se para o Botafogo. Participou dos Jogos Olímpicos do México, em 1968, terminando a prova do salto em altura em 11º lugar.

Em 1970, transferiu-se para Santo André e, em 1971, foi ainda aos Jogos Pan-Americanos de Cali.

Nelson Prudêncio

Natural de Lins - SP. Nasceu em 04 de abril de 1944. Filho de um agricultor, cresceu correndo pelo campo e saltando rios. Viveu em Lins até os 12 anos, quando se mudou com a família para Jundiaí, onde começou a jogar futebol. Resolveu se dedicar aos estudos e desistiu da bola. Tinha 20 anos, quando foi visitar o ginásio de esportes da cidade e foi, então, convidado a fazer um salto triplo, saltando aproximadamente 11 metros. Começou a treinar, mas precisava também trabalhar e estudar. Os treinos ficavam restritos às quartas-feiras, no final da tarde e aos domingos. Em 1965, foi campeão brasileiro do salto triplo e pela primeira vez viajou para fora do estado. Conquistou a medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967. No ano seguinte, participou dos Jogos Olímpicos do México e chegou a quebrar o recorde mundial saltando 17,27 metros, marca depois superada por outro concorrente na mesma prova, ficando, então, com a medalha de prata. Nessa época, já era estudante de Educação Física e não acreditava que teria mais oportunidades competitivas, por isso passou a se dedicar menos aos treinos. Em 1971, já terminando os estudos, foi procurado pelo técnico Roberto Clóvis do Nascimento, que o convenceu sobre suas reais possibilidades de obter, novamente, um bom resultado. Foi medalhista de prata nos Jogos Pan-Americanos de Cali, em 1971. No ano seguinte, foi medalhista de bronze nos Jogos Olímpicos de Munique, quando novamente saltou na casa dos 17 metros, conquistando sua segunda medalha olímpica. Em 1975, foi ainda aos Jogos Pan-Americanos do México, onde ficou com o 4º lugar. Já casado, com filhos e trabalhando como professor de Educação Física, foi aos Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976. Tornou-se professor da Universidade Federal de São Carlos. Fez mestrado e é o único medalhista brasileiro a ter defendido um doutorado, em Ciências do Esporte na Unicamp. Foi vice-presidente da CBAAt. Faleceu em novembro de 2012, vítima de um câncer no pulmão.

Fragmento narrativo

Aída dos Santos

Eu moro em Niterói, sempre morei, minha história de vida foi no atletismo. Eu comecei com 19 anos, comecei no atletismo por acaso porque eu gostava mesmo era de voleibol. Eu participei de dois Pan-Americanos, de Winnipeg no Canadá. No salto em altura, ganhei medalha de bronze, depois, em Cali, Colômbia, no pentatlo, ganhei medalha de bronze, terceiro lugar.

Jogos Olímpicos

Fui para a Olimpíada do México em 1968, para fazer o pentatlo. Eu estava com o técnico, tinha acabado de treinar, estava sentada, chegou um repórter querendo que eu saltasse para ele ver, eu falei para o técnico, “eu tenho que me aquecer”, ele falou, “não, mulher não tem distensão não”, eu obedeci, na primeira barreira eu caí, torci o joelho, lesionei o joelho, ele me pegou no colo, colocou em um taxi, me levou para a Vila Olímpica, no quarto ele falou, “não fala com ninguém”, depois veio o médico, o chefe da delegação, e falou, “você não pode competir, vamos ter que ir para o hospital”.

A competição foi cinco dias depois, eu falei, “eu vou competir”. Peguei minha chuteira de pregos, por minha conta, e fui para a pista, quando estou na pista chega o médico, o dirigente, “você não pode se aquecer”, eu fui sem me aquecer. Tenho um foto, de um jornal do México, eu terminando a última barreira, o médico me segurando, eu segurando a perna, colocando gelo no meu joelho a cada prova, o pentatlo são cinco provas, e os médicos do meu lado, “mas eu fiz”, eram mais de trinta concorrentes, eu fiquei em vigésimo lugar.

Nelson Prudêncio

Essa história a gente vem contando há muito tempo, eu nasci em Lins em uma pequena propriedade que o meu pai tinha, cuidava mais do café e do leite.

Eu passei dois anos treinando às quartas e domingo, quando eu fui trabalhar na Promeca, próximo a Jundiaí. Tem que ser um europeu, mesmo. O dono era um francês, ele soube dos meus resultados, ele passou a me dispensar às quartas-feiras, para que eu pudesse treinar, “já melhorou”, passava as quartas-feiras e já saía, fazia um turno meio danado, sempre em revezamento.

Mesmo assim, em nível de Pan-Americano os Estados Unidos tinham competidores de peso, como eles têm tradição, não se preocupam em participar do Pan-Americano, com rara exceção, eles se preparam mesmo para os Jogos Olímpicos, que naquele tempo seria no México. Então, os bons atletas dos Estados Unidos a gente não teve a oportunidade de ver nesse Pan-Americano.

Nessa competição das Américas os Estados Unidos não eram tão fortes no salto triplo. Eu fiz parte da seleção das Américas em 1967, era a única competição em vista, daí para frente creio que despertou no mundo uma atenção, alvo da mídia internacional. Eles falaram, “o Brasil tem alguém, eles devem ter uma escola lá”, “e até hoje não tem”.

Naquele tempo, o técnico passou a ser o Roberto Clóvis do Nascimento, ele tinha uma visão mais técnica. Ele conseguiu e eu fiquei treinando com ele no Pacaembu, no ano dos Jogos Olímpicos. Então, realmente houve a oportunidade de ter pelo menos uma parte do dia para treinar, eu fiquei treinando, praticamente como se fosse empregado, prestando serviço à Prefeitura de São Paulo no Pacaembu, a mídia realmente começou a aparecer. Eu falei, “bom, tenho uma responsabilidade frente a essa situação”.

O Clóvis era bastante interessado, como ele passou um tempo na Alemanha, ele assinava as revistas de lá, principalmente a Athletic, a cada quinze dias a gente tinha informações do que estava ocorrendo no mundo. A gente sabia “who is who” na competição.

Um erro dos nossos dirigentes, digo erro na ausência de outra palavra, era exigir resultados dois meses antes, é praticamente impossível. Eu nunca cumpri isto, eu tinha uma programação, o Clóvis fazia uma programação, como naquele instante, dentro do Brasil, eu era o único atleta com expressão. Nós não tínhamos quatro, cinco, atletas de ponta, eu era o único, falaram, “tem que levar e acabou”.

A competição

Quando iniciaram os Jogos Olímpicos em 1968, eu fazendo um aquecimento, durante a prova, o Clóvis solicitou que eu saltasse. Eu nunca tinha saltado assim, a não ser em competição de dezesseis metros, numa manhã, ele falou, “vamos fazer três saltos”, “mas não precisa medir”. Ele falou que o resultado estava bom, eu falei, “quanto?”, “não importa, está bom”, havia gente filmando, começaram a prestar mais

atenção, depois ele me contou que o resultado estava acima dos 16m35cm. Eu nunca tinha feito essa marca, mas creio que foi a motivação, ver os Jogos Olímpicos.

No México teria o problema da altitude, necessitaria de um condicionamento muito maior, devido a rarefação do ar.

México em 1968 foi aquilo que a vida permite, que o nome da gente seja escrito no livro da história. Todo o processo fez com que os resultados aparecessem, não foi simplesmente a altitude, embora saibamos que isso favorece as provas de curta distância e saltos. Eu atribuo muito mais à preparação física do atleta e a qualidade do tartan, a capacidade de reação do tartan era excelente.

Eu nunca tinha competido em uma pista de tartan, logicamente em todos os Jogos Olímpicos a gente tinha pelo menos quinze dias para fazer esse contato com a pista, isso permitia que a gente fosse se habituando.

A prova

Quando iniciou a prova, logo de cara, Giuseppe Gentile saltou 17m10cm, o mínimo para classificar era 16m56cm, algo assim, “e o homem já estoura a boca do balão”. Eu falei, “Vixe Maria, que beleza”, assim que iniciou a prova ele foi um dos primeiros a saltar novamente, 17m22cm, falei, “Ave Maria”, então a briga ficou boa.

Três dias antes eu assisti um show do Duke Ellington, foi num saguão, eu vi que havia um pódio lá, logicamente, um mexicano no primeiro lugar, um americano, e um negro de camisa amarela. Eu falei, “pronto, eu vou levar uma medalha”, eu não sei se foi introspecção, introjeção, premonição, aquilo ficou instalado em mim. Uma verdade ali, eu não sabia quanto ia fazer, mas alguma coisa me dizia, “eu vou subir no pódio”.

Eu não previa o resultado, 17m era uma coisa fantástica para mim, só grandes atletas faziam, “se eu pudesse fazer 17m, imagine”, “eu não posso nem sonhar com isso”, “mas que eu vou subir lá eu vou”. Isso eu tinha certeza.

Iniciou a prova, 17m22cm, logo após, Saneyev fez 17m23cm, no terceiro salto eu fiz 17m05cm, “bom, já estou cotado”, “já estou no quadro”. Não era acomodação, mas o que tinha em mente estava assegurado, no quarto salto, Dudkin fez 17m09cm, eu fui para quarto lugar, nisso eu já estava no quarto salto, falei, “não, uma é minha”, eu lembro bem, eu estava abaixado, ia tomar um gole d’água. Toda vez que a gente olhava para o pódio a coisa virava de uma hora para outra, novo recorde mundial e olímpico, falei, “parece brincadeira isso aqui”, agora eu digo isso, mas na hora ‘H’ eu só via isso pela ovação do público, porque quando a gente fica totalmente voltado para a prova, introspectivo mesmo e, logicamente que a gente dá aquela corrida de olho no placar eletrônico, para ver como a gente estava, aquela preocupação de ficar vendo como o atleta faz isso ou aquilo. Isso se fecha, você olha o resultado final do salto e fala, “nossa, essa briga está para cachorro grande”, mas eu disse, “uma é minha”.

Naquele instante o Clóvis gritava e tudo mais, mas você não ouve nada. Vira uma redoma de vidro e não ouve, por mais que as pessoas possam gritar, nesse estágio de concentração, essa introspecção, realmente fecha, você vê aquilo, só vê aquilo.

Eu falei, “uma é minha”, me afastei e saltei, quando eu vi, 17m27cm, o bacana é que o Clovis deve ter visto aquele resultado no treinamento, naquele momento ele falou, “caso você bater o recorde do mundo, faça de conta que você saltou doze metros”. Eu falei, “acho que ele pirou”, “aquilo é para gente grande, não para mim”, “faça de conta que você saltou doze metros”.

Quando eu saltei 17m27cm, a única coisa que lembro é aquele, a ovação do estádio, falei, “não vou nem olhar para o placar”. Não acabou a competição ainda, terminei de saltar, peguei um agasalho e sentei, aí anuncia, “novo recorde mundial e olímpico”. Desmoronou, eu comecei a chorar, eu não esperava uma coisa dessas, “beleza, surgiu mais um”, a briga estava boa mas nada definido, haviam mais dois saltos. Falei, “não quero mais nada não, já cheguei”, “recorde mundial e olímpico”, eu estava extasiado, mesmo com a competição desenrolando, realmente desestruturou.

No último salto, Viktor Saneyev fez 17m39cm, para mim estava excelente, subir no pódio, com recorde mundial e olímpico, ainda trazer uma medalha olímpica para casa, a missão estava completa.

Passei uma temporada nos Estados Unidos, era outra estrutura, tudo sempre organizado, hotel, dinheiro, tudo. No Brasil, nesse tempo, nem podia falar nisso, eu abri a boca uma vez, falei, “mas nós temos direito”, “mas vocês já recebem passagem”, “está escrito lá, você tem direito a não sei quantos dólares por dia”, “tem direito, e nós vamos reclamar”, foi umas das primeiras vezes que recebemos, já fiquei marcado, então me colocaram como capitão da equipe, embora houvessem outros atletas com mais vivência dentro da seleção brasileira.

Depois de 1968, eu recebi um convite para passar uma temporada nos Estados Unidos, que serviu como uma vivência nos Estados Unidos. Saber quem é quem, posteriormente eu tive a felicidade de ser convidado por John Carlos, Tommie Smith e Lee Evans para fazer universidade nos Estados Unidos.

Logicamente eu queria o “C and A”, o cônsul foi até São Carlos, eles queriam me dar no México, eu ia fazer Ciências Sociais. Não pelo curso, mas eu falei, “não tem a ver com a minha carreira”, “agradeço, e tudo mais”, e não me arrependo até hoje, “se tiver o “C and A” eu topo”. Queria estar entre as ‘feras’, fazer uma coisa que valia a pena, para deixar o país e tudo mais. Isso me serviu para uma série de vivências, eu já estava fazendo o curso de Educação Física em São Carlos, muda-se as condições de treinamento, não é possível se dedicar, nós tínhamos aula o dia todo. Eu também fui convidado a ir para Rússia, mas não era permitido. No passaporte estava lá, “não é válido para Cuba e Rússia”, eram as circunstâncias da época, eu falei, “vixe Maria”.

Nessa época, eu morava em Jundiaí, e morava alguém em cima, no segundo andar. Eu estava em um restaurante, eu estava namorando naquele tempo, o cara sentou do meu lado, começou a bater papo, eu lembro. Era um cara barbudão, ele disse assim, “ah, você recebeu um convite para ir para Rússia”, acendeu uma luzinha, “caso você for para a Rússia vão dizer que não foi Graham Bell que inventou o telefone”, “Newton não falou nada da terceira lei”, “vão tentar colocar coisas na sua cabeça”, Falei, “não diga”, você automaticamente está totalmente alheio, avesso, ao que está acontecendo no país, era um período que politicamente passava por confusões, é uma das coisas assim que, talvez eu possa ter uma vontade, ainda ficou algo lá dentro.

Eu havia encerrado minha carreira depois das Olimpíadas, estava com 24 anos, mas não tinha mais pretensões de me dedicar. Naquele tempo, a escola era muito mais importante, as condições eram outras, participava dos jogos universitários, mas não com aquela preparação.

10.2 BASQUETEBOL

Síntese biográfica

Antonio Salvador Sucar

Nascido em Lules, na Argentina, em 14 de junho de 1939, veio para o Brasil aos sete anos. Morava no bairro de Perdizes, em São Paulo, onde fez toda a sua escolarização. Conheceu o basquetebol na quadra de terra do Colégio Batista Brasileiro. No final do ensino médio, beirava os dois metros de altura, algo incomum para a época. Sócio do Sírío, foi direcionado para uma equipe juvenil recém-formada, que chegaria à 3ª colocação do campeonato paulista, já na primeira disputa. Aos 17 anos, foi transferido para a equipe de aspirantes, quando conquistou seu primeiro campeonato estadual, em 1957, antecipando sua convocação para a equipe principal. Aos 18 anos, integrou o grupo que se preparou para o campeonato mundial de 1959, mas sua naturalização não ficou pronta a tempo. Ainda assim, participou da conquista da medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Roma, em 1960; fez parte da seleção bicampeã mundial, em 1963; e conquistou a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964. Participou, ainda, dos Jogos Olímpicos do México, em 1968, quando a seleção brasileira ficou com a 4ª colocação e encerrou sua participação na seleção. Continuou jogando pelo Sírío, único clube que representou, até 1973. Nesse ano, ainda participou da campanha do vice-campeonato mundial de clubes, encerrando a carreira de atleta logo em seguida. Formado em Direito, ingressou no mercado imobiliário, atividade que exerce até o presente.

Carlos Domingos Massoni

Conhecido como Mosquito, nasceu em São Paulo, em 04 de janeiro de 1939. Seu pai trabalhava como timoneiro de remo, para o São Paulo, clube em que levava o filho para aprender a nadar. Apaixonado por futebol, gazeteava as aulas de nataço e, às escondidas, corria para o campo. Um dia, seu pai soube da desobedincia e prontamente o retirou do clube, transferindo-o para a Associação Atltica So Paulo, onde comeou a praticar basquetebol. Quando chegou categoria juvenil, foi contratado pelo Palmeiras, clube que defendeu por nove anos, ao mesmo tempo em que passou a atender s convocaes da seleo brasileira juvenil e adulta. Ganhou as medalhas de bronze nos Jogos Pan-Americanos de Chicago, em 1959; no Campeonato Sul-Americano da Argentina; e nos Jogos Olmpicos de Roma, em 1960. Participou da conquista do bicampeonato mundial de basquetebol, no Rio de Janeiro, em 1963; e da medalha de bronze nos Jogos Olmpicos de Tquio, em 1964. Foi, ainda, vice-campeo mundial em 1970 e medalhista de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Cali, em 1971. Jogou por mais de dez anos no Srio e encerrou sua carreira de atleta no So Caetano. Formado em Educao Fsica, atuou como tcnico e professor.

Carmo de Souza

Conhecido como Rosa Branca, nasceu em Araraquara - SP, em 19 de julho de 1940. Desde muito cedo, trabalhou para ajudar a famlia nas despesas da casa. Estudou na Escola Industrial de Araraquara e, nas aulas de Educao Fsica, se destacou no atletismo, at o professor Jlio Mazzei, recm-chegado dos Estados Unidos, observ-lo e o convidar para o basquete. Jogou em Araraquara at 1955, quando foi para o So Carlos Clube. Conquistou seu primeiro ttulo, nos Jogos Abertos do Interior e, no ano seguinte, foi para o Palmeiras. Em 1958, foi convocado para a

seleção brasileira adulta e, em 1959, foi campeão sul-americano e campeão mundial. Seu apelido vem da semelhança física com o motorista do então presidente Getúlio Vargas, Gregório Fortunato, marcado pelo uso de uma rosa branca na lapela. Em 1960, ganhou a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Roma. Em 1963, foi bicampeão mundial, fato inédito para o basquetebol brasileiro. Conquistou a medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo e se transferiu para o Corinthians, onde jogou até o final de sua carreira, em 1977. Em 1964, foi medalhista de bronze nos Jogos Olímpicos de Tóquio. Em 1967, foi convidado a compor os Harlem Globetrotters, equipe americana de basquete de exibição, porém, isso significaria a profissionalização e a perda de todos os títulos como atleta amador. Recusou o convite e seguiu sua vida de atleta no Brasil. Em 1977, jogou na equipe juvenil do Juventus, com a finalidade de classificar o clube, para o campeonato paulista e encerrou a carreira de atleta. Não quis jogo de despedida, nem comemorações. Formado em Educação Física, dedicou-se ao magistério e às atividades, como técnico esportivo. Foi professor contratado do SESC, por 32 anos. Faleceu em 22 de dezembro de 2008, vítima de complicações de uma pneumonia.

Celso Scarpini

Celso Luiz Scarpini nasceu em Porto Alegre - RS, em 27 de novembro de 1944. Começou no Grêmio Náutico União praticando natação e posteriormente, passou a jogar basquetebol. Em 1963, foi convocado para a seleção brasileira adulta, medalhista de prata nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo. Nesse mesmo ano, transferiu-se para São Paulo, onde passou a jogar no Corinthians. Ficou no clube por seis anos. Foi aos Jogos Olímpicos do México, em 1968, terminando a competição na 4ª colocação. Jogou ainda, no São Caetano; no Fluminense e terminou sua carreira de atleta no Grêmio de Porto Alegre. Formado em Educação Física, tornou-se técnico de basquetebol. Atualmente, trabalha com marketing esportivo.

José Edvar Simões

Nasceu em São José dos Campos - SP, em 23 de abril de 1943. Começou a jogar basquetebol no São José, time da cidade. Foi medalhista de bronze nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964. Também participou dos Jogos Olímpicos do México, em 1968; e de Munique, em 1972. Foi vice-campeão no Campeonato Mundial da Iugoslávia, em 1970. Defendeu as equipes: Corinthians, Trianon/Jacareí e Palmeiras, onde encerrou sua carreira de atleta, na década de 1970. Formado em Educação Física, foi professor assistente da Unesp, entre 1973 e 1977. Foi técnico da seleção brasileira em 1982 e também do Monte Líbano, pelo qual sagrou-se tetracampeão brasileiro, entre 1984 e 1987. Atuou nos times: Ribeirão Preto, Mogi das Cruzes e Corinthians, clube em que se tornou diretor de futebol, em 2004, permanecendo no cargo até 2007. Em 2013, voltou ao São José como técnico.

Hélio Rubens

Hélio Rubens Garcia nasceu em Franca - SP, em 02 de setembro de 1941. Membro de uma família dedicada ao basquetebol, teve influência do pai e do professor Pedro Murilo Fontes, o Pedraca. Aos 17 anos, deixou os campos de futebol para se dedicar às quadras com cestas. Quase toda sua carreira de atleta e técnico foi vivida em Franca, iniciando no Clube dos Bagres e terminando no Franca Basquetebol Clube, do qual se tornou técnico e onde atuou por 48 anos. Essa trajetória só foi interrompida no final de 2012, quando passou a dirigir o time de Uberlândia. Como atleta, esteve em três campeonatos mundiais, sendo medalhista de bronze em 1967,

no Uruguai; vice-campeão em 1970, na Iugoslávia; e bronze novamente em 1978, nas Filipinas. Conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Cali, em 1971. Fez parte da seleção brasileira, que foi aos Jogos Olímpicos do México, em 1968 e de Munique, em 1972. Esteve no comando da seleção brasileira por 96 partidas, chegando a campeão pan-americano nos Jogos de Winnipeg, em 1999. Aos 78 anos, deixou o cargo de técnico do Uberlândia, no início de 2014 e voltou para Franca.

José Aparecido dos Santos

Nasceu na cidade de São Paulo, em 15 de novembro de 1946. Era conhecido pelo apelido de “Joy” ou “Joia”. Era jogador de basquetebol do Corinthians quando foi aos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Participou dos Jogos Pan-Americanos de Cali, em 1971, onde conquistou a medalha de ouro e, no ano seguinte, esteve nos Jogos Olímpicos de Munique. Jogou, também, pelo Vila Nova, de Goiás.

Luiz Cláudio Menon

Nasceu em São Paulo, em 07 de fevereiro de 1944. Sua infância e adolescência foram marcadas pelo *bullying* que sofria dos garotos da escola, em função da alta estatura. Preocupados com a timidez e a introversão do filho, seus pais o matricularam na natação do Palmeiras, onde foi visto pelo técnico de basquetebol Túlio Di Grado que, admirado com a altura do jovem, convidou-o para treinar. Aos 16 anos, começou a jogar pelas equipes infantil e adulta. Em 1961, participou do seu primeiro campeonato paulista e, em seguida, do primeiro campeonato brasileiro. Em 1963, foi convocado, pela primeira vez, para a seleção brasileira e conquistou o Campeonato Mundial do Rio de Janeiro. No mesmo ano, foi medalhista de prata nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo. Em 1964, participou de uma excursão preparatória para os Jogos Olímpicos de Tóquio, mas, às vésperas do embarque, pediu dispensa da seleção, para poder fazer o vestibular para Medicina, curso no qual ingressou em 1965. Depois do ingresso na faculdade, continuou a jogar pelo Sírío e voltou a ser convocado, para os Jogos Olímpicos, no México, em 1968, quando a seleção terminou em 4º lugar. Em 1970, participou da conquista do vice-campeonato mundial e, em 1971, foi medalhista de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Cali. Em 1972, participou dos Jogos Olímpicos de Munique e portou a bandeira brasileira no desfile de abertura. Encerrou a carreira de atleta, em 1975, para se dedicar à Endocrinologia, sua especialidade médica.

Ubiratan Pereira Maciel

Nasceu em 18 de janeiro de 1944, na cidade de São Paulo. Era filho de pai militar e quando criança, sonhava ser jogador de futebol, o que o levou a fazer teste na Portuguesa. Sem sucesso, foi para o atletismo, especificamente, para o salto em altura. Enquanto treinava, foi convidado pelo técnico Pedro Genevicius, a treinar basquete no Esperia. Nessa época, seus pais se mudaram para o interior e ele decidiu ficar em São Paulo indo morar na garagem de barcos do clube. Em 1962, foi para o Corinthians, onde permaneceu por nove anos. Com esse time, ganhou cinco títulos paulistas e três brasileiros. Aos 19 anos, fez parte da seleção que ganhou o Campeonato Mundial de 1963, no Rio de Janeiro. Participou dos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964, quando conquistou a medalha de bronze. Foi, ainda, aos Jogos Olímpicos do México, em 1968 e de Munique, em 1972. Foi medalhista de prata nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo, em 1963; de bronze no México, em 1975; e de San Juan, em 1979. Atuou pelos clubes: Trianon, Sírío e Palmeiras e foi o primeiro jogador brasileiro de basquete a jogar em um time do exterior, o Sprungen, da Itália.

Encerrou a carreira de atleta no Tênis Clube de São José dos Campos, em 1982, mas manteve-se vinculado ao basquetebol treinando as equipes de base do mesmo clube. Foi professor de Educação Física e funcionário do Ministério da Educação e Cultura. Em 1994, ganhou a Ordem de Mérito da FIBA. Em fevereiro de 2002, teve uma parada cardíaca que o deixou em coma até falecer, em 17 de julho, aos 58 anos.

Zé Geraldo

José Geraldo de Castro nasceu em Presidente Prudente - SP, em 18 de setembro de 1950. Começou a jogar basquetebol aos 12 anos, no colégio. Em 1966, mudou-se para a capital para integrar a equipe infantil do Corinthians. Em 1971, foi para o Palmeiras, onde ficou até 1975. Defendeu Franca por dois anos e, depois, transferiu-se para São José, onde jogou por seis anos e viveu sua melhor fase como atleta. Foi convocado para a seleção brasileira aos 18 anos e participou dos Jogos Olímpicos do México, em 1968 e dos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972. Fez parte da conquista da medalha de bronze nos Jogos Pan-Americanos do México, em 1975 e de San Juan, em 1979, sua última participação em seleção. Encerrou a carreira de atleta no Sírio, em 1986. Formado em Educação Física, seguiu carreira de técnico dirigindo equipes de base e adulta do Tênis Clube São José dos Campos e ADC Embraer. Recentemente, assumiu o cargo de delegado da FPB, designado para acompanhar as equipes em jogos oficiais. Em 2012, foi nomeado gerente de basquete da Associação Esportiva São José, função que desempenha até o presente.

Wlamir Marques

Nasceu em São Vicente - SP, em 16 de julho de 1936. Sua infância é marcada pela prática de várias modalidades esportivas. Foi recordista brasileiro na natação pelo Clube de Regatas Tumiáru, onde também praticou voleibol; futebol; basquetebol e atletismo. Aos 16 anos, transferiu-se para o XV de Piracicaba para jogar basquetebol e foi convocado para a seleção brasileira para disputar o campeonato mundial de 1954, quando foi considerado um dos cinco melhores atletas da competição. Em 1955, foi medalhista de bronze nos Jogos Pan-Americanos do México e, em 1956, participou dos Jogos Olímpicos de Melbourne. Participou, também, da conquista do título mundial, em 1959 e, no mesmo ano, foi medalhista de bronze nos Jogos Pan-Americanos de Chicago. Em 1960, conquistou a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Roma. Em 1962, passou a jogar no Corinthians e, no ano seguinte, foi bicampeão mundial e medalhista de prata nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo. Em 1964, conquistou sua segunda medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Tóquio. Em 1968, foi aos Jogos Olímpicos do México e se retirou da seleção para se dedicar à vida profissional. Foi, ainda, ao Campeonato Mundial de 1970, quando se sagrou vice-campeão. A convite do prefeito Brigadeiro Faria Lima, foi coordenador de uma escola de basquete em um Centro Esportivo localizado do bairro de Vila Maria, em São Paulo. Formado em Educação Física pela Fefisa, tornou-se professor do Colégio São Luís, onde lecionou durante 14 anos. Nesse mesmo período, tornou-se professor da Fefisa e da Unesp. Atuou, ainda, como técnico das equipes Cerquillo; Rio Claro; Piracicaba; Palmeiras e São Paulo. A partir de 1982, foi convidado por emissoras de televisão para atuar como comentarista de basquetebol, posição que o levou a mais quatro Jogos Olímpicos. Desde 2001, é comentarista na ESPN nas transmissões nacionais e internacionais de basquetebol.

Fragmento narrativo

Celso Scarpini

Eu nasci em Porto Alegre, passei um período da minha vida em São Paulo jogando no Corinthians, depois joguei no Fluminense no Rio de Janeiro. Passei por três estados na minha vida esportiva.

Eu joguei seis anos no Corinthians, fomos campeões paulista de interclubes, porque era uma seleção brasileira, tinha o Amauri, Ubiratã, Rosa Branca, nomes que as novas gerações não conhecem.

Era uma seleção poderosa, basta dizer que foi bicampeã do mundo, nós fomos campeões em 1958 e em 1963, eu não participei desses campeonatos mundiais, porque eu entrei na seleção brasileira em 1963.

Depois eu participei das Olimpíadas do México, nós fomos quarto colocado, até hoje me lembro que nós perdemos por um ou dois pontos para a Rússia, ficamos entre os quatro finalistas. Fomos disputar o terceiro lugar, também perdemos por uma cesta para a Iugoslávia.

Eu saí do Corinthians e fui para o São Caetano. Nessa passagem, o São Caetano cresceu muito a ponto de disputar as finais do campeonato paulista. Com isso eu tive a sorte de me despontar, eu fui convocado para as Olimpíadas do México, eu já tinha participado de seleções anteriores, então já conheciam o meu nível técnico, umas das razões pela qual fui chamado.

Os Jogos do México foram espetacular, nós fomos muito bem recebidos no México, estávamos ganhando de todo mundo, fomos semifinalistas, a organização do campeonato foi espetacular. Para ter uma ideia, tinha o ginásio principal para as disputas com capacidade para quinze a vinte mil pessoas. Ao lado tinha outro ginásio, para dez mil pessoas, não que tivesse, era um lugar só para o aquecimento, fazer algum treinamento, não misturava uma coisa com a outra.

A organização nas Olimpíadas do México foi fantástica, a confraternização, tive a oportunidade de conhecer o pugilista Carlos Monzón, que ficou na história, o George Foreman, também foi um lutador que ficou para a história. Eles estavam participando dos Jogos, então a Olimpíada dá essa possibilidade de você conhecer as maiores revelações, os maiores atletas do mundo, que deixaram aquela imagem muito boa das realizações que tiveram.

O momento que mais me marcou era quando tocava o hino nacional, esse é o maior feito que pode ter, porque você está dentro da maior competição do mundo cantando o hino nacional do teu país. E, também, a abertura dos Jogos foi fantástica, foi no Estádio Asteca, foi um momento muito marcante.

Eu estudei durante minha carreira de atleta, eu fiz educação física, e depois que encerrei minha carreira me tornei técnico de basquete.

Edvar Simões

Desde os primeiros passos eu fui muito ativo, logo na infância já corria atrás de bola, a bola fez parte da minha vida inteira, eu jogava muito futebol, como todo garoto brasileiro. Quando eu entrei no ginásio comecei a fazer Educação Física, tive uma queda pelo basquete, segui em frente com o basquete, passei a treinar em clubes, e tive uma vida ligada a bola.

Quando eu terminei o colegial tentei fazer faculdade de economia, mas no segundo ano desisti. Não era aquilo, então eu fiz Escola em São Paulo, na USP, com

24, 23 anos, eu comecei a treinar equipes. Já disputava campeonato infantil e juvenil como técnico, eu era técnico das categorias menores.

Depois que eu fui para Escola minha carreira melhorou, naquela época a gente era atleta quase amador, a cabeça da gente era o seguinte, “vou estudar”, “vou trabalhar”, “vou fazer isso”, jogar era quase uma diversão, você tinha responsabilidade, tinha que prestar contas à cidade, pelo amor à cidade, amor ao país, a gente foi educado a se entregar de corpo e alma, porque dinheiro não tinha.

Eu disputei três Olimpíadas, não ganhei um real em três Olimpíadas, perdi, porque perdi o emprego, ou deixava de ganhar no emprego. Disputei três Olimpíadas, dois campeonatos mundiais, não trouxe um real no bolso. Pelo contrário, trazia dificuldade, na volta do mundial cheguei a perder o emprego, porque fui disputar o mundial.

A seleção brasileira não tinha dinheiro, a gente ficava em quartel, era favor em tudo quanto era lugar, internava três meses para um mundial, ou Olimpíada, treinava na ilha das enxadas, no quartel, em outro quartel, na aeronáutica.

Na Olimpíada de 1964 o Brasil ganhou medalha de bronze no basquete. Foi a única medalha da delegação brasileira, no ranking, bronze, Brasil uma medalha, tinha ganho também em 1960, em Roma.

Hélio Rubens

Eu nasci em Franca, uma cidade que tem uma tradição ininterrupta de mais de cinquenta anos no basquete, formando técnicos e atletas para servir à seleção.

Como jogador eu tive o orgulho de representar a seleção brasileira em duas Olimpíadas. No México, que ficamos entre os 4 primeiros e em Munique, que ficamos entre os 5 primeiros, quatro campeonatos mundiais, quatro jogos Pan-Americanos, fomos pentacampeões Sul-Americanos. Tive a honra de ser capitão das Américas contra a seleção da Europa, em todos esses eventos sempre ficamos entre os primeiros, isso me orgulha muito.

Iniciei minha carreira na seleção que foi para as Olimpíadas do México em 1968, a rivalidade dos clubes era tamanha que quando nós íamos para a seleção levava uma semana para começar a conversar um com o outro. Éramos os colegas adversários, Mosquito, Wlamir Marques, Ubiratan, Amaury, Sucar, Carioquinha e Adilson.

Depois fomos para Munique em 1972, em 1976 eu tive uma grande frustração, a maior da minha vida como esportista. No pré-olímpico em Montreal nós não conseguimos a classificação, ficamos fora da Olimpíada de Montreal, quando estávamos pegando o avião para voltar para o Brasil as outras delegações estavam chegando para as Olimpíadas.

Eu prestei concurso do Banco do Brasil, fiz Direito e Educação Física, trabalhando e jogando. Meu pai vendia sapatos, saía como viajante, a gente não ganhava nada para jogar, no palmeiras eu ganhei alguma coisa, mas não dava para comparar com o que se ganha no banco. Os jogadores que tinham um nível melhor, eventualmente tinham ajuda de custo, mas em termos de salário não dava para se sustentar. Era amor ao esporte porque você não podia viver disso.

Eu já jogava na seleção brasileira, o banco tinha a obrigação de dar a licença, mas depois de duas convocações o gerente me procurou, “eu preciso de você como funcionário”, “é melhor você pedir uma transferência para o Rio de Janeiro”, “ficar à disposição da Confederação e direção geral do banco”, “sinto muito, mas não vou te dar a licença”. Eu não queria me transferir para o Rio, estava jogando basquete na minha cidade, surgiu uma nova convocação, ele não me deu a licença, “o que eu fiz”,

fui para a seleção, eu trabalhava um dia e faltava vinte e nove, para não caracterizar abandono de emprego, fiz isso durante cinco meses aquela coisa de garoto, mas eu já estava com 25 anos.

Eu fiquei naquela dúvida, eles gostavam de mim, não podia continuar fazendo isso e eu estava cada vez melhor no basquete. Então pedi demissão do banco, foi uma decisão terrível, mas depois de dois anos eu já era capitão da seleção, fiquei na seleção brasileira durante quatorze anos, dos vinte e seis aos trinta e nove anos de idade, participando de duas Olimpíadas, me tornei técnico, sou técnico até hoje, e fui técnico da seleção brasileira em várias oportunidades.

Menon

Eu jogava basquete com bolinha de papel, amassava bem, passava fita adesiva, e jogava num balde, que eu tirei o fundo. Na minha cabeça eu estava jogando com o Amaury, com o Wlamir, com Rosa Branca, com Jatyr, com Algodão e com o Waldemar, os jogadores que disputaram o mundial de 1959 no Chile, e foram os campeões mundiais. Tá certo que naquela época a União Soviética não quis jogar com Formosa, por questões políticas, perdeu os pontos e o Brasil acabou sendo campeão.

Eu me imaginava jogando com esses caras, quando alguém falou, “você gosta de jogar basquete”. Eu adorava jogar basquete, mas eu não sabia nem pegar na bola.

Eles pensavam que eu tinha dezessete para dezoito anos, quando na verdade eu tinha dezesseis para dezessete. Fui para a equipe principal, em 1961 disputei o campeonato paulista pelo Palmeiras.

Treinamentos

Quando eu estava no juvenil eu fiz uma ginástica americana com peso, o técnico da equipe principal do Palmeiras recebeu uma revista americana que tinha um programa de ginástica com peso direcionada para saltar e ter mais agilidade. Eu fiz esse treinamento o ano inteiro, toda terça e quinta, e treinava com bola segunda, quarta e sexta-feira. Talvez eu fui um dos primeiros atletas do Brasil a fazer uma ginástica com peso direcionada para o esporte, antigamente a unidade de halterofilismo era para os halterofilistas.

Convocação

Em janeiro de 1962 tive minha primeira convocação para a seleção paulista, disputamos o campeonato brasileiro em Franca. Nesse momento eu já estava jogando com Wlamir, Amaury e Rosa Branca. No mesmo ano ainda fui convocado para jogar na seleção brasileira, em um torneio amistoso que teve em Porto Rico. Eles levaram um time de base, Amaury, Wlamir, Mosquito, Sucar, Rosa Branca e os atletas que estavam pela primeira vez na seleção, eu, Vitor e Ubiratan.

Estudos

Em 1963 eu só joguei basquete, em 1964 eu prestei o exame e não consegui entrar na faculdade, tomei a decisão da minha vida, não fui para a Olimpíada do Japão, pedi dispensa, no começo de 1965 eu fiz o exame, entrei em duas faculdades, na Escola Paulista de Medicina, agora UNIFESP, e na Santa Casa, eu preferi a Escola Paulista, porque não pagava. Minha família era muito simples e eu lembro que ela tinha mais tradição, a Santa Casa estava começando.

Em 1966 eu não fui no Sul-Americano, eu sabia que tinha o mundial em 1967, comecei a selecionar as competições. Fui nas que tinham maior importância, porque

não podia ficar pedindo para os professores me liberarem das faltas, mas eles colaboraram nesses aspectos. Eu fazia as provas antes de viajar ou logo depois que voltava, fazia prova sozinho. Eu nunca me esqueço, no mundial de 1967, no Uruguai, eles ficaram atrasando o avião, enquanto eu fazia uma prova de dermatologia. Meu pai ficou esperando eu terminar a prova, quase que com o carro ligado, eu pedi para ser o primeiro, foi um atraso de meia hora, mas eles ficaram segurando o avião para eu poder ir no mundial de 1967. Eu fiz a prova de dermatologia, uma semana depois, greve. Os alunos entraram em greve porque federalizaram o hospital que servia de apoio ao curso de medicina, eu tive sorte, eu fui, voltei, eles ainda estavam em greve, conclusão, não perdi nada.

Jogos Olímpicos

Então teve a Olimpíada na Cidade do México, nós fomos quarto colocado, o Brasil estava entre as quatro forças do mundo. Estados Unidos, União Soviética, eram times muito difíceis, muito alto, muito forte, tinha a Lituânia, Letônia, todas Repúblicas Socialistas Soviéticas e a Iugoslávia, que eram altos, rápidos e fortes.

Em 1968 nós fomos quarto colocado, perdemos para a União Soviética, duas vezes, na classificação, e na disputa do terceiro lugar. Ficamos em segundo lugar na chave, classificavam dois, União Soviética em primeiro, Brasil em segundo. Cruzamos com o primeiro da outra chave, Estados Unidos, campeão olímpico, horrível jogar com os Estados Unidos, de repente o jogo começou e já estavam com vinte pontos de diferença, não dava, eles te marcavam o tempo todo e o time não era fraco, Wlamir, Rosa Branca, eu, Bira, Mosquito.

Eu joguei bem a Olimpíada, acertei muito no jogo contra os Estados Unidos eu fui muito bem. Eles marcavam a quadra toda, era difícil, mas eu aproveitava o cortaluz que o Sucar fazia com muita facilidade, porque ele é grande. Perdemos para os Estados Unidos, fomos disputar o terceiro lugar com quem perdeu o jogo da outra chave, entre União Soviética e Iugoslávia. Iugoslávia ganhou o jogo, então ficou Estados Unidos, Iugoslávia, União Soviética e nós em quarto, mas foi um lugar honroso, claro que meio decepcionante, pelo fato de que nas duas Olimpíadas anteriores ganharam medalha de bronze e nessa, o basquete não trouxe medalha.

No final da Olimpíada liguei para minha mãe, ela falou, “olha o pessoal continua em greve”. Então nós fomos para Acapulco, veranejar, eu não tinha dinheiro, quem pagou foi o Sucar, pagou para mim e para o Mosquito, a gente brincava que era a Sucatur.

Mosquito

Eu chegava de uma viagem pegava a muamba e ia para outra, a minha vida foi praticamente basquete. Em 1959 eu fui convocado para a seleção brasileira, não fui para o Sul-Americano, joguei o Pan-Americano em Chicago e mundial, e a Olimpíada. Daí em diante ele me convocou para todas, nessa época eu jogava no Palmeiras, fiquei no Palmeiras por nove anos.

Quando eu fui jogar no Sírio, mudou um pouco minha vida. Quando eu estava no Palmeiras eu tinha trancado a matrícula, falei, “vou ganhar alguma coisa”, “não ganhamos nada”. O Sírio tinha um clima completamente diferente, você estudava, eles pagavam estudo e tudo, me fizeram estudar, o Menon foi médico, o Motinho foi engenheiro, o Sucar advogado, o Celso advogado, só eu que era padeiro, eu tinha uma padaria na época. “Vou fazer Educação Física”, falei, eu já tinha a minha matrícula trancada, não em Educação Física, fiz a transferência, e cursei Educação Física na Fefisa, em Santo André. Foram três anos, me formei e já dava aulas.

Rosa Branca

Eu sou natural de Araraquara, nasci em 19 de julho de 1940, o nome da minha mãe é Benedita de Souza, o do meu pai é Evaristo de Souza. Eu fui estudar na Escola Industrial em Araraquara, onde tinha o departamento de Educação Física com pista de atletismo e todos aqueles equipamentos olímpicos. Comecei fazendo atletismo, estava começando a ser alguma coisa, quando apareceu o professor Júlio Mazzei, isso em 1954, vindo recentemente dos Estados Unidos, formado pela Universidade de Illinois em Chicago, me viu na pista e falou, “você tem jeito para jogar basquete”, “professor, eu nunca peguei em uma bola de basquete”, “eu vou te ensinar”.

Comecei a me despontar nas categorias menores, até 1955 joguei em Araraquara, depois fui para São Carlos. Disputei campeonatos juvenis pela seleção paulista, fiquei em São Carlos até 1958, quando eu fui para a Sociedade Esportiva Palmeiras, eu consegui a transferência e já vieram as primeiras seleções brasileiras. Veio o primeiro título mundial em 1959, antes, nós já tínhamos ganho o Sul-Americano, em Santiago no Chile, eu fiquei no Palmeiras até 1963, quando ganhamos o segundo título mundial.

A primeira Olimpíada que eu participei foi em 1960 em Roma. Eu era um dos sete jogadores, o Kanela mexia muito na equipe, nós ganhamos nossa primeira medalha de bronze. A preparação começou para o mundial de 1959. O Kanela era muito radical nisso, era da aeronáutica, aquele regime militar daquela época, os próprios presidentes da Confederação Brasileira de Desporto, naquela época a CBD, todos eram coronéis do exército, aeronáutica, era uma linha dura. Nós não gostávamos muito, mas fazer o que, a gente tinha que aceitar, a gente gostava de jogar.

Em 1964 foi em Tóquio, nós também ganhamos a medalha de bronze, o técnico já não era o Kanela, era o Renato Brito Cunha, outro professor de Educação Física, também no caminho da seleção brasileira. Tóquio foi muito legal, na mão do Brito Cunha, mas ainda existiam aqueles coronéis, era o Jerônimo Bastos, ele era o presidente do Conselho Nacional de Desportos.

Tem uma história interessante, em 1967 eu estava no Esporte Clube Corinthians Paulista, quando um empresário me convidou para jogar nos Estados Unidos. Eu fui o primeiro atleta do Brasil a ser convidado para jogar em uma equipe de basquetebol americana, os Harlem Globetrotters, eles são uns mágicos para mim, eles queriam para aquele momento, iriam começar as excursões. Nessa época teve o mundial do Uruguai, eles precisavam de mim naquele momento, a confederação brasileira sempre teve um regime muito forte, o atleta convocado teria que representar a seleção brasileira, eu acho que nada mais justo. O Kanela, novamente era o técnico dessa seleção, ele falou, “não Vai”, ele não teve muito sucesso nessa competição, nós ficamos em terceiro lugar, em 1968 eu também estive no México.

O professor Moacyr Daiuto da USP, professor da cadeira de basquetebol, que me colocou na cabeça para ser professor de Educação Física. Eu fiz faculdade na FIG em Guarulhos, em 1973.

Sucar

Em 1958 eu fui convocado para a seleção brasileira, na época eu era o jogador mais alto das quadras de São Paulo e do Brasil. Não participei do mundial no Chile porque minha naturalização não estava pronta, eu tinha dezoito anos, eu nasci na Argentina e vim para o Brasil com sete anos, meu basquete é todo brasileiro. Em 1959

eu fui pro mundial universitário em Torino, eu tinha entrado na universidade, fazia o curso de direito no Mackenzie, o técnico foi o Moacyr Daiuto.

Eu participei de três olimpíadas. Em Roma, 1960, foi a primeira Olimpíada que participei, conseguimos a medalha de bronze, perdemos para os Estados Unidos e ganhamos da Rússia na fase de classificação. Nós fomos campeões mundiais em 1959, no Chile, em 1963, fomos bicampeões mundiais, no Rio de Janeiro. É o título mais importante que o Brasil tem no basquetebol. Na sequência, participei da Olimpíada de Tóquio, também fomos terceiro colocado, foi a única medalha que o Brasil ganhou nesses Jogos. Com o terceiro lugar no Japão, medalha de bronze, nós já estávamos classificados para as Olimpíadas do México.

Depois veio a Olimpíada do México, foi muito bonito, construíram estádios muito bonitos, o estádio que jogava basquete o teto era todo de cobre, era uma coisa maravilhosa. No México em 1968, nós fomos quarto colocado, ganhamos da equipe mexicana, jogamos contra eles o quarto lugar. Estados Unidos, Rússia e Iugoslávia que foram os três primeiros colocados, nós ficamos em quarto, que é um lugar honroso também, não é fácil ser quarto lugar em uma Olimpíada.

Sérgio Macarrão

Eu sou carioca, nasci na Zona Sul do Rio de Janeiro, filho de trabalhador comum. Meu pai era bancário e minha mãe era dentista. Eu jogava no Botafogo, comecei a faculdade, e no primeiro ano veio a primeira Olimpíada. Então eu estudei de março a julho, julho eu tranquei a matrícula, fui para Tóquio, joguei minha primeira Olimpíada. Quando voltei, vim com outra cabeça. Não queria mais ser professor de Educação Física, quero ser economista, passei um ano fazendo curso para o vestibular de economia, mas nesse um ano o basquete 'bombou' tanto que eu voltei a fazer Educação Física, levei oito anos para me formar. Eu sou recordista em lentidão na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Na minha segunda Olimpíada eu pedi dispensa. A diretora da Escola era a Maria Lenk, eu estava fazendo minha aula de Educação Física, fazia atrás do canecão, em Botafogo, de repente, a diretora quer falar contigo, "aluno meu não pede dispensa de Olimpíada. Você faça-me o favor, liga para a confederação e diz que você não está mais pedindo dispensa", "mas professora, eu estou na faculdade a sete anos, estou me formando", "eu garanto", quando ela falou isso, eu peguei o telefone e liguei, "eu vou". Ela me garantiu o apoio, mas quem conversou com os professores foi eu, eu me resolvi com todos, menos um. E eu tinha assinado um contrato para jogar basquete em São Paulo, conclusão, eu fui para São Paulo jogar e fiquei na dependência de uma matéria. Cumpri meu contrato de dois anos, voltei, mas tinham mudado o currículo, ao invés de uma eram duas matérias, e eu me formei depois de oito anos.

Os Jogos Olímpicos

O México foi um castigo, o time do Brasil tinha o mesmo nível que a Iugoslávia e a Rússia, mas nesse campeonato eles estavam muito forte, muito forte, no campeonato. Eram dezesseis times, duas chaves de oito, todos contra todos, classificavam dois, então cruzava o primeiro de uma chave com o segundo da outra, perdemos para União Soviética, ficamos em segundo, pegamos os Estados Unidos, de qualquer forma nós jogaríamos pelo terceiro lugar, mas achávamos que seria contra a Iugoslávia não com a União Soviética. Todos achavam que a União Soviética ganharia, a Iugoslávia ganhou, na decisão do terceiro e quarto pegamos a União Soviética novamente e ficamos em quarto, mas todos os jogos foram bem jogados, o

único jogo que não jogamos bem foi contra os Estados Unidos, porque o time americano era muito forte.

Década de 1970

Eu tive um primo que morreu no período da ditadura militar, mas eram os anos dourados, o problema político faz parte da humanidade. Os problemas existiam para as pessoas mais politizadas. Eu fui um menino da zona sul do Rio de Janeiro que aprendi com a vivência. Quando nós voltamos do mundial em 1970, fomos vice-campeão do mundo, fomos recebidos pelo Garrastazu. Eu não sabia quem era o Garrastazu, era aquela desacerbada civilidade dele, que justificava tudo. Ame-o ou deixe-o, era um outro mundo. Era 1970, eu estava em uma competição na Iugoslávia, no final, um cubano veio no meu quarto, com uma camisa de Cuba, a coisa mais linda do mundo aquele material, o Brasil material do Brasil era algodão comum, você usava, lavava, ia desbotando, o time de Cuba já jogava com nylon, trocamos de camisa, ele ficou com a minha e eu fiquei com a dele.

Eu era tão inocente que quando chegou as Olimpíadas do Exército, lugar onde a direita toda estava presente, era umas das festas da revolução, era jogada no Brasil todo, o time que eu jogava, o Fluminense, fazia a final no Maracanãzinho lotado até a boca, e eu fui para o jogo com a camisa de Cuba. Até que me falaram, “tira essa camisa meu filho”, “tu não está agradando não”, e me deram outra camisa, então eu idealizei onde eu estava e que roupa estava usando, mas o tempo passa e você vai aprendendo as coisas.

Zé Geraldo

Meu nome é José Geraldo de Castro, minha história esportiva no basquete começou com 12 anos, na época que o esporte era feito na escola. A minha passagem, minha história no basquete tem muita coisa para falar, é tanta que eu não vou lembrar. Eu nasci em Presidente Prudente, vim para São Paulo, jogar no Corinthians, em 1966, ainda era infantil, com 16 anos, para mim, naquela época o Corinthians tinha o maior time que o Brasil já teve. O Wlamir, Rosa Branca, Ubiratan, eles conquistaram o bicampeonato mundial, cheguei a jogar com eles no Corinthians, disputei campeonato paulista, brasileiro, sul-americano, chegamos a disputar um campeonato mundial. Quando eu saí de Presidente Prudente, eu ouvia basquete pelo rádio, acompanhava muito, principalmente a equipe do Corinthians, eu vim para São Paulo com 16 anos, eu jamais sonhava em chegar nessa situação tão rápido. Eu vim para o Corinthians jogar no infantil, fui embora, achei que não ia ficar, foram me buscar e em dois anos eu fui para a Olimpíada, foi uma coisa inesperada, muito rápida, embora que com 18 anos eu já jogava na equipe principal do Corinthians.

Eu tinha uma vantagem pelo meu tamanho, o professor Moacyr Daiuto me via como uma promessa, porque na posição que eu jogava não existia jogador do meu tamanho, jogava na posição três, lateral, sou grandão, mas nunca fui pivô. Fui convocado, mas no final sobraram três para ser cortado, então meu padrinho deu uma forcinha e eu fui para a Olimpíada do México, Meu padrinho no Corinthians foi o Wlamir Marques, então fui convocado, foi minha primeira convocação para a seleção, “eu vou lá para curtir”, “para treinar”, porque estava todo mundo, era a nata do basquetebol na época.

Treinamentos

Você foi convocado para Olimpíada, são três, quatro meses treinando juntos, ia para o Rio de Janeiro no Campo dos Afonsos, no exército, era um lugar terrível,

uma vida militar, porque para a Olimpíada do México o técnico foi o Brito Cunha. Ele tinha muito contato com os militares, Marinha, Aeronáutica e Exército, então a seleção sempre se hospedava em ambiente militar, nós ficávamos juntos, treinando, isso dava uma condição de melhora muito grande. Nosso treinamento era rudimentar, na minha época não tinha musculação, eu fui levantar meu primeiro peso com 27 anos de idade, hoje a primeira coisa que um jogador faz é ficar forte. Na nossa época era magrelo, não existia o advento da musculação, dessa força no esporte, isso é recente. Nosso treinamento era pista e quadra, não tinha outro complemento, nosso preparador físico era do exército, gente boa até, todo preparador físico é gente boa, ele é o 'padre' da equipe, o que você não consegue falar com o técnico você despeja no preparador físico, ele era fantástico, preocupado, característica de preparador físico.

Contexto do Brasil

Era uma época de ditadura, veja bem, não que eu seja favorável aquele regime do jeito que era, mas no esporte a gente tinha uma situação tremendamente estável, com exceção do Amauri Passos, que na época, teve a vida meio vasculhada por causa de uma atividade dele. Fora isso, a gente tinha uma estabilidade muito grande, a gente tinha um apoio muito grande, tanto por parte do governo federal, quanto em relação a isso, mesmo porque, por se tratar de esporte a gente nunca se envolvia, nem tinha como se envolver. E a gente atravessou aquele 1968 com o Brasil num regime terrível.

Os Jogos Olímpicos

A Olimpíada, em termos de receptividade do povo mexicano foi uma coisa fantástica, que eu nunca mais vou viver na vida. A cidade abraçou os Jogos, a gente parecia muito mais filhos deles do que atletas. Eu conheci o México, saía sempre junto com o Ubiratan, era assim, a gente saía da Vila e pegava carona com alguém. Era carro circulando o dia inteiro, o pessoal te levava para passear o dia inteiro, para te mostrar o México. Naquela época era diferente, era tudo no escuro, você não sabia para onde ia e como era, hoje para qualquer lugar que você vai você abre o glorioso Google e sabe de tudo, as informações eram raras naquela época, era no escuro mesmo. Eu tinha 18 anos, fui o atleta mais novo a participar da seleção que foi para as Olimpíadas do México, estava muito encantado com tudo, em termos de disputa a gente tinha como sempre, Estados Unidos, Rússia e Iugoslávia, ou o inverso disso. Tanto é que ficaram como os três primeiros, a Iugoslávia ficou em segundo porque fizemos um jogo de terceiro e quarto com a Rússia.

A gente sabia que um quarto lugar para a gente era o máximo, porque tinha Estados Unidos, Rússia e Iugoslávia, a gente perdeu a chance de ser terceiro, porque no jogo contra a Rússia, se não me engano, foram quatro ou cinco pontos de diferença. A Iugoslávia era um país único, não era quatro países como hoje. No basquete eles praticamente sumiram, mas na época era um país só, tinha um time muito forte, mais forte que a União Soviética, que quando se separou aconteceu a mesma coisa, o basquete decaiu. Eles estão com dificuldade de classificação para a Olimpíada, hoje as equipes da Europa são as mais fortes. Na Olimpíada eu joguei muito pouco, se tivesse vinte trinta pontos na frente eu jogava, mas a gente adquire a experiência de ter participado, acho que só quem participa como atleta sabe.

Eu não tenho grandes lembranças do México daquela época, porque você como atleta participa muito da sua modalidade. Você não tem o acompanhamento geral da Olimpíada, a não ser aquele que passa dentro da Vila Olímpica, que você tem a oportunidade de assistir. Nós íamos assistir o basquete, não tinha oportunidade de assistir outras modalidades.

Tivemos um episódio na época, as duas Olimpíadas que passei tiveram episódios de algum protesto, no México foi do 'Black Power', o auge do Martin Luther King nos Estados Unidos. O direito dos negros, dava o que falar aquilo, mas foi uma Olimpíada que também teve a primeira participação do Mark Spitz, que foi um grande nome, falava que ia ganhar sete medalhas e não ganhou, mas o mais marcante foi o manifesto que teve nos Jogos, era sempre muito complicado.

Vila Olímpica

Nós não tivemos contato com os manifestantes. Na Olimpíada é assim, sempre que a equipe americana chega na Vila Olímpica muda tudo. Além de ser muita gente, muita gente conhecida, o esquema de segurança é muito grande, a gente não tinha contato, nosso contato era mais na delegação, com outras delegações era muito difícil. Na Vila Olímpica sempre tem um lugar que é uma 'zona internacional', os atletas vão para trocar de tudo, conversar, a gente tinha proximidade com um dos maiores corredores da maratona, que foi o Abebe Bikila, que nessa Olimpíada correu quarenta quilômetros descalço. Ele era uns dos grandes nomes do atletismo.

Amadorismo

Nosso trabalho era esse, a gente tinha total apoio, não tinha profissionalismo, todo mundo trabalhava. Você corria o risco de voltar e perder o teu emprego, você não ganhava nada para jogar, tinha que pedir uma licença para quem estava na faculdade, era complicado também. Eu comecei a trabalhar quando eu jogava no Corinthians, estava fazendo colegial, comecei faculdade em São Paulo. Eu fui jogar no Palmeiras, era muito difícil, porque viajávamos demais. Hoje ficou impossível, o atleta profissional tem retorno financeiro, tem que largar tudo e estudar depois. Todos trabalhavam para ter um salário maior, no basquete tinha uma ajuda, foi uma Olimpíada dos tempos antigos, não se jogava profissional. Os atletas tinham que ser comprovadamente amadores porque se fosse diagnosticado que alguém recebesse alguma coisa esse atleta estaria proibido de participar.

Wlamir Marques

Eu despentei e apareci no basquete brasileiro muito jovem, com um título muito importante em 1954. Eu tinha dezessete anos, fui convocado pela primeira vez para a seleção adulta com dezesseis anos. Na seleção, não tinha essa história de hotel, a gente ficava em baixo de arquibancadas de ginásio e em quartéis, sem ganhar nada, pelo contrário, a gente ainda gastava, não tinha muito onde gastar. Para o mundial de 1959, quando fomos campeões do mundo, nós ficamos um mês e meio concentrados na Ilha das Enxadas, no meio da Baía de Guanabara, a gente ficava confinado, quando saía para a rua parecia uns trogloditas para ver as coisas, a gente só via marinheiro, só apito de marinheiro e barco, não tinha a ponte Rio-Niterói, a ilha fica embaixo da ponte. O presidente do COB era almirante da Marinha, ele tinha facilidade de conseguir esses lugares, a gente ficava quatro, cinco meses concentrados, eu era casado, eu casei cedo.

Essa história de 1959 é muito contada, nós fomos credenciados para ganhar, então todos os títulos que nós disputávamos não éramos azarões, íamos para ganhar, o bicampeonato no Rio de Janeiro. Nós éramos favoritos, ninguém duvidava que nós conquistássemos esse bicampeonato. Em 1959 aconteceu esse fenômeno que nos levou ao título, na fase final, no Estádio Nacional em Santiago, no dia do jogo entre União Soviética e Formosa veio uma ordem do Kremlin, de Moscou, proibindo a União Soviética de jogar contra a china nacionalista, por não reconhecê-la como país.

Disseram a mesma coisa para Bulgária, que fazia parte do bloco soviético, então eles não jogaram. Chegou no dia do jogo, levantou a bola, a China venceu e eles foram desqualificados pela FIBA. Como nós tínhamos ganho todos os jogos e só perdido para União Soviética, restava o último jogo contra o Chile, ganhamos do Chile e fomos campeões mundiais. Não tenho dúvidas que a União Soviética, a partir do momento que ganhou dos Estados Unidos, não perderia o título, o jogo entre União Soviética e Bulgária foi uma vergonha, a Bulgária entregou totalmente o jogo. Então nós fomos para Roma em 1960, credenciados a ser medalhista, nós perdemos duas medalhas de prata para União Soviética, por um, dois, três pontos. Dos Estados Unidos ninguém ganhava deles naquela época, era uma seleção universitária que treinava muito.

Nós éramos uma geração de jovens que queria jogar basquete, largamos tudo, largamos família, filhos, namorada, amizade, a vida, a minha juventude foi dentro de uma quadra. Uma das coisas que me arrependo foi, se tem a história, se o esporte atrapalha o estudo larga o esporte. Eu fiz o contrário, se o estudo atrapalha o esporte larga o estudo, eu fiquei só jogando, e assim toda minha geração, nós treinávamos muito, a gente não tinha tempo, o técnico era o Kanela, ele era muito rigoroso.

Depois teve um Pan-Americano em Winnipeg e também a Olimpíada do México. Eu estava com 33 anos, nem era para ter ido, nós fomos muito mal.

Em 1968 o técnico da seleção foi o Renato Brito Cunha, o Kanela foi assistir. Um dia encontrou comigo, e falou, “o alemão, você continua a mesma coisa”, eu nem dei bola para ele, eu estava meio chateado. Nós fomos quarto colocado, entrou a Iugoslávia nesse meio, a final foi entre Estados Unidos e Iugoslávia, nós perdemos a decisão do bronze contra a União Soviética, outra vez. Nessa Olimpíada eu fiquei entre os cinco melhores jogadores da competição, com dois americanos, Joseph White e Spencer Haywood. Foram jogadores da NBA, um iugoslavo Cosic, que era pivô, e um russo, era lituano, mas era da União Soviética, o Paulauskas.

Quando eu voltei da Olimpíada do México, processo por abandono de trabalho, falei, “então faz um favor gente, o que precisa ser feito para eu abandonar de vez”, “porque eu não aguento mais”, eu tive cinco processos por abandono, e por lei, quando eu ia para seleção, eu tinha direito à dispensa sem prejuízo, sem ônus, lei federal que existe até hoje. Eu fui funcionário do departamento de correios e telégrafos durante doze anos. Naquela época a moda era ser funcionário federal, a capital do Brasil era no Rio de Janeiro, não era Brasília. Foi em 1956, eu fui pedir um emprego, conversei com o deputado Pacheco Chaves, fomos no palácio do Catete, o presidente era o Juscelino Kubitschek, me ofereceram emprego nos correios, então eu jogava e trabalhava nos correios, quando vim para São Paulo, transferi meu emprego, trabalhava ali na São João. A gente tinha que trabalhar, não era fachada, foi um dos motivos que parei de jogar, eu tinha que trabalhar, não tinha patrocínio, era o clube que bancava. Não tinha patrocinador, o salário não era grande, você tinha que exercer uma função paralela.

O grande arrependimento da minha vida foi não ter feito a quinta Olimpíada, em 1972 em Munique, eu fui convidado, pelo técnico Kanela, não fui convocado, para ir como jogador e assistente técnico, mas eu já fazia faculdade, estava no segundo ano da FEFISA, estava no fim da minha carreira, estava terminando. Eu fui muito novo para seleção, eram três ou quatro meses de treinamento, não tinha tempo para estudo, nem me interessava também. Em 1972 eu comecei o treinamento, mas eu ia perder muita aula, estava com receio de perder o ano, não ia perder porque tinha amparo legal, por servir à seleção, mas larguei tudo e vim embora, deveria ter ido, mesmo que eu jogasse pouco, mas eu faria cinco Olimpíadas, que é quase inédito,

quer dizer, é uma marca pessoal, não vale nada, não vale dinheiro, absolutamente nada, nem medalha.

10.3 BOXE

Síntese biográfica

Expedito Alencar Arrais

Nasceu em 24 de fevereiro de 1946, no Ceará. Praticava boxe e participou dos Jogos Olímpicos do México, em 1968, na categoria meio médio ligeiro. Após estreiar derrotando o etíope Tadesse Gebregiorgis, Expedito acabou cruzando com o alemão Manfred Wolke logo nas oitavas. Wolke, que terminaria aquela competição com a medalha de ouro, derrotou o brasileiro por pontos. Faleceu em 31 de maio de 1997.

Servílio de Oliveira

Servílio Sebastião de Oliveira nasceu no bairro do Ipiranga, em São Paulo, em 06 de maio de 1948. Sétimo filho de uma família de treze irmãos, viveu a febre do boxe devido ao título mundial de Éder Jofre. Junto com os irmãos e amigos do bairro, promovia lutas e torneios. Aos 12 anos, quando foi treinar em uma academia com acompanhamento técnico, já possuía alguns fundamentos. Primeiro treinou no Caracu Boxe Clube, que encerrou suas atividades, levando-o a se transferir, em 1966, para a Academia Flamingo. Em 1966, ao sagrar-se campeão na categoria peso mosca, conseguiu emprego na indústria Pirelli e passou a defender o clube com o mesmo nome. Foi, então, campeão paulista, campeão brasileiro e campeão do Torneio dos Campeões. Foi aos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967. Nesse mesmo ano, participou dos Jogos Latino-Americanos, no Chile, sagrando-se campeão e obtendo a vaga para disputar os Jogos Olímpicos do México, em 1968, onde conquistou a primeira medalha do boxe brasileiro, a de bronze. Depois da experiência olímpica, tornou-se profissional, porém, em 03 de dezembro de 1971, já ocupando o 3º lugar no ranking mundial, sofreu um deslocamento de retina e foi obrigado a abandonar o boxe. Passou a atuar primeiro como auxiliar técnico e, depois, como técnico. Distante dos ringues como atleta, hoje Servílio de Oliveira se mantém próximo do boxe como agenciador de atletas.

Fragmento narrativo

Servílio de Oliveira – Boxe

Eu fui criado no bairro do Ipiranga, eu sou o sétimo de treze irmãos, e meu pai era pedreiro. Eu comecei a treinar boxe na Academia Caracu Box Clube, que ficava na Rua Aurora, em cima do Cine Scala. Essa academia fechou, e eu estreei em 1966 pela Academia Flamingo, que ficava na Rua Florêncio de Abreu, em um dos apartamentos daquela rua. Eu disputava na categoria peso mosca, me apresentei bem, fui campeão da forja.

Surgiu a oportunidade de um trabalho na Pirelli, eu trabalhava durante o dia, na parte da tarde, fazia a parte técnica e prática no clube, já me organizando para os Jogos Olímpicos. A Pirelli sempre teve umas das melhores equipes de pugilismo, o técnico era o Antônio Ângelo Carolo, uma pessoa bastante respeitada, que participou de cinco jogos Pan-Americanos. Um cara que tem conhecimento, tem que tirar o chapéu para ele.

Em 1967 eu fui defender o Brasil nos Jogos Pan-Americanos em Winnipeg. Em 1968 no Chile, eu fui campeão latino-americano, o lutador campeão do Pan-Americano perdeu para mim. Nesse mesmo ano que conquistei aquela medalha de

bronze nos Jogos Olímpicos, que lamentavelmente perdura até hoje, foi o primeiro ano que teve a categoria Mosca Ligeira. Minha preparação para México foi penosa, era dificuldade mesmo, foi muito difícil. A gente não tinha apoio, não havia dinheiro, na preliminar do boxe, o Comitê Olímpico Brasileiro disse que mandaria para o México quem tivesse bom comportamento nos Latino-americanos e nós fizemos quatro campeões, o Expedito Alencar, peso meio-médio, Luís Carlos Fábio, nos médios, Maximiliano Campos, no peso pesado, e eu no moscas. Eles não queriam mandar o boxe para os Jogos, no fim, fomos com cento e poucos atletas, das três medalhas que o Brasil conquistou, a minha foi uma delas, quer dizer, se não tivessem me mandado nós teríamos uma medalha a menos.

Preparação para os Jogos Olímpicos

O meu amigo Expedito Alencar conseguiu um lugar para gente ficar, em São Bernardo, era uma chácara muito bonita, um clube de campo. A gente fazia o treino matinal com bastante verde, o oxigênio era melhor, você não respirava aquele ar poluído da cidade. Fazíamos uma refeição bem regrada, à tarde, subia para o Clube Pirelli, para fazer luvas e sobre a parte técnica, a gente não tinha muito apoio, mas fomos lá, com a cara e a coragem, e fez o que fez.

Os Jogos Olímpicos

Para os Jogos Olímpicos fomos apenas em dois no boxe, eu e o Expedito Alencar, o Carolo, era o técnico. Eu vivi bem nos Jogos Olímpicos, gostei muito. Me relacionava muito bem com os mexicanos, havia uma vibração muito forte por parte do povo mexicano, eu me lembro que foi o ano da discórdia também. Os norte-americanos, aquele protesto dos negros contra o racismo, que perdura até hoje, claro que mais disfarçado. Eu me lembro, eu cheguei a ver os caras levantando o punho, e depois tive uma grande surpresa, claro que na época politicamente eu não enxergava muitas coisas. Ao ver o George Foreman depois de ganhar a medalha de ouro, ele pegou a bandeirinha dos Estados Unidos e cumprimentou todo mundo, e hoje, eu não acho que foi uma atitude legal, sendo negro, acho que não foi uma atitude legal. Quando passa alguma coisa dos Jogos Olímpicos de 1968, sobre o boxe, vai mostrar o George Foreman, ele foi uma personalidade dos pesos pesados, mas eu penso que a atitude dele foi aquela porque ele também era politicamente ignorante. Não tinha noção do que estava fazendo, ele tinha apenas 19 anos, não creio que ele tivesse uma visão política da coisa, assim como eu não tinha, eu tinha vinte anos e não sabia nada.

A competição

Na minha primeira luta eu ganhei de um turco, Engin Yadigar, na segunda luta ganhei de um atleta de Gana, Joe Destimo, e na terceira luta eu perdi para o mexicano, Ricardo Delgado, que ficou com a medalha de ouro. Foi uma luta equilibrada, é muito difícil vencer o dono da casa fora de combate, se você não ganhar por nocaute, eu me lembro, que houve um certo protecionismo para o mexicano, em outra semifinal ele lutou com um africano, não me lembro o país dele, ele lutou contra um atleta da Polônia, Olech, que foi campeão olímpico na Olimpíada passada, tinha ganho do atleta de Gana, mas eles deram para o Olech, para facilitar a final para o mexicano, então há toda uma estratégia. O pódio foi uma emoção indescritível, é difícil transportar, é só sentindo mesmo. Não dá pra dizer, “olha, eu fiz”, lembro que fiquei bastante emocionado ao ver nossa bandeira, é difícil dizer a alegria que eu senti por dentro, é muito difícil transportar em palavras o que eu senti, mas foi uma experiência,

uma situação bastante agradável. Eu nunca pensei em ser medalhista olímpico, me sinto lisonjeado, meu nome passou para a história, sempre que falarem do boxe nos Jogos Olímpicos, o meu nome será lembrado.

Eu voltei dos Jogos Olímpicos, eu me lembro que eu disse para o Carolo, “eu quero passar para o profissional”, naquela época o clube Atlético Pirelli era um clube totalmente amadorístico, muito amador. A mentalidade não era muito para frente, e eu acreditava muito no meu potencial, “olha, eu vou passar para o profissional”, eu lembro que fui até ameaçado, “se você passar para o profissional vamos te mandar embora”, “pode mandar”, “eu vou para o profissional”, Me profissionalizei, na quinta luta eu fui campeão brasileiro, na nona luta fui campeão Sul-Americano, em Guayaquil, ganhei por nocaute do Petiso Sanchez, no Coliseo Cerrado de Guayaquil, entrei para o ranking do mundo, então lutei contra mexicano, italiano e norte-americano.

Cheguei ao terceiro lugar do ranking mundial, até que no dia 03 de dezembro de 1971, eu sofri um descolamento de retina, tive que abandonar o Pugilismo, fiquei afastado quatro anos e sete meses, voltei e fiz cinco lutas. Ganhei todas as lutas, e desafiei o campeão Sul-Americano da época, um chileno, Martin Vargas, fui ao Chile, eles não deixaram a luta acontecer, dizendo que era para proteger a minha integridade física, mas no fundo, eles estavam protegendo a integridade física do chileno, porque eu tenho certeza que conquistaria o título que tinha sido meu.

10.4 ESGRIMA

Síntese biográfica

Arthur Telles Cramer Ribeiro

Arthur Telles Cramer Ribeiro nasceu em 21 de março de 1942, em Campo Grande, MS. Em 1953, mudou-se para o Rio de Janeiro acompanhando o pai, que era militar. Fez curso de cadete, formou-se oficial do Exército, e treinava esgrima com o técnico José Maria Pereira. Aos 20 anos, participou da seletiva para compor a seleção brasileira, que foi aos Jogos Pan-Americanos de São Paulo, conquistando uma inédita medalha de prata por equipe. Depois de treinar uma temporada na Itália, foi ouro nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967, na competição individual, e prata por equipe. Participou dos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Entrou para a Confederação Brasileira de Esgrima, em 1972, como diretor técnico. Conquistou a medalha de bronze por equipe nos Jogos Pan-Americanos do México, em 1975. Foi o único atleta da esgrima brasileira nos Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976. Em 1984, foi, como árbitro, aos Jogos Olímpicos de Los Angeles. Em 1992, participou da Comissão de Arbitragem dos Jogos Olímpicos de Barcelona, mesmo ano em que assumiu a presidência da Confederação Brasileira de Esgrima. Foi instrutor de Educação Física, de treinamento físico e de esgrima no Centro de Capacitação Física do Exército.

Carlos Luiz Rodrigues do Couto

Nasceu em 10 de fevereiro de 1930, no Rio de Janeiro. Praticava esgrima no Flamengo. Foi medalhista de prata nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo, em 1963, competindo na espada por equipe. Feito que se repetiu nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967. Participou dos Jogos Olímpicos do México, em 1968, nas provas de espada individual e por equipe. Atuou como presidente da Confederação Brasileira de Esgrima.

Dario Marcondes Amaral

Nasceu na cidade de São Paulo, em 23 de maio de 1932. Seu pai era técnico do C.R. Tietê e facilitou seu ingresso na esgrima aos sete anos. Esteve nos Jogos Pan-Americanos de Buenos Aires, em 1951, e no ano seguinte foi aos Jogos Olímpicos de Helsinque. Jogava florete e espada, mas depois, especializou-se na espada. Em 1955, foi aos Jogos Pan-Americanos do México e em 1963, esteve nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo. Foi medalhista de prata na espada por equipe nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967. No ano seguinte, foi aos Jogos Olímpicos do México, competindo por equipe e individual. Encerrou sua carreira como atleta em 1971, e em 1975 foi aos Jogos Pan-Americanos do México como técnico da equipe de espada. Foi técnico das equipes Tietê e Paulistano, quando então, se aposentou. Trabalhou na Secretaria de Esportes do Município de São Paulo, onde dirigiu a esgrima; o arco e flecha e parte do futebol.

José Maria de Andrade Pereira

Nasceu em São Borja - RS, em 09 de outubro de 1932. Morou na zona rural até os 10 anos, quando o pai vendeu a fazenda. Foi com a família para a cidade de São Luiz das Águas - RS, onde ingressou no colégio militar e teve contato com o esporte. Praticou salto em altura e corria os 100 metros rasos, pela equipe do Exército. Fez magistério e entrou para o Exército, trabalhando na Academia Militar de Agulhas

Negras por mais de quarenta anos. Começou a praticar esgrima, também, no Exército. Participou dos Jogos Pan-Americanos de São Paulo, em 1963 e foi campeão sul-americano em Lima, em 1966. Conquistou a medalha de prata por equipe, nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967 e, no ano seguinte, foi aos Jogos Olímpicos do México. Bicampeão sul-americano de espada individual e por equipe. Nos Jogos Pan-Americanos de Cali, em 1971, foi medalhista de prata por equipe, na espada. Representava o Flamengo nas competições. Atuou como professor de esgrima no colégio militar e foi técnico de atletas olímpicos. Participou da organização das competições internas de esgrima da Aman, de 1960 até 2003.

Fragmento narrativo

Arthur Telles Cramer Ribeiro

Eu nasci em Campo Grande, hoje Mato Grosso do Sul, em uma fazenda de criação de cavalo, no meio do mato, meu pai era gaúcho, minha mãe carioca, isso em 1942. Em 1953 eu vim para o Rio de Janeiro, meu pai era militar, teve uma competição de esgrima no colégio militar, na esgrima tem muitos militares, eu comecei a esgrima no colégio, meu pai começou a me ensinar lá. O colégio é um grande celeiro para o Brasil, em tudo, de bons e maus, atores e políticos, como Agildo Ribeiro, Castrinho, Arthur Moreira Lima, grandes chefes e presidentes da república, depois do colégio eu fui para academia militar.

Competições Internacionais

Nós não tínhamos dinheiro para participar de competições internacionais. Eu participei de um mundial militar na Itália, No meio do mundial eu estava em segundo lugar, quando perceberam que o tecido da minha manga direita não era igual ao tecido do resto do corpo, porque não tinha dinheiro para fazer uma roupa inteira com o mesmo tecido, “não é regulamentado”, “não pode”, eu estava disputando contra a equipe da França, quem venceu a prova foi o Jacques Brodan. Eu não fui desclassificado, mas eles fizeram eu mudar de roupa, ou arrumava outra roupa ou não podia jogar. Então, Cipriani da Itália, que é um homem de 1m95cm, canhoto, que não estava jogando me emprestou a roupa dele e eu joguei com a roupa de um canhoto, enorme. De segundo, despenquei para décimo primeiro lugar, eram mais de sessenta atletas jogando, mas pesou, foi duro, joguei sozinho essa prova, não tinha mais ninguém comigo. Nós não jogávamos provas internacionais, não tínhamos experiência nenhuma para identificar rapidamente o adversário, você jogar e ver o golpe que dá em cima dele, nós não tínhamos isso.

Conquista da vaga

1968 teve o Sul-Americano, eu já estava escalado para os Jogos Olímpicos do México, eu, Jörg Bruder, Nelson Prudêncio, Nelson Pessoa e José Fiolo, nadador de peito, que venceu o mundial, nós éramos em cinco pessoas, depois foi mais gente. O Comitê Olímpico conseguiu arrumar dinheiro, o comitê se virava para conseguir alguma coisa, conseguiram um recurso e a condição era levar para os Jogos as equipes que vencessem o Sul-Americano. Com ajuda dos amigos, do meu pai e de todos, eu e a equipe fomos para Colômbia e conseguimos o primeiro lugar por equipe na prova de espada. Cumprimos a condição e fomos para os Jogos Olímpicos.

Os Jogos Olímpicos

Nos Jogos Olímpicos conseguimos e o Kiara foi, mas era difícil, ele não podia entrar na Vila Olímpica, por problemas entre o CND e o COB. As pessoas não se entendiam, nessa época o General Eloy Menezes estava à frente da CND, ele foi quarto lugar nos Jogos Olímpicos de Londres, no hipismo, com o cavalo Biguá, um cara fantástico. No Comitê Olímpico também tinha um pessoal fantástico, o Major Padilha, General Amilton, pessoas que passaram a vida no esporte. O Padilha foi um grande atleta, finalista olímpico, então não era por ser 'milico', era porque esses caras tinham os maiores resultados olímpicos da época.

A primeira medalha do Brasil foi do Guilherme Paraense, era tenente, ganhou com o revolver emprestado de um americano. Dona Maria Lenk, a primeira mulher a nadar em Jogos Olímpicos, antes se formou em Educação Física na Escola do Exército, o Exército é brasileiro, e quem leva nossa profissão a sério tem uma condição física excelente. O mexicano adorava a gente, nós éramos carregados no braço, eles se identificavam muito conosco. Lamentei muito o Kiara não poder ficar conosco na Vila. Eu tenho algumas lembranças que marcaram muito, o ginásio era muito bonito, a união da equipe, o Pereira sempre apoiando e orientando todo mundo. No México eu comecei ganhando de um russo, que foi finalista, estava muito nervoso, a gente fica muito nervoso para jogar. Eu não fui bem, não fui bem, o Couto, que era mais velho, mais experiente, foi bem.

Eu assisti uma coisa que vai me motivar pelo resto da vida, a fórmula da competição. Existiam duas chaves, uma chave de vencedores e uma de repescagem. Para os perdedores, esse caminho era todo estabelecido antes, se eu perdesse eu sabia com quem jogaria na outra chave, então eu assisti os atletas mais fortes, de diferentes países, combinando, "aqui você ganha de mim", "eu passo para repescagem, porque lá eu ganho de fulano", "mas na final você retribui", porque na final ficam seis atletas outra vez, e eu fiquei ouvindo isso tudo, não falei nada era um meninote, mas na condição de puro e cego, nós não vamos sair nunca daqui de baixo, porque eles combinam entre eles. Esse arranjo individual existia abertamente, todos sabiam, nós não sabíamos porque não vivíamos naquele meio. A gente não tinha dinheiro para participar, não tinha dinheiro nem para a roupa. Na ocasião o presidente da confederação, Rui Lopes Filho, me convenceu a participar do congresso da Federação Internacional para tentar mudar essas coisas.

Nós fomos em 1974 para o congresso internacional da federação, já tínhamos participado de um em outra ocasião, chegamos no congresso e começamos a marcar todos os papéis, todos os papéis riscados, olharam, "o que é isso aqui", "quem é o maluco que escreveu isso". Pegaram meu papel, então eu falei, "não mexe no meu papel, esse papel é meu", "é seu, muito bem", ele saiu da reunião, era um cara importantíssimo da esgrima, Mercier o nome dele. Começamos a abrir uma certa tensão, o Brasil lançou uma série de propostas, mas não queriam mudar, porque o estatuto favorecia os mais fortes. Existia uma questão política de favorecimento de resultados, era um grupo fechado entre os países mais fortes, eles estabeleciam os critérios do voto técnico, países que tinham organizado mundiais, vencido mundiais, tinham mais votos. Quando eu percebi esse problema, o primeiro passo era mudar essa forma de voto, todos precisavam ter o mesmo voto. Conseguimos, depois era alterar a fórmula da competição, uma forma que não tivesse trapaça, como os países mais fracos, que não participavam dessa mutretagem. Eram mais numerosos, ganhamos a mudança da fórmula, nessa altura nós já estávamos por volta dos anos

1986 mais ou menos, eu já tinha deixado de ser atleta e era árbitro internacional, estava participando da direção da federação internacional.

Dario Marcondes Amaral

Eu nasci em São Paulo, no bairro de Santana, perto do Clube Tietê. Meu pai era técnico do clube, aos sete anos eu iniciei a esgrima e participei de competições infantis e juvenis, até chegar à fase adulta. Em 1952 eu participei dos Jogos Olímpicos de Helsinki na Finlândia, eu jogava florete e espada, depois me dediquei somente à espada, mais tarde veio a Olimpíada do México. A 19ª Olimpíada, foi em 1968, uma competição maravilhosa e inesquecível, foi uma honra representar o Brasil, a equipe era composta de quatro atletas, o Couto, o Pereira, o Kramer e eu. Além das Olimpíadas eu participei de cinco Jogos Pan-Americanos, o primeiro em Buenos Aires em 1951, México em 1955, 1963 em São Paulo, 1967 em Winnipeg, onde conseguimos a medalha de prata, depois em 1971 na Colômbia, também medalha de prata, mais tarde, em 1975 no México. Eu fui como técnico da equipe de espada, depois eu passei a lecionar no Tietê, no Paulistano, finalmente me aposentei.

Depois de 1952 eu queria treinar mais quatro anos, me preparar para a próxima Olimpíada, mas não fomos mais, só voltamos a ir para os Jogos Olímpicos em 1968 no México. A condição era ganhar o Sul-Americano, nós participamos naquele mesmo ano do Sul-Americano em Cali, fomos campeões Sul-Americanos e ganhamos o direito de participar dos Jogos Olímpicos. Meu pai era meu técnico, me orientou durante toda vida, enquanto esteve vivo. Depois que ele faleceu eu tive outro técnico, Francisco Pinto dos Santos, um técnico formado pela Escola de Educação Física de Força Pública, ele que me orientou durante os Jogos Olímpicos do México, eu treinava com ele. Os Jogos do México tiveram uma organização maravilhosa, foi muito bonito, muito bem organizado, valeu a pena. Nos Jogos Olímpicos era tudo novidade para nós brasileiros, a forma de disputa era diferente da nossa, nosso preparo físico comparado com os europeus era totalmente deficiente, eles tinham um treinamento especial. Quase todos eram profissionais, eram países comunistas, Hungria, Polônia, eram todos militares, eles trabalhavam para o estado e podiam treinar, nós não, tínhamos que estudar e trabalhar, à noite fazíamos um treinzinho.

O resultado nos Jogos Olímpicos do México não foi diferente do resultado dos Jogos de Helsinki, não conseguimos resultados. Um atleta nosso, o Couto, foi o melhor da equipe, conseguiu passar a primeira eliminatória, os outros, todos nós, ficamos na primeira eliminatória, é muito difícil competir com europeu, nós não temos condições.

José Pereira

Eu sou gaúcho, sou de São Borja, nasci no dia 09 de outubro de 1932, em uma fazenda. Me criei em fazenda até os dez anos, com dez anos meu pai vendeu a fazenda e fomos para cidade. Eu me formei professor, isso em 1951, foi o ano que perdi meu pai, nesse mesmo ano eu fui para o exército, fiz concurso para sargento. Eu não sabia que para ser militar eu podia fazer o exame da AMAN, eu soube mais tarde, eu trabalhei na AMAN por mais de quarenta anos.

Os Jogos Olímpicos

A nossa participação nos Jogos foi boa, eu não joguei a individual, aconteceu uma coisa bastante engraçada nos treinamentos. O Kiara foi nosso técnico, ele foi como convidado, logicamente com a questão dos superiores resolvida, ele foi na maior boa vontade, era um cara fantástico, a gente saiu para o México sem saber quem ia

jogar individual. Por equipe todos jogariam, o chefe de equipe foi o finado General Eric Tinoco Marques, e ele dizia, “o individual vai jogar de acordo com o aproveitamento do treinamento”. Um dia antes, já no México, no corredor do alojamento, ele chegou para mim e disse, “vai jogar o Cramer, o Couto e o Dario”, “eu fiquei fora”, meu olho não suportou, eu sai, desci, subi em uma piramidezinha, fiquei sentado como um Buda meditando, depois o Kiara me chamou e disse, “o brócolis”, eles me chamavam de brócolis, “eu não fui consultado”, “se tivesse sido jogaria o Cramer, pela idade e porque o treinamento todo foi muito bom. E em segundo, você que teve o melhor aproveitamento nos treinamentos”, isso me confortou, porque ele foi carinhoso, ele era um guerreiro, tinha sido oficial de guerra na Itália, perdeu a guerra, podia ser um camarada frustrado, mas não, era uma santa alma, guerreiro como São Jorge. Isso me confortou muito, falei, “deixa pra lá”, “eu tinha ido para a Olimpíada”, ele me disse assim, “logo mais vamos ter uma prova, o Coronel Eric vai ver que você não é o mais fraco daqui”, eu coloquei isso na minha cabeça. Entrei no treinamento da tarde como um adoidado, joguei dois assaltos com o Cramer, perdi um e ganhei o outro, do Dario eu ganhei os dois, do Couto eu ganhei um, o outro assalto eu não ganhei porque teve uma tomada de ferro. Eu machuquei a mão dele, com o acidente parou o assalto, o Kiara chegou e falou, “está parecendo um louco”, “está jogando como se estivesse defendendo um prato de comida”, eu digo, “não, o senhor disse que eu ia mostrar que não era o pior, é isso que estou tentando fazer”. Eu me conformei, digo, “com tanta injustiça, porque não pode haver uma comigo”, eu queria jogar, mas sabia que a gente não tinha condições de ganhar, era só pelo prazer de jogar, não ganhamos nada por equipes, e não ganharam nada no individual.

10.5 FUTEBOL

Síntese biográfica

Ademir Ueta

Conhecido como China, nasceu na cidade de São Paulo, em 03 de outubro de 1948. Começou a jogar futebol no Meninos F.C. Depois, atuou no Flamengo da Pauliceia, ambos de São Bernardo do Campo-SP. Foi aprovado em um teste no Palmeiras, indicado por um amigo do pai. Em 1967, foi convocado para a seleção brasileira, que foi aos Jogos Olímpicos do México em 1968. Jogou profissionalmente em vários clubes como: Guarani; Marília e Catanduvense, no Brasil; e Aliança Clube e Marítimo de Portugal. Em 1981, já conciliava a carreira de atleta com o comércio de defensivos agrícolas em Catanduva - PR, o que administra até o presente. Jogou ainda no Deportivo Português da Venezuela, no Grêmio e, em 1983, no final da carreira, disputou o Campeonato Paulista da Terceira Divisão pelo Monte Alto.

Antônio Pedro de Jesus

Antônio Pedro de Jesus, mais conhecido como Toninho II, nasceu em São Paulo, em 26 de julho de 1947. Começou a jogar futebol aos 13 anos, no São Paulo, levado pelo pai. Em 1968, foi convocado para participar dos Jogos Olímpicos do México. Tornou-se profissional em 1969, no São Paulo e jogou até 1972. Foi campeão paulista em 1970 e 1971. Atuou no Paulista de Jundiaí; América de São José do Rio Preto; Saad; Noroeste; Ferroviária e Bahia, onde encerrou sua carreira em 1978, em virtude de uma lesão no joelho. Formado em Educação Física, atualmente, mora em Neves Paulista - SP.

Arnaldo de Mattos

Nasceu em São Paulo, em 15 de janeiro de 1947. Filho de uma família de cinco irmãos, moradores do Belenzinho, começou a jogar futebol aos 16 anos no infantil do Corinthians. No clube, foi campeão infantil e juvenil, porém não se profissionalizou. Participou da seleção brasileira que foi aos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Na volta da competição, jogou na Portuguesa Santista e depois no Saad, de Santo André, clube em que parou de jogar. Montou uma loja de perfumaria, onde trabalha até o presente.

Cláudio Norberto Deodato

Nasceu em São Paulo, em 27 de agosto de 1947. Revelado no futebol do São Paulo, participou dos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Em 1971, foi contratado pelo Náutico. No mesmo ano, defendeu o Atlético Paranaense e o Vitória. Retornou ao clube paranaense em 1973, permanecendo até o ano seguinte e, por fim, voltou ao Vitória em 1975. Encerrou sua carreira em 1977. Trabalhou no Grupo Sendas. Faleceu na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, em 11 de setembro de 2011, vítima de infarto.

Daniel Euclides Moreno

Nasceu em 18 de dezembro de 1948, em São Paulo. Começou a jogar futebol no Palmeiras, clube que defendeu entre os anos de 1964 e 1974 e de onde foi selecionado para participar dos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Foi emprestado ao América, de Rio Preto, em 1969. Atuou, ainda, pelos clubes: Catanduvense; e São

José, de São José dos Campos. Atualmente, reside em São José dos Campos e trabalha na Sabesp.

Fernando Ferretti

Nasceu em 26 de abril de 1949, no Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira no futebol do Botafogo, onde foi campeão e artilheiro da Taça Brasil de 1968, mesmo ano em que participou dos Jogos Olímpicos do México. Jogou no Santos, no início dos anos 1970. Faleceu em Araruama - RJ, em 29 de agosto de 2011, vítima de câncer.

Getúlio Pedro Cruz

Nasceu em São Paulo, em 13 de fevereiro de 1947. Começou sua carreira no futebol jogando na Ferroviária, de Araraquara. Posteriormente, atuou pelo São Paulo. Entre os anos 1976 e 1979, defendeu o XV de Piracicaba. Participou dos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Atuou, ainda, pelo Comercial, de Ribeirão Preto. Faleceu em Araraquara, no dia 12 de fevereiro de 2008.

Hamilton Rubio

Hamilton Chance Rubio nasceu em São Paulo, em 04 de março de 1949. Jogava futebol no Juventus, quando foi selecionado para participar dos Jogos Olímpicos do México, em 1968.

João de Almeida Filho

Nasceu em São Paulo, em 03 de julho de 1947. Foi jogador de futebol e atuou como zagueiro pelo Corinthians, em 1968. Participou dos Jogos Olímpicos do México, em 1968.

Jorge Alves da Silva

Nasceu em São Paulo, em 23 de fevereiro de 1946. Jogava futebol e atuou como zagueiro e, também, como meia, no Palmeiras, entre 1968 e 1969. Foi aos Jogos Olímpicos do México, em 1968.

José dos Santos Dutra

Nasceu em 26 de janeiro de 1948, no Rio de Janeiro. Começou a jogar futebol no Vasco da Gama e em 1968, foi aos Jogos Olímpicos do México. Em seu retorno, teve uma rápida passagem pelo Bonsucesso. Depois, transferiu-se para o Vitória da Bahia, onde jogou uma única temporada. Em 1972, jogou pelo Remo do Pará, clube pelo qual conquistou títulos estaduais e encerrou sua carreira de atleta, em 1979. Tornou-se técnico de clubes como: Anapolina; Tuna Luso; Paysandu; Moto Club; Sampaio Côrrea; Maranhão e Imperatriz. Atuou também em clubes da África, como: o Étoile du Sahel; Al Hilal do Sudão; Wydad Athletic e o Constantine.

José Plínio de Godoy

Nasceu em São Paulo, em 03 de fevereiro de 1946. Começou a jogar futebol no Corinthians, em 1967 e foi convocado para a seleção que disputou os Jogos Olímpicos do México, em 1968. Em 1969, jogou no Millonarios, da Colômbia. Voltou ao Corinthians, onde jogou, entre 1970 e 1971 para, depois, se transferir para o Fortaleza, em 1973 e jogar até 1975.

Lauro de Melo

Nasceu na cidade de São Paulo, em 12 de setembro de 1944. Começou a vida

esportiva, praticando atletismo no Pinheiros, mas queria ser jogador de futebol. Primeiro, fez um teste no São Paulo e não passou. Foi levado por um vizinho para o Palmeiras e por lá ficou, com um contrato de gaveta. Participou dos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Depois, atuou pelo América de Rio Preto, pelo Náutico e voltou ao Palmeiras, quando quiseram emprestá-lo novamente, mas sua vida fora dos campos já estava organizada. Encerrou a carreira de atleta aos 25 anos e tornou-se sócio da namorada e da irmã em um salão de beleza, em São Paulo.

Luiz Henrique de Mello

Nasceu no Rio de Janeiro, em 25 de fevereiro de 1949. Foi atacante do Flamengo e participou da seleção brasileira de futebol, nos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Em 1990, alterou seu nome para Luiz Henrique Byron de Mello.

Manoel Maria

Manoel Maria Evangelista Barbosa dos Santos nasceu em 29 de fevereiro de 1948, em Belém - PA. Aos 13 anos, foi visto por um olheiro do Remo, que o levou para jogar futebol em Pernambuco, onde fraturou o braço, lesão que o fez voltar para casa, em Santarém - PA. Passou, então, a jogar pelo São Raimundo. Em 1966, transferiu-se para o Tuna Luso, quando foi selecionado para participar dos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Na sequência, foi contratado para jogar no Santos. Sofreu um sério acidente automobilístico, aos 22 anos, que comprometeu sua condição física. Ainda assim, jogou nos clubes: Portuguesa Santista; Racing, da Argentina; Paysandu; Coritiba; Colorado, do Paraná; encerrando sua carreira no Cosmos, de Nova York. Depois de encerrar a carreira de atleta, tornou-se treinador e promotor de talentos.

Miguel Ferreira

Miguel Ferreira Pereira nasceu em 20 de setembro de 1949, no Rio de Janeiro. Começou a jogar futebol no Olaria, quando foi selecionado para participar dos Jogos Olímpicos do México, em 1968. No ano seguinte, passou a jogar pelo Vasco da Gama e foi campeão brasileiro, em 1974. Foi para o Fluminense, em 1978, clube que defendeu por dois anos. Atuou, ainda, pelo Botafogo; pelo Unión Magdalena, da Colômbia; e pelo Chicago Sting, dos EUA. Terminou sua carreira no Madureira, em 1982. Desde então, tornou-se treinador, dirigindo o Bonsucesso e o Bangu, além de trabalhar como assistente técnico do Atlético Paranaense.

Raul Marcel Barreto

Nasceu em 06 de fevereiro de 1948. Sonhava jogar futebol e por isso bateu às portas do Palmeiras, em 1963, pedindo para jogar no juvenil. Queria ser goleiro. Foi aceito e, em 1968, participou dos Jogos Olímpicos do México. Em 1969, foi para o América, de São José do Rio Preto. Voltou ao Palmeiras, para jogar até 1974. Em 1975, transferiu-se para o Santa Cruz e, no ano seguinte, para o Windsor Stars, do Canadá. Encerrou sua carreira profissional, em 1978, na Portuguesa Santista. Tornou-se sócio proprietário de uma indústria de moldes plásticos. Faleceu em 30 de março de 2011.

Sebastião Carlos Silva

Nasceu em 08 de março de 1948, em Santa Leopoldina - ES. Morador do Itaim Paulista, na Zona Leste da cidade de São Paulo, jogava futebol nos muitos campos de várzea do bairro. Atuou no Esplanada e no Marechal, antes de participar da peneira no qual foi selecionado no Corinthians, pelo professor Teixeira. Em 1968, participou

da seleção que foi aos Jogos Olímpicos do México e, nesse mesmo ano, estreou no profissional. Em 1976, foi emprestado ao Coritiba e, em 1977, negociado com o Juventus. Encerrou a carreira no União Suzano, em 1982.

Fragmento narrativo

Arnaldo de Matos

Eu nasci na Vila Maria Zélia, em 1947, essa Vila fica no Belenzinho, é muito grande. Tinha de tudo, hoje não tem mais, mas tinha escola, campo de futebol e eu nasci ali, somos cinco irmãos, nascemos e fomos criados nesse bairro. Eu não fui no pré-olímpico, eles foram em vinte dois jogadores para o pré-olímpico na Colômbia, quando voltaram dispensaram um jogador do Olaria, chamado Alfinete. Sei que no final eles ficaram com vinte jogadores, tiveram que convocar mais dois jogadores para completar vinte e dois, depois iam cortar quatro. Foi aí que eu entrei, eles convocaram o Hamilton, que era do Juventus e eu. Nós não tínhamos ido para o pré-olímpico e cortaram quatro jogadores, Dionísio, que jogava no Flamengo, Major, do Vasco, Sá, do Bonsucesso e o Guaci, que era do Guarani. Ficou fora por contusão.

Convocação

Eu não esperava ir para a Olimpíada. O Almeida, o Tião e o Plínio tinham ido para o pré-olímpico, quando eles voltaram, falaram, “Arnaldo se prepara porque você será convocado”, eu não acreditei, naquele tempo a Gazeta Esportiva saía no domingo à noite, eu morava na Vila Maria Zélia. Às 21h fui buscar a Gazeta Esportiva no Largo da Concórdia, era o primeiro lugar que abria, foi uma festa, fiquei muito contente, eu coloquei na cabeça que não ia ser cortado. Fui cortado do pré-olímpico porque fiz muita bagunça na viagem para a África, fomos convocados e ficamos sessenta dias treinando em Campos do Jordão. Falei, “vou treinar e me dedicar”, “não quero ser cortado”, tinha que ter determinação. Quando você passava na peneira e entrava em um clube, você levava um contrato para casa. Eles chamavam de contrato de gaveta, você e o seu pai assinavam, se você vingasse, eles preenchiam e davam entrada na federação, se não vingasse eles rasgavam e jogavam fora. Eu fui convocado para a Seleção Olímpica em um domingo. Eu me apresentei no Corinthians para treinar na terça-feira, pensei, “vou lá quietinho”, o treinador do time de cima chamava Oswaldo Brandão. Eu comecei a me trocar, ele falou, “você tem uma sorte danada”, “porque”, “eu estou te secando aqui e os caras te convocam para a seleção brasileira”, “você vai ao dentista, se tiver alguma cárie vai ser cortado, aí vai ver o que é bom”, fui e eu tinha uma cárie, falei, “tenho que arrumar essa cárie, vou me apresentar amanhã à seleção, posso ser cortado”, “são 14h pode voltar às 18h aqui que você vai fazer a obturação”. Antigamente o exame médico era dentário, não fazia outra coisa, olhava se os dentes estavam bons e ia embora, mas o que o Brandão judiava da gente era brincadeira.

Preparação para os Jogos Olímpicos

A nossa preparação foi em Campos do Jordão, quase sessenta dias, depois fizemos uma excursão para o Norte, em Manaus e Belém, fomos para o nordeste, onde machucou um monte de jogador, tinha um rapaz chamado Guaci, jogava no Guarani, era titular e foi dispensado, eu acabei me machucando, depois houve quatro cortes. O nosso técnico era de Minas Gerais, o Marão, ele não conhecia nenhum jogador de São Paulo e do Rio de Janeiro, tanto que nenhum jogador mineiro foi

convocado, o seu João Atala que fazia a convocação, metade dos jogadores eram do Rio de Janeiro e a outra metade de São Paulo.

Antigamente mesmo jogando na equipe de cima de um clube profissional você poderia ir para a Olimpíada, não podia ser profissional, e tinha que ter idade, não podia ser registrado na Federação de Futebol, os jogadores eram de times pequenos, o Getúlio era titular da Ferroviária, o Hamilton era do Juventus, o Sá era do Bonsucesso, todos times pequenos. Os países da cortina de ferro disputavam as Olimpíadas com os times principais, eles eram considerados amadores. Se eu não me engano, a Bulgária foi campeã em 1968 e o time deles era o principal. A Tchecoslováquia foi com o time principal e a Romênia também, para a FIFA nesses países não existia o profissionalismo, então eles jogavam com os times principais. Na América do Sul e na Europa, os times eram amadores, não podiam ter contrato profissional.

Os Jogos Olímpicos

A gente não tinha ideia do que era uma Olimpíada, é um negócio fantástico, mas o Brasil nos mandou sem estrutura nenhuma, fomos sem médico, nós que lavávamos nosso calção e meia, uma coisa absurda, o nosso grupo não tinha estrutura, gente muito nova, eu tinha vinte e um anos, a orientação não era bem feita, saímos do Brasil só com o massagista, Nocaute Jack, ele fazia o papel de massagista e de roupeiro, e o treinador, não tinha estrutura. Nessa época, nas Olimpíadas, o xodó do Brasil era o Basquete, tinha o Amaury, Rosa Branca, Wlamir Marques, inclusive, nós fomos com toda a delegação no avião da FAB. Eles foram em um avião particular, da Confederação Brasileira de Basquete, eles tinham uma mordomia danada. Nosso time era badalado, era bom, a estrela do time era o Manoel Maria. No primeiro jogo ele foi expulso, não participou de nenhum jogo, nós fomos em dezoito jogadores, o Lauro era o centroavante reserva do Ferreti, com o Manuel Maria expulso o Plínio foi obrigado a jogar na ponta-direita. O Ferreti estava mal e não tinha quem jogar, porque o Lauro estava machucado. A Vila Olímpica era fantástica, tinha tudo que a gente podia imaginar, o dia inteiro e à noite.

Precisa ter estrutura para ir para uma Olimpíada, a gente via que os outros países tinham estrutura, a gente dormia com nove jogadores em um quarto, que era comandado pelo senhor João Atala, chefe da delegação. Os outros nove dormiam em outro quarto com o treinador, chamado Celso Marão, era dividido. Tem coisas que acontecem que a gente nem acredita. O Raul, que era o goleiro, dormia no quarto do Marão, eu dormia no quarto do seu João Atala, teve um dia que acordamos cedo para treinar, era 7h30. Foi antes dos Jogos começarem, tomamos café, subimos no ônibus, ele sentou do meu lado e começou a roncar, “pô Raul, acordamos agora e você está roncando”, “eu não dormi”, “como você não dormiu”, “eu saí com a turma do basquete”, “como, o homem não viu”, “não, o Marão deita as 22h começa a roncar. Eu coloco os travesseiros, cubro e saio”, “quem você levou junto”, “levei o Getúlio”, Getúlio era o outro goleiro, era o titular, “você ainda vai levar o cara para o buraco”, eu falava para o Raul não levar o Getúlio, “você vai levar o principal jogador para o buraco”,

A competição

O primeiro jogo do Brasil foi contra a Espanha, a seleção estava jogando direitinho, tomamos um gol, infelizmente, em uma jogada boba do Mané. Ele foi na linha de fundo, o adversário estava dando pancada nele, o Mané deu um biquinho no tornozelo do cara, o juiz viu e expulsou, nós perdemos o jogo nesse momento. Depois fomos jogar em Puebla, eu sempre fui lateral-esquerdo. Não tenho cacoete nenhum

para jogar de centroavante, estávamos jogando contra o Japão, estava 1x0 para o Brasil, então o Marão gritou, "Arnaldo, aquece", "você vai entrar no lugar do Ferreti". Pensei, "ele deve estar brincando", "o Ferreti é centroavante", mas não tinha mais ninguém para jogar na frente, ele falou, "você joga na frente e segura", nisso o Japão empatou, entrei e não fiz nada, o jogo acabou 1x1. Em Puebla, mesmo jogamos contra a Nigéria, também fiquei na reserva nesse jogo, estava 3x0 para a Nigéria, ele falou para eu entrar de quarto-zagueiro, empatamos 3x3. Mas o Japão ganhou da Nigéria e perdeu para a Espanha, então classificou Espanha e Japão, nós saímos, foi um fiasco, ninguém acreditava que naquela chave com Brasil, Espanha, Japão e Nigéria, o Japão ficaria na nossa frente.

Do jeito que nós fomos não ganhava nada, o Brasil ganhou duas medalhas, uma de prata, com o Nelson Prudêncio, e uma no Boxe, com o Servílio. Eles tinham determinação, dava para ver, eram dois boxers, o Servílio e outro rapaz, e o treinador, eles acordavam cedo, tomavam café, saíam os três para treinar, os três voltavam, almoçavam, tinham essa rotina. A gente não, acabava o treino era uma bagunça, cada um para um lado, todos atrás de mulher, dezoito atletas, todos de vinte e um anos, ninguém segurava. Depois que nós perdemos a Olimpíada o seu João falou para mim, "Arnaldo se eu soubesse eu traria os jogadores da primeira divisão, mais maduros", isso porque os caras de vinte e um anos, as mulheres em cima da gente, porque mexicano adora brasileiro, ninguém segurava, cada um saía de um lado, não tinha como. Nós recebíamos uma diária de quatro dólares, não dava para nada, na época o dólar valia cento e cinquenta cruzeiros, a gente imaginou que ia comprar alguma coisa no México, quando chegamos, tudo estava mais caro por causa das Olimpíadas. Ficamos doze dias no México, ninguém treinava, não fazíamos nada, um saía para um canto, outro para outro lado, mas todos duros, sem dinheiro, os caras que estavam comigo nenhum tinha dinheiro. A sorte é que tomava café, almoçava, e jantava na Vila, a gente saía para dar uma volta na cidade, não comprava nada e voltava para dormir.

Viagem de volta para o Brasil

Nós fomos desclassificados dia 18 de outubro, voltamos para o Brasil 30 de outubro. O passaporte era coletivo, quando íamos voltar, o avião teve um problema no motor, eu lembro disso, fizemos uma bagunça na concentração, jogamos água em tudo, fomos para o aeroporto, chegamos, o avião não ia levantar voo. Só no dia seguinte é que nós saímos da Cidade do México e paramos em Acapulco para abastecer, ficamos em um hotel em Acapulco, foi uma farra danada. No dia seguinte fomos embora, ele anunciou, "dentro de instantes vamos aterrissar no Aeroporto da Pampulha", aterrissamos no Panamá, descemos no aeroporto e os caras com metralhadora na mão, abasteceu, subimos no avião, "dentro de instantes vamos aterrissar no Aeroporto do Rio de Janeiro", os atletas do Rio comemoraram, depois, "no Aeroporto de São Paulo", os atletas de São Paulo comemoraram, descemos em Manaus, subiu outra vez, começou a mesma coisa, "dentro de instantes estaremos no Rio de Janeiro", "São Paulo", acabamos em Minas Gerais, demoramos uns quatro dias para voltar. Em Minas o João Atala falou, "quem quiser vir comigo de ônibus eu pago a passagem", viemos uma meia dúzia, viajamos em um ônibus leito da Impala. Demoramos mais seis horas, não arriscamos, o avião da FAB vinha pingando de lugar em lugar, um medo danado, aquelas hélices do lado, as coisas caindo quando o avião virava.

Estudos

Eu cheguei a me formar em química industrial, curso técnico, a maior parte dos jogadores não tem estudo nenhum, um amigo que jogava comigo no Corinthians hoje é vendedor de camisas e outras coisas, o Moreno trabalhou na Sabesp, o China estava bem em Catanduva, mas a maioria não tem estrutura, é muito difícil porque o cara começa a jogar futebol ele não tem tempo para estudar, por causa das viagens, mesmo em times pequenos, o jogador viaja na terça para jogar na quarta. Chega em casa na quinta, na sexta se concentra para jogar no domingo, não tem como estudar.

China

Eu nasci em São Paulo, morei muito tempo no Cambuci, no Ipiranga, depois com dez anos de idade nós fomos morar em São Bernardo do Campo, onde minha família se estabeleceu. Em 1964 eu comecei treinar para jogar no Palmeiras, eu ainda estudava, me formei no ginásio, naquela época, parei meus estudos, depois voltei a estudar. Em 1967 surgiu minha primeira convocação para uma seleção paulista, depois uma seleção brasileira, antiga CBD, jogamos o Sul-Americano no Paraguai. No ano de 1968 vem a seleção pré-olímpica, disputamos o pré-olímpico na Colômbia, eu fui convocado para essa seleção. No pré-olímpico nós precisávamos ganhar da Colômbia no último jogo, Precisávamos ganhar para classificar para os Jogos Olímpicos, estádio lotado, presidente da Colômbia e ganhamos, porque nós precisávamos da vitória, fomos campeão pré-olímpico. Devemos muito ao Manoel Maria, contra a Colômbia, tinha um lateral-esquerdo, Viáfara o nome dele. Era um jogador muito bom, no vestiário o Manuel Maria falou, “pode deixar, eu vou dar um jeito nesse cara”, e deu. Nas três primeiras jogadas apagou o cara, nunca mais. O Lauro fez dois gols nesse jogo, nos sagramos campeões e classificamos para as Olimpíadas do México.

Nesse intervalo, eu perdi minha mãe, muito cedo, ela faleceu com trinta e oito anos, mas eu fico satisfeito, porque eu vim do pré-olímpico, e uns dias antes dela morrer, ela me viu estreiar no time profissional.

Antes das Olimpíadas eu fui para a Libertadores. O Palmeiras perdeu a final para o Estudantes, no campeonato Paulista quase desceu para a segunda divisão, então foi um ano movimentado na minha carreira. Como eu estava um pouquinho conhecido, fui chamado para o exército, tive que servir o exército. O Palmeiras demorou para entrar em ação, eu fui obrigado a vestir a farda. Essa é uma história que eu gosto de contar, com a convocação para seleção olímpica, passei a treinar e tive dispensa, estava chegando as olimpíadas e a autorização definitiva para viajar não vinha, chegou em um dado momento, não tinha liberação, eu estava treinando com a seleção. Chegamos a treinar em Campos do Jordão, e nada da autorização para viajar para o México, falei, “eu não perco, eu vou, der o que der eu vou para as Olimpíadas”. Eu tinha autorização para ir para a concentração, fazer a pré-temporada para as Olimpíadas, mas autorização para sair do país estava difícil. Nossa autorização não chegou, eu subi no avião e fui embora, não quis saber, quando voltei o capitão Juarez e o sargento Carlos, nunca me esqueço, eles eram do meu batalhão, fui me apresentar, o homem colocou a mão na cabeça, o capitão era um senhor já, mas uma pessoa de bom senso, “você me deixa louco rapaz, você ia ser considerado desertor, ia ser preso assim que pisasse no Brasil”, eu falei, “mas eu estava defendendo meu país, tinha uma alegação”, “foi o que eu fiz e consegui”, então quase eu volto preso, era desembarcar e ser preso, mas esse capitão foi muito compreensivo.

Treinamentos para os Jogos

Os treinamentos foram todos aqui em São Paulo, quem cuidou da seleção foi o João Atala, falecido hoje, através da Federação Paulista. O treinador que foi para as Olimpíadas não foi o mesmo do pré-olímpico. Na classificação, o treinador foi o Antoninho, para as Olimpíadas tiraram ele e foi um mineiro no lugar, Marão, foi algumas questões políticas da época, eu senti que foi isso, porque na última hora tiraram, ninguém explicou nada. Nenhum problema com o Marão, nada contra, foi uma mudança talvez imposta, ninguém explicou nada, o Antoninho já vinha treinando a seleção para o pré-olímpico, de repente houve essa mudança.

Jogos Olímpicos

Eu me lembro de muita coisa sobre o México. O desfile de abertura foi muito bonito, naquela época o México inovou, foi uma coisa excepcional, Vila Olímpica maravilhosa, onde você se confraterniza com os brasileiros de outras modalidades, outros povos, isso é muito importante. Os restaurantes eram todos separados, acidentais, asiáticos, por causa da comida, e nós frequentávamos o mesmo restaurante que os cubanos, quando eles entravam na frente para o café da manhã, almoço ou jantar, quem vinha depois tinha que esperar, porque eles limpavam tudo, era tudo a vontade, eles levavam bolsas e levavam tudo, foi uma época que teve muita fuga de atletas cubanos por causa do regime que eles tinham. Na Vila Olímpica nós ficamos alojados no mesmo prédio que estava a equipe de basquete, na época, o Rosa Branca, o Ubiratan, o Abebe Bikila, campeão do atletismo, atletas excepcionais, todos no mesmo prédio. Antes do início das competições, durante os treinos, você pegava um ônibus dentro da Vila Olímpica, que fazia um trajeto pelos locais de treinamento, então era gente de todo lugar e todas as modalidades, as vezes passava pelo lugar do remo, pelo lugar do judô, assim seguia.

O mexicano gosta muito do brasileiro, muito, brasileiro todo mundo adora, quando nós chegamos, nos acomodamos, fomos para um local onde tinha uma piscina, sentamos, tinha uma roda, começou o samba, no dia seguinte a imprensa toda, “chegaram os brasileiros, chegou a alegria na Vila Olímpica”, porque realmente o povo russo, são muito fechados. Às vezes nós tínhamos uma folga, era assim, “olha hoje à tarde tem folga”, então vamos pegar o ônibus e ir para a cidade, a Vila Olímpica era retirado. O ônibus ficava mais ou menos próximo da rodovia, você podia sair arrumado, mas tinha que sair sempre com alguma identificação da seleção, então a gente saía com o agasalho, só com blusa do agasalho, escrito Brasil atrás, “vamos ver como é lá fora, do lado de lá”. Fomos onde passava o povo com o carro, já começaram a parar, “Brasil, Brasil, onde você vai”, “nós vamos passear”, “sobe aqui no carro”, passaram uns dias, todas as delegações estavam ali também, então as famílias, pessoas que passavam paravam, você estava em um lugar paravam, te davam carona, sabiam que você era atleta olímpico.

Tem histórias assim, eu e o Toninho conseguimos um carro emprestado, o Toninho dirigia, fomos dar uma volta e o carro tinha pouco combustível, nós estávamos em uma avenidona na Cidade do México e nada de posto de gasolina, avenida de mão dupla, nós íamos para a casa do pessoal que emprestou o carro, a direção era fácil, estávamos indo o Toninho falou, “nós vamos parar”, “não, olha lá um posto”, tinha uma entrada que atravessava a avenida, uma rua, saía no posto mas era contramão, Toninho falou, “não vamos ficar na rua, vamos abastecer”, entrou e parou no posto, para um policial com uma moto enorme e conversa com a gente, a gente de agasalho, “vocês são brasileiros”, “mas vocês não podiam fazer isso”, o Toninho, “mas precisávamos abastecer”, “sei, mas não pode virar”, “eu não vi o sinal”, “mas tem uma

placa ali, de contramão”, “mas isso é mundial, todo mundo é igual”, “vou perdoar porque vocês são visitantes”.

As competições

Eu machuquei no primeiro jogo, contra a Espanha, no Estádio Asteca. Estávamos empatados, 0x0, estávamos jogando muito bem, eu fui derrubado na área, o juiz não deu pênalti, a bola sobrou assim, o cara veio, veio proposital e chutou minha clavícula, eu fiquei no mesmo lugar, estava fora dos Jogos Olímpicos, infelizmente também, os colegas não conseguiram passar para próxima fase. Foi muito difícil para aceitar, fui levado para o hospital, socorrido, foi uma luxação muito forte, não dava tempo de mais nada, estava fora dos Jogos, mesmo se a gente classificasse. O atendimento foi muito bom, muito rápido, dentro da Vila o centro médico era excepcional, fui muito bem cuidado, eu me recuperei nesse tempo que passamos no México, quando voltei para o Brasil já podia jogar. Um dos jogos foi fora da Cidade do México, eu não fui por causa da contusão, foi difícil, na época o massagista era o Nocaute Jack, ele passava horas comigo, fazendo tratamento. Mas o prazer de ser um atleta olímpico é muito grande, ouvir o hino, a bandeira, é muita emoção.

Naquela época o apoio era zero, era muito mais difícil. As seleções da cortina de ferro jogavam com seus times principais, disputavam a Copa do Mundo e as Olimpíadas, Rússia, Polônia e outros times, eles eram amadores e profissionais, nosso time profissional não podia participar, a gente tinha esperança que a equipe estava preparada para seguir, infelizmente não estava. Nós éramos amadores, eu era do Palmeiras, outro do Corinthians, um amadorismo marrom, porque eu tinha ajuda de custo, então se for ver não era amador. Nós não classificamos, mas tivemos que permanecer no México, porque nós fomos com o avião da FAB, então tivemos que esperar para voltar, ficamos no México de quinze a vinte dias, sem treinar, sem mais nada, estávamos desclassificados, então passamos a acompanhar outras modalidades. Fui ver um jogo de polo aquático que eu nunca tinha visto. Fomos ver algum jogo de basquete, “olha, o Nelson está indo bem”, nós fomos torcer para o Nelson Prudêncio, na época do salto-triplo. Foi maravilhoso, perdeu na final.

Nós viajamos com o avião da FAB, não foi o avião de carga, no retorno nós paramos em Minas, o avião muito ruim, nós, os paulistas, acabamos de chegar de ônibus, o chefe da delegação João Atala, uma pessoa dedicada, trabalhou muito em todas as seleções que eu fui, falou, “nós vamos embora de ônibus”, os cariocas já tinham ficado no Rio, conseguiu um ônibus, comprou as passagens, e chegamos.

Depois dos Jogos

Naquela época no Palmeiras, a situação era um pouco melhor, eles passaram a nos dar um auxílio, mas tivemos que assinar um famoso contrato de gaveta. Era um contrato em branco da CBF, CBD na época, ele tinha uma folha branca, cor de rosa, verde, azul, eram várias coisas. Você assinava ela em branco, se você fosse para outro time eles preenchiam, davam entrada com data retroativa, o que acontecia, “o jogador é nosso, você não pode levar ele”. Falava contrato de gaveta porque realmente ficava guardado em uma gaveta. Um responsável tinha que assinar para dar validade porque éramos de menor, no meu caso foi meu tio, não meu pai, passei a ganhar uma ajuda de custo, treinava no profissional, mas jogava no infantil, ou no juvenil, no aspirante, isso era muito comum com jogadores que eles tinham interesse, que foi o meu caso, do Moreno, e de alguns outros.

Em 1973, no início do ano, o catanduvense tinha o interesse em ficar com o meu passe, nessas idas e vindas entre o Palmeiras e o Catanduva eu comprei meu

passse do Palmeiras, quando recebi o documento estava escrito, “passse livre”, isso me machucou bastante. Fui morar em Catanduva, onde moro até hoje, prestei vestibular, tinha aberto a Faculdade de Educação Física em Catanduva, passei, eu fiz o curso para ter pelo menos alguma coisa, eu não vim de uma família abastada, para época era uma família média, porque já estava chegando o tempo, a hora de parar, em 1975 eu me formei, também sou advogado, e no final do ano me casei.

Toninho

Eu fui convocado para a Seleção Olímpica em 1968, foi muito gratificante, eu fui campeão brasileiro em Minas, com o Mario Travaglini, na seleção paulista, contra o time do Zagalo. Fomos campeões pré-olímpicos, ganhamos a final da própria Colômbia, nós fomos intimados pelo presidente do Comitê Olímpico, Sylvio de Magalhães Padilha. Ele mandou uma mensagem dizendo que nós teríamos que ser os campeões porque se nós fôssemos vice não iríamos para o México, jogamos muito bem a final, ganhamos de 3x0 da Colômbia, em Bogotá. Quando voltamos, todos estavam preparados e entrosados. Fui chamado para a seleção olímpica, fomos para o México, mas no México levávamos uma pequena desvantagem, porque as equipes europeias não eram amadoras, eram profissionais. Nós não podíamos nos profissionalizar, tínhamos contrato de gaveta, eu assinei meu primeiro contrato no São Paulo em 1969, antes era contrato de gaveta, apesar de ganhar como um profissional, essa ida para o México foi a parte final do processo para começar a se profissionalizar.

A Viagem

Na viagem para o México nós tivemos que dormir na Força Aérea do Panamá, dormimos nos bancos, tomamos coca e comemos sandubias americanos, a gente curtia, era jovem, mas chegamos bem.

O México

O México tinha alguns problemas políticos também, a gente ficava, sabendo mas não se envolvia, eles procuravam esconder as coisas da gente, a gente não saia muito da Vila Olímpica. Saia para fazer compra, quando uma amiga ligava e pedia autorização.

As competições

Não fomos muito felizes, jogamos contra a Espanha no Estádio Asteca, perdemos de 1x0, dominamos o jogo todo e perdemos por um, foi uma coisa incrível. Empatamos com o Japão, Miguel machucou no finzinho do jogo, todos pararam e o juiz deixou o time do Japão continuar, o cara cruzou e marcou um gol, não conseguimos ganhar. Contra a Nigéria, jogamos em Puebla, nesse último jogo eu joguei muito, o Manoel machucou, eu joguei de meia direita, meu reserva Luiz Henrique, do Flamengo, jogou na ponta, eu fiz um gol, o Ferreti fez dois, batemos 3x3, estávamos perdendo de 3x0, empatamos 3x3, no intervalo do jogo o Mario Celso falou, “se não honrarem essa camisa eu vou bater em vocês”, em dez minutos empatamos o jogo, chutamos várias bolas na trave, mas não conseguimos ganhar. O time era muito bom e não conseguia desenvolver o futebol, nós tínhamos certeza de uma excelente campanha, fomos com a esperança de pelo menos uma medalha de bronze, ficamos em quarto lugar na chave, saímos fora.

Eu me lembro que na Vila Olímpica nós ficamos no mesmo que a Etiópia, meu companheiro de apartamento era o Tião, a gente aqueles horários, até as onze horas da noite você ainda pegava o último restaurante aberto, como estávamos

desclassificados, eles deram nosso passaporte e deixaram a gente a vontade, ficamos fazendo compra, passeando e pegando umas festinhas. Ficamos no México quinze a vinte dias, assistindo outros jogos, outras modalidades, tivemos a felicidade de participar com o Wlamir, o Rosa Branca, Mosquito, o Edvar Simões, depois trabalhei com ele no Monte Líbano, eu conheci o Nelson Prudêncio, aquela turma toda, vi o americano correr os 100m rasos, bater o recorde, foi muito bom. Eu assisti a final do futebol, Hungria e Bulgária, eram os melhores times, eram profissionais. O jogo ficou 4 ou 5x1, para a Hungria, o jogo foi no Estádio Asteca, o pessoal jogava as almofadas, eu gravei o grito de guerra deles, “a la bajo, a la riba, a la vir bomba, Mexico, Mexico”, e o reco-reco solto.

Nós ficávamos um pouco abandonados, não tivemos muita coisa, o chefe da nossa delegação era o senhor Atala, não me lembro quem era o outro, alguém do Palmeiras, eram dois. Atala disse que nossa diária não teve nem graça, era de um dólar, um dólar, eu tinha dinheiro porque papai tinha uma drogaria e eu ganhava bem no São Paulo, era oitocentos contos, eu levei uns três mil dólares, comprei muita coisa, deixava para comprar no final, mas não tivemos apoio, não era muito organizado. Na volta o avião da Força Aérea também teve problema, foi um DC6, gastamos de oito a dez horas, mas era bom o avião, paramos em Acapulco, ficamos três dias, foi quando eu conheci Acapulco, eu cheguei a dançar de shortinho com toalha amarrada nos taxis girls, eu e o Ferreti. Eu fiz Educação Física ainda quando jogador, minha mãe pedia muito, “faça tudo o que você gosta, mas não deixe de ter um diploma”.

Hamilton Chance Rubio

Eu jogava futebol de várzea, no Ipiranga, perto do Moinho Velho, no Sacomã. Chamava Atlético do Moinho Velho, eu era um meninão de quinze, dezesseis anos, teve um senhor, o seu Maurício, eu me lembro como se fosse hoje, não vou esquecer nunca, ele sempre ia no campinho ver a gente jogar, chegou um dia, depois do jogo, ele falou, “vem cá moleque, você quer tentar a sorte no profissional”, “não dá, eu tenho que ajudar meu pai”. Naquele tempo tinha isso, meu pai era assalariado, tinha que ajudar, “então fala com seu pai”, pegou um cartão e me deu, “se você resolver, você vai no Juventus e procura o seu Mario Previato”, eu fui, fiz a peneira, entrei para jogar, com quinze minutos ele me tirou, quando acabou ele falou, “amanhã você volta que você vai começar a treinar com os meninos que estão inscritos para o Campeonato Paulista”.

Convocação

No final de 1967 o seu João Atala, que era o vice-presidente da federação paulista, falou para o seu Mario que eu seria convocado para os Jogos Olímpicos, eu não sabia, o seu Mario veio me contar, “caramba”, “onde será”, “no México”, “mas minha mãe é doente, como é que eu vou”, “calma não é agora, vai demorar uns dois, três meses”, quando saiu a convocação meu nome estava na lista, eu fui o primeiro atleta do Juventus a defender a Seleção Brasileira. Nós viajamos o Brasil todo, fizemos uma pré-temporada em Campos do Jordão, que era adaptação de clima, tudo isso. Chegamos no México, nós íamos estreiar no dia 30 de outubro de 1968.

Os Jogos Olímpicos

A primeira coisa que lembro dos Jogos Olímpicos, foi o momento da abertura, nós no estádio, a delegação entrando, arrepiava, toca o hino nacional, a delegação toda chegando, entrando no estádio, isso é uma emoção. A Vila Olímpica é uma coisa linda, uma organização, o atendimento que você tem pelos funcionários. Cada

delegação tinha seu restaurante, a comida brasileira para a delegação brasileira, a comida espanhola para a delegação espanhola. Se eu não me engano, foram quatro mil e poucos atletas, então só ver aquela confraternização, as amizades, é uma coisa linda, só quem participa de uma olimpíada pode dizer.

As competições

Nossa seleção tinha um pessoal. Naquele tempo não era tão rigoroso, os caras saíram da Vila Olímpica, foram para boate, a coisa foi meio relaxada e nós perdemos, fomos desclassificados no Estádio Asteca, onde foi a abertura, o jogo foi contra a Espanha, ficou 1x0, esse jogo eu fiquei no banco, os espanhóis foram muito violentos, quebraram a clavícula do China no primeiro tempo, fizeram 1x0 e ficaram tudo atrás dando chutão para cima. Depois jogamos em Puebla, contra a Nigéria, empatamos 3x3, o jogo estava 3x0 para Nigéria. Esse jogo eu joguei, nós fomos para o vestiário, nosso treinador, José Marão, falou, “se nós perdermos esse jogo, nós não voltamos para o Brasil”, conseguimos empatar 3x3, mas infelizmente, com a combinação de resultados ficamos de fora da competição, fomos desclassificados, sei que ficamos trinta e oito dias passeando no México. Mesmo desclassificados ficamos na Vila, tínhamos que voltar com a delegação toda, porque nós fomos e voltamos com o avião da FAB, a única delegação que teve mordomia foi o basquete, na época do Rosa Branca, Wlamir, Amaury, Mosquito, eles eram bam-bam-bam mesmo. Também não ganharam medalha, mas foram com avião especial. A viagem foi horrível, tivemos que parar no Panamá, todos com fome, era só um hambúrguer e uma coca-cola para cada um, não podia comer mais, e nós demoramos vinte e quatro horas, um dia, saímos do México em um dia e chegamos no outro.

Depois dos Jogos

Quando eu voltei para o Brasil, no começo de 1969, eu assinei um contrato profissional com o Juventus, joguei contra o Santos na Vila Belmiro, contra o Corinthians no Parque São Jorge, subi como um rojão. De 1968 a 1972, até o meio de 1972, foram os melhores anos da minha vida, no sentido profissional, então eu tive a infelicidade de machucar o joelho. Muitos times me queriam, o São Paulo, na época com Diede Lameiro, o Bangu do Rio de Janeiro. O seu Mario falava, “eles querem emprestado, emprestado você não vai”, “só se for vendido”, para mim o que ele fizesse estava bem feito, meu pai também não tinha tempo para acompanhar, foi quando comecei a ajudar a família, comprei um terreno, um carro, até ter um problema sério no joelho, como eu tinha tendência para engordar, comecei a engordar, vieram aqueles problemas todos, “quer saber, vou abandonar”, “vou trabalhar”, e fui arrumar emprego, em 1975 eu me casei com minha esposa.

Lauro de Melo

Eu joguei na várzea até os dezoito anos, eu jogava bem, mas não era grande fã do futebol. Eu gostava mais de atletismo, eu treinava no Pinheiros, me forçaram a fazer um teste no Palmeiras, fiz e passei no teste. Eu assinei um contrato de gaveta no Palmeiras, em branco, na época todos faziam isso, se o jogador desse certo no futebol eles preenchiam o contrato, dez mil por mês e estamos conversados, assinavam para cinco anos, do jeito que quisessem, caso contrário, rasgavam e jogavam fora.

Convocação

Comecei a jogar e na mesma época que reuniram jovens para seleção pré-olímpica eu fui convocado para a primeira seleção de atletas não profissionais, era uma condição da época, disputamos o pré-olímpico na Colômbia, inclusive ganhamos a final da Colômbia, e nos classificamos para as Olimpíadas, mas ninguém ficou sabendo, a cada três, quatro dias, saía uma notinha na Gazeta Esportiva, não se falava mais nada, voltamos a jogar e treinar no Palmeiras. Tanto no pré-olímpico quanto na Olimpíada, ninguém sabia o que estava acontecendo, a mídia não se interessava, só tinha a Gazeta Esportiva, saía uma notinha, o jogo ficou 3x1, não falava quem fez o gol, quem tomou o gol, o futebol era assim, era difícil de aparecer, voltar e ser titular ou coisa assim. Convocaram a seleção olímpica, treinamos pelo norte e nordeste, jogamos contra o Fortaleza, Manaus, jogamos seis ou sete vezes até chegar na Olimpíada.

Jogos Olímpicos

A gente não tinha muita noção do que era uma olimpíada, nem eu nem os outros atletas do futebol, a gente perdeu logo no começo. A gente não tinha estrutura, os outros países tinham, levavam mais a sério, mas foi uma experiência ótima, hoje posso dizer que sou atleta olímpico, na época eu não tinha noção do que era ser olímpico, depois de algum tempo que entendi.

Vila Olímpica

A Vila Olímpica era muito boa, eram dez mil atletas, do mundo todo. Eu brincava muito com meus amigos do futebol, passavam aqueles atletas europeus, escandinavos, até vermelhos de saúde, os dentes branquinhos, eu falava para os meus amigos, “você quer ganhar deles, ganhar o que, todos desdentados, perna fina, malnutrido, a gente brincava com isso. Os atletas eram muitos fortes, os brasileiros fraquinhos.

Treinos e jogos

No México a gente ia treinar nos campos para treinamento, por exemplo, nós íamos treinar das nove às onze, quando a gente passava as nove o Japão estava treinando, voltava as onze o Japão continuava treinando. Eles tinham um ponta-direita muito rápido, o treinador jogava a bola na linha de fundo, o ponta-deita corria, corria, chutava a bola na área. Um centroavante grandão, cabeceava para trás, vinha alguém e chutava para o gol, nós brincávamos com o Almeida, nosso zagueiro central, de um metro e noventa e tantos, “se alguém tomar um gol desse jeito”, porque todo o dia, toda hora, eles estavam fazendo a mesma coisa, e nós fomos eliminados pelo Japão. Precisávamos ganhar, estava 1x0, jogo difícil, eles corriam muito, em uma altura do jogo, o japonês cruzou, o central cabeceou para trás, e fizeram o gol.

Eu fui machucado para as Olimpíadas, machuquei meu joelho no último treino em Fortaleza, quando voltei das Olimpíadas eu operei o joelho, eu fui para o México me recuperando. No primeiro jogo deu aquele crack, aquela engasgada, e eu não joguei mais, fiquei fazendo fisioterapia, fiquei muito mal, não tinha onde fazer um tratamento decente. Quando eu me machuquei na Olimpíada eu senti um outro tipo de dor. Eu sentei e chorei, porque eu queria muito jogar, vinha bem nos treinamentos, fazendo muitos gols, estava como titular absoluto, cheguei no jogo e senti o joelho, senti que não daria mais mesmo, foi uma dor muito grande não poder jogar os outros jogos, mesmo sendo poucos. Nós ganhamos um jogo, empatamos outro, tínhamos que ganhar o jogo contra o Japão que nós perdemos e ficamos fora. Depois de

eliminados, como eu me interessava muito por atletismo, eu fui assistir o máximo de provas que eu consegui, foi muito bom, ficamos no México até o fim das Olimpíadas, muito depois do fim das Olimpíadas.

Viagem de volta

A gente voava naquela Kombi de asa da FAB, aqueles cargueiros, eles preparavam, colocavam os bancos, e nós viajavamos, o pessoal do basquete era mais profissional iam com avião de carreira, eles foram embora, o futebol e mais alguns esportes ficaram esperando o avião da FAB. Foi assim, “a gente vai embora hoje”, todos arrumam as malas, se despedia, todos choravam, porque ficamos amigos, vamos embora, chega no aeroporto, não vai, queimou uma peça do motor, tem que vir do Brasil, volta pra Vila Olímpica, ficamos mais três ou quatro dias. “Vamos embora”, o avião saiu, “onde vamos parar”, “vamos voar até o Panamá para abastecer”, desceu em Acapulco, uma hora depois, “o avião quebrou”, ficamos três, quatro dias em Acapulco. Conclusão, fizemos uma parada em Manaus, viajamos o dia inteiro para chegar, seguimos para o Rio de Janeiro, depois São Paulo, mas parou em Minas, quebrou não sei o que, no caminho o avião voava a velocidade que ele queria, quebrou alguma coisa, o avião fazia aquele barulhão, as garrafas de tequila que nós trouxemos para os parentes, nós tomamos todas no avião. Todo mundo vendo luzes, cantando Cidade Maravilhosa, mas era Minas Gerais, estávamos em Belo Horizonte. Nós do futebol descemos, doze ou treze jogadores e o chefe da delegação, alugamos um ônibus leito e viemos para São Paulo, abandonamos o avião, “eu não entro mais nesse avião”.

Quando eu voltei do México, voltei para o Palmeiras, operei o joelho, foi quando eu montei um salão de beleza, achei que ia me dar melhor no salão e parei de jogar futebol.

Contexto do Brasil

A gente não tinha muita noção política, a gente queria viver, jogar bola, e pronto, nem sabia o que estava acontecendo. Eu sei que a ditadura foi uma época muito boa de trabalho, tivemos momentos de inflação enorme, você marcava preços quase que diariamente, mas foi uma época boa para trabalhar, todo lugar estava precisando de funcionário, não tinha tanta violência, assalto a banco, então a ditadura teve um lado bom, mas teve um lado ruim também, quando acabou a ditadura e começou a democracia, teve uma época de muito desemprego, eu conheci um rapaz que falou, “eu não sabia que a democracia era para passar fome”, ele não conseguia trabalho, hoje eu tenho consciência política e entendo que a democracia é o melhor para o país. Não existia nenhuma interferência do governo no futebol, a única coisa que eles ofereciam era o avião da FAB, o presidente da CBD era o João Havelange.

Manoel Maria

Minha vida não foi fácil, com dez anos eu já trabalhava, pelas circunstâncias fui obrigado a trabalhar. Então eu comecei a jogar futebol, sempre com o sonho de ser jogador profissional, sabia que era difícil, mas eu tinha um sonho, e corri atrás dele. Eu sou do Pará, joguei na categoria juvenil do Remo, quando meu pai voltou para cidade dele, Santarém, eu efetivamente apareci, fui revelação do ano, joguei na seleção de Santarém, todo ano tinha um torneio intermunicipal, as finais foram em Belém, me destaquei e a Tuna Luso me contratou.

Convocação

Em 1967 houve a convocação para seleção olímpica, para o pré-olímpico, eu fui indicado para a CDB, me incluíram nos testes e fui aprovado. Em seguida houve o interesse de uma série de clubes, mas o Santos saiu na frente e me contratou, nessa época eu tinha dezesseis anos, eu nasci no dia 29 de fevereiro, portanto eu faço aniversário de 4 em 4 anos. Quando eu soube da convocação foi uma festa tremenda em Belém, eu jogava no Tuna Luso, são três equipes grandes no Pará, o Remo, o Paissandu, e o Tuna, mas o tuna é de colônia portuguesa, a torcida é pequena, então a empolgação foi grande. Todo o povo paraense, para mim foi muito legal, eu fui o primeiro paraense a ser convocado do Pará direto para a seleção, existiam outros jogadores que já estavam na federação, mas eles jogavam no Rio de Janeiro. Quando eu fui convocado eu estava com passe livre no Tuna, porque eles fizeram o contrato de gaveta, mas dataram o contrato e colocaram na gaveta. O contrato expirou sem eles darem entrada, então perdeu o valor, não valia mais, fiquei com o passe livre e tive a oportunidade de ir para o Santos, o Santos me contratou.

Preparação para os Jogos Olímpicos

Nós treinamos no Rio de Janeiro, no campo do Flamengo, estava eu que era paraense, o goleiro Luiz Carlos, que era catarinense, o Palhinha, o Cássio e o Elcio, que eram mineiros, e o Major que era pernambucano. Tudo era novidade para mim, o Rio de Janeiro, depois os treinos passaram a ser em São Paulo, juntamos com o pessoal de São Paulo, começaram os jogos-treinos. Eu me destaquei e fiquei, depois teve outra convocação, eu estava sempre presente nas convocações.

O ano de 1968

A ano de 1968 eu passei mais tempo viajando do que no Brasil, fui com o juvenil para Alemanha, fiquei trinta dias, encontrei o profissional na Suíça, fiquei mais quarenta e cinco dias, vim para o Brasil, fui convocado, viajei com o Santos, depois outra convocação para a seleção, e viajei com eles. Eu não me preocupava com a questão política do Brasil em 1968, minha preocupação era jogar futebol, eu vivi um sonho, eu fui muito feliz, eu jogava rindo, aquilo para mim era um prazer, hoje eu vejo que eu vivi um sonho, eu não conseguia ver as coisas erradas do futebol. Para mim era tudo bonito e o futebol não é bem assim, você pensa que é uma coisa e não é.

Os Jogos Olímpicos

Eu não dava tanta importância para os Jogos Olímpicos, mas realmente é a competição mais importante dos esportes. Ela supera a Copa do Mundo porque engloba todos os esportes. A importância do jogador olímpico é muito grande, eu não percebia isso, eu vim do Norte, eu não sabia da importância. Não davam tanta ênfase para a Olimpíada, eu não ouvia nem falar, de repente eu fui, era normal. Nós fomos para os Jogos Olímpicos do México com o avião da FAB, não tinha conforto nenhum.

Os mais famosos eram os jogadores de basquete, o Ubiratan, o Wlamir, o Rato, esses caras mais antigos, eles tinham muito nome, tanto que eles foram em outro avião, não foram no avião da FAB, foram em avião particular, de companhia área, nós fomos com o avião da FAB, eles tinham nome, nós não tínhamos. No dia da abertura dos jogos saiu um jornal com os destaques de cada seleção, do Brasil foi eu e mais alguém. Na Vila Olímpica a gente tinha cinema, piscina, comida a vontade, boa comida, comida mexicana, foi muito legal. A gente treinava evidentemente, mas tínhamos nossos momentos de lazer. Hoje é bem mais fácil para o Brasil conseguir uma medalha, naquela época os países do Leste Europeu jogavam com a equipe

titular, eles eram considerados amadores, então a Tchecoslováquia, esses times todos, jogavam com o time que era a seleção nacional.

Quando eu fui para olimpíada eu era amador, era titular no Santos, consegui uma projeção rápida, eu já era profissional. Não teve problema porque eu tinha idade a idade olímpica, que era vinte anos, por isso eu fui.

Competições

Eu joguei um jogo contra a Espanha, era o primeiro jogo e eu fui expulso, estava me dando bem, os caras dando pancada, pancada, uma hora eu gritei, e não sei porque fui expulso. Por isso não joguei as duas últimas partidas. Foi uma injustiça, ainda falaram que eu queria voltar para o Brasil, era mentira, eu queria jogar, a gente quer jogar, o que o técnico falou não era verdade, eu fiquei triste, eu amo queria voltar, até porque não podia voltar.

Outras competições

A gente torcia muito pelo Servílio, que era do boxe. Roubaram ele porque ele perdeu por pontos, ele ganhou a medalha de bronze contra o mexicano, ele era nossa esperança, torcia muito por ele.

Encerramento

Foi muito legal, muito bonito, a abertura e o encerramento, o encerramento foi de chorar, a convivência de praticamente um mês, a gente se cumprimentava através de mímica, encontrava pessoas de outros países, sem falar as amizades de sair rindo. Depois tudo isso acaba, a gente sabia que não ia fazer outra Olimpíada, já não dava mais tempo.

Miguel Ferreira Pereira

A minha história se confunde com a maioria dos jogadores de futebol nesse país, um garoto pobre que tinha o desejo de ser jogador de futebol. Jogar futebol até por uma questão de necessidade. Com quinze anos uma pessoa me convidou para ir treinar em um clube chamado Olaria, eu tinha tentado treinar em outros clubes, eu sempre ia escondido do meu pai. Ele não queria, não entendia, para ele era um negócio de garoto, depois eles viram que eu comecei a ganhar dinheiro, eles nem mensuravam que podiam ter um filho que jogasse em um time grande. Quando eu fui para o Olaria eu assinei um contrato de gaveta, não teve problema nenhum, o clube fazia um investimento, eu pagava alguma coisa, no contrato eles acordavam o quanto iam te pagar, de uma forma geral os clubes cumpriam aquele acordo verbal, e você ficava com um contrato em branco assinado pelo seu pai, quando o atleta alcançava a maioridade eles davam entrada em outro contrato. Era um acordo que você fazia, pelo menos no meu clube eles não me engaram quanto a isso, eu recebi o combinado, e eles iam aumentando sem eu pedir, até o dia que alcancei a maioridade e assinei os papéis profissionais. Era para eu treinar como zagueiro, eu sempre fui zagueiro, minha primeira convocação para a seleção olímpica foi como zagueiro, chegando na seleção o treinador estava com problemas com o lateral-direita. Me perguntou se eu podia jogar nessa posição, eu disse o seguinte, “aqui eu jogo até no gol”, acabou que joguei todo o campeonato Sul-Americano, onde fomos campeões, e as Olimpíadas como lateral-direito.

Pré-Olímpico

Eles falaram o seguinte, “o futebol só vai para a Olimpíada se primeiro lugar no Sul-Americano, no pré-olímpico”, nós ficamos em primeiro lugar, se fosse segundo lugar também estaria classificado, mas eles disseram que se ficasse em segundo o futebol não iria para os Jogos.

Os Jogos Olímpicos

Nós fomos para o México no avião da FAB, paramos no Panamá para abastecer, no México foi uma alegria só, a gente só lembrava das coisas boas. Para viajar para o México cada um levou seu dinheiro, eles davam um pouquinho, mas nós tínhamos o dinheiro que recebíamos do clube. Éramos amadores, mas recebíamos uma gratificação, quem tinha contrato de gaveta recebia salário e continuava recebendo, parece que a CBD repassava. A Olimpíada foi uma coisa fantástica, naquela época a gente não mensurava o que era uma Olimpíada, não existia toda essa cobertura televisiva, o pessoal do futebol não sabia, o pessoal do basquete, de esgrima, essa turma, já estavam acostumados a ir, eles sabiam o que representava as Olimpíadas. Quando eu fui para o México eu jogava no Olaria, eu era um dos jogadores mais esclarecidos do grupo, e para mim foi um espanto. Foi muito grande, uma organização fantástica, aquilo me marcou. No dia do desfile de abertura eles falaram assim, “tem que estar às 8h50min perfilados em frente o bloco tal para entrar no ônibus”, “às 8h55min entra no ônibus”, “os ônibus partirão às 9h03min”, então tudo funcionava com o relógio, “o desfile vai começar na hora tal”, e na hora prevista começava o desfile, é uma coisa fantástica, uma grandiosidade.

Competições

Nosso resultado nos Jogos não foi bom, nosso time era muito novo, e existiam aqueles times dos países da antiga cortina de ferro, eram todos profissionais, disputavam duas, três Olimpíadas com o mesmo time, nosso time era muito bom, mas era inexperiente, a falta de maturidade fez com que nós não tivéssemos pelo menos uma medalha de bronze. Eu me lembro bem dos jogos, o primeiro jogo nós jogamos contra a Espanha, um time forte, eles deram porradas em nós. O Manoel Maria, nosso principal atacante, foi expulso, jogamos o segundo tempo com dez jogadores, perdemos de 1x0. O segundo jogo empatamos com o Japão, estávamos ganhando de 1x0 e empataram, o Japão era um time bom, descolado, que disputava a primeira Olimpíada. No terceiro jogo estávamos perdendo de 3x0 para a Nigéria, o treinador fez uma mudança, teve muita substituição, eu estava jogando de lateral no primeiro tempo, ele me colocou de zagueiro central e colocou outro lateral no meu lugar, nós empatamos o jogo em 3x3. Com esse resultado não passamos para a outra fase, o Japão, que empatou conosco foi medalha de bronze, se tivéssemos passado da primeira fase, fatalmente ganharíamos a medalha. O time não foi bem, mas também mudaram de treinador no meio do processo, o treinador era um funcionário da CBD, era muito bom, competente, se chamava Antoninho, o Sul-Americano foi com esse treinador, então fizeram essas coisas de futebol, apadrinhamento, e colocaram outro treinador, quando nós nos apresentamos para os treinos para as Olimpíadas, um mês antes, era outro treinador, que não tinha nada a ver, não conhecia o grupo. Mas foi bom, embora podia ter explorado melhor o time se ele realmente conhecesse o grupo, é pouco tempo para qualquer um, até ele tomar pé da situação o mês já passou.

Depois da desclassificação eu acompanhei algumas modalidades, alguns jogos de basquete, acompanhei o boxe, que um menino, Servílio, ganhou medalha de

bronze. Eu conheci a Cidade do México, passeava quando tinha folga, depois eu voltei para o México com a seleção principal.

Viagem de volta

Na volta nós descemos em Acapulco, teve um problema no avião, ficamos três dias em Acapulco, para concertar o avião, repor uma peça, nós ganhamos um prêmio, foi só alegria.

Moreno

Eu comecei a jogar futebol com dez, doze anos, com quinze anos eu fui fazer uma peneira no Palmeiras, o técnico era o Mário Travaglini, eu morava na Zona Sul, no Brooklin Paulista Novo. Eu jogava de manhã, à tarde, sábado, domingo, e um senhor que morava perto de casa e trabalhava no Palmeiras, me falou, “eu vou levar você para o Palmeiras porque acho que você tem condições”, no primeiro treino eu fiquei por lá, isso foi em 1964, acabei firmando contrato naquela época, era uma inscrição.

Classificação

Em 1967 nós fomos convocados para fazer uma excursão África e Europa, pela seleção de novos de São Paulo. Em 1968 teve o pré-olímpico na Colômbia, o técnico foi o Antônio Ferreira, nós fomos campeões, e classificamos o Brasil para a Olimpíada do México. O futebol se classificou muito bem no pré-olímpico, mas parece que não tinha verba, e não iam levar o futebol, era uma incerteza muito grande.

Convocação

Quando eu fui para os Jogos eu estava no Palmeiras, era eu, o Raul, o China, o Mauro e o Jorge, cinco jogadores do Palmeiras. A gente disputava o campeonato aspirante, era muito difícil jogar no time principal naquela época. A gente tinha um histórico de convocação, fomos campeões em Minas pelo estado de São Paulo, fizemos uma boa campanha, depois disputamos no Paraguai o campeonato Sul-Americano pelo Brasil, o pré-olímpico também. A gente era disciplinado, não dava problema, isso ajudava muito na convocação. Nós não tínhamos muita experiência em campeonatos no exterior, internacionais, nós fomos para Olimpíada com dezenove anos, praticamente disputávamos o campeonato juvenil aqui em São Paulo.

Viagem

Nós fomos para o México em um avião cargueiro da FAB, que foi adaptado para passageiro, levou a delegação quase toda, só não foi o basquete e um nadador, chamado Fiolo, na ida o avião teve problemas, nós tivemos que parar no Panamá, fizemos uma escala forçada.

Os Jogos Olímpicos

A Olimpíada é uma coisa indescritível para quem participa, você encontra pessoas de todos os países, todos envolvidos na competição, mas fora da competição todo mundo era amigo, procurava trocar lembranças de cada país, camisas, o Brasil era muito querido no México, tenho essa lembrança de que o Brasil era muito querido lá fora, todos querem conhecer o futebol do Brasil, quer saber, quer notícia. Os Jogos foram uma experiência muito boa, uma experiência de vida, naquela época nós tínhamos que cuidar do material para jogar futebol, não tinha roupeiro, o médico era para delegação quase toda, era assim, mais que na raça, nós ralamos.

A Vila Olímpica

A Vila Olímpica era maravilhosa, cada delegação tinha o seu restaurante com as comidas típicas, nós não tivemos problema nenhum com adaptação da alimentação, a gente tinha café, almoço, jantar e lanche à noite, então não faltava nada para gente. A convivência na Vila Olímpica era bacana, para entender as outras delegações era difícil, mas você fazia gestos, mímica e acabava conversando, falava castelhano, a pessoa fala um pouco de inglês. A gente tinha um contato muito bom, depois acharam que a gente parecia com outras delegações. Achavam o brasileiro muito alegre, pedia para gente cantar música, Garota de Ipanema, Samba do Jorge Ben Jor, estavam em evidência, foi muito legal. Na Vila Olímpica nós conhecemos muita gente famosa, tinha o Gaston Roelants que era corredor da Bélgica, ele foi medalha de ouro no Japão em 1964, foi muito bacana, muito legal. Para quem participou parece que aquelas imagens estão muito vivas na cabeça da gente.

Competições

Nós não fomos muito bem, tivemos algumas contusões e só foram dezoito jogadores, só podia ser dezoito jogadores. Nosso técnico na Olimpíada foi o Mario Celso, ele era de Minas Gerais, a gente não o conhecia. A gente não estava esperando, não desmerecendo, mas como disputamos o pré-olímpico com o Antônio e fomos campeões, você esperava que seria o mesmo técnico, descobrimos na véspera da viagem que era o Mario Celso, isso também fez alguma diferença.

A primeira partida foi contra a Espanha, o Manoel Maria era um ponta-direita que lembrava muito o Garrincha. Ele estava muito bem, a gente tinha um esquema montado com ele, a gente acionava muito ele na ponta-direita. O cartão amarelo foi lançado nessa Olimpíada, para ver se dava certo, e o lateral esquerdo já tinha tomado um cartão amarelo, com trinta minutos de jogo, no primeiro tempo, mas o Manuel Maria caiu no chão, revidou, e o juiz estava em cima, expulsou o Manuel Maria. Nós ficamos com dez jogadores aos trinta e cinco do primeiro tempo. No finalzinho do primeiro tempo o China se machucou e não voltou, o Lauro que era o reserva não podia jogar porque estava machucado, nós colocamos outra pessoa fora de posição para jogar, final do jogo, perdemos de 1x0. No segundo jogo contra o Japão, fomos desfalcados para jogar, estávamos ganhando de 1x0, a gente tinha que ganhar as duas partidas seguintes para classificar, o Japão voltou todo para garantir o resultado. Faltando cinco minutos fizeram 1x1, com um ponto para decidir na última rodada era muito difícil. No último jogo contra a Nigéria, eu não joguei, porque eu me machuquei no jogo contra o Japão, eu torci o tornozelo, estávamos ganhando de 3x0, acabou empatado em 3x3. O Japão e a Espanha fizeram um jogo para ninguém ganhar de ninguém, assim os dois se classificavam, e a gente ficou fora na primeira fase. Depois da desclassificação não dá vontade de ir para o vestiário, no vestiário não dá vontade de ir embora, é muita tristeza. Você se prepara tanto para a competição, a gente tinha muita esperança de classificar o Brasil, galgando etapas, foi muito triste, nós choramos muito, porque com dezenove anos, aquela era a única Olimpíada que você podia disputar, como profissional você não podia voltar, então era um momento único da sua vida, foi muito triste, chateou todo o grupo. Tinha muitos jogadores, eu me lembro do Petras, que fez o gol no Brasil na Copa do Mundo de 1970, ele disputou as Olimpíadas de 1968 pela Tchecoslováquia. Naquela ocasião, os países da cortina de ferro, eram amadores, e podiam jogar.

A gente foi desclassificado, mas não voltamos para o Brasil, tivemos que ficar até o final da Olimpíada, porque não tinha avião para trazer a gente. O brasileiro é

muito querido pelo mexicano, tem uma identificação muito forte, depois que nós perdemos, a gente tinha uns dias livres, a gente saía na rua com o agasalho do Brasil a pessoa parava o carro, “você querem carona, querem ir para onde”, sem conhecer a gente, eles convidavam para jantar, para almoçar, fomos muito bem tratados no México. Também acompanhamos outras modalidades, fizemos amizade com o Servílio, que foi o pugilista medalha de bronze, o Nelson Prudêncio que foi medalha de prata, foi uma história, um momento muito interessante, porque o Nelson Prudêncio era medalha de ouro, o último concorrente saltou e ele ficou com a prata.

Quando voltamos o Palmeiras novamente inscreveu a gente para disputar o campeonato juvenil. Disputar o juvenil era retroceder, o América pediu a gente emprestado, nós disputamos o Campeonato Paulista, que deu uma boa experiência, porque jogamos com, Pelé, Rivelino, Pedro Rocha, Toninho Guerreiro, eram times grandes e bons, tinha o Guarani, a Ponte Preta, o futebol do interior era muito forte.

Minha esposa morava comigo, ela sempre pedia que eu estudasse, “olha, você sem estudo não é ninguém”. Eu acabei fazendo Educação Física, concluí o curso quando estava jogando em Catanduva, voltei para São Paulo e comecei a fazer Economia, parei no terceiro ano porque me casei. Depois que parei de jogar futebol eu procurei outra atividade para fazer, seguir minha vida, acabei trabalhando na Sabesp por vinte e nove anos.

Tião

Eu sou capixaba, nasci em Santa Leopoldina, no Espírito Santo, eu vim pra São Paulo com um ano de idade, morei no Itaim Bibi, eu jogava no campo que tinha perto do rio, onde hoje é o parque do povo, eu me criei nesse lugar. Nessa época eu fiz uma peneira no Corinthians, foi eu e meu irmão, chegamos atrasados, quando entramos os times já estavam prontos, me apresentaram para o Zé Teixeira, ele me apresentou para o diretor do departamento amador, eles pediram para eu ir treinar na sexta-feira à tarde no infantil, meu irmão tinha idade superior e não pôde ir. Eu treinei no campo principal do Parque São Jorge, eu quase não peguei o terrão, eu fiz o treino e o pessoal gostou e pediram minha documentação. Quando eu subi de categoria eu entrei no lugar do Rivelino, foi em um jogo contra o Palmeiras, isso foi em 1968, eu só perdi tempo, como vinham as Olimpíadas e não podia me profissionalizar, eu era aspirante e tinha sido convocado para o pré-olímpico na Colômbia.

Classificação

No pré-olímpico, nós tivemos sorte, naquela época o futebol não tinha apoio, nenhuma vantagem, o Silvio Magalhães Padilha não gostava de futebol, o futebol ficava de lado, não tinha apoio. A condição para nós irmos para a Olimpíada era ser campeão do Sul-Americano, se ficássemos em segundo abriríamos mão da vaga para a Argentina. No torneio nós empatamos com a Argentina, a Colômbia ganhou da Argentina, então tínhamos que ganhar da Colômbia para ganhar o torneio, nós jogamos muito no último jogo. O Manoel Maria e o China jogaram muito, nós ganhamos de 3x0 da Colômbia, nos classificamos, fomos para o hotel naquela alegria, no hotel eles confirmaram que o futebol ia para os Jogos Olímpicos do México.

Viagem

O basquete chegou bem no México, de Boeing, um avião bonito, eles e o Fiolo da natação, o resto da delegação viajou no avião da FAB. O voo demorou vinte e uma horas, como eu tenho medo de avião, aquilo pra mim foi uma tristeza. Levamos sete

horas de São Paulo a Manaus, aquele avião explodindo por causa do motor, não tinha nada para comer, o avião só parava de madrugada. Depois foram mais sete horas, de Manaus até o Panamá, para atravessar a cordilheira tinha que ser de manhã, quando estivesse amanhecendo. No Panamá descemos em um aeroporto militar, nós só descíamos em aeroportos militares. Depois foram mais sete horas do Panamá ao México, quando eu estava almoçando, eu sentia o balanço do avião, juro por Deus, eu sou muito medroso, nunca mais viajo de avião, que Deus não me castigue.

Jogos Olímpicos

Nós não sabíamos o que era uma olimpíada, fomos na flor da idade, a gente não sabia o valor do futebol, não sabia o valor de uma olimpíada, nada a ver com valor financeiro, sinceramente, nós não estávamos preparados para os Jogos, até pela idade que nós tínhamos. Nós não fomos preparados para a Olimpíada, se o atleta fosse pelo uniforme, ele saia perdendo, nosso uniforme era uma vergonha, nós fomos para os Jogos com uma roupinha bem surradinha, chegamos bem humildes, um país de quinto mundo. Isso influenciou nossa equipe, não só o futebol, todos as modalidades. Tivemos um grande ambiente no México, eles gostavam muito dos brasileiros, nosso time não era bagunceiro, não aprontou, naquela época jogava o Ferreti, o Manoel Maria, o China, o Moreno, o Raul, que era goleiro, o Getúlio, goleiro também, o Claudio Deodato, e o Toninho, esse era o nosso time.

As competições

Para os Jogos Olímpicos mudaram nosso treinador, o treinador do pré-olímpico foi o Antoninho, ele já estava com a gente. Ele conhecia quem jogava e quem não jogava, e a maneira de jogar, ele não foi, ficamos chateados, no lugar dele foi o Marão, que era um treinador inexperiente. Montaram o time com dezoito jogadores ao invés de vinte e dois, para fazer um coletivo, a gente precisava pegar alguém do vôlei, ou de outro esporte, para completar o time. O futebol foi desclassificado logo no início dos Jogos, nosso time era muito bom, tivemos azar, no primeiro jogo, o China machucou, e o Manuel foi expulso, os caras desceram a mangueira nos jogadores do ataque. Uns caras muitos leves, muito rápidos, eles desceram o cacete no nosso time, perdemos para a Espanha, ficou 1x0, a estreia foi no pau, nós perdemos uns cinco gols. O China e o Raul machucaram, o Manoel foi expulso, como estávamos com dezoito jogadores nós ficamos perdidos. No jogo contra o Japão eu senti que o treinador errou, porque nós precisávamos ganhar, estávamos ganhando até os quarente e três do segundo tempo, e aconteceu o seguinte, o Japão tinha uma jogada só, o ponta-esquerda deles era muito rápido, chegava no fundo e cruzava para trás. Tinha um centroavante grandão, eles só tinham essa jogada, o lado esquerdo era o lado forte deles, com trinta e nove minutos o Claudio se machucou, ficamos na dependência do Claudio voltar ou não, nesse tempo, aos quarenta e cinco esse jogador cruzou no fundo, aí já era, a gente já sabia dessa jogada, então deveria ter mudado, para nós foi muito triste. Se chegássemos em quarto nós pegaríamos as principais seleções da cortina de ferro, Rússia, Hungria, Tchecoslováquia, Romênia, eram seleções muito difíceis.

A Vila Olímpica

Ficamos no México um mês sem fazer nada, a gente fazia um rachão no gramado da Vila Olímpica, jogava toda tarde com o pessoal do vôlei, era um ambiente muito bom. A gente se deu muito bem com o pessoal, tinha muita amizade com o pessoal do voleibol, com o pessoal do polo aquático, com o Servílio, ele foi roubado

naquela medalha, nós fomos assistir. Depois da desclassificação nós fomos em todos os esportes, no boxe, no basquete, no vôlei, no atletismo, onde o Brasil ia disputar nós íamos, ficamos no México passeando, de veraneio. Nós pedíamos carona, fazíamos assim, ficavam dois jogadores de costas para mostrar que eram atletas, e outro atleta pedindo carona, era Mustang, só carro de primeiro mundo, alguns a gente nunca tinha visto.

Viagem de volta

Quando acabou a Olimpíada, a única delegação que ficou foi a do Brasil, ficamos uns dez dias a mais na Vila Olímpica, por causa do avião. Nós fomos três vezes para o aeroporto e o avião não saiu, estava quebrado, faltava uma peça, chegávamos no aeroporto e voltávamos. Ficamos dez dias, estávamos desesperados, a gente queria vir embora, no último dia saímos para tomar tequila. Na noite que viemos embora, parece que o pessoal da comissão técnica queria passar em Acapulco, ficamos dois dias em Acapulco, em um senhor hotel, no outro dia fomos embora. Quando chegou no Brasil era para o avião descer no Rio de Janeiro, desceu em Minas, como eu e mais alguns jogadores tinham medo de voar, nós falamos, “pode tirar a nossa bagagem que nós vamos de ônibus”, Falamos para o João Atala, que era o chefe da delegação, ele também tinha medo, mandou tirar a bagagem dos jogadores que quisessem ir de ônibus, ligou para a Impala, reservou um ônibus leito, no fim, todos os atletas de São Paulo vieram de ônibus, no avião ficaram os jogadores do Rio de Janeiro. Quem viajou no avião da FAB foi praticamente abandonado, nós voltamos a pão e água, não tínhamos absolutamente nada no avião.

10.6 HIPISMO

Síntese biográfica

José Roberto Reynoso Fernandez

Nasceu na cidade de São Paulo, em 07 de julho de 1947. Conhecido como “Alfinete”, era cavaleiro da Sociedade Hípica Paulista. Foi medalhista de ouro por equipe, nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967. Em 1968, foi aos Jogos Olímpicos do México e, no mesmo ano, conquistou o troféu Royal Winter Fair, no CHI de Toronto e a Prova das Nações, em Genebra. Em 1978, sagrou-se campeão por equipe, no campeonato sul-americano de saltos, em São Paulo. Faleceu em 2002.

Lúcia de Faria

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 11 de novembro de 1945. Começou a montar por lazer, influenciada pelos pais, em Petrópolis - RJ. Em 1968, foi aos Jogos Olímpicos do México e participou da prova de saltos por equipe e individual, sendo a primeira amazona brasileira em Jogos Olímpicos. No mesmo ano, foi para a Europa, onde ficou por três anos. Voltou ao Brasil e passou a ensinar em uma escola hípica. Casou-se com o também atleta, Antônio Eduardo Alegria Simões, teve filhos e, assim que deixou de montar, após uma queda, começou a desenhar percursos. Atualmente, usa o nome de casada, Lúcia de Faria Alegria Simões.

Nelson Pessoa

Nelson Pessoa Filho, ou “Neco”, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 16 de dezembro de 1935. Desde muito cedo, começou a montar e a se destacar nos torneios de que participou. Foi aos Jogos Olímpicos de Melbourne, em 1956, quando tinha 21 anos. Em 1961, mudou-se para a Europa a fim de se aperfeiçoar. Ficou conhecido como “Feiticeiro” devido ao estilo que usava para conduzir seu animal, o que parecia ser uma obra de encantamento. Conquistou pela primeira vez a medalha de ouro por equipe e de prata no individual, nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967. Como atleta, participou dos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964; do México, em 1968; de Munique, em 1972; e de Barcelona, em 1992, mostrando uma longevidade rara em atletas. Foi sete vezes campeão (recorde de vitórias) do Derby de Hamburgo; tri-campeão do Derby de Hickstead; campeão europeu; vencedor de 150 GPs na Europa e de mais de cem provas de potência, além de se sagrar campeão brasileiro por quatro vezes. Tornou-se técnico e criador de cavalos e alcançou destaque ao orientar equipes em vários países da Europa e do Oriente Médio. Foi técnico da equipe brasileira que conquistou a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996. Em 1981, instalou-se na Bélgica, onde vive até o presente. Lá montou o Haras du Ligny, em Fleurus, importante centro de formação e treinamento para cavaleiros de todo o mundo.

Fragmento narrativo

Lucia de Faria Alegria Simões

A minha história de vida no esporte foi na equitação, no salto em obstáculos. Meus pais me levaram para a equitação eu montava em Petrópolis para passear, depois eu conheci o salto, comecei a praticar com os cavalos da fazenda, que não

eram de saltar. Gostei do assunto, e fui montar a hípica, assim comecei minha carreira no esporte, sempre fui apaixonada, fiquei minha vida nisso, minha juventude foi em competições. Você tem que trabalhar o cavalo diariamente, você não pode dizer, “ah, hoje eu não vou treinar”, “essa semana eu não vou treinar”, o cavalo fica na cocheira, você é responsável por um ser vivo, e pelo aprendizado dele, essa combinação entre cavalo e cavaleiro você vai adquirindo a cada dia. De fora as pessoas imaginam, “esse povo fica montado em um cavalo o dia todo que coisa mais sem graça”, “rodando, rodando”, mas a cada dia você tem uma coisa nova para fazer com o cavalo, para tirar mais proveito tecnicamente. Então é um trabalho eterno, não acaba nunca, todo dia você tem que pensar no dia seguinte, no que fazer, foi assim desde os doze, treze, quatorze, quinze anos, dezesseis, dezessete e sempre. Eu como mulher, fazendo esse esporte, montando cavalo, eu me sentia assim. Entre as minhas amigas no colégio eu nem comentava muito sobre o que eu estava fazendo, porque ninguém entendia nada, nem curtiam muito. Nesse tempo eu não era profissional, fiz tudo como amadora, nunca pensei em ganhar dinheiro, o esporte era meu lazer nas horas vagas, era meu dia, meu foco. Nós tínhamos competições todo fim de semana, a minha vida era dentro da hípica, isso me satisfazia plenamente.

Eu fiz minha carreira júnior e depois de sênior, que acontece depois dos dezoito anos, com vinte e um anos eu fui para a Europa, em 1968 no ano das Olimpíadas do México, não fui com a intenção de ir para as Olimpíadas, eu comprei um cavalo e saltei uns três concursos. Não tinha outros cavaleiros, eu me adaptei logo ao cavalo e tive bons resultados. O Nelson Pessoa era o chefe da nossa equipe, e o cavaleiro mais importante, ele foi para a Europa em 1960, depois foram outros cavaleiros, quem montava naquela época, os atletas ficavam com ele, o presidente da confederação brasileira manteve uma equipe na Europa. Nós recebíamos um valor mensal, não muito, uns trezentos dólares por mês, tendo um cavalo junto e toda aquela coisa não era muito, era um símbolo para mostrar que estava dando algum apoio. Eu fiquei na Europa três anos fazendo concursos, logo no primeiro ano tinha as Olimpíadas, tinha o Neco, um outro paulista e eu, o Antônio estava também, mas estava sem cavalo, como eu estava a pouco tempo eu cheguei a oferecer meu cavalo emprestado para o Gerson, outro cavaleiro que estava na Europa. Então o Neco disse que não, “o cavalo é seu você está bem, você que vai com ele”, então eu fui para as Olimpíadas, eu tinha vinte um, vinte dois anos.

Jogos Olímpicos

Nessas Olimpíadas em toda a delegação brasileira nós éramos quatro mulheres, só quatro mulheres, era eu, a Aída dos Santos, e mais duas do atletismo, a Maria Cipriano, e uma outra, que voltou antes de começar as Olimpíadas, porque teve um desentendimento, uma confusão antes de começar os Jogos e ela voltou para o Brasil. Eu me lembro que no desfile de abertura dos Jogos eram as quatro andando na frente e depois, o resto da delegação, só de homens. Os Jogos para mim foi uma experiência espetacular, porque caíram do céu, eu era muito nova quando tive essa oportunidade, foi uma Olimpíada tecnicamente difícil, no esporte hípico, especificamente no salto, a cada ano eles aumentaram a largura e a altura dos obstáculos. Então essa Olimpíada foi muito alta e muito larga, muito difícil, a equipe ganhou, ganhou com uma quantidade de pontos perdidos como nunca aconteceu, porque estava muito difícil, eu que estava nova na prova, olhava e falava, “se todos vão saltar isso eu também vou”. Na prova individual tinha um oxer muito grande, eram quarenta e poucos cavaleiros, só eu e um australiano que passamos esse oxer limpo, ninguém mais passou, porque no percurso você tem três obstáculos, um triplo

e um duplo, para o título individual você saltava um grande prêmio de dois percursos, pelo título de equipe também. Então era tudo exageradamente grande, quando você estuda sobre armação de percurso, as Olimpíadas do México são citadas como a mais difícil, que para mim, na inocência dos meus vinte um, vinte dois anos, estava tudo bem. Eu não ganhei medalha, fiquei em décimo segundo lugar, mas eram quarenta e tantos cavaleiros, foi o melhor resultado do Brasil neste ano, porque o Neco ficou em décimo e não sei quanto.

Vida de mulher atleta

Eu fui a primeira mulher a representar o Brasil no hipismo, durante um tempo eu não reconhecia a importância disso, a gente o esporte naturalmente, não espera reconhecimento, você faz porque você gosta, não espera aplausos, você quer chegar no seu objetivo. Eu demorei para casar, como estava competindo eu fui me casar com trinta anos, na minha época, com vinte e quatro anos minhas amigas estavam todas noivas, era o final da faculdade, o assunto era só este, eu estava em outra, fiz o contrário, aproveitei antes, atrasei minha vida familiar, com vinte e quatro anos eu ainda estava fora do Brasil. Não dá para montar cavalo e ter filho, tem que parar. Então eu tive o primeiro filho com trinta e quatro anos, o segundo com trinta e nove, e antigamente ter filho era só até os quarentas anos. O esporte para mim ainda era um hobby, eu cheguei onde eu queria chegar, que era fazer os concursos internacionais, então minha família disse, “bom, agora você fez, volta”, “volta para a sua realidade”, porque era uma coisa que custava, eu voltei, cheguei no Brasil depois de todos esses concursos e disse, “o que eu vou fazer da minha vida agora”. Fiquei meio sem saber o que fazer, minhas amigas já estavam todas casadas e com filhos, eu me senti deslocada, eu não pensava em seguir a carreira hípica, por um acaso, alguns amigos começaram a montar uma escolinha de equitação e me chamaram para ajudar, eu passei a dar aulas e continuei a vida nesse esporte. Depois que eu levei um tombo e quebrei a perna, eu parei de montar por um ano. Quando voltei achei que estava na hora de procurar outro caminho no esporte, então eu parei de montar e comecei a desenhar percursos, hoje sou desenhista de percursos.

10.7 IATISMO

Síntese biográfica

Axel Frederick Preben Schmidt

Nasceu em Niterói - RJ, em 30 de abril de 1939. A mãe de Axel nasceu na Prússia Oriental e veio para o Brasil devido a Segunda Guerra Mundial. Conheceu aqui o pai do velejador, que era dinamarquês. Desde a infância, Axel e o irmão gêmeo Erik aprenderam a velejar com o pai Preben Tage Axel Schmidt, um dos pioneiros da vela no Brasil. Conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Chicago, em 1959, na classe Lightning, ao lado do irmão Erik e de Antônio Luis Figueira Barbosa, com quem também conquistou os Campeonatos Mundiais de Snipe em 1961, 1963 e 1965. Foi aos Jogos Olímpicos do México, em 1968, juntamente com o irmão, na classe Star. Em 1972, foi aos Jogos Olímpicos de Munique velejando na classe Soling, na companhia do irmão e do proeiro Patrick Mascarenhas. Correu sua última regata em 1978 e depois participou apenas de provas oceânicas. É formado em Ciências Econômicas e tio dos também velejadores, Torben e Lars Grael.

Burkhard Cordes

Nasceu em 15 de maio de 1939, em Darmstadt, Alemanha. O velejador é filho de Otto Cordes, jogador de polo aquático, pela Alemanha, nos Jogos Olímpicos de 1928 e 1932. Era afiliado ao Yacht Club Santo Amaro, quando conquistou a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos do México, em 1968, em parceria com Reinaldo Conrad, na classe Flying Dutchman. Foi a primeira medalha da vela brasileira. Participou ainda dos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972. Conquistou também a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos do México, em 1975.

Joaquim Feneberg

Nasceu em São Paulo em 5 de abril de 1943. Começou a velejar na Represa Guarapiranga, no Yacht Club de Santo Amaro. Em 1968 foi aos Jogos Olímpicos do México como reserva de Joerg Bruder, na classe Finn, e das duplas Axel e Preben Schmidt, na classe Star, e Burkhard Cordes e Reinaldo Conrad, na classe Flying Dutchman. Foi campeão mundial, em 1975, na classe Lightning com Ralph Christian e medalhista de ouro nos Jogos Pan-americanos de San Juan, em 1979, com Mario Buckup e Ralph Christian, na classe Lightning. Formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP, fez mestrado em Planejamento Urbano na Universidade de Illinois, ingressando na carreira docente na FAU-USP, onde lecionou por um ano para se dedicar à carreira de arquiteto. Na atualidade é diretor técnico na Construbras/DoisJotasEfes Ltda.

Joerg Bruder

Nasceu na cidade de São Paulo, em 16 de novembro de 1937. Seu contato com o esporte começou aos três anos, quando saltava da plataforma mais alta da piscina do Germânia, atual Pinheiros, onde seus pais, Heinz e Ruth Bruder, davam aulas de Educação Física. A família se divertia nos finais de semana, com um antigo veleiro Seagull, na Represa de Guarapiranga. Velejavam e nadavam durante o dia e, ao anoitecer, faziam da retranca e da lona, uma cobertura para passar a noite no barco. Fez parte da equipe de natação e de polo aquático do Banessa. Aos 18 anos, um acidente de moto quase lhe custou a perna direita, deixando-o muito meses no

hospital, o que o impediu de nadar em nível competitivo. Voltou-se então para a vela. Começou a velejar com amigos em um barco emprestado. A primeira regata foi disputada em 1959, ficando em último lugar. Em 1964, participou dos Jogos Olímpicos de Tóquio, terminando em sétimo lugar. Nos Jogos Pan-americanos de Winnipeg, em 1967, conquistou a medalha de ouro. No ano seguinte, foi aos Jogos Olímpicos do México, na classe Finn, terminando na 9ª colocação. Era considerado um atleta de intuição e percepção aguçadas e se destacava tanto na preparação da estratégia das regatas, quanto na arte de regular seu barco. Desenvolveu seu próprio mastro de madeira, que anos mais tarde foi fabricado, com sucesso, em alumínio. Nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, mudou-se para a classe Star e competiu junto com Jan Aten, chegando em 4º lugar. Foi tricampeão mundial; tricampeão sul-americano; bicampeão norte-americano; nove vezes campeão brasileiro; e onze vezes campeão paulista, da classe Finn; além de campeão em barcos de outras classes. Era professor do Instituto de Geociências da USP. Faleceu em 11 de julho de 1973, aos 34 anos, em um acidente com um avião da Varig em Orly, na França, quando ia disputar a Finn Gold Cup e tentaria conquistar seu quarto título mundial.

Preben Schmidt

Erik Oluf Preben Schmidt nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 30 de abril de 1939. Seu pai era ligado à vela e desenhou o barco da única classe que havia na época. Depois, construíram um barco internacional e foram aos Jogos Pan-Americanos de Chicago, em 1959, onde ganhou a medalha de ouro, juntamente com o irmão Axel Frederic Schmidt e Antonio Barbosa, conhecido como “Pezinho”, na classe Lightning. Conquistou, ainda, o título mundial na categoria Snipe, em 1961, título que se repetiu em 1963 e 1965. Participou dos Jogos Olímpicos do México, em 1968, quando terminou a competição em 7º lugar. Nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, perdeu a medalha de bronze na última regata. Terminados os Jogos, distanciou-se da vela para se dedicar à profissão. Formado em Economia, mantém-se vinculado ao Rio Yacht Club, até o presente.

Ralph Conrad

Nasceu em São Paulo em 30 de agosto de 1944. Começou a competir aos 12 anos. Costumava brincar com um barquinho a remo no qual colocava velas de pano, feitas de saco, para acompanhar os velejadores na represa de Guarapiranga até que que em um Natal, seu pai o presenteou com um barco da classe pinguim. Participou dos Jogos Pan-americanos de São Paulo, em 1963. Em 1968 foi campeão do Campeonato do Hemisfério Ocidental (uma espécie de pré-olímpico) na classe Finn, superando Joerg Bruder. Porém, diante do histórico de Bruder em outros campeonatos o COB optou por leva-lo aos Jogos Olímpicos do México, deixando Ralph na condição de reserva, do irmão Reinaldo na classe Flying Dutchman. cursou engenharia na Escola Politécnica e Física na USP, trabalhou na empresa do velejador, Ernesto Reibel até 1975, quando abriu sua própria empresa de equipamentos e engenharia. Desde 1995 atua em engenharia no ramo de projetos de fábricas. Parou de competir na década de 1990, mas continuou a velejar em outras classes, nas quais se exige menos preparo físico.

Reinaldo Conrad

Reinaldo Conrad nasceu em São Paulo, em 31 de maio de 1942. Desde muito cedo, começou a frequentar o Yacht Club Santo Amaro. Ainda criança, ganhou de seus pais um barco da classe Pinguim, com o qual aprendeu a velejar e conquistou o

primeiro título aos 12 anos. Depois, mudou para a classe Snipe e conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Chicago, em 1959. Aos 17 anos, ingressou no ITA e, mesmo diante da necessidade de internato nos primeiros meses de curso, foi aos Jogos Olímpicos de Roma, em 1960. Nessa edição olímpica, desenvolveu um sistema de correias que o projetaria para fora do barco, compensando seu pouco peso e estatura, dando balanceamento ao equipamento. Naquele momento, esse equipamento, hoje comum entre velejadores, foi considerado irregular e não pôde ser usado. Em 1963, foi medalhista de ouro nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo. Na edição seguinte, em Winnipeg, em 1967, foi medalha de prata na classe Flying Dutchman, em parceria com Burkhard Cordes. Apesar das dificuldades e das adversidades que o retiraram dos Jogos de Tóquio, foi aos Jogos Olímpicos do México, em 1968 e, de lá, trouxe a primeira medalha olímpica do iatismo brasileiro, uma de bronze. Nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, terminou a prova em 4º lugar na classificação geral. Em 1975, foi medalhista de ouro nos Jogos Pan-Americanos do México. No ano seguinte, foi aos Jogos Olímpicos de Montreal, com Peter Ficker, com quem conquistou a medalha de bronze. Sua quinta participação olímpica, que ocorreu em Moscou, em 1980, teve Manfred Kaufmann como parceiro e terminaram a competição em 8º lugar. Afastou-se das competições para se dedicar à sua empresa, em 1985, retornando à vela, em 2008, para competir na classe Star.

Fragmento narrativo

Axel Frederick Preben Schmidt

Eu nasci em 1939, em Niterói, minha segunda casa sempre foi o clube, era um clube de ingleses. Minha mãe é de origem polonesa, porque a região onde ela nasceu sempre trocou de Alemanha, para Polônia, para Rússia, chamava-se Prússia Oriental, hoje em dia é uma cidadezinha chamada Elk. Ela veio com dezoito anos de idade para o Brasil, veio embora por causa da guerra, ela viu a família toda sendo morta na guerra, pegou o navio e veio embora. Ela encontrou papai aqui, ele veio da Dinamarca em mais ou menos 1925, eles se casaram em 1930, tiveram a Marguerite, que morreu em um desastre de avião em 1961. Tive outra irmã que faleceu há dois anos, eu e meu irmão gêmeo. Quem ensinou a gente a velejar foi papai e minha irmã mais velha, a vela já existia bem acentuadamente, quando tinha oito, nove anos de idade, a gente ficava em pé na rampa do clube, “tem lugar para correr”, “quero ir, quero ir, quero ir”, a gente embarcava e ia, aprendemos a base da vela assim, aqui no clube, com um grupo muito local, a vela era muito ativa aqui. Naquele tempo quase tudo era de madeira, o mastro era de madeira, não era nem de alumínio, você tinha que ajeitar, tinha que shapear o mastro, era muito pessoal, porque você treinava e sentia na pele cada modificação, hoje com a tecnologia, o atleta pega o manual e regula o barco, de acordo com a classe o cara já sabe.

Nós nos classificamos para as Olimpíadas de 1964 no Japão, mas fomos impedidos de participar porque participamos dos Jogos Comunistas, na Indonésia, era um tempo de repressão contra os países comunistas, nós não sabíamos das divergências com o COI, não tínhamos a mínima ideia, ficamos aborrecidos de não poder ir para a Olimpíada do Japão. Em 1968 no México nós fomos na classe star, começamos a correr na star em 1965, papai comprou um star na Califórnia, um barco preto, na época custou \$3.500 dólares, um barco lindo, de madeira, fibrado. Ganhamos as eliminatórias e fomos para os Jogos. Para transportar o barco foi um

sufoco, quase fomos suspensos, porque começamos a declarar que o barco não ia chegar a tempo.

Competições

No México nós ficamos em Acapulco, não ficamos na Cidade do México. Nós não fomos para abertura dos Jogos para poder treinar, nesse dia estava treinando contra o russo e quebrou o mastro, um dia antes da competição, o outro mastro não estava de acordo, nós ficamos a noite inteira virando o mastro para armar tudo, começamos mal, muito mal, naquela época tinha dezoito barcos nós estávamos em décimo quarto, na terceira ou quarta regata, alguma coisa assim. Nas últimas três regatas, nós tiramos segundo e terceiro lugar, com a seguinte estratégia, meu irmão o Erick falou, “está muito ruim nosso desempenho, tem alguma coisa errada, acho que estamos pensando errado, está tudo errado”, “vamos fazer o seguinte, só de brincadeira, se você achar que temos que ir para esquerda nós vamos para a direita”, “você acha melhor aqui, então vamos para lá”, fizemos isso de brincadeira e adquirimos um pouco de confiança, fizemos a regata e ficamos em sétimo lugar. Nós não tínhamos velocidade, a gente foi aprendendo ao longo do torneio, a lembrança e de ventos muito fracos e onda muito grande, meu pai sempre acompanhava a gente. O Bruder, um grande velejador, ele brincava com a gente, “eu quero ver quem será o pior brasileiro”, ficava de brincadeira, eu e o Erick dizia, “estamos ferrados, o Bruder vai encarnar na gente”, mas ele acabou em uma colocação pior que a nossa.

Estudos

Eu estudei Ciências Econômicas, aqui em Niterói, na Faculdade de Ciências Econômicas. Eu tentei engenharia por dois anos, mas não passei, meu pai queria que eu fosse engenheiro.

Burkhard Cordes

Eu vim para o Brasil em 1939, como consequência da guerra, quando eu nasci era proibido crianças com menos de três meses viajar, era uma questão de segurança, de saúde, não sei, meu pai trabalhava no exterior para a Alemanha. A Alemanha estava uma confusão, tinha inflação, não tinha emprego, quem queria trabalhar tinha que arrumar emprego no exterior, então ele veio para o Brasil. Três meses depois, era para vir eu e minha mãe, quando eu vim estourou a guerra, porque eu nasci em maio e a guerra estourou em setembro, o navio que estava trazendo eu e minha mãe, abortou a viagem, era pra vir até o Rio de Janeiro, mas desembarcou todo os passageiros na Bahia e voltou para Alemanha, porque a guerra tinha começado, meu pai foi buscar a gente na Bahia. O começo foi muito difícil, ninguém dava emprego para alemão, no período da guerra era polícia em casa todo dia, para ver o que estávamos fazendo. Eu morei no Rio de Janeiro até os quatorze anos, a Fábrica que o meu pai trabalhou por quinze anos abriu outra unidade em São Paulo, o dono perguntou se meu pai queria mudar, então viemos para São Paulo e focamos o resto da vida.

Eu comecei a velejar em 1954, eu me lembro muito bem, porque tinha umas regatas no quarto centenário na represa, meu pai levou eu e meu irmão, ele tinha uns amigos que eram sócios, a gente gostou e começamos a praticar. Eu velejava com o Reinaldo, velejando sozinho eu era um velejador mediano, com o Reinaldo, a gente se dava muito bem, ele estudava engenharia, e eu também, nós trocávamos muita ideia, como eu morava em São Miguel Paulista, sábado e domingo a gente dormia no clube, as vezes dormia na casa do Reinaldo que era perto. Uma vez ganhamos um

campeonato brasileiro de snipe, mas eu não podia ir porque era Alemão, esse foi um dos motivos para eu me naturalizar. Eu nem lembro quando me naturalizei, deve ter sido em 1964 por aí, porque logo em seguida eu fui para o Pan-Americano no Canadá, em Winnipeg, foi a primeira vez que a gente saiu. Nós conseguimos a vaga para os Jogos Olímpicos de 1968 no Pan-Americano de 1967, ficamos em segundo lugar.

Contexto dos Jogos Olímpicos

Em 1968 o pessoal ficou na dúvida se teria os Jogos, quando nós chegamos na Cidade do México, tinha aquelas pancadarias com os estudantes, “será que vai ter”, os caras estão todos nervosos.

Viagem

A vela é um mundo à parte, uma elite, nós chegamos no México de avião, ficamos algumas horas na Cidade do México, na Vila Olímpica, depois pegamos outro avião para Acapulco, não fomos de ônibus, foi um voo de duas horas. Quando chegamos em Acapulco parecia que tínhamos entrado em uma sauna, e não podia tirar o uniforme, que era de tergal, a regra era essa, até que o chefe da delegação também não aguentou e disse, “não dá, pode tirar”, e ficamos de camiseta, eu lembro disso, o resto foi de notícias.

Os Jogos Olímpicos

Para os Jogos Olímpicos ter o próprio barco era importante, no Pan-Americano, o Canadá forneceu os barcos, na Olimpíada era cada um com o seu. A gente sabia, se não tivesse um equipamento bom nós não ganharíamos, o pai do Reinaldo comprou um barco, na época o barco em voga era o holandês, o barco chegou aqui no Brasil para gente, arrumamos e treinamos com esse barco, depois despachamos ele para o México pela FAB. Antes da competição os barcos são pesados e medidos, no México o nosso barco estava com uns quatro, cinco quilos a mais que a média, quanto mais pesado mais difícil de andar, então tivemos que tirar peso dele, como o barco era de madeira, ficamos uns dois dias com canivete, aliviando a madeira da estrutura interna, onde o ângulo era reto ficou todo chanfrado, mas não podia chanfrar demais, se ficasse fino em uma onda qualquer ou em uma batida poderia quebrar. No México, na classe star, o barco americano era U.S.A., o barco russo era U.R.S.S., eles ficavam lado a lado, dois metros separam os dois, mas o equipamento do barco russo era todo americano, era 1968, tempo de Guerra Fria, mas os brasileiros se enturmavam com todos, a vantagem era que a gente falava diversas línguas, eu falava alemão, porque aprendi em casa, e inglês, por ter o nível técnico, eu era engenheiro, e falava francês porque na sociedade de carburadores onde eu trabalhava um sócio era francês. Nós fomos para todos os lados, mas os russos, os alemães, os orientais eram observados a ferro e fogo, sempre tinha alguém controlando eles, o único que fiz amizade, foi com o alemão oriental, porque falava alemão, o resto nada feito.

Viagem de volta

Nós não chegamos muito tempo antes no México, nós fomos com o avião da delegação, mas voltamos antes, a competição de vela foi em Acapulco, e acabou antes do encerramento principal, a gente precisava trabalhar, então falamos com os chefes da delegação, com a medalha na mão ficou mais fácil, “a gente precisa voltar, não queremos esperar o avião da delegação”, ele mexeu uns pauzinhos e disse, “vocês podem voltar com a Varig, mas terão que ir para Miami e depois para o Brasil”, “nós vamos”, era tudo mais complicado, era época do sequestro de avião, você

entrava em um avião no México, ou em Miami e não sabia se ia para Cuba ou para onde você ia. Nós fomos para Miami mas não lembramos que estávamos no México e não tínhamos visto para os Estados Unidos, quando chegamos os caras, “cadê o visto”, “não precisamos de visto, nós vamos embora amanhã cedo para o Brasil”, “aqui dentro do aeroporto vocês não podem ficar”, “deixa eu ver as malas”, a medalha estava em cima da mala, “olha”, todo o pessoal da alfandega se juntou para ver a medalha na mala. O chefe da alfandega, o superior, disse, “faz o seguinte, vão dormir na cidade, eu vou reter os passaportes, se alguém pegar vocês, está aqui o meu cartão, vocês ligam para mim”, pegamos nossas malas e entramos nos Estados Unidos sem visto, sem passaporte, sem nada, passamos uma noite em um hotel, no outro dia, pegamos os passaportes e voltamos para o Brasil.

Trabalho e esporte

No esporte eu era amador, o principal era meu trabalho, a minha sorte foi que meu chefe praticamente fundou a classe flying dutchman no Brasil, então eu combinei com ele, eu não tiro férias, tiro férias quando precisar e tiro picado, geralmente o campeonato dura de sete a dez dias, como eu tinha trinta, eu pedia, “agora vou tirar dez dias”, no meio do ano, mais dez dias. Existia uma história que o Comitê Olímpico reembolsava o salário para a empresa, era só requisitar, em 1967 no Pan-Americano, meu chefe requisitou, fez todos os documentos que pediram, mas nunca vimos a cor do dinheiro. Eu entrei nessa empresa engenheiro de produção, quando me aposentei era o diretor da empresa, passei por todos os setores, chefe de setor, supervisor de área, e gerente.

Ser medalhista

Eu me lembro que no México foram três medalhas, o Nelson Prudêncio, o Servílio e nós, na época a medalha não repercutiu tanto, tiveram algumas homenagens, ganhamos um monte de placa. Fomos convidados para muitos lugares, a vantagem maior acontece hoje, cinquenta anos depois, porque ainda me perguntam como foi. Na Olimpíada de 1972 nós tiramos quarto lugar, foi por pouco, mas hoje eu sei a diferença entre o ‘foi’ e o ‘por pouco’, ninguém me pergunta da Olimpíada de Munique, todos querem saber da medalha.

Preben Schmidt

Eu praticamente nasci dentro do Rio Yacht Club, eu era vizinho daqui, morava do lado, tenho setenta e três anos de clube, quando foi fundado era um clube de estrangeiros, há muitos anos atrás era uma colônia inglesa. Nós tínhamos uma classe de barcos que foi desenhada pelo meu pai, todo fim de semana tinha regata, era muito animado, tínhamos trintas barcos, corriam um media de vinte, vinte e cinco barcos, depois nós partimos para um barco internacional, com aspiração de ir para o Pan-Americano. Quando eu falo nós é que meu irmão sempre velejou comigo nessa época.

A gente tinha como objetivo chegar ao topo, chegar na Olimpíada, ou chegar no mundial, para chegar nessas competições tínhamos que velejar muito, treinar muito, sem apoio financeiro nenhum, era cem por cento amador. Antes de ir para a nossa primeira Olimpíada, em 1968, nós enfrentamos jornalistas que publicaram coisas que não deviam ser publicadas, nós falamos que era infeliz o número de cartolas que o Comitê Olímpico levava para os Jogos, e não tinha apoio para o atleta, eles publicaram a notícia na primeira página, de um jornal de primeira linha, nós fomos obrigados a desmentir, caso contrário não íamos para a Olimpíada. Desmentimos, queimamos o repórter, na entrevista falamos para não podia colocar essa parte porque

daria problema, e deu, falamos que o repórter colocou isso indevidamente, jogamos a bola de volta, mas foi desagradável, era uma verdade.

Os Jogos Olímpicos

Em 1968 nós fomos para a Olimpíada em Acapulco, no México, ficamos em sétimo lugar, não foi um mal resultado, o barco chegou a precárias condições, todo empenado, foi uma época muito difícil, para o barco chegar no local da competição, você perdia dois, três meses, ficávamos sem o barco, sem poder treinar, como o barco era de madeira ele chegava todo rachado, até consertar, colocar para funcionar. As despesas para levar o barco eram todas do bolso, não tinha nenhuma ajuda do Comitê Olímpico, só pagavam a passagem de ida e volta, a estadia era uma obrigação, mas o restante, meu pai que ajudava, ele que comprava os barcos, pagava passagem e estadia para competições, ajudava dentro de um certo limite. Minha maior mágoa é essa, porque os cartolas ganham tanto e os atletas tão pouco, deveria ser o contrário, o cartola tem que ir como obrigação, ele deveria ser ex-atleta, a maioria não foi atleta, eles são políticos, não passaram pelo que um atleta passa.

Reinaldo Conrad

Eu nasci em 1942, em uma família de classe média. Morava na região sul de São Paulo, em torno do Brooklin, meu pai era engenheiro, minha mãe trabalhava em casa. Com dez anos meus pais nos levaram à Represa de Santo Amaro, no Yacht Club Santo Amaro, um clube alemão, onde a colônia alemã era predominante em termos de membros. Eu gostei da água, eu tenho um irmão dois anos mais novo, nós gostamos da água, junto com outras crianças da mesma idade, a gente passava os fins de semana brincando na água. Isso criou uma intimidade nossa com a água. Na represa a gente via as pessoas mais velhas, adolescentes e senhores, andando de barco a vela, brincando com canoas, isso nos interessou, e nos levou a conseguir um lugar no barco a vela de alguém, ou remar em uma catraia. Mais tarde, eu e meu irmão ganhamos dos nossos pais, nosso primeiro veleiro, um barco chamado Pinguim, era para duas pessoas, hoje praticamente não existe mais.

Estudos

Eu fiz o vestibular final de 1959 ou no começo de 1960, decidi me tornar engenheiro mecânico. Eu me lembro que em torno de outubro, um colega de classe disse, “olha, vai ter um vestibular de uma faculdade diferenciada, que tem o vestibular antes dos outros, chama-se ITA, eu sugiro que a gente vá e faça como treinamento”, porque naquela época, o objetivo de todos era entrar na POLI. Eu fiquei no ITA de 1960 a 1964, ano em que me formei, hoje eu trabalho no campo da engenharia, em construção e projetos industriais. Meu objetivo maior era terminar a faculdade, a minha disciplina foi tão forte, que eu terminei a faculdade em uma condição privilegiada em relação aos meus colegas. Eu fiz os cinco anos de ITA em quatro, me formei como o melhor engenheiro do ano, com uma série de menções honrosas. Eu tinha uma disciplina pessoal absolutamente rígida, tinha horário para acordar, para comer, e para estudar, sem nunca deixar o fim de semana de lado para velejar. Eu não conseguia aos sábados porque tínhamos aula, mas o domingo era sagrado para a vela.

Os Jogos Olímpicos

Em 1967 participamos do Pan-Americano em Winnipeg, tiramos a prata. Em 1968 o meu pai me deu um Flying Dutchman de presente, então começamos uma preparação mais sistemática, nós décimos que nossa meta era participar da

Olimpíada de 1968. Nós começamos a trabalhar aquele Flying Dutchman que nos foi dado, foram dois anos de treinamento, bastante sistemáticos, nos fins de semana, na Represa de Santo Amaro, vencemos a eliminatória brasileira de uma maneira muito tranquila. Com isso fomos para a Olimpíada do México com o nível de treinamento melhor, definitivamente mais conscientes. Foram oito anos de experiência desde a primeira Olimpíada, estávamos mais conscientes, isso também se transformou em aprendizado para o futuro, o momento mais interessante foi a conquista da medalha de bronze, o ouro foi inglês, a prata foi alemã. Para gente conquistar o bronze nós tínhamos que vencer a última regata, até aquele instante o inglês não tinha perdido nenhuma regata, então tínhamos que ganhar do inglês, o australiano que estava em terceiro, tinha que tirar uma colocação pior que quarto lugar. Meus colegas me contam, que no dia anterior, eu grudei na porta do quarto do hotel a linha de chegada da última regata, claro que coloquei a gente em primeiro, o inglês em segundo, o alemão em terceiro, e o australiano em quarto, me disseram, “isso é brincadeira”, “o inglês não perdeu nenhuma regata”, com isso nós ganhamos a última regata, ganhamos o bronze, por uma diferença muito pequena do quarto lugar. Então em 1968 tiramos o bronze, é uma coisa muito importante, profundamente reconhecido pelos nossos concorrentes, passamos a ter credibilidade internacional. Mas não houve um grande treinamento, uma dedicação contínua ao esporte, coisa que outros países começavam a ter, vamos dizer, ter equipes quase profissionais.

Amadorismo e profissionalismo

A gente participou de um mundial do Flying Dutchman na Inglaterra, foi quando eu tive meu primeiro choque, eu estava empacotando o barco para trazer de volta para o Brasil, apareceu o alemão oriental, que tinha ganhado o mundial naquela ocasião, ele perguntou, “porque está empacotando tanto assim”, “isso aqui vai de navio para o Brasil, ficará preso na alfândega um monte de tempo”, “daqui uns seis meses eu vejo esse barco novamente”. Ele disse, “que maravilha”, “o meu barco está indo para Alemanha Oriental amanhã, depois de amanhã eu volto ao meu treino diário de oito horas”. Então começava a aparecer essa diferença entre as equipes, algumas eram realmente profissionais, acho que os primeiros a começarem isso foram os franceses, depois os russos, os alemães orientais e todo bloco comunista, aos poucos foi aumentando a distância entre eles e nós. Eu posso dizer que nós éramos absolutamente amadores, hoje não existe mais diferença entre amador e profissional, mas naquela época era uma diferença bem clara, bem objetiva, até começar os subsídios dos países aos seus atletas, de forma não coerente com o princípio olímpico da época. Na Olimpíada de 1968 os ingleses ganharam praticamente tudo, eles tinham um aviãozinho, que sobrevoava o local da regata e visualizava as correntezas, eles jogavam um pedaço de papel para um bote de borracha, que entregava para cada velejador. Então eles tinham em tempo real a informação das correntes, isso faz diferença na regata, porque o barco é um elemento lento, a correnteza tem um impacto significativo, por isso que os ingleses tiveram uma vantagem muito grande.

10.8 LEVANTAMENTO DE PESO

Síntese biográfica

Luiz Gonzaga de Almeida

Nasceu em Mucugê - BA, em 20 de agosto de 1941. O pai morreu quando ainda era bebê. Não vê a mãe desde os oito anos e foi criado pela avó, em uma cidade próxima a Araraquara - SP. Trabalhou na roça e foi trapezista de circo. Aos 17 anos, era garçom e disputava queda de braço com os amigos. Conheceu o atleta olímpico Bruno Barabani, que frequentava o bar para tomar vitamina de Caracu com ovo, e que o convidou para treinar halterofilismo no Esperia, onde era técnico. Chegando ao clube, foi barrado na portaria por ser negro. Foi para o Palmeiras, em 1959 e passou a treinar com Estéfano Barbieri. Conquistou a medalha de bronze nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967 e, no ano seguinte, foi aos Jogos Olímpicos do México. Participou, ainda, dos Jogos Pan-Americanos de Cali, em 1971; do México, em 1975; de San Juan, em 1979; e dos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972. Competiu em torneios de veteranos até 1986. Foi treinador da equipe olímpica, nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988. Foi presidente da Federação Paulista de Levantamento de Peso. Aposentou-se pelo Palmeiras, onde continua trabalhando até o presente.

Fragmento narrativo

Luiz Gonzaga de Almeida

Eu sou baiano, eu vim para São Paulo com dez anos de idade e fiquei por aqui, eu fui trapezista de circo. Quando eu vim para São Paulo minha avó veio comigo, eu não cheguei a conhecer meu pai, porque ele faleceu, nessa época minha mãe existia, ela tinha o sonho de vir para São Paulo, e ela veio, quem me criou foi minha avó, desde os oito anos de idade eu nunca mais vi minha mãe. Eu conheci o Bruno Barabani, na época ele estava se preparando para as Olimpíadas, ele estava fazendo uma equipe top em 1960. Nessa época eu era garçom, na Avenida Raul Pompéia com a Venâncio Aires, e eu gostava de brincar de queda de braço com o pessoal, eu era bom, eu tinha dezessete para dezoito anos, e falaram para ele que eu era bom de braço, “então vem fazer um teste aqui”, encarei firme, ele falou, “você é bom, você é forte”. Na época ele passava no bar, o bar existe até hoje, o Bruno passava no bar todos os dias, para tomar uma vitamina de caracu com ovo, depois seguia para empresa dos pais dele, ali pertinho. Um dia ele perguntou, “você quer treinar halterofilismo”, naquela época era halterofilismo, “o que isso”, “você quer treinar, você é forte rapaz, eu estou treinando para a Olimpíada de Tóquio”, ele era o técnico do Esperia. Isso era 1950 e alguma coisa, eu também morava na Pompéia, marcamos, eu não me lembro o dia, se foi uma segunda ou terça-feira, cheguei no horário certinho, na portaria eu pedi para falar com o técnico do halterofilismo, “ele não chegou”, passou vinte minutos, meia hora, tornei a ir na portaria, “ele não chegou”, passou mais um tempo, “não chegou”, então eu fui embora.

No dia seguinte, logo cedinho, o Bruno passa no bar para tomar a vitamina, “você não foi”, “como não fui, você que não foi”, “eu estava no departamento”, “impossível, então não deixaram eu entrar”, “então vai no clube amanhã”, no dia seguinte eu fui e aconteceu a mesma coisa. Eu fiquei muito pê da vida, porque era

sacrificado, não tinha condução, tinha que ir até a praça do correio e pegar um bonde aberto que passava perto do clube, era muito complicado para chegar lá e falarem a mesma coisa, no outro dia, “rapaz, você é furão hein”, eu falei, “não quero mais saber dessa história”. O senhor Jairo que estava do lado tomando uma cerveja, ou um cafezinho, ouviu nossa conversa sobre halterofilismo, ele conhecia o Bruno, ele perguntou, “mas do que se trata Gonzaga”, já me chamavam de Gonzaga, isso ficou até hoje, falei, “o Bruno me convidou para treinar halterofilismo, eu nem sei o que é isso, fui no clube três vezes mas não consegui entrar”, “você quer treinar no Palmeiras”, ele tinha um tio, ou um cunhado, que era diretor do conjunto de esportes aquáticos do Palmeiras, Luiz Massa o nome dele. Cheguei ele falou, “vamos, que eu te apresento no departamento de halterofilismo”, marcamos em uma segunda-feira, na época o departamento era pequeno, mas tinha um monte de atleta treinando. O técnico do levantamento de peso se chamava Stefano Barbieri, o Luiz falou, “Stefano esse rapaz aqui gostaria de treinar halterofilismo”, ele olhou para mim da cabeça aos pés, com ar de desconfiança, chamou um atleta, “faz esse exercício”, era o exercício de força militar, “agora você faz o que ele está fazendo”, eu me lembro do peso como se fosse hoje, eu fiz cinquenta e cinco quilos de força, tinha um outro atleta fazendo agachamento, “agora faz aquilo”, “com essa calça”, ele mandou o zelador trazer um shorts para mim, eu fiz setenta quilos no agachamento, ele falou, “pode vir treinar na quarta-feira”. O senhor Stefano foi meu técnico até 1965, então ele saiu, houve uma certa injustiça com ele, a maioria dos atletas da seleção brasileira era do Palmeiras, para sair do Brasil. Mandaram um técnico que não tinha nenhum atleta, quando voltamos ele pediu para ir embora.

Eu participei dos Jogos Pan-Americanos em São Paulo, em 1963 e também fui a Winnipeg, em 1967, minha primeira Olimpíada foi no México em 1968.

Viagem para o México

Quando nós fomos para os Jogos Olímpicos, nós fomos no avião da FAB, via Manaus, em Manaus nós ficamos alojados no quartel do exército, no meio do mato, chegamos em um vestiário imenso, no meio do vestiário tinha uma talha de água, grande, todos chegaram com cede, foram direto na talha, com a caneca cheia de água, água salobra, gosto de peixe, água ruim, você bebia porque estava morrendo de cede, até o café tinha gosto de peixe, daí a pouco chegou o dirigente, na época o Silvio Magalhães Padilha, um grande presidente do Comitê Olímpico, “olha, todos nós vamos sair para jantar na cidade”, foram todos, jantamos, voltamos para o alojamento, dormimos. No outro dia saímos cedo sentido México, demorava cinco horas de Manaus até o México. Quando estávamos dentro do avião, começou uma lástima, era um tal de todo mundo ir no toilette, deu uma diarreia em todo mundo, até no médico, era o doutor Mario Pino, o remédio acabou, e no avião era uma fila, homem e mulher para ir no banheiro, foi aquela tristeza. Ainda houve uma reprogramação, nós paramos no Panamá, todos foram para enfermaria, passaram um remédio para gente, mandaram tomar leite, para cortar a diarreia.

Os Jogos Olímpicos

A cada Olimpíada que passa as coisas mudam, no México foi bacana para mim. Nós chegamos no México estava tendo um problema, uma greve estudantil, quando a gente estava passando na avenida para a Vila Olímpica, a gente via na beirada das avenidas aqueles canhões, cheio daqueles carros, para lá e para cá, falaram que era um protesto estudantil. Para mim isso era novidade, eu nunca tinha visto armamento na rua. Quando começamos a ir para os treinos o pessoal falou, “procurem evitar

aglomerações”, “estamos com problema com o governo”, eles deram uma trégua, mesmo assim tinha que evitar aglomerações, então sempre que saíamos era em dois ou três atletas, alguns jogadores de futebol saiam juntos, o povo mexicano tratava a gente muito bem, convidavam a gente para comer na casa deles, tudo isso. No centro da cidade, em uma praça, nós ficamos em uma praça, de repente o movimento estudantil cercou a gente e começaram a conversar, nada que desabonasse, mas ficavam gritando, indo para lá e para cá, e o policiamento nada podia fazer, porque tinham atletas olímpicos ali, até que conseguimos sair. Nós ficamos alojados na Vila Olímpica, uma Vila Olímpica bacana, na época não tinha televisão nos quartos, tivemos um certo contratempo, todos ficaram com dor nas costas por causa do colchão, o Raul, jogador do Palmeiras, não conseguia levantar, tivemos que colocar o colchão no chão para ficar firme.

As Competições

Nesses Jogos o dirigente foi o Antônio Carlos Lapa, ele foi um bom dirigente. Ele não era técnico, mas ele foi pro México como técnico, na época ele era diretor do Palmeiras. Aconteceu as Olimpíadas, eu disputei as Olimpíadas, fiquei em décimos segundo lugar, foi o melhor resultado, naquele dia parece que bati o recorde Sul-Americano, naquela época existia a Rússia, eles estavam no grande apogeu do levantamento de peso, mas para mim estava tudo bom. Quando a gente vai para os Jogos Olímpicos nós temos alegrias e tristezas, na Vila Olímpica é tudo alegria, gente diferente, você conversa, conhece todo mundo, todo mundo alegre, aquela festividade, uma coisa linda. E as tristezas, quando começam as competições, os atletas que competiram, aqueles que perderam, com as malinhas saindo para ir embora, com muitos foi assim, para nós foi diferente, eu fiquei até o final das Olimpíadas.

Viagem de Volta

Normalmente os Jogos Olímpicos são vinte e três dias, tem outros atletas que disputam em outras modalidades, então nós ficamos até o fim, não veio ninguém antes, soubemos que havia um problema com avião, eles estavam arrumando, providenciando o avião. Naquele corre-corre a gente não sentiu nada, só ia vendo a gente ficando na Vila Olímpica, passou dois dias do combinado perguntamos, “e aí, e agora”. Eles falaram, “eles estão arrumando, ainda não ficou pronto, a gente avisa vocês”, começamos a ficar preocupado. O meu dirigente, Antônio Carlos Lapa, ele tinha uma empresa, ele veio embora, mandou me falar com tinha vindo embora. As horas foram passando, começamos a ficar preocupados, “e o avião”, “ainda não veio”, mandaram buscar um motor no Brasil, os outros atletas indo embora, no refeitório tinha quatro gatos pingados, a Vila Olímpica parecia um cemitério, e nós preocupados, foi passando, passando, era aquele impasse sem saber que dia seria a viagem, “e aí, já arrumaram”, “ainda não arrumou”. Então foi, vinte e quatro, vinte e cinco, vinte e seis dias, vinte sete dias, e não arrumaram, chegou um dia, disseram, “arrumou”, “chegou o motor do avião”, todos ficaram alegre, e foram todos para o aeroporto, todos uniformizados, chegando lá, “onde está o avião”, “qual é a pista”, ninguém achava o avião, “cadê o avião”. Veio outra notícia, foram testar o avião, recolheram para o hangar porque não estava legal. Todos vão voltar para a Vila Olímpica, chegamos na Vila, tinha ficado somente o Brasil, antes de ir tinham dois atletas do Uruguai. Quando voltamos eles já tinham ido embora. Quando chegamos nos quartos, as camas estavam desmontadas, só tinha uma pilha de colchões no chão, perguntamos, “e

agora, e comida”. Foi um corre-corre, então arrumaram uns marmitex para gente comer, acabou que dormimos ali, naquele colchão no chão.

10.9 NATAÇÃO

Síntese biográfica

César Augusto Filardi

Nasceu em Vista Alegre do Alto - SP, em 06 de abril de 1946. Aos nove anos, mudou-se com a família para Jaboticabal, onde começou a nadar. Aos 10 anos, foi campeão paulista infantil da prova do nado de costas. Depois de uma desclassificação duvidosa em uma competição, aos 15 anos, parou de nadar e passou a jogar futebol como goleiro. Aos 16 anos, foi convidado a nadar costas pela equipe do Fluminense e mudou-se para o Rio de Janeiro. Em 1967, já estudante de Medicina, participou da Universíade, em Tóquio, onde terminou em 6º lugar. Participou dos Jogos Olímpicos do México, em 1968, nas provas 100 metros nado costas e revezamento 4x100 metros medley. Encerrou a carreira de atleta quando estava no 5º ano de Medicina. Formado, especializou-se em imunologia. Participou de provas másteres. Atualmente, mora em Niterói, onde exerce a profissão de médico.

João Reynaldo Costa Lima Neto

João Reynaldo Costa Lima Neto, conhecido como Nikita, nasceu em Recife - PE, em 17 de maio de 1947. Aos 14 anos, começou a nadar no Clube Português e fez parte da equipe do professor Rubens Teixeira. Começou no nado livre e, depois de dois anos, passou para o estilo borboleta. Em 1966, foi campeão brasileiro nos 200 metros nado borboleta e bateu o recorde da prova. Conquistou a medalha de bronze no revezamento 4x100 metros medley, nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967. Participou dos Jogos Olímpicos do México, em 1968, onde nadou os 100 metros nado borboleta e o revezamento 4x100 metros medley. Nadou, também, pelas equipes do Botafogo e do Flamengo. Encerrou a carreira de atleta, quando entrou na faculdade. Formado em Educação Física, tornou-se técnico de nataação no Clube Português e trabalhou por 25 anos no Clube Náutico. Atualmente, tem sua própria academia e foi o formador de nadadoras olímpicas como Joanna Maranhão e Paula Baracho.

José Roberto Diniz Aranha

Nasceu em Barretos - SP, em 02 de fevereiro de 1951 e, aos cinco anos, mudou para a cidade de São Paulo. Os pais se tornaram sócios do Paulistano, onde gostava de brincar na piscina. Aos nove, começou a competir na categoria petiz. No ano seguinte, bateu o recorde paulista e foi campeão infantil. Aos 16 anos, com a extinção da equipe do Paulistano, foi para o Pinheiros. Em 1968, foi campeão paulista e brasileiro dos 400 metros nado livre. Participou dos Jogos Olímpicos do México, em 1968, no revezamento 4x100 metros nado livre. Estudou e treinou na Universidade de Michigan por quatro anos. Conquistou a medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de Cali, em 1971, nos 100 metros nado livre e, no ano seguinte, foi aos Jogos Olímpicos de Munique, no revezamento 4x100 metros nado livre. Encerrou a carreira de atleta em 1974. Voltou ao Brasil e se casou. Reside nos EUA desde 1992, onde trabalha como administrador de empresa.

José Sylvio Fiolo

Nasceu em Campinas - SP, em 02 de março de 1950. Começou a nadar aos 11 anos, no Clube Campineiro de Regatas e Nataação e, depois, transferiu-se para o

Guarani. Em 1966, participou de seu primeiro campeonato sul-americano. Aos 16 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro e treinou no Botafogo. Em 1967, competiu nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, onde conquistou a medalha de ouro nas provas dos 100 e 200 metros nado peito e a medalha de bronze no revezamento 4x100 metros medley. Em 1968, bateu o recorde mundial dos 100 metros nado peito. No mesmo ano, foi aos Jogos Olímpicos do México e chegou em 4º lugar, nos 100 metros nado peito. Aos 19 anos, foi para os Estados Unidos para treinar e estudar. Nos Jogos Pan-Americanos de Cali, em 1971, conseguiu a medalha de bronze nos 100 metros nado peito e no revezamento 4x100 metros medley. No ano seguinte, foi aos Jogos Olímpicos de Munique, participando da final do revezamento 4x100 metros medley e nos 100 metros nado peito. Nos Jogos Pan-Americanos do México, em 1975, conquistou, mais uma vez, a medalha de bronze nos 100 metros nado peito e no revezamento 4x100 metros medley. Nos Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976, chegou à semifinal nos 100 metros nado peito. Parou de nadar aos 27 anos e começou a trabalhar como técnico de natação. Em 1988, mudou-se para a Austrália, onde mora até hoje com sua família. Dá aulas de espanhol.

Fragmento narrativo

Cesar Augusto Filard

Nasci no estado de São Paulo, numa cidade chamada Vista Alegre do Alto, no dia 06 de abril de 1946. Quando tinha 16 anos eu vim sozinho pro Rio de Janeiro, como bolsista do Fluminense. A minha adaptação no Rio foi muito difícil, foi ruim, eu estava sozinho e praticamente oito meses sem nadar. Com 16 anos, lá do meio do mato para uma cidade que era, ainda é o 'must', entre as três melhores do mundo, então eu fiquei encantado e ao mesmo tempo assustado. Eu fiquei no Fluminense, conheci melhor o Fluminense e as pessoas do Fluminense. Teve um momento que todos os atletas saíram do Fluminense, eu fiquei isolado, com mais alguns atletas juvenis, sem expressão nenhuma. Os antigos nadadores do Fluminense voltaram para competir e completar a equipe naquele ano. Então eu falei, 'pô que bacana, eu vou ficar aqui'.

Eu nunca ganhei nada na natação, nunca fui profissional, mas eu precisava da natação para me manter, então a partir dos 18 anos quando eu comecei a ganhar alguma coisa, então eu falei, "eu tenho que continuar ganhando que eu quero fazer medicina, eu tenho que ganhar pelo menos uns 4 a 5 anos, porque o curso é de 6. Continuei, peguei um técnico novo, o Cachimbal, ele tinha 70 anos, mas era uma cara de uma mentalidade fora do tempo dele. Era um técnico que conversava comigo, ele não ficava ali na piscina dizendo 'faz isso, faz aquilo', ele entendia o atleta. Então, esse técnico foi me incentivando e eu comecei a ganhar, ganhar e ganhar. Depois entrou um auxiliar técnico, o Denir. Ele que me levou pra olimpíada, dizia que eu era seu primeiro olímpico, depois ele fez o Djan Madruga e outros atletas. Ele fez muitos olímpicos, mas eu fui o primeiro olímpico do Denir.

Um dia eu estava no cinema e foi depois da olimpíada de Tóquio. Eu vi o filme, e falei assim, 'na próxima eu vou', aquilo me emocionou tanto, a edição do filme, as coisas que apareceram eram tão bonitas e eu falei, 'ah, eu não vou perder a próxima não', a próxima era no México e eu consegui. O sonho olímpico começou num cinema, não foi nadando no interior. Não existia canal de esportes, não existia nada disso, não existia nem a televisão, você tinha que ir no cinema e assistir as atualidades francesas, resumo da semana e Primo Carbonari. As notícias, você recebia e lia o

jornal, o jornal é muito seletivo, é muito regional, por mais que fosse o Estado de São Paulo, ele dava mais atenção ao estado de São Paulo que o resto do Brasil.

Preparação

Eu me preparei pra olimpíada no Fluminense, as piscinas não eram aquecidas naquela época. O Fluminense fica num vale e eu era estudante de medicina, tinha aulas de manhã e à tarde. Então, o Cachimbal e Denir preparavam um treino para mim, eu saía às cinco e meia da manhã, ia pra piscina do Fluminense, o porteiro já me conhecia, eu chegava de manhã estava saindo aquela fumacinha, fumacinha, a fumacinha era fria, tá entendendo? E eu falava, “tenho que cair”. Eu fazia meu treino que eles prescreviam no dia anterior, quando eu estava saindo, eu ia pra faculdade, estava todo mundo chegando. Minha faculdade era no centro do Rio de Janeiro, ali na Moncorvo Filho, era a antiga escola de medicina e cirurgia do Rio de Janeiro. Eu estudava medicina, era pobre, eu não tinha carro, eu tinha que ir de ônibus para faculdade. Na faculdade tinha as aulas da manhã, eu voltava fazia uma parte do treino, voltava pra faculdade de novo, a noite eu fazia o treino, chegava em casa de noite. Isso antes da olimpíada, uns 4 meses antes, porque se tivesse mais tempo, eu não ia aguentar. De noite, eu sonhava com água, eu me via nadando, então foi muito difícil, eu tive muitas dificuldades.

A classificação

A classificação foi na piscina do Guanabara, éramos 3 pretendentes a vaga, eu, Luiz Antônio Musa Julião, que era do Fluminense, veio de Ribeirão Preto, eu que o trouxe para o Rio, Julião era meu conhecido, meu amigo, desde os 7 anos de idade. E o Valdir Ramos, do Botafogo. Foi na piscina do Clube Regatas Guanabara, era uma piscina que todo mundo usava para melhorar o tempo, porque ela tinha uma proporção de água salgada, então, todo mundo vinha aqui bater recorde mundial, os argentinos vinham aqui, Nicolau e Fiolo bateram o recorde aqui. A piscina tinha uma proporção de água salgada porque ficava ao lado do mar, hoje ela é só de água doce, a FINA proibiu isso. Mas todos fizeram a eliminatória nas mesmas condições, condições normais de pressão e temperatura, era a mesma água, a mesma piscina, a mesma hora, quem ganhou ali ganhou, e eu ganhei. Quando eu ganhei, fiquei sabendo, naquele momento, que só quatro atletas iam para olimpíada, para nadar o revezamento 4 estilos. Na equipe de natação eram 4 homens para o revezamento com 4 estilos. Então, ia um de costa, um de peito, um de crawl, e um de borboleta. As provas preliminares não tinham validade, o que valia era a última prova. Tanto que no Pan Americano em Winnipeg eu não fui porque ganhei duas eliminatórias, mas perdi a final.

Viagem para o México

Quando eu fui pro México eu já era segundo anista de medicina, e já tinha participado de uma competição internacional, a Universidade em Tóquio, já não era assim tão neófito em competição internacional, inclusive, em Tóquio, eu fui finalista, tirei o sexto lugar. A viagem ao México foi uma epopeia, saímos do Rio num avião da FAB, paramos em campinas, em Viracopos, para pegar o pessoal de São Paulo. Quando paramos, minha família toda estava lá, mas eu estava em trânsito, não podia sair, foi uma coisa boa que eu não me esqueço. A gente foi pra Campinas, de Campinas pra Manaus, de Manaus pro Panamá, do Panamá a gente foi pro México. A bordo de um DC6 da FAB. Em Manaus, o pessoal tomou uma água estranha lá, todo mundo ficou com diarreia, foi passando mal, eu não fiquei, eu não tomei, quando

vi a água, “eu não vou tomar esse treco”, tem horas que é melhor ficar com sede. Nós demoramos para chegar, quando chegamos, eu me lembro do período de adaptação, me lembro que o técnico era o Roberto Pavel e o auxiliar técnico da nataço era o Julinho Delamare. O Pavel ficava com o Fiolo e o Julinho com o resto da equipe. Quando ns chegamos no Mxico, h 2.200 metros de altitude, ningum acredita nisso, eu falei pro Julinho, “eu quero morrer na hora do treino, eu quero morrer porque eu no estou mais aguentando”, “no, vai que voc aguenta”, “no eu vou morrer, eu quero morrer”. No terceiro dia de treino, saa sangue do nariz durante o dia, a gente no tinha preparo, a gente foi preparado entre aspas. Os americanos se prepararam a 3.000 e poucos metros de altitude, ento eles desceram. Ns, no nvel do mar, fomos a 2.200, fisiologicamente foi um desacerto, mas depois de alguns dias nos adaptamos, foi bom que chegamos antes e fomos nos adaptando.

Competies

Eu acho que ns chegamos dez dias antes, ou uma semana. A olimpada tem 14 dias, a prova de revezamento foi no ltimo dia, foi a ltima prova dos esportes coletivos, depois do ltimo dia s tinha o hipismo, fechava com o hipismo no dia seguinte. Eu no nadei bem o revezamento, confesso que no nadei bem, eu nadei melhor a minha prova, os 100 metros nado costas, o revezamento eu no fui bem, no sei porque, mas no fui bem. Eu tirei vigsimo primeiro lugar na classificao geral, ramos 35, eu no passei pra segunda eliminatria, porque entravam os 16 primeiros. Eu fiz um tempo bom, naquela poca o recorde mundial era 1m1s, eu fiz 1m4s, quer dizer, esses 3 segundos em 100 metros, d uma distncia, muito cho e pouco tempo. Quem ganhou a prova foi Roland Matthes, era um daqueles alemes orientais, acho que foi geneticamente programado, o cara era assim, era um palito, e tinha um p desse tamanho, proporcionalmente ele era assim ele era um monstro. Tanto que, quando ele estava treinando eu chamei o Denir, meu tcnico, “Denir ele est com o hand care”, ele falou, “no, porque?”, “olha o tamanho do p dele”, ele tinha um p de pato natural, tinha um brao que eram dois remos, ento, competir com aquele cara, um fio, com p de pato atrs e com dois remos na frente, ento o cara nadava, parecia um foguete. Tanto que os americanos no conseguiram ganhar dele, Roland Matthes foi o campeo, e os americanos ficaram em segundo. Claro que ele nadava muito, ele tinha o corpo certo para o nado de costas, por isso que eu brinco, “ele foi programado geneticamente para nadar costas”. Meu p 41, pequeno para minha altura, ento eu falei, “ele t com vantagem”.

As provas de 200 metros, ns brasileiros, fomos aconselhados a no participar, porque ns no estvamos preparados para aguentar 200 metros, o Fiolo foi o nico que participou. Tentamos fazer alguma coisa no revezamento, mas eu sa mal, nadei mal, acho que isso influenciou o resto da equipe, minha culpa. No era o meu dia, eu nadei mal, o Fiolo nadou muito bem, o Carcar nadou bem, o Aranha nadou bem, mas eu nadei mal. Se eu tivesse feito o que fiz na prova individual, talvez ns poderamos ir pra final, tiraramos um oitavo lugar, mas tudo bem, a gente estaria l no olimpo, no estava com a coroa de luz, mas a gente teria uma final de olimpada.

Usando um jargo esportivo, acho que eu enterrei o revezamento. Mas eu no enterrei porque quis enterrar, enterrei porque eu no consegui nadar bem aquele dia. De repente, a responsabilidade da gente recuperar o que o Fiolo perdeu. Eu era companheiro de quarto do Fiolo, eu convivia muito com ele, o fato do Fiolo no ter ganho, eu queria que ele ganhasse, eu fui colega do Fiolo desde que o Fiolo era Fiolo, no O Fiolo. Se ele ganhasse aquela olimpada, talvez o revezamento ia pra frente porque seria uma injeo de nimo na gente. Aquela no vitria do Fiolo, eu no

chamo de derrota, foi uma não vitória, ele é um vitorioso. Não ter alcançado o primeiro lugar machucou a gente. Eu sou um cara sensível, devo ter ficado mais machucado, ao invés de dar um up, vamos reagir, naquele momento eu tive um down, nadei muito mal aquele dia. O Fiolo sofreu muito, eu senti um pouquinho da dor dele, eu não tive forças naquele momento, de ajudá-lo, de ajudar-me, fazer um esforço super-humano e passar por tudo aquilo, não consegui.

Lembranças dos Jogos Olímpicos

O Fiolo foi campeão, foi recordista mundial com 17 anos, se eu não me engano, quer dizer, o cara era uma criança. O Fiolo teve uma carga, uma carga, ele teve o peso do Brasil nas costas. A carga do Brasil, país subdesenvolvido, sobre o Fiolo foi muito grande nessa olimpíada, ele tinha que ganhar, e a diferença do Fiolo, que tirou quarto lugar, pro primeiro lugar, foi isso, foi isso. Então, esse cara é nosso herói, ele se investiu de Patrimônio Nacional e foi representar a gente. O Brasil naquela época pesava muito, o problema social que nós tínhamos, o problema político, o problema de repressão que nós tínhamos. Então nós vivíamos um período a parte, um período que as liberdades eram limitadas, você não podia falar certas coisas, você não podia fazer certas coisas, então não tínhamos liberdades, nem de protestar, especialmente de protestar. De repente, o Fiolo pode dar o grito, o grito do mundo, e o grito ficou contido. E ele, ele foi até o final, até onde ele poderia ir, e ele foi muito bem. O menino do boxe, o Servílio, foi o grande injustiçado daquela olimpíada, ele tinha que ter uma medalha de ouro, ele ganhou do mexicano, mas os juízes eram mexicanos e deram a vitória pro mexicano, mas quem ganhou aquela luta foi o Servílio, ele era pequenininho, simpático, uma pessoa muito boa.

Nós ficamos no México além do necessário, a equipe foi toda junta, exceto, e com razão, o Fiolo que estava nos Estados Unidos, que foi por voo comercial. A turma do basquete, que naquela época era o 'top' do Brasil, até me lembro de uma conquista do mundial de basquete aqui no Maracanãzinho. Eu estava lá naquele jogo. O time de basquete do Brasil era uma coisa, não é? Era muito bom. Tinha o Rosa Branca. Então, esses caras tinham chance de ganhar medalha, por isso foram privilegiados. O resto, vocês, são sonhadores, que bom que vieram para olimpíada, se ganharem alguma coisa, muito bem. Eu era um atleta a mais, esses outros, eram diferenciados, eles tinham uma estrelinha assim, e tinham mesmo, tanto é que foram para as finais, nós disputamos e demos nosso esforço, entramos para a história, mas não conquistamos o que eles foram preparados pra conquistar, então, eles tinham esse voo.

A Vila Olímpica

O mexicano adorava o brasileiro, sair com uniforme do Brasil era o passaporte pra você ganhar menina, namorada, isso era muito fácil. Ser brasileiro no México, naquela época, era estar próximo ao paraíso, você não estava no paraíso, mas estava a 10 passos do paraíso. Na época, eu não tinha compromisso nenhum, eu era livre leve e solto, no ponto de vista emocional e sentimental. A gente conheceu o Abebe Bikila, estava no andar de baixo do nosso alojamento, que ganhou a primeira maratona correndo descalço, então a gente conhecia essas pessoas, convivia com elas, até namorava pessoas de outras delegações. Na Vila Olímpica tinha o "clube internacional", um clube que centralizava a vida noturna. Você trocava moeda, nós levávamos o "Brazilian Dólar", que era a nota de R\$ 10,00 cruzeiros que tinha a esfinge do Getúlio Vargas, ela era verde, parecida com o dólar, o valor de mercado era zero, a gente falava que era o "Brazilian Dólar" e trocava por outras moedas. A

gente ia no banco, aqui no banco do Brasil, na Rio Branco com a Presidente Vargas, onde ficava a agência central, a agência de câmbio, a gente trocava um pacotinho de “Brazilian Dólar”, e levava pra todas essas viagens que nós fazíamos, era uma maneira de ganhar um dinheirinho, não muito honesto, mas a gente fazia isso. Os russos levavam pedras semipreciosas para vender, sempre tinha alguma pessoa fazendo alguma coisa, era divertido, era mais romântico, eu diria, até mais humana, não tão perto de Deus, como o atleta olímpico de hoje em dia.

Viagem de volta

A delegação do Brasil tentou ir embora três vezes. Não conseguiu porque o avião quebrava e a gente voltava pra vila olímpica. Então a tarde a gente fazia um rachão, tinha um rachão com o pessoal do futebol, o campo estava à disposição a gente jogava na vila olímpica, a gente já tinha fôlego pra isso. Voltando da Cidade do México, o avião depois de três tentativas de decolagem e 1 hora de voo, isso foi a noite, eu me lembro, estávamos eu, o Fiolo, o Aranha e o Carcará, o mecânico do voo, veio com uma lanterninha, iluminou o motor, e eu falei, “tá dando alguma coisa aí”, “nós vamos parar em Acapulco”. Teve um problema técnico, e o avião desceu em Acapulco. Como todo bom nadador, a gente andava com uma sacolinha, com calçãozinho de natação, estávamos habituados a isso, as malas ficaram no avião, ficamos no aeroporto, depois mais algumas horas no aeroporto. No dia seguinte o avião estava consertado, mas tinha um problema, a equipe de terra do aeroporto entrou em greve, não saía voo nenhum, então nós tivemos que ficar, imagina, em hotéis de turismo em Acapulco, na praia, ficamos dois ou três dias, até acabar a greve. Então ali, foi mais farra ainda, mas já não tinha mais compromisso olímpico, era uma trupe, o “Exército de Brancaleone”. Depois voltamos, paramos em Belo Horizonte, e chegamos no Rio de Janeiro.

João Reynaldo Costa Lima Neto

Eu nasci em Recife, minha família toda é de Recife, eu morei a vida toda no bairro dos Pinheiros. Era próximo ao Clube Português, do qual meu pai era sócio proprietário, na época, era o único clube de Recife que tinha piscina. Em abril de 1961, eu tinha 13 anos, fiz 14 em maio e nunca tinha entrado numa piscina até então. Em 1962, 1963 eu entrei na equipe para treinar, em 1965 participei do meu primeiro Campeonato Brasileiro, fui medalha de bronze na prova de 1.500 metros, que acabou sendo minha especialidade. Em 1966, ganhei, pela primeira vez os 200 borboleta, bati o recorde brasileiro em Porto Alegre. A partir daí eu ingressei na seleção brasileira, passei 4 anos sem perder uma prova de borboleta dentro no Brasil. Na época eu fui a todas as competições que existiam, não eram muitas, tinha o campeonato brasileiro de seleções, que logo depois foi extinto, o Troféu Brasil, que era a grande competição, que existe até hoje, e recentemente mudou o nome para Maria Lenk. As competições internacionais, se resumiam a Sul-Americano, Pan-Americano, Olimpíadas, Universíade, restrita aos universitários. Eu nadei todas as competições dentro desse ciclo de 1966 a 1970. Quando eu ganhei o Campeonato Brasileiro, bati o recorde brasileiro. Na equipe tinha um americano que veio pro Brasil pra dar aula de matemática na escola americana, era um nadador bom, procurou a piscina do clube português, que era a única piscina para praticar natação. Ele disse que tinha sido nadador, que no ano anterior ele tinha o 10º lugar do ranking americano. Ele trouxe pro Brasil a virada olímpica, ninguém no Brasil fazia essa virada, ele nos ensinou, chegamos no Troféu Brasil, todo mundo fazendo virada, e ninguém conhecia. A regra tinha mudado, mas no Brasil ninguém tinha se adaptado, até um ou dois anos antes,

para o nadador virar ele tinha que tocar com a mão na borda e depois jogar as pernas por cima, fazia uma cambalhota, a nova regra dispensou o toque de mão e no Brasil ninguém sabia disso. Muita gente atribuiu o fato de eu ter ganho a prova ao americano, mas eu já estava com um bom tempo.

Nesse ano tive a oportunidade de ir para os Estados Unidos, quando o americano foi embora, ele me escreveu, disse que estava na Califórnia trabalhando com natação, falou de mim para o técnico, que se interessou, queria que eu fosse para lá, na universidade que tinha lá, que ele conseguia um alojamento para mim. Meu padrinho se entusiasmou de me mandar para os Estados Unidos, ele viaja muito, foi para Brasília e na volta ele disse, “olha, você não pode ir, eu conversei com eles sobre os Estados Unidos e me disseram que está muito perigoso, os americanos estão pegando estrangeiros que não serviram o exército e estão mandando pro Vietnã’.

A conquista da vaga

Nos Jogos Pan-Americanos do Canadá nós fomos medalhistas no revezamento quatro estilos. Na época, o Pan-Americano era uma competição séria para os Estados Unidos, eles entravam com o time principal, no revezamento que nadamos contra eles tinha três recordistas mundiais, o vencedor dos 100 metros livre, o de 100 metros costas e o Mark Spitz do borboleta. Nós tínhamos na equipe, o Fiolo, que ganhou o Pan-Americano e no ano seguinte bateu o recorde mundial. Nesse Pan-Americano, em 1967, eu me classifiquei com o 3º tempo para final, o primeiro foi o Mark Spitz, o segundo foi um canadense que na época, depois do Mark Spitz, era o melhor nadador de borboleta do mundo, e o terceiro foi Mike Burton, que era recordista mundial dos 1.500 metros, e nadou a prova de borboleta por nadar, eu ganhei dele na eliminatória. Na final ficou Mark Spitz na raia 4, eu na raia 3, e Mike Burton na raia 2, do meu lado, essa foi a primeira competição que nós nadamos, nos deparamos, com bordas lisas, parede! Até então, a piscina tinha uma calha em volta, chamada cuspidreira, não tinha nada a ver com o nome, não era para cuspir, a calha servia para água cair ali e voltar, nós agarrávamos na calha para virar, chegamos no Canadá, não tinha calha, era parede, e ninguém conhecia essa virada de parede. Pra se chegar a olimpíada, chegar ao Pan-Americano, não era fácil. A gente tinha que viajar pro Sul para participar das eliminatórias, essas viagens eram de avião da FAB, muitas vezes ficávamos hospedados em hotéis que não tinham a menor estrutura. Pra ir à Olimpíada eu teria que ganhar os 100 metros borboleta, que o foco era no revezamento, na época o Brasil não tinha dinheiro para mandar equipes grandes, então reduziam ao máximo as equipes. Para a Olimpíada de 1968, por exemplo, só tinha uma vaga, que era no revezamento 4x100, quatro estilos como chamavam na época. O revezamento ganhou a vaga pra Olimpíada no Pan-Americano, onde fomos medalhistas, na ocasião nós batemos o tempo do recorde Sul-Americano, era o sexto tempo do mundo, então, nós tínhamos a vaga.

A eliminatória

Cerca de um mês antes da eliminatória, algumas semanas, não chegou nem a um mês, eu fui pro Rio de Janeiro, fiquei na casa de um tio meu, ele morava em Copacabana, para treinar na piscina do Botafogo, que era a mais fria do Rio de Janeiro. Era uma piscina coberta de 25 metros, para me adaptar à água fria, para nadar a eliminatória da Olimpíada, que foi na piscina do Fluminense. Eu fiquei no Rio o mês de julho, a eliminatória foi no princípio de agosto, durou duas semanas, porque teve, como se diz, melhor de três. Nadei uma competição achando que quem ganhou estaria escalado, não era, depois me disseram que tinha que nadar novamente, nadei

e ganhei de novo, mas o tempo ainda não estava dentro do que eles queriam como índice para o revezamento, então, nós tivemos que nadar em uma outra semana, só os quatro melhores, os outros já tinham perdido, não puderam nadar, coincidência, os quatro que tinham ganhado as duas eliminatórias, nós nadamos na piscina do Guanabara que era uma piscina favorável, uma piscina que na época tinha um pouco de água salgada. Nesse período, eu fiquei no Rio de Janeiro, voltei para Recife, passei uma semana aqui, tinha que tratar da documentação do exército, eu tinha entrado, saído, mas não tinha o certificado. Eu treinei, praticamente sozinho, até viajarmos para o México. Logo depois o treinador da nossa equipe, o Roberto Pavio, viajou pro México com o Fiolo, para fazer adaptação à altitude, na cidade do México. Nós, os demais atletas, continuamos no Rio de Janeiro, não tínhamos a menor noção do que era nadar, ou praticar qualquer atividade física numa altitude como a cidade do México, 2.200 metros. Antes da olimpíada do México, no ciclo olímpico, anualmente existiam competições pré-olímpicas, de todas as modalidades, tinha competição de natação, de atletismo, e todas as equipes do mundo iam para lá, faziam treinamento na altitude, o Brasil não tomou conhecimento disso. Se limitou a enviar algumas semanas antes da Olimpíada, o que também não é indicado, o Sylvio Fiolo, recordista mundial, a equipe de basquete, que tinha sido medalhista da Olimpíada de Tóquio e se não me engano, foi um pugilista ou o Nelson Prudêncio, que era do salto. O restante da delegação, a natação toda, inclusive o dirigente, fomos no avião da FAB, a falta de estrutura era enorme.

A viagem

Viajamos para o México no avião da FAB, 40 horas de viagem, pernoitamos em Manaus, no quartel da selva, foi uma viagem que “em qualquer campo de futebol o avião descia”, o avião ainda quebrou na base aérea do Panamá, nós passamos quase o dia todo lá, até consertar o avião, um calor i-n-s-u-p-o-r-t-á-v-e-l, era o mês de outubro.

Chegada

A equipe de natação tinha 4 nadadores, o técnico era o Roberto Pavio, e o diretor era o Julio Dalamare, uma pessoa extraordinária, era quase que um assistente do Pavio nos treinamentos, ia pra borda da piscina com a gente e ficava marcando o tempo. Quando chegamos no México foi um baque, na época eu começava meu treino nadando 400 metros, eu nadava em medley, entrei na piscina, nadei 50 metros borboleta, parei do outro lado e não conseguia voltar. 2.200 metros de altitude para nadar borboleta é uma coisa que só tem noção quem passa por isso. Eu era especialista em 200 metros, o velocista, nadador de crawl nadava 100 metros, o de costas nadava 100 metros, e o Fiolo também nadava 100 metros, então eu senti menos porque eram só 100 metros, a preparação na altitude dá condição do atleta render mais no treinamento, mas na realidade, quem compete na altitude, compete com menos oxigênio, então ele não se acostuma nunca. Nós treinamos cerca de 10 a 12 dias, antes de nadar a competição, até então, eu tinha conseguido completar 100 metros de borboleta. Nosso revezamento, que tinha o 6º melhor tempo, terminou com o 11º, e não se classificou para a final. Na ocasião, o Fiolo era recordista mundial, poucas semanas antes, nas eliminatórias da Rússia, o russo bateu o recorde dele. Ele era um candidato à medalha de ouro, ou um medalhista, mas ele terminou em quarto lugar, foi uma excelente colocação, ele perdeu a chance por falta total de condições, de preparação do atleta. Na época, a CBD era uma única confederação, que tratava basicamente do futebol e todas as outras modalidades. Tinha a diretoria de natação e

de outras modalidades, não tinha uma programação, não tinha verba, não tinha muita coisa, o esporte era feito com muito sacrifício.

A competição nos Jogos

Tudo na época era muito grande pra gente, essa grandeza começou no Pan-Americano, em Winnipeg no Canadá. A gente, pela primeira vez numa piscina olímpica coberta, no México também. As instalações do México eram maravilhosas, as piscinas, quadras e os campos, como todo atleta olímpico, que é iniciante, os atletas ficam deslumbrados com tudo aquilo. A competição foi maravilhosa, foi uma experiência nova, existia a “sala da morte”, como a gente chamava, era a sala onde os nadadores se concentravam antes da prova. A gente nunca tinha passado por isso, no Brasil a gente entrava direto na prova, lá tinha que se apresentar tantos minutos antes, ficava numa sala esperando, com uma televisãozinha, que mostrava a série de eliminatórias, entrava um por um, aquilo dava um nervosismo tremendo, ali era o teste definitivo para ver quem se sairia bem na competição. Nas competições nós não tivemos recordes mundiais, porque não tem como bater recorde mundial na altitude, na natação o atleta sente muito, as provas de meio-fundo e fundo levam desvantagem. No atletismo, as provas de salto, e de velocidade, levam vantagem com a altitude.

A Vila

Nós ficamos hospedados num apartamento, nós ocupávamos três quartos. Eram dois nadadores em um, dois nadadores no outro, e o técnico e o diretor em outro. A sala tinha um grupo de esgrima, de remo, e outras equipes, eles tinham o controle absoluto sobre nós, nós não tínhamos ideia, não queríamos de maneira alguma farrear. A Vila Olímpica era um mundo, uma multidão de pessoas de toda parte do mundo. Na Vila Olímpica eu vi uma fila imensa na direção dos restaurantes, tinham seis restaurantes, atrás dos restaurantes uma fila se formando, eu procurei saber que fila era aquela, não era uma fila, era um buraco que tinha na cerca da Vila Olímpica, à noite saía praticamente todo mundo para a farra. Eu fui olhar, e do lado de fora, tinha táxi esperando o pessoal, muitos já tinham competido, outros ainda iam competir, mas entravam na farra, nós eramos sérios, bastante sérios, nós treinamos até nadar o último dia, a última competição, fizemos tudo como manda o figurino para obter o melhor resultado possível. Na Vila Olímpica você convive com os maiores atletas do mundo, tem que ter uma cabeça muito centrada no que vai fazer lá, pra não perder o foco, e a equipe de natação era uma equipe muito centrada.

De volta....

Quando eu voltei da Olimpíada eu disse, “eu tenho que estudar, tenho que cuidar da minha vida”, eu já tinha feito meu ciclo na natação, pra pegar outra Olimpíada, um outro Pan-Americano, eu teria que treinar durante tanto tempo, na ocasião eu já estava com 20, 22 anos. Eu estava estudando para fazer vestibular, que eu perdi quando comecei a nadar, eu perdi dois anos na escola, por falta, não por outra coisa, ficava tomando banho de piscina e treinando, eu resolvi que precisava estudar, focar mais no estudo. Então eu terminei o científico, mas não fiz o vestibular naquele ano porque quando terminei o terceiro ano já era o ano do Pan-Americano. Eu deixei para fazer no ano seguinte, foi quando me classifiquei para a Olimpíada de 68, no primeiro semestre eu fiz um curso pré-vestibular, mas parei em junho para treinar e me adaptar ao frio do Rio de Janeiro, para a eliminatória. Quando eu voltei, eu fiz o curso no Rio de Janeiro, na ocasião, eu fiquei alguns meses praticamente

treinando na piscina do Botafogo, com o Roberto Pavio, que era o técnico do Botafogo e da seleção. Eu recebi um convite para ficar no Rio de Janeiro e meu tio, irmão do meu pai disse, “fica aqui, você fica na minha casa”, não ia pegar nada de clube, um clube chegou a me oferecer um cargo, e um apartamento para morar, mas o Botafogo praticamente não dava nada, eu fiquei lá por causa do treinador.

Eu resolvi fazer o vestibular de Educação Física, o de Economia eu tentei entrar, eu cheguei a entrar no curso, frequentei alguns dias, mas eu estava voando, perdi os últimos meses, perdi todo o conteúdo do vestibular eu vi que não ia passar, e queria ir na Universidade, ia ter uma Universidade em 1969, era a única competição que faltava pra eu participar, então eu voltei pro Recife e fiz o vestibular para Educação Física. Eu entrei no curso de Educação Física em 1969, o curso era de três anos, quando houve a mudança no currículo do MEC, eu tive que voltar para complementar um ano, eu fiz educação física de 69 a 71, e fiz economia de 70 a 73. Com a faculdade de Educação Física, faculdade de economia, e tendo que trabalhar, eu dava aulas de natação, não dava mais para ficar nadando, foi quando eu resolvi parar de nadar.

José Roberto Diniz Aranha

Eu nasci em Barretos, no interior do estado de São Paulo, meus pais mudaram para São Paulo quando eu tinha 5 ou 6 anos, ficaram sócios do Clube Atlético Paulistano, o Paulistano, que nos anos 1960, tinha uma equipe de natação campeã do Brasil. Com 15 pra 16 anos eu me transferi para o Pinheiros, porque a natação do Paulistano acabou. Só ficou eu, o Pinheiros tinha uma das melhores equipes do Brasil na época, comecei a nadar a temporada e me tornei campeão brasileiro, campeão paulista de adultos, e campeão brasileiro absoluto. Nadei os 400 metros que não tem nada a ver com a prova dos 100 metros, que era onde eu me destacava. Daí pra frente eu peguei o Pan-Americano com o revezamento e em 1968 eu peguei a olimpíada do México, também no revezamento, que mandaram na ocasião. Em 1968 eu fiz parte do revezamento, revezamento 4x100, 4 estilos, eu era o nadador de livre, eu tinha 16 anos. Nessa olimpíada o Fiolo, nadador de peito, era considerado o favorito para ganhar a prova, mas com a altitude, e sem nenhum conhecimento científico, pegou quarto lugar, foi abnegado, poxa! Nós fomos pro México no avião do exército, um BC6 que demorou dois dias para chegar. Eu sempre me dediquei ao máximo à natação, fui convidado para nadar pela Universidade de Michigan, com bolsa de estudos completa, me mudei para Michigan, eu fui o primeiro nadador a nadar nos Estados Unidos.

José Silvio Fiolo

Eu nasci em Campinas, estado de São Paulo, morei lá até os 16 anos. Já nadava, comecei a nadar com 11 anos de idade, parei com 12, voltei com 13 anos. Com 16 para 17 anos eu me mudei para o Rio de Janeiro. Primeiro eu nadei um Sul-americano, ainda morando em Campinas, nadava por um clube de lá, depois que me mudei para o Rio de Janeiro eu fui nadar no Botafogo, fiquei no clube até os 19 anos, nadando e competindo. Eu me mudei, fiquei 2 anos e meio nos Estados Unidos, nadando e estudando, voltei, continuei nadando até os 27 anos, quando já não tinha mais nada para fazer, tinha chegado ao final da minha carreira.

Tem um caso interessante, sobre ajuda financeira, vamos dizer assim. Eu estava no Botafogo e trabalhava na piscina do Botafogo, como professor da escolinha de natação, dando aulas para garotinha de aprendizagem de natação, para ter uma graninha. Eu trabalhava e treinava ao mesmo tempo, seis meses antes dos Jogos do

México, eu fui obrigado a parar de dar aulas, pra não ser considerado profissional da natação, porque eu ganhava dinheiro ensinando natação.

Classificação para olimpíada

Em 1966 eu ganhei o Sul-americano, em 1967, no Rio de Janeiro, treinando no Botafogo, eu participei do meu primeiro Pan-Americano, que foi no Canadá, em Winnipeg, eu ganhei a prova dos 100 e dos 200 metros, nado peito, e, acho que ficamos em terceiro lugar no revezamento 4 estilos. Então ficou aquela expectativa enorme para os Jogos Olímpicos do México no ano seguinte, em agosto, mais ou menos julho, agosto. No México a gente contaria com altitude, contaria com inverno, no Rio de Janeiro, treinar era meio difícil porque nós treinávamos no Morisco, na piscina do Botafogo, que era coberta, mas não era aquecida, não tinha piscina aquecida naquela época, a água era bem gelada. Eu tenho certeza que isso contribuiu um pouquinho, não era fácil ter nascido, ir para a escola, voltar à tarde, e ir à noite treinar em água gelada. Está aí uma das minhas maiores derrotas, vamos dizer assim, o treinamento no México não foi dos melhores, era praticamente inexistente. No campeonato Sul-americano eu fiquei a 1 décimo de segundo do recorde mundial, a minha passagem nos 50 metros, na prova de 100m, foi muito forte, eu fiquei sem finalização, por isso houve uma nova tentativa, nós mudamos a tática, eu passei um pouco mais lento nos 50 metros, e fiz a finalização, quando eu consegui batizar o recorde mundial, foi com 4 décimos de segundo.

A cobrança, aquela ideia de 'ok', eu tinha acabado de bater o recorde mundial, bati o recorde mundial no meu segundo Sul-americano, em 1968, e no Rio de Janeiro bati o recorde mundial. Dali em diante começou aquela..., o primeiro do mundo, o mais rápido do mundo! ...vai ganhar as olimpíadas. Era a nossa única chance de medalha, não quero dizer que a pressão me fez amarelar, não foi isso, eu bati o recorde mundial na piscina do Guanabara, em uma tentativa especial, a piscina estava absolutamente lotada de gente, eu era o único nadador. Então ficou essa ideia, o Brasil se mobilizou para fazer tudo que podia para me ajudar, eu falei, "eu não estou precisando de ajuda", eu tinha feito sem ajuda nenhuma, a federação, a CBD na época, se mobilizou para ajudar, fazer e acontecer, botaram reflexiologista, começaram a inventar um monte de coisa, eu não queria nada disso, "a coisa ficou chata". Eu não fui amarelão no Jogos Olímpicos, isso não significava nada para mim, era mais uma competição, eu sabia da grandiosidade dos Jogos, mas eu praticamente não treinei para esses Jogos Olímpicos.

No México

Um mês antes dos Jogos nós deixamos o Brasil, eu fui mais cedo para o México fazer readaptação a altura. A altura beneficiava alguns esportes, esportes de curta duração, mas a natação, prova de 100 metros, levava mais tempo do aquele que poderia ter algum benefício. Chegamos a menos de 1 mês dos Jogos, ou da competição, na época a regra dizia que nenhum atleta conseguiria estar lá a menos de 1 mês da competição. Eu cheguei com um condicionamento físico basicamente zero, inclusive, quando eu cheguei, fiquei logo doente, não consegui treinar durante uns dois ou três dias, não sei se foi a altura, ou alguma coisa que eu comi, era por cima e por baixo, fiquei uns dois dias sem poder treinar. O treinamento foi uma coisa, qualquer técnico que visse falaria, "não, esse cara, com esse treinamento, não veio para nadar os Jogos Olímpicos", "é um nadador bem fraco", eu recuperei um pouco, mesmo assim, fiquei em quarto lugar, por muito pouco eu não peguei o terceiro lugar. Na competição, meu recorde já tinha sido batido, o Russo, que ficou em terceiro lugar,

bateu meu recorde mundial, um americano, que não era esperado que ganhasse, venceu a prova, fazendo um tempo muito acima, porque, o meu recorde tinha sido 1:06.4, o americano ganhou a prova com 1:07.7, um segundo e pouco a mais. Foi um pouco de decepção, mas tudo bem, continuei nadando, fui em mais duas Olimpíadas. Na seguinte eu fiquei em sexto lugar e na última eu nem fui pra final, eu sempre mantive meu tempo, mas os nadadores novos iam aparecendo, com novas energias, mais jovens, mais altos e mais fortes.

10.10 POLO AQUÁTICO

Síntese biográfica

Álvaro Roberto de Ávila Pires

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 13 de agosto de 1941. Foi nadador dos clubes: Fluminense, Botafogo e Corinthians. Campeão sul-americano no revezamento 4x100 metros nado livre, em 1964 e no mesmo ano, participou dos Jogos Olímpicos de Tóquio nas provas dos 100 metros nado livre e 4x100 metros medley. Passou a praticar polo aquático e competia pelo Botafogo quando foi aos Jogos Olímpicos do México, em 1968.

Aluísio Marsili

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 30 de agosto de 1947. Nadava pelo Fluminense quando começou a praticar polo aquático, chegando a campeão brasileiro júnior em 1964. Participou dos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Formado em Ciências Econômicas, foi chefe do Departamento de Recursos Financeiros e Seguros na empresa Furnas Centrais Elétricas na qual trabalhou até se aposentar. É criador de cavalo bretão e presidente da Associação Brasileira de Criadores do Cavalo Bretão.

Arnaldo Marsili

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 30 de agosto de 1974. É irmão gêmeo do também atleta olímpico Aluísio, que jogava polo aquático no Fluminense e o convenceu a jogar. Começaram aos 14 anos. Sua primeira competição foi aos 15 anos, no campeonato sul-americano. Em 1967, participou da conquista da medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg. No ano seguinte, foi aos Jogos Olímpicos do México. Jogou até completar dez anos de Fluminense e encerrou sua carreira de atleta. É formado em Economia e trabalhou na empresa Furnas Centrais Elétricas até se aposentar.

Cláudio Rinaldi Câmara Lima

Nasceu no Rio Grande do Sul, em 07 de junho de 1948. Foi o primeiro gaúcho no polo aquático. Competia pelo Guanabara, quando conquistou a medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967 e no ano seguinte, foi aos Jogos Olímpicos do México.

Fernando Antonio Sampaio Sandoval

Nasceu na cidade de São Paulo, em 18 de novembro de 1942. Começou a praticar natação aos 12 anos e, aos 16, mudou para o polo aquático do Paulistano, por considerar uma modalidade mais dinâmica. Aos 17, transferiu-se para o Botafogo, onde jogou por um ano. Conquistou a medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967 e, no ano seguinte, participou dos Jogos Olímpicos do México. Encerrou a carreira de atleta, em 1969. A convite do Paulistano, tornou-se técnico das categorias juvenil e júnior. Trabalhou no mercado financeiro.

Henrique Filellini

Conhecido como “Tuto”, nasceu na cidade de São Paulo, em 18 de julho de 1939. Começou a nadar no Floresta, atual Clube Esperia, em 1952, por influência dos

irmãos, que jogavam polo aquático. Era irmão de Vítório Filellini, que foi aos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936. Migrou para o polo aquático no Paulistano, onde conquistou a medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967. No ano seguinte, foi aos Jogos Olímpicos do México. Jogou até os 38 anos. Formou-se em Engenharia Civil e trabalhou em várias construtoras. Fundou uma escola de natação, em 1985.

Ivo Carotini

Ivo Kesselring Carotini nasceu na cidade de São Paulo, em 16 de fevereiro de 1942. Começou a praticar natação no Esperia aos seis anos. Aos 11, mudou-se com a família para um prédio em frente ao Pinheiros, onde passou a treinar polo aquático. Em 1963, conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo. No ano seguinte, foi aos Jogos Olímpicos de Tóquio. Nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967, conquistou a medalha de prata e também a vaga para os Jogos Olímpicos do México, em 1968. Encerrou a carreira de atleta em 1974, depois do campeonato sul-americano de Medellín. Formado em Administração de Empresas e Direito, foi Secretário de Esportes do Município de São Paulo, durante os anos de 1995 a 1997. Atualmente, participa do Conselho Deliberativo do Pinheiros, onde pratica polo aquático.

João Gonçalves Filho

Conhecido como “Peixinho”, nasceu em Rio Claro - SP, em 07 de dezembro de 1934. Costumava nadar no rio, com os amigos do Colégio Richelle. Quando a diretora soube de suas habilidades, convidou-o para treinar no clube da cidade. No início dos anos de 1950, ainda menor de idade, mudou-se para o Rio de Janeiro e começou a nadar pelo Fluminense, onde também, passou a praticar polo aquático. Pela natação, foi aos Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952, quando nadou o revezamento 4x200 metros nado livre e os 100 metros nado costas. Competiu nos Jogos Olímpicos de Melbourne, em 1956 e nadou os 100 metros nado costas. Pelo polo aquático, fez parte da equipe dos Jogos Olímpicos de Roma, em 1960; Tóquio, em 1964; e México, em 1968. Fez curso de jiu-jitsu a distância com Carlos Greice. No início dos anos 1960, mudou-se para São Paulo, e começou a treinar no Pinheiros. Lá, montou uma academia de judô e passou a atuar como técnico. Nessa condição, foi a mais duas edições olímpicas: Los Angeles, em 1984 e Seul, em 1988. Participou de sete edições de Jogos Pan-Americanos, conquistando quatro medalhas, sendo uma na natação e três no polo aquático. Formou-se na faculdade de Educação Física do Exército do Rio de Janeiro e em Direito, pela Universidade Mackenzie de São Paulo. Foi o porta-bandeira brasileiro na abertura dos Jogos Olímpicos de México, em 1968. Faleceu em São Paulo, em 27 de junho de 2010.

Marco Antônio de Viçoso Jardim

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 1º de maio de 1940. Na infância, foi praticante de judô. Em 1958, sofreu uma lesão e o médico recomendou que praticasse remo. Começou, então, a treinar no Botafogo, onde ficou até 1962. Teve de abandonar o remo devido aos horários da faculdade. Passou a treinar polo aquático aos 23 anos. Como goleiro, defendeu o Botafogo por onze anos. Em 1968, foi convocado para a seleção brasileira que participou dos Jogos Olímpicos do México. Em 1971, disputou os Jogos Pan-Americanos de Cali e, no ano seguinte, trocou o Botafogo pelo Guanabara. Encerrou a carreira a pedido da mulher, mas, ainda assim, retornou para um último jogo, quando defendeu o Flamengo, clube onde se tornaria

diretor de polo aquático, diretor de patrimônio e vice-presidente de esporte amador. Apesar da ligação com o Flamengo, também é conselheiro no Botafogo. Em 2012, foi candidato a vereador, em Petrópolis, pelo Partido Verde. Engenheiro de formação, trabalha na área de construção e seguros.

Pedro Pinciroli Júnior

Nasceu na cidade de São Paulo, em 16 de dezembro de 1943. Começou a nadar aos seis anos, no Tietê, clube onde também jogou basquetebol. Na natação, foi campeão paulista e brasileiro e, aos 13 anos, migrou para o polo aquático. Dois anos depois, aos 15 anos, disputou o campeonato sul-americano. Participou dos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964 e do México, em 1968. Conquistou a medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967. Jogou também pelo Paulistano e pelo Botafogo. Encerrou a carreira de atleta, em 1976. Estudou no Colégio Caetano de Campos, formou-se em Engenharia Elétrica, pela Escola Politécnica da USP e foi diretor superintendente da *Folha de São Paulo*, por 25 anos.

Fragmento narrativo

Álvaro Roberto de Avila Pires

Eu sou do Rio de Janeiro. Em 1965 estava no Corinthians, fui campeão brasileiro de natação pelo Corinthians. Eu, Mario Lago e uma grande turma de nadadores fomos campeões. Como eu era do Rio, uma ou duas vezes por mês eu tinha uma passagem de avião para vir ao Rio e voltar. Eu vinha na sexta-feira, depois do treino, voltava na segunda de manhã ou domingo à noite, isso no começo. No segundo ano eu fiquei no Rio. Depois da olimpíada de 1964 eu não ficava mais em São Paulo, ficava só no Rio, só ia pra São Paulo quando tinha alguma competição, alguma coisa que me chamavam. Meu treino era pegar jacaré na praia, pegar onda, não tinha surf naquele tempo, era jacaré mesmo, no peito. Em 1966 eu vim pro Botafogo para jogar water polo, saí do Corinthians, eu ia pra São Paulo só pra nadar, só ia lá nem treinava. Em 1967, fui campeão brasileiro de natação com revezamento pelo Botafogo, o técnico do Fiolo disse: ‘tem que ir, eu fui, e fomos campeões brasileiros ainda em 1967’. Em 1968, voltei as origens, eu voltei pro Fluminense, e fomos campeões carioca, eu tinha vontade de voltar porque sou benemérito, tinha vontade de ser tricolor, vontade de terminar minha carreira onde eu tinha um monte de amigos, onde fui praticamente criado.

Eu não quis nadar no México. Falei, ‘ah estou mais velho, sou de 1941 então em 1968 eu tinha 27 anos, eu digo, ‘ah eu vou nadar’, eu queria jogar water polo, porque na olimpíada de 1964 eu fui nadando, jogando eu ainda não tinha ido. Eu estava numa complicação danada, porque no Japão, quando acabou a competição, nós sumimos. Aí o cara disse que eu não viajava mais, briguei com o pessoal da direção, porque acabou de nadar e o que que ia ficar fazendo? A gente sumia, fomos pra outra cidade, foi uma confusão, disseram que a gente estava suspenso.

Treinos para os Jogos Olímpicos do México

Quando veio a olimpíada do México eu comecei a treinar. Eu treinei muito, fomos pra olimpíada do México jogando water polo. Os caras ‘ah, mas essa turma está suspensa, não vai’, então vocês me cortam dentro da água, a convocação é aberta, corta dentro da água, eu fui o primeiro a ser convocado, fui convocado. Nesse período eu já estava na faculdade de Educação Física, me preparando pra olimpíada

do México. Eu fui dar aulas de natação na Fundação Rolando Arte, que era da Santa Casa, ali funcionava um orfanato que tinha em torno de quinhentas crianças, tinha de tudo, as turmas não eram homogêneas, um sabia nadar o outro não sabia, um tinha um braço o outro não tinha uma perna, um não enxergava, um era surdo, um era branco, um era preto. Tinha de tudo, tudo junto no mesmo grupo, aquilo pra mim foi muito gratificante. No nosso tempo era assim, o treinador dizia, 'o treino será em São Paulo, 9 horas da manhã, na piscina do Pinheiros'. Porque treinava um grupo em São Paulo e um grupo no Rio, não treinava junto, o esporte é coletivo, mas só se juntava no sábado e no domingo. Até lá, 'como é que você vai? Como é que você não vai? Onde é que você vai ficar? A gente treinava sábado 9 horas da manhã, sábado à tarde, domingo de manhã, domingo à tarde. A gente saía do Rio de Janeiro 5 horas da manhã, de carro, 5 dentro de um fusca, e metíamos o pé pra São Paulo, pra chegar lá arranjar um lugar pra ficar, na casa de um amigo ou de um parente, ou no alojamento do Pinheiros, que na época, era horrível, um troço pequenininho. Quando o treino era no Rio, era a mesma coisa pro paulista, treino é aqui, como é que eles vêm? Os clubes do Rio não bancavam, então a gente sofria, acho que o Pinheiros pagava o hotel e tudo pros caras. Num desses treinos, um mês antes de ir pra olimpíada, outro azar. Furei o tímpano, dei uma batida em outro jogador e estourei o tímpano. Fui falar com o treinador, 'olha se você estourou o tímpano, você não vai', eu digo, 'não, eu vou hoje ao médico, vou ver'. Cheguei lá tinha perfurado. Para treinar eu botava, enchia, o ouvido de algodão, enchia de vaselina, porque aquele protetor, treinando duas horas e meia não funcionava, treinava com aquele troço, aquilo infeccionava, tirava pus, um inferno. Quando eu viajei pro México, entrei no avião, virei pro cara e falei, 'olha meu tímpano está furado', fui fazer o tratamento no México, eu só entrei na água no dia do primeiro jogo. Eu era o cara que mais nadava no time, eu ia buscar a bola no meio da piscina, a primeira bola que fui buscar no meio, o coração bateu pela boca, sei lá há quantos mil metros de altura. Na olímpiada do México o Aranha, o Zé Roberto, que foi nadando crawl, fez 55 segundos e qualquer coisa, tempo pior que a gente tinha feito na olimpíada anterior. Eu sempre terminava os treinos de water polo com um tiro de 100 metros, fazia o tempo sem raspar, eu fazia 55', que o Aranha fez raspando pra ir, sem polimento, sem nada, eu fazia o tempo que o cara fez. Quer dizer, se eu fosse pensar, eu podia ter ido nadando nessa olímpiada, talvez eu teria alcançado um bom resultado, e ainda não teria furado o tímpano, por que furei o tímpano no treino de water polo.

Eu não ganhei dinheiro nenhum com o esporte. Como atleta eu tinha uma ajuda de custo, eu fui um dos primeiros atletas a ter ajuda de custo quando eu fui pro Corinthians, a ajuda de custo era o salário mínimo, não sei quanto era na época, mas não era mais que 2 salários. O Corinthians dava um alojamento, que era uma casa, e lá moravam seis, oito nadadores. Dava uma comida, comíamos nós da natação e os atletas do basquete, que na época tinha o Rosa Branca, o Edvar, o Ubiratã, chegou ter até o Wlamir e o Peninha. Nós almoçávamos todos juntos, numa mesa comprida, vinha aquela comida pra todo mundo, era um boião, um boião danado. No fluminense a gente também comia. Ganhava 1 cartãozinho pro jantar porque o treino de water polo terminava tarde da noite. Então o dinheiro que ganhei foi assim, uma ajuda de custo no Corinthians, no Botafogo, mas nada que dava pra gente fazer as coisas da gente, não dava pra nada. No meio disso tudo aí, teve uma época que eu fui técnico do Fluminense, da escola naval, da Petrobrás. Era supervisor do parque do Flamengo e tinha o Grajaú. Então, eu saía de casa às 4 horas da manhã para dar treino às 5 horas e emendava até as 11 horas da noite, quando terminava o treino de water polo, então consegui fazer um pé de meia, hoje tenho uma situação razoável. Depois do

México, eu estava estudando Educação Física, fui ser técnico de natação do Flamengo, junto com Arantes e a turma toda. Ele tinha sido meu técnico no Fluminense, eu fui lá trabalhar com ele, fiquei 2 anos. Depois fui pro Bahia, treinei na Bahia. Eu e o Fábio treinamos a seleção de natação que foi a Munique, mas eu não fui pra olimpíada, treinei junto, porque eles foram treinar em Salvador e eu era técnico do late Clube da Bahia, supervisor de natação do late Clube. Treinamos lá. Na época o Júlio Delamare, muito amigo nosso, ele era o diretor de natação, conversamos com ele e toda a seleção treinou em Salvador, por dois meses.

Na minha carreira, eu só não dei aula de Educação Física. Em Salvador, fui professor da Universidade Católica, trabalhei como professor de natação da primeira turma de Educação Física da Bahia. Recém-formado fui ser professor de professores que trabalhavam há 40 anos, eram senhores. Eu acho que na Bahia não tinha Escola de Educação Física, era só fazer alguns cursos e dar aula, quando fundou a Universidade Católica de Salvador, eles todos se candidataram para regularizar a situação. Fui paraninfo da turma. Então foi uma época muito boa, porque eu ganhei muita experiência.

Aluísio Marsili

Nasci no Rio de Janeiro em 1947, eu frequentava o fluminense e entusiasmei com a água. Gostava de água, aprendi a nadar, fui em algumas competições, me entusiasmei com o polo aquático, com 13 anos já estava metido com o pessoal mais velho. Fiz minha primeira partida em 1962, eu tinha entre 14, 15 anos, com 21 anos, estava jogando uma Olimpíada. Fiquei até a seleção chegar em uma Olimpíada, nada vale mais que uma Olimpíada, o sacrifício para chegar lá foi muito grande, principalmente pela falta de estrutura e pela irresponsabilidade.

Classificação

Nós conseguimos a vaga olímpica nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, no regulamento da época, o segundo lugar, medalha de prata. Os americanos ganharam o jogo, mas foi um jogo bonito, 4x3 pra eles, no final tivemos um pênalti a favor, a bola foi na trave, foi um jogo entre iguais, qualquer um podia ganhar, o time teve apoio de valor, tinha gente talentosa. O Brasil se classificou para a Olimpíada, “resultado!”, “o que você pode imaginar?”, “time classificado, vamos levar essa equipe pra Europa, como Cuba fez, para treinar o pessoal, fazer uma figura, não! Não se jogou uma partida internacional, um mês antes do embarque nós estávamos sem saber se a modalidade ia ou não, mesmo classificados.

Treinos para os Jogos

A CDB não tinha dinheiro, quatro meses antes dos Jogos estávamos disputando vaga sem saber se seria escalado, uma verdadeira tira de mira, treino do dia a dia era de segunda a sexta, sábado e domingo, o treino era em São Paulo, “compareçam lá com seus próprios recursos”, “nós não sabemos se vamos”, “se alguém faltar no treino está automaticamente cortado”, imagina o ambiente que ficava, era cansativo, a incerteza gera competição acima do limite, aquela demora para escolher o jogador, começa a ter rivalidade, porque um está disputando a vaga com o outro. A gente vivia muitas vezes com incompatibilidade afetiva, botava regras que não tinha, quem reivindicou a convocação brasileira, então não pode ser convocado, foi aquilo para visar um camarada, então são regras próprias para você fazer um time ainda mais fraco. Na hora de escalar o jogador, não era o treinador que escalava, era uma comissão técnica, feita de representantes, que as vezes, não entendiam da

escalação, escalavam por arranjo, “eu voto num atleta do clube e você vota no meu”, uma vida de incerteza.

Ida para o México

Nós fomos para o México num avião da FAB, só de ir para São Paulo levava uma barbaridade, nós ainda paramos em Manaus, dormimos num hotel uma noite, deu dor de barriga no pessoal, era uma fila no banheiro do avião, ainda fomos interceptados, não me lembro se foi na ida ou na volta, porque invadimos o espaço aéreo do Panamá, tivemos que descer escoltados, ficamos detidos por um bocado de tempo, quase que um dia inteiro. Chegamos no México 15 dias antes, não tínhamos informação de nada, “o que eu estou fazendo aqui?”, “como que é uma olimpíada?”, “o que eu faço agora?”.

Vila Olímpica

O México foi a última Olimpíada antes do atentado de Munique, então havia segurança, mas qualquer um colocava um amigo para dentro da Vila, não tinha problema. Os atletas não eram preparados para ir lá competir e ir embora para casa, como hoje, era competir e ficar, isso começava a ter sérias medidas, acabando, aquilo se tornava uma grande festa, era gostoso, todo mundo se entrosava, era uma delícia.

Os Jogos Olímpicos

Teve um exame médico, foi um fato engraçado, “fulano, fulano e fulano, estão escalados”, para serem investigados, analisados, pela organização genética mundial, vai ter que ir. Eu fui para um lugar onde todos estavam de branco, parecia filme de ficção, me mediram de cima abaixo, tirei a roupa, fizeram eu provar um monte de coisa, “tá mais amargo?”, o mais ridículo disso, é que me colocaram uma camisolinha, uma roupinha, um fio dental na bunda, me senti ridículo, de repente viro para lá, eu estava num palco, tinha uma plateia, no momento que eu viro, abre a cortina, e tinha uma série de pessoas, e ninguém me avisou nada, eu não sei pra que serviu aquilo, eu ganhei um diploma de agradecimento, que está guardado. Era um mundo diferente, aqui era mais atrasado que o México na questão de eletrônicos, o México está do lado dos Estados Unidos. Eles forneceram para gente, uma fitinha de gravador, uma fitinha k7, para você gravar uma mensagem, o que você quisesse, e eles enviavam para família, gravar a gente gravava, mas não tinha ninguém que tivesse um gravador para ouvir, então não adiantava. Ainda, fizeram o seguinte, abriram um teste de ligação telefônica do México para o Brasil, cada atleta podia falar por três minutos, “isso não existe”, “porque isso é mentira”, isso é coisa do outro mundo, mas teve, por exemplo, o Ilton que ligou para a mulher dele, a Arlete, “Arlete aqui é o Ilton”, ele falou isso durante três minutos, e ela falava, “ah, isso é trote”, “quem está falando?”, “o Ilton está no México”, ele não conseguiu falar com a mulher, porque ela não acreditou.

Outras Modalidades

Alguns camaradas tinham uma força mental brutal, o Nelson Prudêncio ganhou a medalha de prata porque perdeu no último salto, ele tinha uma coragem moral, ele fazia muito mais do que a gente esperava, ele crescia. O José Sylvio Fiolo, era grande, barbado, mas dava para ver que faltava muita preparação, um talento gigantesco, eu me lembro bem, teve um campeonato Sul-Americano de natação, ele foi terceiro colocado na prova dele. Ele foi pro Sul-Americano porque o outro nadador, se eu não me engano era o Luiz de Freitas, teve uma hepatite, ele era reserva, sem nenhuma responsabilidade, foi lá e ganhou, sem nenhuma responsabilidade foi para o Pan-

Americano, ganhou a prova dos 100 e dos 200 metros, os holofotes todos vieram para cima dele. Bateu o recorde do mundo, virou esperança, ele seria uma barbadinha porque era muito melhor que os outros, ele entrou num processo de degradação psicológica, não conseguia treinar direito, aquela pressão fez um mal a ele, ele estava cheio de vantagem em relação aos outros, vantagem, mas não apoio psicológico, chegou nos Jogos apontava pro Fiolo, ele dizia, “não sei o que vou fazer”, “eu não me preparei”, e tirou o quarto lugar em uma prova, que o vencedor fez um tempo muito pior que o melhor tempo dele, porque não teve o apoio que devia, ele não foi um Nelson Prudêncio. Outra pessoa admirável, Aída dos Santos, foi saltar sem treinador, não tinha treinador, cartola tinha, quem ajudou Aída foi um técnico de Cuba, ela é uma mulher fantástica e nós tínhamos admiração por ela. Os atletas se admiravam, torciam muito uns pelos outros. Outro esporte que foi um cataclismo foi o voleibol, não era um esporte de destaque na época, mas o ambiente do voleibol foi péssimo.

Tinha dirigente que não podia ser dirigente, eu vou falar porque já passou o tempo, tinha um senhor, chamado Guimarães, ele era do tiro, ele devia estar ‘gagá’, você ficava num apartamento do lado, ele devia ter algum problema de próstata, dava vontade de fazer xixi a noite, ele levantava da cama pra ir ao banheiro, ele se vestia inteiramente, botava um terno, fazia xixi, tirava tudo e botava o pijama, “você acha que esse camarada podia representar alguém?”, “não podia”. E existia muito dessas coisas, então gerava uma revolta, não era uma revolução, era uma revolta escondida, parecia colégio primário, não era uma revolta que levava a discussões, era das sacanagens, sacanear o outro, por exemplo, uma historinha paralela, eu me lembro, que nós combinamos com o pessoal, bagunceiro, que ficava no andar de baixo da gente, que fizesse xixi e cocô num balde, para quando viesse o pessoal da delegação para reunião, o Raposo e mais dois lá, levasse um banho de coco e xixi, e nós assistindo, isso foi a glória pra gente. Teoricamente se o esporte era amador você não faz nem propaganda, mas nós nos uniformizamos, fomos para o estádio aberto, posar, todo mundo, para fazer propaganda de tecido de tergal, foi todo mundo para lá, botar o paletó completo, pra sair na Revista Manchete.

Isso era 1968, hoje se fala em AI-5, os atletas eram a-li-e-na-dos, totalmente, pode ser que tivesse um ou outro, mas não era a regra geral, primeiro, que o atleta normalmente não se metia em política, “por que ele não se metia em política?”, Ele não via as coisas acontecerem do lado dele, ele via pouco, depois, ele se preocupava em se divertir, que era muito pouco tempo e treinar, você não tinha a menor ideia se estava fora do regime democrático. Até mesmo porque, o pessoal que tinha um pouco mais de idade coincidiu com a situação econômica do Brasil estar favorável, com grande desenvolvimento, emprego mais fácil, então, você não percebia, você não sentia, naquela época, poucos estavam sentindo ou preocupados com isso.

Participação nos Jogos

Nossa participação, como não deveria deixar de ser, foi fraca, embora tenha sido a melhor participação do Brasil, se não me engano, ficamos em décimo primeiro lugar, de dezesseis equipes, mesmo com toda a preparação ruim que foi feita, era possível ficar entre os oito primeiros, com uma preparação um pouco melhor. Na equipe eram onze jogadores, naquela época, levaram só dez jogadores, por medida de economia, nós éramos o único time da Olimpíada que jogava com um jogador a menos, no nosso banco faltava um jogador, em um jogo que você pode substituir o tempo todo, então são coisas inacreditáveis. Não fizemos nenhum jogo internacional entre o Pan-Americano e os Jogos, a bola mudou, tiraram a bola de couro e passou para bola de borracha, a gente nem conhecia a bola de borracha. No final dos treinos

a gente usava a bola de borracha, você chutava de uma forma totalmente diferente, a bola de borracha batia na água e quicava, a bola de couro travava, a bola de borracha você segurava, a de couro você equilibrava. Então a gente foi para os Jogos com uma bola que a gente não conhecia, teve que se habituar lá, alguns tiveram facilidade, outros, terminaram as Olimpíadas e não conseguiram se adaptar. Outra, mudou a arbitragem, mudou a regra, como os juízes do Brasil não tinham intercâmbio, eles passaram a apitar de uma forma totalmente diferente, quando chegamos, parecia que estávamos jogando outro jogo. Nós tivemos alguma sorte, porque chegamos com antecedência, e treinamos com outros times, “nós estamos jogando outro jogo, era parecido mas não era igual”, “o jogo não é assim”. Em termos bem simples, antes você tinha defesa que defendia e o ataque que atacava, com a nova regra, existia menos posição, a coisa ficou muito mais dinâmica, os times de ponta não jogavam mais nessa categoria, não davam mais para ter jogadores que só sabiam defender ou só sabiam atacar. Então, foi uma séria dificuldade, havia talento para conseguir uma coisa muito melhor, não digo que dava para ser medalhista, ou chegar entre os quatro primeiros, mas entre os oito primeiros era possível.

E não mudou nada, nós chegamos de lá, e não mudou nada. Então tinha aquela série de políticas, como prestar conta de resultado é difícil, quando pedem o que acontecia, as pessoas começavam a se firmar, estava na hora de explodir, saía aquela historinha entre aspas, “precisamos renovar a equipe pra daqui há 4 anos”, então, o que acontece? Com 4 anos não se pode cobrar resultados, só daqui há 4 anos. Eu já fazia faculdade quando eu fui para os Jogos, nesse time nosso tinham, o Marco Antônio era engenheiro, o Pedro Pincirolli era engenheiro, o Ivo Carotini era administrador de empresa, João Gonçalves era professor de educação física, todos eram universitários ou formados, não tinha ninguém que precisava viver do esporte, eram atletas intelectualmente bem preparados.

Viagem de volta

Na volta o avião da FAB quebrou, o mundo inteiro foi embora e nós, ficamos na Vila Olímpica. A primeira preocupação de todo mundo era o que fazer para sobreviver, e segunda, como ninguém era profissional, ninguém tinha dinheiro, você levava um troquinho que o pai te dava, ou que você arrumava. Quando acabaram os Jogos, ficamos sem dinheiro, então começou o escambo, trocar a camisa com não sei o que, e acabou que não tinha dinheiro mais nada, não aconteceu nenhuma desgraça porque Deus ajudou os atletas, estava uma irresponsabilidade no final, todo mundo com vontade de voltar para casa e na farra o dia inteiro, coisa que não é brincadeira. O avião ainda teve que parar em Acapulco, porque é nível do mar, o avião com motor a pistão teve que descer de tanque vazio, porque a 2400 metros não conseguia levantar voo, desceu ao nível do mar para abastecer, teve uma greve, não sei o que houve, mas ficamos lá mais dois dias, todo mundo sem dinheiro, fazendo de tudo quanto é jeito, foi uma loucura. O avião dava pane o tempo todo, deu uma pane, parou em Belo Horizonte, no final era Rio de Janeiro e São Paulo, teve atleta que fugiu, pegou um ônibus e seguiu a vigem de ônibus. O mundo era outro, ninguém sabia o dia que nós íamos chegar, não havia notícia, família preocupada, porque nós não chegávamos nunca, ligava pro comitê olímpico, “a gente não sabe”, “eles passaram por Acapulco”, ninguém sabia. Um dia chegamos, imundos, porque nós vendemos tudo o que tinha, para sobreviver, um uniforme horroroso, nós não tínhamos ninguém para lavar nossa roupa, tinha que chegar e lavar. Então, eram todos aqueles filhinhos da mamãe lavando suas coisinhas. Quando você volta, você volta de uma ilusão, nós chegamos no México, e fomos tratados como ídolos mundiais. Então isso sobe para a cabeça,

you passar por um desconhecido e dar um autografo, as pessoas me parando, eu me achava o Rei da Prússia. Cheguei aqui, em dois dias, eu vi que ninguém me conhecia, eu era um ilustre desconhecido, tudo aquilo foi uma ilusão, que passou, não mudou nada, continuou tudo do mesmo jeito se não para pior. Mas valeu, essa experiência eu guardo para sempre, a grande alegria da minha vida é ter ido em uma Olimpíada. Foi fantástico ser atleta numa Olimpíada, mas você não tinha estrutura nenhuma, de nada, não tinha. Teve gente do voleibol no jogo, não consigo me lembrar quem, que a sola do tênis abriu, não tinha tênis para jogar, jogou descalço. Para todo mundo ter um calção igual, nós compramos, fizemos uma vaquinha para comprar, porque nem calção igual nós tínhamos.

Arnaldo Marsili

Eu nasci no Rio de Janeiro, joguei polo aquático no Fluminense. Naquela época os times se limitavam ao Rio de Janeiro e São Paulo, o polo nunca foi um esporte popular, podia ter em outros estados, mas no campeonato brasileiro, era Rio e São Paulo. Quando eu comecei a jogar, existia no Rio de Janeiro, o Bangu, o Botafogo, o Fluminense e o Guanabara. Eu cheguei rápido na seleção brasileira, eu era um garoto, tinha entre 17, 18 anos. Teve um campeonato da seleção brasileira, eu já estava chamando atenção, fazia boas partidas, “esse garoto está indo bem”. Em 1965, fui convocado, participei do campeonato sul-americano com 17 anos, era um senhor time, eu fui reserva do Daniel, que era um grande goleiro, tinha o Marvel Kelly, o Zabo, Grijó, de São Paulo tinha o Ivo Carotini e o Polé. Em 1967 eu também fui convocado, para o Pan-Americano no Canadá, só podiam ir dez atletas, então optou-se por levar só um goleiro, era um risco, mas foi essa a opção. Foi um campeonato que nós jogamos muito bem, fomos medalha de prata, tivemos resultados extraordinários, perdemos para os Estados Unidos, por 4 a 3, eu fui bem.

No ano seguinte teve a Olimpíada, é o sonho de qualquer atleta, eu continuei treinando, fui convocado e fui para a Olimpíada, para mim foi a realização como atleta, eu nunca me esqueço, mesmo não sendo uma participação brilhante, só o fato de estar no estádio, dar aquela volta, é uma coroa, você se sente coroado dentro do seu universo. A gente sabia que estava difícil, não sabia quantas pessoas iam, alguns esportes não iriam porque faltava dinheiro, que estava difícil eu só soube que iria, se eu não me engano 15 dias antes. Assim, então havia dificuldade realmente e você vê que de mulheres foram quatro, a Lúcia do hipismo, Aída do Santos e mais duas que nem competiram, porque elas brigaram e foram mandadas embora. Quem competiu no atletismo foi só a Aída, esporte coletivo feminino não foi nenhum. A delegação era pequena, ao todo foram oitenta e duas pessoas. Não sei se o primeiro plano era quarenta, trinta ou cinquenta, eu sei que, no polo aquático, um mês e quinze dias antes de embarcar, nós não sabíamos se estava certo. Então a gente treinou naquele sentido, acreditando que o João Havelange estava lutando para o polo aquático ir, era uma força que a gente tinha, mas soubemos realmente que íamos, uns 15 dias antes.

Viagem para o México

As condições foram realmente precárias, porque nós fomos num avião da força aérea brasileira um D66, não que o avião fosse ruim, mas não era um jato, era um pinga-pinga, teve um certo sacrifício na viagem, paramos em Manaus, ficamos num quartel, na selva, um calor danado, não tinha nem água para beber, depois ficamos no Panamá, o avião foi apreendido, nós ficamos em uma sala, com um fuzileiro americano, essas coisas, para um garoto de 20 anos, um folclore.

Os Jogos Olímpicos

Nos Jogos de 1968, eu era muito jovem, todo mundo tinha 21 anos, eu não esperava muita coisa, eu ficava focado no jogo, foi uma emoção muito grande, o que achei mais incrível, primeiro foi a Vila Olímpica, embora eu conhecesse o Pan-Americano, não se comparava ao tamanho. E uma estrutura construída especialmente para conviver com os maiores atletas do mundo, no refeitório, no almoço, você podia sentar ao lado de John Carlos, qualquer um desses grandes atletas, era uma coisa fascinante. Outra coisa, foi o dia da abertura, o desfile olímpico, foi uma coisa maravilhosa, você passava por um túnel escuro, uma passagem, quando clareava, saía no estádio todo lotado, teve uma revoada de pombos, que acabou como sempre, todo mundo sujo pelos pombos, a abertura e o encerramento são sensacionais para qualquer atleta. Nessa época, você não tinha nenhum apoio psicológico, era mais ou menos a Deus dar, tinha um médico para a delegação inteira, tinham dois massagistas e torça para não acontecer nada, o apoio psicológico pesa muito, os caras que vão disputar uma coisa, como foi o caso do Fiolo, um nadador maravilhoso, recordista mundial, no Pan-Americano, ganhou os 100 e os 200 metros nado peito, o pessoal ficou bobo, ele ganhou fácil. Em 1968, continua como franco favorito, bateu o recorde mundial, ninguém no mundo tinha um tempo como o dele, então, ele não foi como favorito, ele foi como o salvador da pátria, da República de Banana, ele era o brasileiro que ia mostrar o Brasil para o mundo, e colocaram essa obrigação na cabeça dele, e ele acreditou, sentiu muito, não conseguiu treinar.

Eu me lembro quando ele chegou no México, o Pávio que era técnico dele, chegava na piscina, sentava, conversava com ele, “vamos treinar”, e ele, “não consigo”, ele treinou pouquíssimo ou quase nada, perdeu a prova, faltando 15 ou 20 metros para o final, ele estava na frente, mas ele perdeu, na verdade ele tirou o terceiro lugar, um cara que ganhou, teve o segundo, e o terceiro o cara empatou com ele, a diferença foi coisa mínima, se ele tivesse se preparado razoavelmente, ele teria ganhado fácil, mas ele não conseguiu lidar com aquela responsabilidade, e a turma caiu de pau nele. Eu tenho minha opinião sobre ele, ele foi campeão mundial, veio de uma cidade do interior, não tinha nenhum apoio aqui, “não pense que quando ele veio para cá”, “ele vivia num apartamento luxuoso”, “não era nada disso”, foi difícil, ele foi um vencedor, não ganhou a olimpíada porque não teve assistência, se tratam ele como um grande atleta, é porque ele era, ele teria ganhado fácil, teria ganhado duas olimpíadas, é um vencedor, um grande atleta.

A Vila Olímpica

A vigilância da vila olímpica, não entrava qualquer um, mas muita gente dava a credencial, o falecido Claudio Coutinho que era atleta da seleção brasileira, ele estava lá como estudioso, e não tinha uma credencial, ele foi lá como amante dos esportes, era da escola da educação física do exército, estava no México, ele cansou de entrar dentro da vila olímpica com um cartão emprestado, eram umas coisas assim, você ia aos estádios ver jogos quando tinha chance, naquela época era um negócio, o povo participava, você podia conversar com as pessoas. O México, os mexicanos gostam muito dos brasileiros, então você era muito bem tratado no México, muito, nunca andei de ônibus, de taxi, lá você estava na rua, o cara sabia quem você era, perguntava, “onde é que você vai?”, “me diz onde você vai?”, você podia ir a 200 quilômetros, o cara te levava, não cobrava, foi muito legal. Os Jogos Olímpicos foram calmos, tinha alguma agitação política, alguns perceberam, eu realmente nunca percebi, tinha lá uma manifestação estudantil, o pau andou comendo, mas no dia a dia você não via, não via. Tem pessoas e pessoas, que lutaram pela democracia, eu era totalmente

alienado, a maioria de nós, ninguém estava engajado em coisa nenhuma, era ir para escola, treinar, e ser convocado para seleção, nem te incomodava, eu nunca fui incomodado, nunca fui ativista, a revolução nunca me incomodou, também, não tive nenhum amigo que tivesse sido morto, torturado, então...

Volta da Olimpíada

Terminou a Olimpíada, então o que aconteceu, “a volta está marcada para tal dia”, você se preparava, “não é mais”, “hoje teve problemas com avião”, “será daqui há dois dias”. Assim foi, até o dia em que todos foram para o aeroporto, foi a delegação inteira, quando chegou lá, “não tem condições”, volta para a Vila Olímpica, quando chegamos na Vila, era um deserto, estava sendo desmontada, nós dormimos em colchões, porque não tinha mais estrutura, a gente passava o tempo jogando futebol, pelada, até decolarmos. A volta foi um socorro, devido a altitude do México, o avião não conseguia levantar voo, estava muito pesado, o plano era decolar com pouco combustível, descer em uma cidade ao nível do mar, reabastecer, e decolar. No final tinha greve, não sei se tinha greve, mas o voo foi adiado, acabamos nos dando bem, porque passamos um dia em Acapulco. Na volta o avião teve um problema no motor, veio rateando, não sei porque a gente pousou em Belo Horizonte, teve gente que falou, “aqui não fico mais”, “não continuo esse voo”, desembarcou e foi embora, pegou um ônibus. Depois da Olimpíada eu continuei jogando, estava começando a trabalhar, me dedicava menos, na próxima Olimpíada em Munique, o Brasil treinou para ir eu fui convocado, mas não consegui licença no trabalho, não continuei nos treinos, treinei um mês, e no trabalho me perguntaram, “o que você prefere?”

Fernando Antônio Sandoval

Eu nasci na cidade de São Paulo, em 1942. A seleção brasileira de polo aquático era metade de São Paulo, metade do Rio de Janeiro, tinha mais ou menos um acordo, metade e metade, não eram os onze de um só estado, eram dois de um clube, três de outro, eles faziam uma média, do meu ponto de vista, não era sempre que iam os melhores. Eu jogava no Paulistano, era um clube bem-sucedido nos campeonatos brasileiros, interclubes, campeonato paulista, sempre ganhava, existia uma rivalidade muito grande com o Clube Pinheiros, mas nós ganhamos mais que perdemos.

Os Jogos Pan-Americanos

Nós conseguimos a vaga para a Olimpíada no Pan-Americano de 1967. Os principais adversários do Brasil no Pan-Americano eram sempre Estados Unidos e Cuba, como a competição foi no Canadá, eles estavam com um time bom também. Estados Unidos e Cuba eram adversários bem equilibrados, depois Cuba melhorou muito, depois os Estados Unidos ultrapassou Cuba com o chicote em baixo do braço, Cuba ficou bem para trás, mas Cuba teve um time muito bom de polo aquático. Era uma diferença técnica muito grande, enorme. Nós estamos falando da década de 1960, não tinha videoteipe, não tinha nada, o máximo que podia fazer, era tirar fotografias, não tinha ideia como treinava, como deixava de treinar ou como chutava, então, tudo era novidade.

Treinamento

Em um determinado período do treinamento para os Jogos Olímpicos, era um sábado sim, um sábado não. Nós íamos para o Rio de Janeiro e os jogadores do Rio de Janeiro vinham pra São Paulo, só os atletas que estavam pré-convocados. Por

falta de dinheiro, quando o pessoal de São Paulo ia para o Rio de Janeiro, dormia na escola naval, na Ilha de Villegagnon, que fica ao lado do aeroporto Santos Dumont. Lá havia uma piscina antiga, de água gelada, nós treinávamos às cinco horas da manhã, na época, esse era o nosso único contato com os militares, apesar de o presidente do comitê olímpico naquele tempo ser o Silvio Magalhães Padilha, um major que não era major da polícia. Na delegação tinha também um coronel, não me lembro o sobrenome dele, mas nunca tivemos, assim, uma “ordem unida”.

Viagem pros Jogos

Continuei jogando, cada dia melhorando um pouco mais, até que eles viram que eu tinha chance de jogar na seleção. Fui pré-convocado para os Jogos de 1968, nos últimos treinos houve um corte, ficaram só onze jogadores, sete titulares, quatro reservas, eu fiquei entre os onze. A ida foi complicada, o comitê olímpico brasileiro, não tinha dinheiro, não tinha um tostão, não tinha dinheiro nem para roupa, eles deram uma roupa de tergal, calça de tergal e camisa role de lycra. Era muito quente, naquele tempo foi a revolução, quem mandavam eram os generais, coronéis, não podia tirar essa gola role amarela, ela era muito quente, até no avião, que era um BDCC da FAB. O avião fez São Paulo, Brasília e Manaus, nós dormimos em Manaus, mas não avisaram, no meu caso, eu era mais burro que os outros, fazia muito calor a noite, nós dormimos no alojamento do exército em Manaus, eu levantei para tomar banho, e tomei água do chuveiro. Deu uma disenteria, nós pegamos um voo de Manaus pra cidade do Panamá, paramos no Panamá e depois fomos pra Cidade do México, eu fui umas vinte vezes no banheiro, naquele tempo eu pesava 75 kg, acho que cheguei no México com 72 kg. A única equipe que viajou de avião a jato para o México foi a equipe de basquete, eles tinham um status diferente, “eram mais altos”, não sei se por mérito você ia de avião a jato, ou não, eram pessoas iguais.

A competição

Além da viagem, tivemos outra decepção, com a organização. Eles não deram nem calção, nós não tínhamos calção para jogar polo aquático, cada um era de uma cor, a Austrália usa nas competições calção amarelo e verde, então cada jogador, comprou seu calção da equipe australiana. A competição não foi ruim, a nossa equipe de polo aquático tinha uma estatura muito pequena comparada a outras, no polo aquático, tinham os iugoslavos, os húngaros e os russos, isso faz muita diferença. Eu e o João Gonçalves éramos os menores da equipe, o João um pouco menor, mas éramos muito menores que o jogador iugoslavo. Por exemplo, eles tinham em média 1,98m, e uns cento e poucos quilos, eu tinha 1,79m, e 75 quilos, isso na água faz uma diferença muito grande, no chute, na briga, na força, agora, com as equipes que tinham mais ou menos o mesmo tamanho, nós jogamos bem. Nós jogamos bem contra a Alemanha oriental, eles tinham um time bom mesmo, jogamos para ganhar. O primeiro tempo ficou 6 a 2, eram dois tempos, no segundo tempo a Alemanha virou, a gente ficou meio chateado porque dava pra ganhar. No jogo contra a Grécia nós ganhamos, eu marquei o último gol, o gol da vitória. Nós poderíamos chegar em uma classificação melhor porque nós empatamos com México, no último segundo de jogo, teve um pênalti a nosso favor, a bola passou por baixo do braço do goleiro e não entrou no gol. Se a gente tivesse feito o gol, nós chegaríamos entre os oito primeiros, passaria do nono lugar, seria um bom resultado.

Lembranças do México

No México nós fomos todos muito bem recepcionados, um povo muito delicado, a Vila Olímpica impecável, na rua as pessoas nos tratavam como artistas. Eu me lembro que as meninas queriam passear com a gente de qualquer jeito, queriam participar das Olimpíadas, nós éramos verdadeiros artistas, andava na rua, era em enxame de meninas, igual a um cantor de rock, piloto de fórmula 1. Uma noite eu fui com uma moça em um show de flamenco, estava no show, quando o guitarrista que cantava, parou de cantar e veio na minha direção. Eu pensei, "vixe", mas falei muito alto, não devia ter feito isso, já fiquei envergonhado, ele pediu licença, sentou do meu lado, disse que gostaria de um autógrafo para a filha. Respondi, "mas eu não sou nada", "você que é o artista", "eu tenho que te pedir autógrafo", eles não distinguiam quem era ruim de quem era bom, bastava ser atleta.

Vila Olímpica

Eu tive um problema na Vila Olímpica. Tinha uma moça, ela sempre entrava com a gente para almoçar, mas não podia entrar gente que não era dos Jogos Olímpicos, não tinha tanta polícia, como depois da Olimpíada de Munique, na Alemanha. Tinha polícia, mas era de leve, dentro da Vila Olímpica. Eles andavam com metralhadora e rifle. Um dia eu estava com a moça e com os amigos do polo e um desses armados, vestido de verde, do exército, era exército não era polícia, falou, "cadê a credencial da pessoa?", "não tem, ela está comigo". Ele apontou a arma, eu falei, "não, lá fora tudo bem, aqui dentro você não vai apontar a arma". Fui parar na delegacia da Vila Olímpica, para dizer que não podia, houve um certo enfrentamento com o pessoal, mas era uma moça de 19 anos, trabalhava na Vila, chamava Idecan, não tinha credencial para estar na Vila àquela hora, mas não era um sujeito com bomba, um lutador de boxe ou de judô, eles eram muito mal-educados nesse ponto.

A volta

O México está a 2200 metros de altitude, por isso o avião não podia levantar voo com o tanque cheio, então voamos até Acapulco, que está no nível do mar, tinha pouco combustível, tinha que tanquear para voltar. Saímos da Cidade do México, dormimos em Acapulco, e depois pinga-pinga, mas na última perna, houve um erro, o avião aterrisou, "opa, chegamos em São Paulo ou em Campinas", o avião tinha descido em Belo Horizonte, porque não tinha combustível, "mas foi bem seguro", o avião pegou um vento e demorou mais que podia. Depois de 1968, um ano depois parei de jogar, estava jogando no Botafogo, me casei, e trabalhava. Uma época faltou técnico de polo aquático no Paulistano, como tinha afinidade com a molecada, fui técnico do time juvenil e júnior por um tempo, depois fui trabalhar em outras coisas.

Henrique Filellini

Eu nadava no Clube Floresta, que hoje é o Clube Esperia. Convivi com o pessoal, muitos eram engenheiros, estudavam no Mackenzie. Eu também fui estudar no Mackenzie, me formei em Engenharia Civil em 1964, trabalhei em várias construtoras, em 1967 eu participei do Pan-Americano em Winnipeg, nós fomos vice-campeões, chegamos na final contra os Estados Unidos, perdemos de 5 a 4, com esse resultado, fomos classificados para os Jogos do México. Os Jogos foram em agosto, em janeiro os mexicanos organizaram um torneio, para testar a organização, para se acostumar, convidaram o Clube Paulistano, a seleção mexicana, a vice seleção mexicana, e Cuba. Era para os Estados Unidos participarem, mas não foram. Nós fomos para essa competição com um time misto, como a pessoa ia faltar no

trabalho em agosto, era complicado faltar em janeiro também, então, os dois melhores jogadores não foram, até ganhamos da seleção B do México, perdemos por pequena diferença. Então, em 1968 nós fomos duas vezes seguidas para o México, para essa preparação.

Os Jogos Olímpicos

Nos Jogos Olímpicos do México era tudo novidade, uma Vila Olímpica fantástica, uma área enorme, todas aquelas delegações, conviver com grandes campeões da sua modalidade. Nos Jogos você se confraterniza com grandes jogadores. Os jogos treinos foi uma experiência muito boa com os atletas. Por isso o sonho do atleta é participar dos Jogos Olímpicos, tem aquele ambiente na Vila Olímpica, dos atletas das várias nações, é uma coisa muito boa. Nós chegamos uma semana, dez dias antes para treinar, se ambientar, fizemos jogos treinos com outros times, jogamos com a Itália, Iugoslávia, Cuba, Alemanha. Então você se prepara dessa forma. Nos Jogos, os times foram divididos em dois grupos, cada time jogava contra todos do mesmo grupo, teve diversos jogos, depois, de acordo com a classificação, você disputava as posições. Nós jogamos bem contra a Espanha, nós fizemos 7 a 7. O técnico da Espanha tinha sido medalha de ouro na Olimpíada de Roma, na Itália. Tivemos azar no último segundo do jogo, tínhamos um pênalti a nosso favor, nós batemos, a bola não entrou, se não, ficaríamos em nono, não em décimo segundo. Nós empatamos com a Espanha, mas no saldo de gols eles foram melhores e nisso, nós fomos disputar de décimo terceiro a décimo quinto. Ganhamos da Grécia, da República Árabe Unida, ficamos em décimo terceiro, poderíamos ter entrado em nono, mas demos azar no jogo contra a Espanha.

Ivo Kesselring Carotini

Eu tenho setenta anos, eu morava em frente ao Clube Pinheiros, o Pinheiros acabou sendo meu quintal.

Contexto no Brasil 1964 – 1968

Os que não viveram essa época, vão até estranhar o que vou falar, os anos sessenta foi a época mais brilhante da minha vida. Eu nasci em 1942, servi o exército no dia 31 de março, quando começou a revolução de 1963 eu estava servindo e tocou o alarme. Nós entramos nos tanques, nos half tracks, aqueles carros de guerra que tinham meia esteira e meia roda, e fomos para a via Dutra, eu não me queixo de nada, estava servindo o exército. Eu tinha liberdade, morava em frente o Clube Pinheiros, nunca tive problema de segurança. O portão da minha casa mal abria, nunca roubaram um pregador de roupa dentro de casa. Nessa época, fiz faculdade na Getúlio Vargas, extremamente difícil, fiquei noivo, me casei, estou há quarenta e oito anos casado. Não foi uma aventura, então nunca tive nada para me queixar, pelo contrário.

Teve um episódio que me envaideceu demais, eu saí do exército em julho de 1964, ainda no esplendor do regime, quando fui para os Jogos Olímpicos de Tóquio. Saímos de São Paulo e fizemos uma escala no Galeão, meu oficial, meu comandante foi no Galeão se despedir de mim, ele levou o filho, fiquei envaidecido com isso, era uma relação de amizade, não era mandar, marchar, vai lá, atira, era uma coisa diferente. Eu estou dando meu testemunho, senti orgulho de servir o exército brasileiro, falei mas vou repetir. Os oficiais foram se despedir de mim, um soldado raso, eu não tinha CPUR, era um soldado raso, prestei concurso me tornei cabo, saí do exército como cabo e motorista de carro de combate, trocando em miúdos, era

motorista de tanque de guerra. Em outra situação, eu fui designado pelo meu comandante, Manuel da Nóbrega, do segundo REC MEC, onde servi, para ser motorista de um general, que vinha uma vez ou outra para São Paulo. Esse general nada mais era que Costa e Silva, que foi presidente da República, foi uma honra, ele sentava atrás uniformizado, na terceira ou quarta vez, ele sentava do meu lado à paisana, conversando sobre esporte, porque eu tinha acabado de chegar do Pan-Americano.

Os Jogos Pan-Americanos

Em 1965 teve o sul-americano, 1966, 1967 fomos para o Pan-Americano em Winnipeg no Canadá, foi uma jornada brilhante. O jogo no polo aquático é de quatro tempos, viramos o último tempo, perdendo de 3 a 2 para Cuba. Nos últimos segundos, viramos o jogo, ganhamos de 4 a 3, contra o Canadá, time da casa, também foi suadíssimo, a disputa do ouro estava 3 a 3. No último segundo, pênalti a favor dos Estados Unidos, eles fizeram o gol, ganharam de 4 a 3. Primeiro lugar, a gente se classificou para os Jogos Olímpicos, em segundo lugar, que foi no México em 1968.

Treinamentos

Eu nunca ganhei cem reais no esporte, nem para tirar fotografia, para fazer uma campanha, propaganda, nunca, jamais. Era na raça, ter a honra de defender seu país, era na raça mesmo, treinava no frio, todo final de semana se reunia no Rio de Janeiro. Lá você tinha alguns benefícios, como hotel e passagem aérea, então essas são as partes folclóricas de um atleta há quarenta, cinquenta anos atrás. Na época eu fazia exército, treinava para Olimpíada, e fazia faculdade na Getúlio Vargas, chegou uma hora que não aguentei mais, como a lei permitia, eu suspendi meu curso, era por semestre. Perdi um semestre porque não aguentava mais e me formei um ano depois, imagina, exército, Getúlio Vargas e treinar para Olimpíada, tudo ao mesmo tempo, era muito cansativo.

Contexto pré-Jogos

Em 1968 houve um movimento estudantil no México, três, quatro meses antes dos Jogos, fiquei com medo de que a Olimpíada pudesse ser cancelada, porque teve tanque de guerra na rua, teve isso, eu brincava com meu pai, “ih pai, será que vão cancelar?”, Fomos para o México, foi uma maravilha, liberdade total, eles levaram a gente para conhecer a cidade, nada, sem nenhum problema. E a gente foi para o México, com muita honra, representando o Brasil, de uma forma brilhante, mas vamos dizer, que as conquistas eram artesanais, fabricadas pouco a pouco. Não era massificado, não tínhamos bolsa de incentivo, não tínhamos nada, tudo era fruto do que você queria ser como atleta. Não era fácil ser atleta, por exemplo, em 1968 eu estava indo para a Olimpíada do México, acabando a Getúlio Vargas, era diretor de uma financeira, ia me casar, as amigas da minha mulher falavam, “mas você vai se casar com aquele vagabundo que só pensa em esporte?”, “preciso dizer alguma coisa?”, Era vagabundo porque fazia esporte, esse é o conceito.

Os Jogos Olímpicos

Foi uma olimpíada extremamente difícil, complicada, nós tivemos as classificatórias, foram classificados dezesseis times, que foram divididos em duas chaves, todos jogavam contra todos, então só nessa fase foram sete jogos, depois veio a fase classificatória, foi uma olimpíada extremamente estafante. Nós tivemos vitórias heroicas, ganhamos da Grécia, ganhamos do Egito, e perdemos de pouco

para a Alemanha, que tinha um time fortíssimo. No jogo contra a Espanha, estava 6 a 5, acho que faltando trinta segundos, o sujeito da lateral atira uma bola, em uma distração nossa, ou da defesa, a bola “pam” entrou, 6 a 6, acaba o jogo, por pouco não ganhamos da Espanha.

Em 1968, no México, quando acabou a competição, você tinha direito de assistir outras competições. Você apresentava seu crachá e tinha direito de entrar, desde que não atrapalhasse a lotação, atletismo você ia, boxe, ginástica olímpica era mais complicado, a lotação era menor. Eu fui assistir a final do boxe, peso pesado, foi justamente o Foreman que disputou, o amador disputa com a proteção na cabeça e camiseta, ele estava com uma camiseta branca, escrito USA, e disputou com o russo, que tinha o protetor mais a camiseta vermelha, o Foreman era tão forte que no primeiro round, o protetor e a camiseta do russo era uma coisa só, de tão ensanguentada que a cara dele estava. Ficou uma coisa vermelha, rosto, camiseta e tudo. Na época, eram três rounds, o Foreman ganhou por nocaute, depois se tornou campeão mundial. Eu assisti a prova dos 4x100, estava no auge do racismo, o movimento Black Power, o cara levantando a mão com uma luva preta, dando a conotação para que não haja racismo, isso eu vi, até filmei. Esses flashes são inesquecíveis, você ver a final da luta de boxe, George Foreman derrotando o russo, o Joe Frazier batendo nas minhas costas, a ginástica olímpica, eu vi e filmei, na época era a famosa Super 8. Eu ainda fui assistir ao atletismo, meu pai foi atleta do atletismo, por isso eu sempre adorei atletismo.

Marco Antônio de Viçoso Jardim

Eu nasci no Rio de Janeiro, no dia 01 de maio de 1940, estou com setenta e três anos, sempre morei na Zona Sul, frequentei colégio na Zona Sul e fiz engenharia na UFRJ. Eu remei no Botafogo até 1962, quando fui campeão carioca e o Botafogo quebrou a hegemonia do Flamengo e do Vasco. A faculdade não me deixou mais remar, eu remava as seis horas da manhã e entrava na faculdade de manhã. Então, com vinte e três anos eu me transferi para o polo aquático do Botafogo, onde eu fiquei onze anos, fui várias vezes campeão carioca, campeão brasileiro.

Convocação

Em 1968 eu fui convocado para a seleção brasileira que foi para os Jogos Olímpicos do México, foi minha primeira seleção brasileira. A primeira experiência, porque eu tinha problemas, eu estava casado e tinha dois filhos, naquela ocasião eu ia compor o projeto olímpico. Para treinar, era uma parte em São Paulo, uma parte no Rio de Janeiro, um final de semana nós íamos para São Paulo, no outro fim de semana eles vinham para o Rio. A gente ainda treinava no Rio e eles em São Paulo, nós íamos pagando nossa passagem, eles não pagavam para nós, de vez em quando o Dr. João Havelange, que era sócio da Cometa, pagava umas passagens de ônibus para a gente. Em São Paulo nós ficávamos no Pinheiros, não tinha hotel, quando eles vinham para o Rio, eles tinham uma condição melhor que a nossa, eles iam para um hotel, mas por conta deles, a alimentação também, nós é que pagávamos, de vez em quando, a gente conseguia no Pinheiros, mas o negócio era muito amador. A Olimpíada foi em outubro, em julho saiu a definição da seleção, ficaram dez atletas, sendo que seleção começou com quarenta jogadores. Foi abaixando, abaixando, nós fomos em dez para o México, levaram só dez jogadores, por questões econômicas, porque geralmente o polo aquático levava onze jogadores. Houve uma discussão, como nós éramos dez e geralmente era onze atletas, sendo dois goleiros e novo

jogadores de linha, como éramos dez, o técnico achou melhor levar um goleiro, houve uma pressão para levar dois, porque achavam que o goleiro era uma posição completamente diferente das outras. Então fui eu e o Arnaldo do Fluminense, já no Pan-Americano, só eu fui como goleiro.

Eu me lembro da convocação, um amigo meu, que é casado com uma prima-irmã minha, ele foi para a Olimpíada de Tóquio em 1964, no polo aquático se não me engano. Ele ligou para minha casa, “como é que eram os treinos?”, falei como era os treinos, os observadores, e tudo mais. Existia um conselho, não me lembro se eram cinco ou seis pessoas, que votavam para escolher os atletas. Eu era goleiro, mesmo na praia, sempre fui goleiro e na ocasião, entre os goleiros eu que estava em melhor forma. Naturalmente existe uma questão meio política, nesse caso, acho que em todos os esportes existe, porque a decisão era de um conselho. Então existiam três times do Rio de Janeiro, Botafogo, Fluminense e Guanabara, dois times de São Paulo, o Paulistano e o Pinheiros. A delegação foi formada com três jogadores do fluminense, um jogador do Guanabara e um jogador do Botafogo. Em São Paulo, foram três jogadores do Pinheiros e dois jogadores do Paulistano, havia isso para não deixar nenhum clube de fora. Eu me lembro que no time de polo aquático no México, nós éramos, três engenheiros, dois administradores de empresa, dois professores de Educação Física, e três estudantes do ensino superior. Eu trabalhava, tirei férias para ir para os Jogos. Um dos nossos colegas, me disse assim, “eu pedi licença, mas quando voltar, não sei se meu emprego estará lá”, porque não levavam a sério esse negócio de esporte, não davam muito valor.

Contexto do Brasil

A questão da recessão, do regime de política, eu sei que estávamos em 1968, em plena ditadura, mas isso nunca me afrontou, nem psicologicamente, nem..., mas tem gente que declara que não era assim, que viram coisas, mas eu realmente não me lembro.

Ida para o México

Eu me lembro que nós fomos no avião da FAB, só o basquete não foi com a gente, por ser considerado um esporte de primeira grandeza, porque poderia trazer uma medalha, infelizmente, ficaram em quarto lugar, e o Fiolo, que veio dos Estados Unidos para nadar, e era outra expectativa de medalha. Com o avião da FAB, primeiro nós fizemos uma escala em Manaus, onde nós dormimos no alojamentos da selva, aconteceu uma coisa engraçada, como eu já tinha ido para Manaus duas vezes, eu recomendei, “você não bebam água, porque a água daqui vai dar dor de barriga”, e muitas pessoas, não avisadas, beberam aquela água, no avião, tinha fila para ir ao banheiro, fizemos outra escala no Panamá para depois chegar no México. Chegamos mais ou menos no dia primeiro, para fazer aclimatação, a Olimpíada era do dia 15 ao dia 30 de outubro. Nós ficamos um mês no México, hoje o atleta compete e vai embora, aclimata dois ou três dias e volta, os esportes coletivos que tem torneio ficam mais tempo, os atletas de esportes individuais saem daqui, competem dois dias e estão de volta. Nós ficamos um mês, vivenciamos aquilo, fizemos um grupo. Nós realmente vivemos a Cidade do México, além da competição, nós competimos durante oito dias, nós ficamos trinta, nós tivemos vinte e dois dias para passear, a não ser, a parte antes da competição, que ficamos treinando, mesmo assim tínhamos uma certa liberdade. A Vila Olímpica era muito grande. A Vila Olímpica era bastante aberta, a pessoa colocava o agasalho e saía, não tinha muita preocupação. O México, o mexicano, é muito parecido com brasileiro, eles são alegres, muito festivos e muito

comunicativos. Ao andar na rua eles iam falar com você, te ofereciam carona para passear. Então houve essa integração entre o povo e os atletas, eles não queriam saber se você era ótimo, bom ou ruim, nós andávamos na rua eles vinham falar com a gente. Existe uma parte das Olimpíadas que as pessoas ignoram, que são as Olimpíadas para além do esporte. Existe uma parte cultural muito forte, tem exposições, visitas. Nós fomos visitar as pirâmides, eu fui visitar os museus, o México é muito rico em museu antropológico, então, existe essa prática.

A competição

O jogo contra a Espanha, estava empatado, faltavam dois segundos para terminar, nós fizemos um pênalti a nosso favor, ele perdeu o pênalti, nós perdemos o jogo, nós ficamos em décimo terceiro lugar, eles foram o nono, ser nono no polo aquático em uma olimpíada, era uma coisa fantástica, mas nós perdemos. Não existia intercâmbio, vou te dar um exemplo, nós treinávamos aqui com bolas de couro, pesadas, depois de um tempo ela ficava encharcada, era um terror. Nós conseguimos uma bola de material plástico, treinamos com essa bola, quando chegamos na Olimpíada a bola era diferente, era um material sintético, tinha mais aderência. Eu que jogava no gol, o pênalti tinha três metros de distância, no pênalti, o atleta do polo aquático não pode fazer dois movimentos com a bola, ele tem que fazer um movimento, leva a bola para trás e chuta. O goleiro só podia se mexer no momento que o atleta soltasse a bola da mão, era uma covardia. Quando chegamos no México, era completamente diferente, o juiz apitava o goleiro podia se mexer, então imagina um goleiro com uma envergadura de dois metros e vinte, quando ele pula para frente, o jogador nem vê o gol. Nós não sabíamos que podia fazer isso, então a gente ficava meio espantado.

Volta do México

Um mês depois, na hora de voltar, eu me lembro que nós fomos para o aeroporto, para embarcar, o avião da FAB quebrou. Voltamos para a Vila Olímpica, viajamos só no dia seguinte, fizemos uma escala em Acapulco porque o avião não podia sair com o tanque cheio de combustível, era muito pesado, por causa da altitude, paramos em Acapulco para reabastecer, o aeroporto estava em greve, nós dormimos uns dois dias em Acapulco. Pousamos novamente no Panamá e Brasília, o avião veio meio vazio, alguns atletas já tinham vindo antes, no avião de carreira, noventa por cento da delegação era do Rio de Janeiro e de São Paulo. Tinha uma discussão muito grande, se parava primeiro no Rio de Janeiro ou em São Paulo, “vai parar no Rio”, “em São Paulo”, o avião deu uma pane e nós pousamos em Belo Horizonte, só desceu um atleta que era de lá, devido a esse fato, vários jogadores de São Paulo caíram fora, falando, “nós não vamos nesse avião”, a maioria do futebol, eles foram de ônibus e chegaram antes, mas não aconteceu nada.

Pedro Pincirolli

Eu nasci em São Paulo, em 1943, comecei muito cedo no Clube Regatas Tiete, que era um celeiro. Eu passava grande parte do meu tempo lá, joguei basquete, fui nadador, e aos 13, 14 anos, eu fui para o polo aquático. Nós tínhamos um técnico que era a alma do time, ele era húngaro, Emeric Szasz. Os ensinamentos dele foram fundamentais para minha carreira, fundamentos, detalhes, ele abria os livros das Olimpíadas de 1936, ensinava os detalhes, ele também era meu técnico de natação. Quando entrei na equipe saíram alguns jogadores mais antigos, teve até uma pressão contra o Emeric, mas o grande motivo de nós termos saído do Tietê foi quando o

Emeric reclamou de ocuparem a piscina no horário de treino nosso. Ele era um cara contestador, um homem que na guerra esteve no campo de concentração, então mandaram ele embora, em solidariedade todos os jogadores da equipe foram com ele para o Clube Paulistano.

Contexto do Brasil

Em 1964, aqui no Brasil, com o regime militar, golpe de estado ou não, eu acredito que tenha sido, o Brasil ficou sem muita definição. Era corte de todos os lados, primeira ação foram os cortes, a delegação olímpica brasileira sofreu muito, eu me lembro que para as Olimpíadas de 1964, até o técnico do Santos foi cortado para ter o número suficiente de equipes, nós fomos com um grupo bastante limitado em quantidade. Em 1968, o ambiente no México era muito parecido com o do Brasil, uma revolução juvenil generalizada, ninguém sabia direito o que estava acontecendo, toda revolução, todo movimento, os Estados Unidos, com a contracultura. Morte do Kennedy, do Robert, do Luther King, Vietnã, França com a revolta dos estudantes, foram para praça reagir contra o governo que era muito conservador, a extraordinária Primavera de Praga, um pouco antes das Olimpíadas. A Tchecoslováquia foi invadida pela União Soviética, os estudantes fizeram frente, foram maltratados. No México, dez dias antes de começar as Olimpíadas, houve uma revolta no poder, o massacre de centenas de estudantes, no momento que a Tocha Olímpica estava quase chegando no México, vinha de Atenas, no momento que a mídia, televisão, jornais e revistas, só falavam em Olimpíada e nos programas culturais que iam acontecer. No Brasil, você tem dois movimentos fantásticos, também nesse choque, que ninguém sabe o que está acontecendo, tinha a luta contra o regime militar, a manipulação da opinião pública, os estudantes iam para as ruas, por outro lado, tinham aqueles que lutavam com repúdio ao socialismo real, ao marxismo real, era um choque, ninguém entendia direito. Isso combinou com o AI-5, que endureceu a ditadura, mais um momento de incertezas. Sobre tudo, com o que acontecia no México, todos naquela, “que bom os estudantes se revoltando”, por outro lado, “mas e agora as Olimpíadas? Nós não vamos?”, essa incerteza de ir ou não ir, no final, é cruel, porque você está treinando, sacrificando, está nervoso, tenso, sendo cobrado, mas chegamos lá.

No México aconteceram algumas coisas que permaneceram em minha memória, um aprendizado imbatível, na final do polo aquático, jogou Iugoslávia e Rússia, eles tinham acabados de serem invadidos pela União Soviética, jogaram, foram para a prorrogação, foi 13 a 11 para a Iugoslávia. Outra coisa fantástica foi a Vera Caslavskaja, ela já tinha ganho três medalhas em Tóquio, participou também contra a russa, que era a melhor depois dela. Ela foi para encerrar a carreira, depois ia se casar na Vila Olímpica, ela venceu com quatro medalhas de ouro e três de prata, foi fantástica, no último número ela dançou chapéu mexicano, sombrero mexicano. Ao contrário dela, você sentia duas coisas, delicadeza, organização, perfeccionismo, e uma emoção pelo modo carinhoso.

Abertura dos Jogos

O hino nacional mexicano foi repetido três vezes, o presidente falando o público gritando, abanando o sombrero, ele dizia, “México, por favor, vamos respeitar”. E aplaudiam, aplaudiam nos momentos mais imprevistos, mas todos de forma espontânea, maravilhosa. Você sentia isso, a descontração, algumas improvisações, poucas, mas que chamavam a atenção comparadas com a Olimpíada anterior, mas um colorido, uma emoção, um coração.

Vila Olímpica

Na Vila Olímpica tinha um lugar que se chamava 'Cabaré dos Bandidos', uma sala muito colorida, almofadões jogados, cobras no chão, mas cobras de pufes, para sentar, deitar, música ao vivo. Todo mundo dava uma passadinha, só ficavam os que tinham acabado a participação, era um ambiente de descontração, você olhava, todos abraçados dançando, ou dançando individualmente, alegres, dentro das normas, ninguém passando dos limites. Eram emoções das mais diferentes, aqueles que tinham perdido a esperança de vitória, aqueles que tinham conquistado o que pretendiam. Então era um ponto de encontro, que mostrava como é importante o respeito para viver todos juntos, sem fronteiras, uma globalização social, de oportunidades, do estar juntos, em todos os sentidos.

Competições

Eu me lembro também do Sylvio Fiolo, ele perdeu os 100 metros nado peito por um décimo de segundo, perdeu para dois russos, que ganharam prata e bronze, ele não se classificou. Lembro de Nelson Prudêncio, quatro horas de competição, nove recordes mundiais, disputando a final, entre ele e o Saneyev. No final o Prudêncio saltou, todo mundo aplaudindo, porque acabou, foi um salto extraordinário e era o último salto do outro, o outro vem, salta, e vence por 12cm. Isso marca, porque são coisas que cria seres humanos, quando vivem isso, vê isso, conhecem as incertezas da vida, como tudo pode mudar. Eu era o capitão da equipe, eu me lembro de um pênalti que eu perdi no último jogo contra a Espanha, acabou empatado o jogo. Um pênalti na minha mão e acabou o jogo, eu nunca tinha perdido nenhum pênalti nos Jogos, tanto que fui classificado como um dos seis artilheiros do evento. Entrei para no 'All Star Team' do México, mas nesse dia bati o pênalti e o goleiro pegou. Bestit o nome dele, até hoje, quando vou para Espanha, escuto as ironias dele. O polo aquático era um time renovado, podia ir com onze, mas só fomos com dez jogadores, não estávamos tão treinados como da outra vez, em Tóquio nós tínhamos grandes chances, essas coisas marcam.

10.11 REMO

Síntese biográfica

Edgard Gijzen

Nasceu em Antuérpia, na Bélgica, em 29 de janeiro de 1940. Conhecido como “Belga”, começou sua carreira como remador no Grêmio Náutico União, de Porto Alegre. Foi medalhista de prata nos Jogos Pan-Americanos de Chicago, em 1959, no “dois com”, em parceria com Milton Bruno Meurer. Em 1963, nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo, conquistou a medalha de prata no “duplo skiff”, com Franscesco Tedesco. Participou dos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Foi atleta do Flamengo e do Vasco. Em 1971, foi campeão pan-americano em Cali, no “duplo skiff”, com Harry Klein. Faleceu no Rio de Janeiro, em 31 de julho de 2008, vítima de infarto.

Harry Klein

Harry Edmundo Klein nasceu em no dia 1º de janeiro de 1942, em Porto Alegre - RS. Começou a praticar remo no Grêmio Náutico União, em Porto Alegre, quando foi vice-campeão sul-americano na prova “quatro sem”, em 1960 e participou dos Jogos Olímpicos de Roma. Em 1962, mudou-se para o Rio de Janeiro e passou a competir pelo Flamengo. Conquistou a medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo, em 1963, no “quatro sem”. No ano seguinte, foi vice-campeão sul-americano no “quatro com”. Sagrou-se campeão sul-americano no “duplo-skiff”, em 1965, 1968 e 1970. Competiu nos Jogos Olímpicos do México, em 1968, no “duplo-skiff”, conseguindo o 1º lugar na final “B”. Em 1971, foi campeão nos Jogos Pan-Americanos de Cali no “duplo-skiff”. Participou dos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, na condição de reserva. Permaneceu no Rio de Janeiro, onde vive até o presente. Envolveu-se no ramo de hotelaria e, atualmente, gerencia os barcos de lazer da Lagoa Rodrigo de Freitas.

Fragmento narrativo

Harry Klein

Eu sou gaúcho, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Nasci no dia primeiro de janeiro de 1942. Eu tive tétano quando eu era pequeno, de mil se salvou e o Paulo, eu me lembro dele na Santa Casa. Eu comecei a amolecer de cima para baixo, a gente vai amolecendo, então minha mãe sempre me deixava mais à vontade. Então eu fui praticar um esporte, o basquete era para quem tinha agilidade. Eu era meio bruto, não dava, então uma prima, que se chama Rosemary, que fazia esporte no Grêmio Náutico União, ela disse, “porque você não vai para o Remo”, “no remo”, “sim, na Ilha do Pavão”, essa ilha fica em frente Porto Alegre. Eu fui, quando cheguei no clube era um momento de renovação, o técnico era um argentino, o Alberto Vali, então tinha uma série de pessoas novas, antes o clube era dominado por pescadores. Então o Alberto fez essa equipe, eu comecei a remar eu virei rato de garagem, eu almoçava e ficava lá, eu já tinha remado na Argentina, e com três meses de remo eu fui em uma regata internacional. Isso tudo aconteceu no finalzinho de 1959, eu estava com dezessete anos, porque com dezoito anos eu servi o exército aqui no Rio de Janeiro, no Oitavo Grupo de Artilharia de Costa Motorizada, hoje não existe mais, agora é o

vigésimo terceiro batalhão da polícia militar. Com o remo eu fui até a universidade, como eu não tenho curso superior, eu era muito relaxado para estudo. O remo me deu essa universidade, me deu todas as oportunidades que eu tenho na vida. O atleta lá de fora, é muito mais alto, tem muito mais condição que a gente, ganhavam dos Estados Unidos, o problema eram os países da cortina de ferro, russo, alemão. Eram um negócio, eles treinavam, tinham tecnologia, nós, além de pequenos, somos de um país tupiniquim. Em 1963, 1964 eu vim para o Flamengo, o Flamengo não tinha nada, a garagem onde entravam os barcos era um barraco, era de madeira, quando eu passei a gente dormia lá em cima, naquela arquibancada, porque era um calor danado, e mosquito. Para fazer a equipe, nós éramos empregados de uma pedreira, naquela época era amador, não podia ganhar dinheiro, o dono da pedreira era dirigente do Flamengo, Pedro Júnior, a pedreira ficava em Senador Camará. Ele assinava nossa carteira como se fôssemos empregado, mas verdadeiramente a gente remava no Flamengo.

Os Jogos Olímpicos

Antes de ir para o México, nós fomos finalíssimos do campeonato mundial, na Dinamarca, no México ganhamos a petit final, mas no México era a altitude, a altitude. No México eu me dava muito com o Ivanovich, ele foi tricampeão olímpico no remo, ele veio para o Flamengo em uma ocasião, e ficou a amizade, ele todo empolgado disse para gente, “não dá tudo nos primeiros quinhentos metros, só acompanha, depois vocês começam a aumentar, depois dos setecentos”. A gente não fez nada disso, a saiu com tudo, estávamos nos quinhentos metros, seis, sete, oito barcos a frente, falamos, “ah, não perde mais”, nos mil metros estava tudo embolado, nos mil e duzentos, mil e quinhentos, todo o pessoal já tinha passado, então aprendemos. Na repescagem, depois do treinamento com o Ivanovich, a gente assimilou essa informação, e saímos por último, depois foi, foi, e ganhamos, ganhamos a petit final. Na semifinal eram doze barcos, duas séries de seis barcos, os três primeiros de cada série iam para final. Nós saímos, perdemos, mas perdemos para Rússia, Tchecoslováquia e Romênia, alguma coisa assim, não me lembro bem, mas perdemos, podíamos ter tirado o terceiro lugar. Esses foram os três primeiros, foram os três finalistas, foram os que ganharam, primeiro, segundo e terceiro lugar, porque a outra série, o tempo foi muito atrás, se eu tivesse pego a outra série, mas não. Esses são os azares da vida, perdemos ali, de bico de proa, a gente podia ter tirado terceiro lugar.

10.12 TIRO ESPORTIVO

Síntese biográfica

Durval Guimarães

Durval Ferreira Guimarães nasceu em Santos - SP, em 14 de julho de 1935. Sua relação com o esporte teve início em 1947, quando praticou natação no Esperia. Entre os anos de 1948 e 1953, jogou futebol pelo Fluminense e depois, em 1955, transferiu-se para o atletismo. Em 1962, participou de seu primeiro Campeonato Brasileiro de Tiro, conquistando a 3ª colocação na prova de carabina deitado. A partir daí, dedicou-se competitivamente ao tiro. Foi a nove edições de Jogos Pan-Americanos – São Paulo, em 1963; Winnipeg, em 1967; Cali, em 1971; México, em 1975; San Juan, em 1979; Caracas, em 1983; Indianápolis, em 1987; Havana, em 1991; e Mar del Plata, em 1995 – conquistando um total de oito medalhas, sendo duas de prata e seis de bronze. Participou de cinco edições olímpicas começando no México, em 1968; Munique, em 1972; Montreal, em 1976; Moscou, em 1980; e Los Angeles, em 1984. Foi diretor-técnico da FPTE em 1963, presidente da FPTE entre 1981 e 1987, presidente do Clube de Regatas Tietê entre 1989 e 1991, supervisor técnico da CBTE de 1990 a 1992 e presidente da CBTE, por três mandatos, entre 1996 e 2004. Em 1994, fundou a Associação Desportiva Durval Guimarães (ADDG).

Edmar Vianna de Salles

Edmar Vianna de Salles nasceu em Belo Horizonte - MG, em 15 de junho de 1928. Sua família, dedicada ao tiro, é fundadora da Casa Salles, loja de armas e munições em Belo Horizonte. Filho e neto de atiradores, serviu no Tiro de Guerra, em 1945, onde aprendeu a atirar com fuzil. Foi medalhista de bronze nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo, em 1963; e do México, em 1975. Participou dos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Advogado, teve uma longa carreira esportiva e continuou praticando tiro até depois dos 80 anos.

Fragmento narrativo

Edmar Viana

São oitenta e três anos de vida, eu nasci em Belo Horizonte, no dia 15 de junho de 1928, exatamente na Rua dos Caetés. Nós mudamos para uma chácara, no Bairro da Floresta. Na época tínhamos um campo de futebol, eu jogava futebol de manhã, de tarde, e de noite, sempre que possível, eu sofri um acidente no futebol, quebrei o braço sete vezes, mas essa vez foi mais grave, fiquei com uma sequela permanente, o meu braço não encolhe, nós moramos nessa chácara até 1940. Em 1945 eu fiz o tiro de guerra, meu pai me ensinou algumas noções de tiro com uma carabina de chumbinho, ele trabalhava no ramo de armas e munições, então no tiro de guerra eu acertava muito naqueles alvos, eles chamavam de escantilhão de agrupamento. Eu estava cursando exatamente o segundo científico no Colégio Estadual, em 1946, quando eu vi no jornal, “prova de tiro para calouros do grupo mineiro de caçadores”, eu perguntei para o meu pai, “eu posso entrar nessa prova”, “sábado nós vamos, eu vou acertar uma carabina mira aberta para você, você entra na prova domingo”. Domingo lá estava eu, com uma camisa branca de listas azuis, eu não me esqueci nunca mais, eu ganhei a prova, e nunca mais parei, isso aconteceu no dia 06 de

outubro de 1946, são exatamente sessenta e cinco anos de tiro ininterruptos. Em 1947 teve um campeonato, foi o primeiro campeonato pós-guerra, porque durante a guerra o presidente Getúlio Vargas proibiu a atividade de tiro no Brasil, a guerra acabou em 1945 em 1947 foi o primeiro Campeonato Brasileiro, em Petrópolis, com a presença do famoso Guilherme Paraense, mas eu não pude ir, ele falou, “você começou a atirar o ano passado, vai fazer o que no Campeonato Brasileiro, tiro é igual conservatório de música, estuda nove anos de piano depois vai dar concerto”. Em 1948 eu não participei, em 1949 também não participei, o campeonato foi em São Paulo, na inauguração do estande do Tietê, em 1950, no Rio de Janeiro, no estande do Fluminense. Foi minha primeira participação, foi considerada a revelação do tiro brasileiro.

Classificação

Em 1967 eu estava ruim, ruim, ruim, não fazia nada, troquei de arma, peguei minha carabina velha outra vez, então eu consegui lugar na equipe de tiro, fomos os quatro para Winnipeg. Em Winnipeg eu encontrei com o fabricante da carabina, o senhor Dieter Anschütz, e expliquei, “eu comprei essa carabina e não acerto de jeito nenhum, peguei a velha para competir”, ele me deu algumas instruções para melhorar os resultados, eu fiz, não adiantou nada, então eu fiz uma experiência que o Capião faz, peguei a bala, tirei o projétil do estojo, com todo cuidado, ficou só o projétil, enfiei com uma vareta no cano da carabina, percebi que o cano tinha um defeito, ele tinha um balão dos vinte e três centímetros para frente, e na boca do cano estreitava outra vez, encostei a carabina, peguei a velha, e fui para a eliminatória da Olimpíada do México. Naquela época o tiro de carabina era em São Paulo, fizemos três seletivas, bati o recorde brasileiro, mas não podia ir para a Olimpíada, o Comitê Olímpico Brasileiro começou a estipular o índice, tinha que ser quarto colocado na última Olimpíada, e o tiro brasileiro está longe de chegar em quarto lugar na Olimpíada, isso até hoje. Então eu falei, “vou esfriar a cabeça”, fui para Três Marias para ficar uma semana, ficava hospedado no hotel do Náutico, e saía com os amigos para caçar, quando eu voltei tinha um telegrama, “apresente-se no Rio de Janeiro, no dia tal, para o embarque para o México”, Eu falei, “o que, embarque para o México, eu vou para a Olimpíada”. O tiro participou das Olimpíadas em 1960, com o Artigas, em 1964 não foi, em 1968 o doutor Antônio Martins Guimarães, tinha muita influência com o Major Sylvio Padilha, com o Coronel Barcelos, com o Almirante Meira, ele deve ter arranjado um jeito do tiro ir para a Olimpíada.

Os Jogos Olímpicos

Eles escolheram dois atiradores, eu, que venci a seletiva de arma longa, e o Durval Ferreira Guimarães, de São Paulo, que venceu a seletiva de arma curta. O Durval também atirava com a carabina, então no México nós atiramos na prova de carabina deitado, e o Durval atirou pistola livre. Nós fomos para o México com um mês de antecedência, ou vinte dias, alguma coisa assim, para aclimatar, cheguei, conheci uma bala inglesa chamada Eley, era a melhor bala do mundo, eu nunca tinha visto, comprei o primeiro pacote com quinhentas balas, comecei a treinar, treinava todos os dias. Nós tínhamos um cômodo para trocar de roupa, porque o estande onde seria a competição oficial não estava pronto, nós íamos para um estande longe dali, eu trocava de roupa junto com o pessoal da Tchecoslováquia, e eles não tinham atirador de arma longa. Então eu fazia dois treinos por dia, usava o estande no tempo da Tchecoslováquia, e o tempo do Brasil, e manda bala para o alvo. Cheguei, o fabricante, o Anschütz também foi, expus a ele, “olha, eu fiz tudo o que o senhor falou,

e esse cano está com defeito”, “qual é, o senhor faz o que da vida”, “eu tomo conta da loja de armas e munições do meu pai, a gente vende exatamente esse artigo”, Ele perguntou, “quantos pontos você faz”, “eu bati o recorde brasileiro na eliminatória do Brasil, fiz 587 com esse alvo”, o alvo diminuiu nessa Olimpíada, o 10 do alvo é bem pequeno, ele falou, “quem faz 587, não tem capacidade para dizer que o cano dessa arma é ruim”, aquilo já subiu alguma coisa em mim, então eu treinei, treinei mais ainda, todos os alvos que eu fazia cinquenta pontos eu guardava, eram cinco tiros de dez, eu fui colecionando.

A Competição

O estande do México eram cento e vinte postos, sessenta, que eles chamavam de cancha baixa, e outras sessenta de cancha alta, teve uma eliminatória, para ver quem seriam os sessenta que atirariam na cancha baixa, eu fiz 397 de 400, fui para a cancha baixa, o Durval também foi, fomos os dois para a cancha baixa. Na prova da Olimpíada, eu deitei no posto, nos dez minutos de preparação, eu vi o cubano do meu lado, chamado Llanos, ele estava pegando o pulso, falei, “também vou ver como meu pulso está”, Estava cento e vinte por minuto, era a emoção do início da prova, a sensação de que vai começar, começou a prova, foi normal, eu acabei com 590 pontos, repeti os 590, o Durval, que estava do meu lado, fez 589, um ponto abaixo. Para ter uma ideia de como foi, quem ganhou a prova foi um húngaro, ele se chama László Hammerl, ele fez 598 pontos, oito pontos a mais que eu, nesses oito pontos, entraram trinta e três atiradores, eu tirei o trigésimo quarto lugar, o Durval, que fez um ponto menos, ficou em trigésimo nono. Acabou a competição, eu ganhei do campeão italiano, o De Chirico, ganhei de uns cinco campeões da Europa, peguei meu resultado, a folhinha oficial e fui atrás do alemão, o Anschütz, falei, “olha aqui, o que o senhor acha, olha aqui meus alvos”, mostrei os alvos que tinham 50, 50, e 50, ele falou, “então vamos no armeiro americano”. Chegamos no armeiro, tinha um painel da parede, com duas paralelas, que representavam o perfil do cano, enfiaram uma sonda no cano, foi direitinho, certinho, quando chegou nos vinte e três centímetros. Ele passou para fora, o senhor Anschütz ficou branco, quando terminou, ele falou, “como é que saiu um cano desse da fábrica”, “eu não sei, eu não sou fabricante”, “manda esse cano para Alemanha”. Eu não consegui mandar esse cano para Alemanha, porque essa arma veio para o Brasil no navio escola da marinha, e passada para o doutor Carlos Antônio, ela não tinha documento nenhum, então eu não consegui mandar o cano para Alemanha, fiquei trabalhando com a minha arma velha outra vez. Quando foi em 1970, a federação mineira de tiro ao alvo, fez uma importação, e eu escrevi para o senhor Anschütz, “vem uma carabina para mim”, ela veio, estava escrito na caixa, “for Mr. Salles”, ele escolheu a carabina, sensacional.

A Vila Olímpica

Na Vila Olímpica, o apartamento era relativamente bom, os meus companheiros de apartamento, era o atirador de São Paulo, o Durval Ferreira Guimarães, meu amigo, e o massagista da seleção brasileira, o Nocaut Jack. A gente tinha uma parte do dia livre, a tarde e à noite, dentro do sistema atlético de preservação da integridade física, então saímos para assistir um esporte e outro, eu fui aos jogos de basquete com o Nocaut Jack, entrei carregando as bolas, assim tinha entrada franca, porque em uma Olimpíada, você pode assistir o seu esporte e o atletismo, as outras modalidades tem que pagar. Era muito melhor ficar na Vila Olímpica, onde tinha uma televisão, assistindo vários esportes ao mesmo tempo, você assiste muito mais do que ir em um ou outro esporte. Uma outra coisa interessante foi

assistir um treino da seleção brasileira de futebol, o técnico era o Coutinho, chegando no campo os jogadores brasileiros não puderam entrar imediatamente, porque o time japonês estava treinando, era assim, o lateral esquerdo chutava a bola em direção à área adversária, um atacante cabeceava para trás, e outro jogador chutava para o gol. Nós na arquibancada assistindo ao treino, um jogador brasileiro falou, “você acha que, quando estiver em campo eles vão fazer isso”, jogo do Brasil e Japão, 3x3, primeiro gol do Japão, exatamente essa jogada. À noite dentro da Vila Olímpica, tinha um salão onde todos os atletas se reuniam, era o maior comércio, era o change, troca de escudo. Naquela época era só escudo, não trocamos nem camisa, nem uniforme, eu tenho meu uniforme da Olimpíada até hoje, aliás, é meio tétrico, eu quero ser enterrado com ele, com o terno da Olimpíada.

10.13 VOLEIBOL

Síntese biográfica

Antônio Carlos Moreno

Nasceu em Santo André - SP, em 11 de junho de 1948. Começou a jogar voleibol aos 11 anos, no Aramaçan, em Santo André. Aos 17 anos, foi convocado pela primeira vez para a seleção nacional. Participou de quatro edições de Jogos Pan-Americanos e em todas conquistou medalhas: prata em Winnipeg, em 1967; bronze em Cali, em 1971; prata no México, em 1975; e prata em San Juan, em 1979. Participou dos Jogos Olímpicos do México, em 1968; Munique, em 1972; Montreal, em 1976; e Moscou, em 1980. Atuou, também, na Pirelli e na Itália. Encerrou a carreira de atleta em 1982, por falta de opção profissional. Desejava ainda jogar, mas era o início do profissionalismo no voleibol. Formado em Educação Física e Administração, atuava como técnico e, também, era professor universitário. Foi técnico da seleção argentina nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984. Atuou, também, em vários clubes brasileiros. Joga por uma equipe de veteranos de São Paulo e disputa campeonatos internacionais por um time do Havaí. Trabalha com consultoria de recursos humanos em empresas. Atualmente, é coaching do Programa de Apoio ao Atleta do COB.

Décio Viotti de Azevedo

Nasceu em Belo Horizonte - MG, em 12 de outubro de 1939. Começou a jogar voleibol no Minas e aos 17 anos, foi convocado para a seleção brasileira. Conquistou a medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de Chicago, em 1959; e foi medalhista de ouro nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo, em 1963. Em 1964, foi aos Jogos Olímpicos de Tóquio, quando a equipe levou apenas dez atletas por falta de verba. Em 1967, participou dos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg e levou a medalha de prata. Foi também aos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Formado em Educação Física, foi trabalhar na Venezuela em 1971. Depois de três anos, voltou e ainda jogou no Santos. É aposentado pela Polícia Militar e pela Receita Federal.

Carlos Eduardo Albano Feitosa

Nasceu em 08 de junho de 1941, no Rio de Janeiro. Jogava voleibol e chegou a ser tricampeão pelo Flamengo, entre 1959 e 1961 e campeão carioca pela AABB, em 1963. Participou do campeonato mundial de 1960, no Rio de Janeiro e foi bicampeão sul-americano, em 1961 e 1962. Conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo, em 1963; e de prata em Winnipeg, em 1967. Capitão da seleção brasileira de voleibol, foi também aos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964 e do México, em 1968. Atuou como técnico do Minas e da seleção brasileira de voleibol, nos Jogos Pan-Americanos do México, em 1975, quando conquistou a medalha de prata. Faleceu em Belo Horizonte, em 28 de julho de 2007, vítima de um infarto.

Gérson Albino Schuch

Nasceu em Santa Maria - RS, em 22 de janeiro de 1946. Filho de uma família ligada aos esportes, chegou a Porto Alegre aos dois anos. Era afiliado à Sociedade Navegantes São João, onde praticou diferentes modalidades esportivas na infância e na adolescência. Foi campeão gaúcho de basquetebol e participou do campeonato

mundial de punhobol na Áustria, em 1967. No mesmo ano, foi convocado para a seleção brasileira de voleibol, que participou dos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg e conquistou a medalha de prata. Era atleta afiliado ao Grêmio Náutico União, quando foi aos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Defendeu a seleção até o ano de 1973, dedicando-se apenas aos torneios regionais. Formado em Engenharia pela UFRGS, participa até o presente de torneios da categoria máster.

João Ernesto Jens

Nasceu em São Paulo, em 03 de junho 1944. Filho de pai inglês e mãe alemã, foi incentivado a praticar esportes desde pequeno. Fez natação e judô e, aos 16 anos, começou a jogar basquetebol no Pinheiros, passando, em seguida, para o voleibol. Sua primeira convocação para a seleção paulista juvenil foi em 1962, quando se tornou campeão brasileiro. Em 1964, foi convocado para a seleção brasileira adulta para disputar os Jogos Olímpicos de Tóquio, porém, foram levados apenas dez atletas. No ciclo olímpico seguinte, foi novamente convocado e fez parte da equipe que foi ao México, em 1968, sendo considerado o melhor jogador da seleção. Esteve, também, nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, quando a equipe obteve o 8º lugar. Participou dos Jogos Pan-Americanos de Cali em 1971, conquistando a medalha de bronze. Encerrou sua carreira esportiva em 1974. Formado em Economia, trabalha no ramo imobiliário e, até o presente, tem envolvimento com o esporte.

Jorge Américo Oliveira Souza

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 17 de abril de 1945. Começou a jogar voleibol no Clube Pioneiros, no início dos anos 1960. Era auxiliar administrativo quando participou dos Jogos Olímpicos do México, em 1968. No ano seguinte, foi ao campeonato mundial. Nos Jogos Pan-Americanos de Cali, em 1971, participou da conquista da medalha de bronze. Tornou-se compositor. Suas canções, como *Povo feliz*, em parceria com Nonô da Mangueira, conhecida pelo refrão “Voa canarinho, voa”, começaram a ser gravadas a partir de 1982.

José Maria Schwartz da Costa

Nasceu em Belém - PA, em 10 de janeiro de 1941. Mudou-se para o Rio de Janeiro ainda criança e jogava basquetebol na escola, mas foi aconselhado por seu professor, a mudar para o voleibol. Começou a jogar no Sírion Libanês e transferiu-se para o Flamengo, quando foi convocado para a seleção brasileira. Passou a atuar pelo Botafogo, onde permaneceu a maior parte da sua carreira. Participou dos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964 e do México, em 1968. Aos 30 anos parou de jogar e passou a trabalhar como técnico. Formado em Educação Física, fez mestrado em voleibol, na Tchecoslováquia.

Marco Antônio Volpi

Nasceu em Porto Alegre - RS, no dia 1º de julho de 1943. Começou jogando voleibol nas quadras das praças de Porto Alegre, cujas redes eram de responsabilidade da prefeitura da cidade. Certo dia, no ano de 1958, chovia e, sendo a quadra aberta, foi jogar com os amigos na Sociedade de Ginástica Navegantes São João. Como faltaram atletas do próprio clube, foi chamado pelo técnico Lampi, a ocupar uma das vagas. No ano seguinte, estava na seleção gaúcha juvenil e, em 1961, foi convocado para a seleção brasileira principal, quando disputou o Campeonato Mundial de Moscou, em 1962. Participou dos Jogos Pan-Americanos de São Paulo, em 1963, obtendo a classificação para os Jogos Olímpicos de Tóquio, em

1964, primeira participação do voleibol brasileiro em Jogos Olímpicos. Transferiu-se para o Botafogo do Rio de Janeiro, em 1964, voltando a Porto Alegre, em 1967, para jogar pelo Grêmio, quando disputou os Jogos Pan-Americanos de Winnipeg. Foi, ainda, aos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Formou-se em Educação Física, trabalhou como técnico de equipes de voleibol no Rio Grande do Sul e foi professor de Educação Física até se aposentar. Hoje mora em Porto Alegre.

Mário Dunlop

Mário Stiebler Dunlop nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 14 de janeiro de 1946. Aos 13 anos, começou a jogar voleibol, por brincadeira, no Clube Campestre, em Petrópolis e, em pouco tempo, se viu envolvido no treinamento, sendo convidado a jogar no Fluminense. Em 1964, foi convocado para a seleção brasileira juvenil, ano em que se transferiu para o Botafogo e conquistou o tricampeonato juvenil carioca. Foi medalhista de prata nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967 e, no ano seguinte, participou dos Jogos Olímpicos do México. É Engenheiro Químico, fez mestrado em Química Orgânica e trabalha na Petrobras. Faz parte do time de másteres do Botafogo.

Paulo Roberto Petterle

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de fevereiro de 1949. Começou a praticar voleibol e basquetebol devido à altura, mas acabou se dedicando ao vôlei. Era atleta do Botafogo, quando foi convocado para a seleção carioca e sua atuação no campeonato brasileiro, lhe rendeu a convocação para a seleção brasileira. Foi aos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Não participou dos Jogos Olímpicos de Munique de 1972, pois já trabalhava e não podia se ausentar para o período de treinamentos. Conquistou a medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos do México, em 1975. No ano seguinte, foi aos Jogos Olímpicos de Montreal. Jogou até 1980. Formado em Engenharia, começou a trabalhar na Klabin, em 1970, antes mesmo de se formar e, lá, trabalha até o presente.

Sérgio Telles Pires Pinheiro

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 11 de junho de 1944. Começou a jogar voleibol em 1958, quando terminou o ginásio, onde jogava basquetebol. Em 1962, fazia Escola Naval e jogava no Botafogo na categoria juvenil. Foi aos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Depois dos Jogos Olímpicos, passou a jogar em Santos, onde reside até o presente. Continuou jogando voleibol pelo Internacional de Santos; depois no Cubatão; e depois pelo Santos, até os 39 anos. É formado em Engenharia na UFJF. Atualmente, participa de competições másteres.

Víctor Barcellos

Víctor Mário Barcellos Borges nasceu em 26 de junho de 1942, na cidade do Rio de Janeiro. Inspirado no exemplo do irmão atleta, começou a jogar voleibol aos 12 anos, quando o pai, militar, servia em Santa Cruz do Sul - RS. De volta ao Rio de Janeiro, começou a jogar no Monte Líbano e, depois, transferiu-se para o Flamengo, onde jogou na categoria juvenil, passando para a adulta, até 1962, quando foi para a AABB. Em 1964, estava no Botafogo, quando foi convocado para a seleção brasileira que conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo, em 1963 e a de prata em Winnipeg, em 1967. Participou dos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964 e do México, em 1968. Depois de encerrada a carreira de atleta, atuou como

técnico de voleibol do Fluminense e do Flamengo. Faleceu em 05 de dezembro de 2009.

Fragmento narrativo

Décio Viotti de Azevedo

Eu comecei a brincar de voleibol muito cedo. Em 1958 eu fui convocado pela primeira vez para a Seleção Brasileira Adulto, eu tinha dezessete anos. Eu participei de uma sequência de campeonatos, tive o privilégio de jogar o Campeonato do Mundo no Rio de Janeiro, ficamos em quinto lugar, foi uma apoteose na época, porque nós não tínhamos intercâmbio, nem tênis nós tínhamos, era um tenizinho da Rainha. Quando chegavam as outras seleções, você via a diferença, era um tênis reto, era um conforto.

Competições

Nas Olimpíadas de 1968 foram no México, nosso treinador se chamava Paulo Mata. Ele fez um treinamento certinho com a gente, levou a gente para jogar na altitude, para se adaptar ao México, que está a dois mil e tantos metros de altura, ele fez um trabalho que deveria ser feito. Nós, os atletas, não correspondemos tecnicamente àquilo que esperavam da gente, jogamos bem duas ou três de dez partidas, logo na primeira partida, perdemos para Bélgica, país que não podíamos ter perdido. Mas perdemos, nós já tínhamos uma equipe alta, o voleibol já estava crescendo, acabou que ganhamos somente do Japão, perdemos todas as outras, ficamos em nono lugar. Nós tínhamos uma senhora equipe nesses Jogos, era o Moreno, João Jeans, Sérgio Teles, Feitosa, Vitor, Mario Gui, levamos porrada de todo mundo, foi um desempenho desastroso, ninguém jogou bem, ninguém mostrou o que realmente jogava.

Viagem de Volta

Terminando os Jogos aconteceu uma situação muito gozada, nós voltamos para o Brasil em um avião de hélice, era um DC6, descemos em Acapulco, para a delícia da gente o pessoal não estava abastecendo o avião, estavam em greve, ficamos três dias em Acapulco. Todo mundo sem um centavo, ficamos chateadíssimos, ninguém tinha dinheiro, então o Comitê Olímpico Brasileiro deu três dólares por dia para cada jogador, três dólares, “o que você pode comprar com três dólares”, “uma coca-cola pequenininha custava um dólar, você podia comprar cocas”. Alguns colegas meus foram jogar para conseguir algum troco, porque ninguém tinha nada. Eles não deram os nove dólares para gente, então tentamos a roleta, preto ou vermelho, se desse preto você ganhava, se desse vermelho você perdia, todos se deram mal, essa foi a segunda Olimpíada que eu fui sem dinheiro. E voltamos, um avião à hélice, descemos em Manaus, abastecemos, fomos para o Rio de Janeiro, depois seguimos para São Paulo. Minha vida foi assim, eu perdi muita coisa também. Tempo de estudo, acabei me formando em Educação Física no exército com trinta e seis anos de idade, me formei em 1977. Eu sou aposentado pela polícia militar e pela receita federal, o somatório disso é regular, é bom, dá para levar a vida.

Gerson Albino Schuch

Eu sou gaúcho, nascido em Porto Alegre. Eu tenho sessenta e seis anos. Eu tinha uns dezoito anos quando fui convocado para o Pan-Americano em Winnipeg. Os cariocas sempre mandaram no voleibol do Brasil, eu não tinha um esquema com os

cariocas, quando eu cheguei no Rio de Janeiro para treinar para os Jogos de Winnipeg, eu pensava, “como é que eu vou fazer para ficar aqui na seleção”. Eu tinha qualidades, mas a concorrência era grande e tinha um pouco de política, falei, “só tem um jeito”, “descobrir quem é que está por cima, e ficar amigo deles”, um dia eles disseram, eles me chamavam de gaúcho, “então gaúcho, no Rio Grande, no Uruguai, ou Argentina, tem lança-perfume para o carnaval, a gente gosta muito”, “tu sabes que tem, eu tenho um fornecedor disso aí”, cheguei com uma caixa de lança perfume, daqueles de vidro. Desde esse dia, os caras me adoravam, mas claro que eu fiquei na seleção por mérito. Em 1967 foi Winnipeg, depois, em 1968 foi a Olimpíada do México, foi onde começou a evolução do voleibol brasileiro.

Treinamentos

Nós treinamos dois meses em Campos do Jordão, por causa da altitude, fomos quinze dias antes para o México, para se aclimatar. O problema dessa época sempre foi verba, dinheiro, do custo, a Confederação Brasileira de Vôlei tinha verba própria, com patrocínio conseguiram essa estadia em Campos do Jordão. Conseguiram hotel, quadras, para gente fazer a preparação em altitude, ainda fomos para o México, que fica na altitude, com antecedência, era o início de um semiprofissionalismo.

Esporte e estudo

Como é que fazia engenharia, que é uma faculdade difícil, faltando dois meses nas aulas, eu resolvia esse impasse com uma cartinha da confederação, trazia aqui na engenharia e falava, “estou convocado para seleção brasileira. Tenho que me afastar do Rio Grande do Sul”. Era amor, nós recebíamos no máximo a passagem, para o Rio de Janeiro ou São Paulo, para ir treinar. Para a Olimpíada do México, nós passamos seis meses viajando e na época não era profissional, eu não ganhava para jogar. Eu ganhava minha passagem e minhas despesas, mas para jogar não ganhava nada.

Jogos Olímpicos

Eu estava deslumbrado no México, os Jogos anteriores foram no Canadá. Foi muito mais fechado, o México é um tipo brasileiro, foi uma festa só, uma coisa linda, aquelas praias, aquela coisa toda, eu estava simplesmente deslumbrado. Nos jogos eu dei o melhor de mim, entrava, saía. Houve um mal-entendido com o treinador, o vôlei sempre teve o seguinte objetivo. Eles queriam chegar nos Jogos e passar a barreira, ficar entre os oito primeiros, dar uma subida. Mas nós não tínhamos intercâmbio, nós chegávamos para jogar contra os russos, tchecos, a Bulgária, a Polônia, eles estavam à frente do vôlei, havia intercâmbio entre eles, tinham todas aquelas modificações. Então estávamos sempre atrasados, não conseguíamos viajar tantas vezes como os cubanos, eles passavam seis meses do ano viajando, em torneios e tal, nós não tínhamos isso, nossa preparação para Olimpíada era um ou dois meses antes. Eles se preparavam desde o início do ano, do ano anterior, ou de três anos, do ciclo olímpico anterior. Quando chegamos, a ideia do treinador, que foi o Paulo Matas, era a seguinte, “vou fazer eles treinarem vinte e quatro horas por dia”, então tu saía de um jogo à tarde, ele botava a gente na quadra, no outro dia de manhã treinava para jogar à tarde, matava os caras, então tu pedia assim, “deixa a gente relaxar um pouco, estamos a muito tempo aqui, um futebolzinho”, “não, não pode”. E começou a dar problema entre ele e os atletas, cansaço, estresse, era só vôlei, vôlei, vôlei, quadra, pau, pau, pau, para tirar aquela diferença dos outros países. Deu uma briga interna em um jogo, como eu estava chegando, não estava entre os médios nem

entre os veteranos, eu fiquei na minha, os atletas brigaram, alguns foram expulsos da seleção, outros ficaram. Eu saí ileso, porque não bati boca com ninguém, eu não podia me manifestar muito, nem brigar, porque eu queria ficar na seleção, entrou o representante do Comitê Olímpico, deram umas punições, eu me lembro disso. Os Jogos tinham o lado profissional, você estava ali para jogar, para representar, isso toca, a gente tinha isso dentro da gente, tu quer ganhar, mas não tinha condições, os caras eram demais, Rússia, Estados Unidos começando. Mas naquela época quem mandava no vôlei eram os países da cortina de ferro, era difícil tu bater uma Rússia, como é até hoje, uma Polônia, uma Bulgária, uma Tchecoslováquia.

Essas são lembranças negativas dos Jogos, mas o restante foi maravilhoso, a abertura foi o maior espetáculo do mundo, a abertura de uma Olimpíada que tu participa, mexe, é uma lembrança para toda a vida, é espetacular. Os jogos do vôlei terminaram antes, mas nós ainda ficamos um tempo no México, eu peguei um carro, e saí para passear. Fui para Acapulco, voltei, depois fui para Nova Iorque, e chegamos no Brasil.

José Ernesto Jens

Meu nome é João Ernesto Jeans, eu sou de São Paulo, nascido e criado aqui. Meu pai é estrangeiro, ele é inglês, e minha mãe alemã, então eles sempre foram ligados ao esporte e desde pequeno me incentivaram a praticar esporte. Primeiro eu estudei no Mackenzie, depois eu fui estudar em um colégio interno de alemães, no interior de Rio Claro, onde o esporte era bem desenvolvido. Com dezesseis anos eu iniciei no Clube Pinheiros, comecei jogando basquete, em seguida fui para o voleibol. Me desenvolvi e preferi ficar voleibol. Em 1964 fui convocado pela primeira vez para a seleção brasileira adulto. Fui convocado para disputar os Jogos Olímpicos em Tóquio, foi a primeira participação do vôlei do Brasil em Olimpíada. Não continuei na seleção porque foram somente dez jogadores, era amador mesmo, eu não fui, não tinha verba para viajar com todos. Eu era totalmente amador, eu estudava, ir para o clube era complementar. Não era para ser um meio de vida. Mesmo jogando eu era estudante, eu tinha me formado em contabilidade, entrei na universidade, fazia faculdade de economia. Depois fiz administração, eu trabalhava com meu pai, ele tinha um escritório, uma imobiliária, então ele permitia que eu trabalhasse quando não estivesse jogando. A partir de então, continuei a ser convocado, em 1967 disputamos o Sul-Americano, que foi em Santos, fomos campeões, e nos classificamos para as Olimpíadas do México em 1968.

Treinos

A gente ia treinar no Rio de Janeiro, pegava um ônibus aqui em São Paulo, viajava a noite inteira, chegava de manhã para treinar, enquanto os bons, que já estavam na seleção há algum tempo, estavam descansando, alojados, chegavam para o treino da noite. Nós treinávamos com paitrocínio, era amador, você não ganhava nada, nem roupa, se quisesse um tênis melhor tinha que comprar o seu. A confederação te dava um bamba para você jogar. Eu buscava me aperfeiçoar fora dos treinos normais, fazia parte física sozinho, ia para a biblioteca ver onde tinha esse tipo de treinamento, ver o que eu podia melhorar, força, salto, apliquei isso sozinho muitas vezes.

Preparação para os Jogos

O Paulo Mata foi nosso técnico, ele era um estudioso do voleibol. Começou a aplicar métodos e técnicas mais eficientes, para essa Olimpíada, ficamos três meses

em Campo do Jordão, para se acostumar com a altitude, porque as Olimpíadas seriam no México, mas foi uma coisa bem amadora. Nós tivemos um preparador físico exclusivo, que era o Tubino, antes não tinha, era o próprio técnico que dava a parte física, montaram uma comissão técnica. Nos concentramos em Campos do Jordão, mas não tinha ginásio para treinar. Descobrimos um ginásio em Santo Antônio do Pinhal, era mais ou menos quarenta minutos de Kombi, em uma estrada de terra, então treinávamos em Campos, durante o dia, e a noite íamos treinar em Santo Antônio, fazer o coletivo, foi bem amador, mas foi um bom treinamento, começamos a mudar as coisas.

Os Jogos Olímpicos

As Olimpíadas de 1968 foi minha primeira experiência olímpica, foi uma coisa emocionante, o objetivo de qualquer atleta é participar de uma Olimpíada e no México foi muito bom, foi uma experiência muito bacana. Nessa época estava começando uma mudança no voleibol. Existia uma estrutura antiga, arcaica, o mesmo técnico há muito tempo, o mesmo presidente da confederação há muito tempo, que era o Calçada, nessa época começou a mudança, saiu o Sami Mehlinisky, entrou o Paulo Mata, como técnico. O Paulo dispensou três elementos da velha guarda que mandavam em todo o quadro. Aconteceu uma revolução entre os atletas do Rio de Janeiro, que na época mandavam no voleibol, o técnico teve que voltar atrás, reconvocou dois dos três que ele tinha dispensado, foi obrigado pela confederação, e ele cedeu a isso, lamentavelmente. Então foi uma mistura de gente nova com gente velha, com outra mentalidade. Durante a Olimpíada, no terceiro ou quarto jogo, em um determinado dia, essa turma mais velha se reuniu e falou, “estamos cansados, acabamos de jogar e não vamos treinar”, “como não vamos treinar, tem que ir”, então montaram uma comissão para falar com o técnico, foram pedir para o técnico, “estamos cansados”, “não quero saber, tem que ter treino, seguir o planejamento”. E marcou o treino, pegou o ônibus, foi para o ginásio treinar, uns dois ou três que foram, o restante não foi, influenciados pelos mais velhos, ficamos no ginásio esperando, “não vai ter jeito”, não vai ter treino. Isso causou um mal-estar muito grande, falaram que a direção ia mandar o time embora, que estavam representando o Brasil, por fim, contemporizaram e continuamos a Olimpíada até o final. O Brasil estava começando a jogar voleibol, nessa Olimpíada eram dez times, ficamos em nono lugar, só ganhamos do México. Perdemos para os outros times, mas já melhoramos, ganhamos um set da Rússia, da Tchecoslováquia, e de outros times mais tradicionais no voleibol, nessa época era um contra todos, a partir de 1972 que começou o sistema de chaves. A Olimpíada era amadora, principalmente por causa dos países não comunistas, os países comunistas eram amadores, mas os times eram profissionais, do exército, ou da marinha, nos Estados Unidos eram as universidades. O ápice das Olimpíadas para mim foi voltar como o melhor jogador do Brasil, apesar dos problemas que tivemos, quando voltei do México, eu fui homenageado como melhor jogador. Eu me tornei um líder, fui capitão da seleção a partir de 1968-69, quando saiu a turma da velha guarda.

José Maria Schwartz da Costa

Eu nasci em 1941, em Belém do Pará, vim para o Rio de Janeiro com onze anos de idade. Comecei jogando basquete, mas o treinador de basquete me falou, “olha, é melhor você jogar voleibol porque no basquete você não vai muito longe”, então eu passei para o voleibol, meu primeiro clube foi o Sírio Libanês. Depois eu fui para o Flamengo. Depois começou a trajetória na seleção brasileira. Fui chamado pela

primeira vez, para os Jogos Olímpicos de 1964 no Japão, foi a primeira que o voleibol esteve em uma Olimpíada, e nós participamos.

Os Jogos Olímpicos

No início dos Jogos Olímpicos foi tudo bem, fizemos um período de aclimação em Campos do Jordão, que é muito alto, para gente fortalecer, mas quando chegamos no México, a altitude não é brincadeira. Eu dei um salto para bater uma bola, quando eu caí no chão, estava tonto, colocando sangue pelo nariz, até se adaptar a altitude. Na Olimpíada de 1968 nós tivemos a pior colocação que o Brasil já teve no voleibol, ficamos em décimo oitavo lugar, graças ao técnico, que colocou tudo a perder, era um estudioso do voleibol, mas não sabia aplicar nada, chegamos a um ponto que ninguém mais queria treinar com ele. Ele marcava o treino e ninguém ia, ele conseguiu quebrar tudo, em todos os sentidos. Os técnicos da época se achavam os donos da verdade. Nós tivemos um grande técnico no voleibol brasileiro, ele se chama Samy Melinsky, o Samy entregou a seleção treinadinha na mão desse técnico, porque o Samy não podia viajar. Eu me arrependo muito de ter ido para os Jogos de 1968 com este técnico. Nós fizemos um treino-jogo, contra a Tchecoslováquia, nós jogávamos 4-2, ele armou uma equipe, eles fizeram 2x0 na gente. Nós empatamos o jogo em 2x2, e fomos jogar a negra, naquela época não era tiebreak, o técnico não quis jogar. Nós pensamos, “ele vai manter a equipe para o jogo que começa amanhã”. Quando chegamos na quadra para jogar, ele trocou tudo, então ninguém sabia mais nada, começou a degradingolar tudo, foi uma pena.

Depois dos Jogos Olímpicos

A volta dos Jogos de 1968 não foi legal, porque o Brasil fez um fiasco, então começou uma série de comentários que os jogadores faziam isso, faziam aquilo, os jogadores faziam porque o técnico não assumia a direção, porque tinham pessoas que estudavam. Estavam no nível universitário, estava vendo como era o jogo, que estava errado, então começaram a se revoltar, os jornalistas estavam vendo, mas só contavam um lado da história. Inclusive em 1968 eu fui chamado para uma entrevista na televisão, antes de entrar no ar o repórter falou assim, “é para responder assim, e assim”, “então não vou entrar no ar”, e fui embora. Naquela época se você fosse contra qualquer coisa, você não viajaria mais, como não era profissional, nosso prêmio era a viagem, era participar da competição, se você insurge contra a entidade, ela não vai te levar, você tinha que ficar de bico calado. Foi quando eu saí da seleção e fiquei só no Botafogo, minha vida esportiva inteira foi no Botafogo.

Depois me dediquei ao trabalho na universidade, eu fundei o curso de Educação Física na PUC. Eu sou formado em educação física, fiz mestrado em voleibol, na época eu fiz um aperfeiçoamento na Tchecoslováquia, durou seis meses, para aprender como treinava, a Tchecoslováquia era a casa do voleibol. No Brasil eu fiz o meu trabalho no que eu aprendi, essa foi minha vida no voleibol.

Marco Antônio Volpi

Eu nasci em primeiro de julho de 1943, em Porto Alegre. Passei toda a minha infância em Porto Alegre. Nós fazíamos atividade na Sociedade de Ginástica Navegantes São João, mas choveu. Não deu para fazer a atividade porque era em local aberto, mas tinha o treinamento do infantil, por causa da chuva, faltou gente, nisso falaram, “coloca o Marco professor”, e o Marco começou, treinei, o técnico viu, no final ele falou, “tem essa ficha aqui, tem que estar assinada pelo pai, porque você é menor”, eu tinha quinze anos naquela época. Comecei a jogar vôlei em 1958, em

1959 eu fui para seleção gaúcha juvenil, joguei o Campeonato de Volta Redonda, em 1960 eu comecei a jogar no adulto, depois em 1961-62 eu comecei a participar da seleção brasileira. Eu fiquei três anos no Rio de Janeiro, eu recebia alguma coisa no Botafogo, era o mínimo, só para me manter, não tinha nada de excessos, melhorou um pouco quando o Botafogo me arrumou em emprego, mas eu cansei, porque não estava estudando. Tanto que em 1967 eu voltei para Porto Alegre, arrumei um emprego, comecei a estudar, fiz ESEF do IPA, terminei, e comecei a dar aulas, na ESEF do IPA, no estado e no Colégio Anchieta. Depois de 1967, que eu voltei para Porto Alegre, eu comecei a escolher em qual campeonato participar, então eu não fui para o campeonato Sul-Americano, para ir para os Jogos Pan-Americanos em Winnipeg, como eu tinha um status dentro do voleibol, com a confederação, com os técnicos, deu para persistir no meio. A preparação para os Jogos do México foi diferente. Acho que não foi tão importante como foi a de 1964, em 1968 nós ficamos com menos liberdade, “tem que fazer isso”, “tem que ser isso”, e atleta com nome já, querer impor algo a base da força, criam certos conflitos. Então em 1968 houve certos conflitos de direção com os jogadores, outro problema era o seguinte, a comissão técnica do voleibol era só o técnico, não tinha mais ninguém.

Nosso técnico em 1964 foi o Samy Melinsky, em 1968 foi o Paulo Mata, desde que eu comecei a jogar vôlei, o Samy era o técnico da seleção brasileira, naquele ano o Paulo Mata pegou a seleção, queria fazer uma filosofia totalmente diferente. Não deu certo, começou o conflito e isso refletiu nos jogos. No vôlei foi o seguinte, eram dez equipes, jogávamos contra nove, era um contra todos, tinha um dia de folga. Então ficamos dez dias jogando, e ficamos de folga um e outro dia antes de começar, jogamos o tempo todo da Olimpíada. Graças a Deus o avião não caiu, porque morreria todo mundo, acabava com o Comitê Olímpico e com os jogadores, naquela época viajávamos todos juntos, começavam e terminavam os Jogos eram todos juntos. Depois de 1968, com estudo, e com esses problemas todos, eu encerrei, fui convocado outras vezes, mas não aceitei.

Mario Dunlop

Eu nasci e fui criado no Rio de Janeiro, no dia 14 de janeiro de 1946, nós éramos em três irmãos, meu pai sempre falava que tinha que fazer exercícios, então era uma aula de ginástica, uma peladinha de futebol no colégio. Com treze, quatorze anos a gente começou a jogar voleibol, em um clube campestre de Petrópolis, no clube tinha os torneios de verão, dividimos em bandeiras. Meu pai também jogava, começamos a participar desses torneios, como brincadeira, nós tínhamos altura, eu e meu irmão, depois de uma dessas férias, “vocês tem que jogar, tem que treinar voleibol, vocês tem jeito, tem altura”. Eu comecei a treinar no Fluminense, fiquei dois anos no Fluminense, eu tinha dezesseis anos, meu irmão e um amigo tinham quinze, eu fui treinar no juvenil e eles foram para outra categoria. Ficava batendo bola na parede, mesmo com essa altura não tinha jogo, não sabia tocar bola. Em 1964 eu fui para o Botafogo, na época ganhamos o tricampeonato juvenil carioca. Em 1965 eu passei para a primeira divisão, estourei a idade, não podia mais jogar no juvenil. Fui para o time de cima, então eu realmente convivi com os grandes craques do voleibol da época. Nesse meio tempo, surgiu a convocação para a seleção brasileira, eu tinha acabado de estourar, estava com dezoito anos. Em 1967 teve o Pan-Americano em Winnipeg, perdemos em uma circunstância de jogo, ficamos com a medalha de prata.

Convocação e Treinamentos

Depois, finalmente, veio a minha convocação para a Olimpíada, eu me lembro quando saiu a convocação, foi nas férias de julho, eu estava fora do Rio de Janeiro, estava em Teresópolis, na casa dos amigos, e minha mãe saiu correndo, “meu filho, você foi convocado para a Olimpíada”. Eu voltei para o Rio de Janeiro, porque tinha que se apresentar em uma determinada data. Na convocação eles chamaram vinte e poucos atletas, acho que nunca chamaram tantos atletas, os cortes foram acontecendo, eu fui ficando, ficando, e fomos ao México. Nós ficamos concentrados, treinando, praticamente um mês, na Ilha das Enxadas, onde tem um complexo esportivo da Marinha, aqui no Rio de Janeiro, ficamos alojados na ilha. Eu não sei como foram as outras seleções, mas a seleção para a Olimpíada do México foi a que mais treinou. Como nós estávamos concentrados na Ilha das Enxadas, na parte da manhã, depois do café, tinha corrida, eram três, quatro quilômetros ao redor da ilha, todos os dias. Quem comandava a corrida era o professor Manoel Tubino, que depois se tornou uma lenda na fisiologia do esporte. Almoçava, descansava, à tarde, fazia a parte de preparação física, era um circuit training, na época era com o Cláudio Coutinho, aluno da Educação Física do Exército, o Soto, que se tornou o presidente da Federação Carioca de Voleibol, e o Brandão, eles eram os três monitores do grupo. À noite a gente treinava com bola, só via bola de voleibol à noite, durante um mês, acho que nós fomos a seleção que mais treinou. Na ocasião o Brasil não tinha um padrão de jogo, a gente não sabia se jogava no sistema de velocidade, como o Japão, que surgiu em 1964. E foi uma novidade, ou no modelo de força, que era o modelo de países como a União Soviética, Polônia, e Hungria, o Brasil ainda tinha que improvisar um modelo próprio, que só deu certo depois. Ficamos concentrados em julho, então foi tudo bem, porque eu estava de férias, mas no segundo semestre não sabia como ia fazer, alguns atletas pediram dispensa. Na época eu estudava, fazia faculdade, sou engenheiro químico, fiz faculdade na UFRJ, na escola de química, na Urca. Nós ainda fizemos uma aclimação em Campos do Jordão, por causa da altitude, ficamos duas semanas em Campos do Jordão, a ciência do esporte não era tão evoluída, mas existia essa preocupação, “vamos treinar em um lugar mais alto”, porque o México está a 2.400 metros de altura, alguma coisa assim. E realmente eu não me lembro de ter sentido nada quando eu nós chegamos ao México. Como eu podia ser cortado no meio do caminho, eu falei, “não vou me desgastar, nem vou tentar dispensa na faculdade”, “mas se eu for viajar eu vou ter que passar um tempo fora”. Então passamos julho treinando, os cortes saíram mais ou menos no começo de agosto, os doze atletas foram escolhidos, e eu estava entre os doze. Eu sei que eu fui de professor por professor, “olha, eu fui convocado, estou na Olimpíada”, alguns disseram, “você quer muito ir, é uma chance ímpar, vai e depois a gente dá um jeito”. Eles foram extremamente maleáveis, até alguns, que eu achava que não ia me dispensar, me dispensaram.

Viagem para o México

Nós fomos e voltamos com a avião da FAB, isso era muito comum na época, não sei se era por contenção de custo, ou pelo avião estar ocioso, sei que havia um intercâmbio entre as forças armadas e o esporte. Na época quem mandava era o CND, que era comandado, chefiado, por brigadeiros e generais, então não sei, mas nós fomos e voltamos com o avião da FAB.

Os Jogos Olímpicos

Nós ficamos mais tempo no México, mais que a competição, justamente para ir e voltar todos juntos. Então nós jogamos voleibol, depois ficamos assistindo outras modalidades, nós vimos todo o atletismo, que é sempre a parte final, a Olimpíada encerra com a maratona, assistimos outros esportes, embora a gente não tivesse direito, conseguimos entrar. Assistimos alguns jogos de basquete, os jogos do voleibol, que nos interessava, ficamos o tempo todo no México, a delegação toda, não foi ninguém depois e não voltou ninguém antes. Nós estávamos em 1968, auge da Guerra do Vietnã, o movimento dos Panteras Negras, eu me lembro, eu estava no estádio, como não havia coincidência com o horário de jogo, estava assistindo as provas do atletismo, e vimos os Panteras com o braço erguido, aquilo, na época, a gente perguntou, “o que é aquilo ali”, “porque eles fizeram aquilo”, só depois que voltamos, que a gente começou a ver, entender, e ler, as consequências daquilo tudo. Isso foi interessante, porque no momento foi um protesto, na volta que entendemos, e isso marca. A Vila Olímpica tinha as portas abertas, tinha um pessoal, uns guardinhas, olhando quem entrava, mas era liberado para todos, o pessoal da cidade entrava, visitava. Havia uma confraternização, até à noite era liberado, liberado até demais, entravam e saíam a hora que queria, não havia problema.

A viagem de volta

A volta do México foi tumultuada, ficamos um tempo, acho que uma semana, porque o avião não chegava, teve um problema com o avião, depois ficamos em Acapulco, uns três, quatro dias, mas não era maldomia, não foi planejado, ficamos porque o avião da FAB não tinha disponibilidade, não teve voo, ou não tinha tripulação, alguma coisa assim. Ficamos em Acapulco, pegando sol, foram dias maravilhosos, a gente não tinha muito o que fazer, a maioria não tinha dinheiro. Viajava-se com pouco dinheiro, eu lembro que teve atleta que trocou ou vendeu o uniforme na Vila Olímpica mesmo, para fazer dinheiro. Depois pegamos o avião, houve uma confusão, foi uma aventura, uma verdadeira epopeia, mas sobrevivemos todos. Quando eu voltei dos Jogos, voltei para faculdade, estudar, vida normal, continuei jogando, mas não fui mais convocado para seleção, porque já entrou uma turma nova. Hoje eu sou engenheiro químico, trabalho na Petrobrás, no centro de pesquisa, fiz meu mestrado em química orgânica.

Moreno

Eu nasci em Santo André, estou com sessenta e cinco anos, vim de uma família humilde, meu pai foi embora muito cedo, minha mãe cuidou de mim com muito carinho. Ela era telefonista da prefeitura. Eu tive uma carreira muito rápida, aos treze anos eu já estava na seleção paulista, joguei o meu primeiro Campeonato Brasileiro, obviamente sempre estudando e treinando. Com dezessete anos eu comecei a trabalhar na prefeitura de Santo André, trabalhava como professor assistente de natação, antigamente isso era muito comum. Arrumava um emprego, você nunca conseguia dinheiro, conseguia uma boa permuta, então eu trabalhava e jogava pela cidade. Nesse mesmo ano, entrei para a Seleção Brasileira e me tornei titular da Seleção Brasileira adulta. Eu costumo dizer que o Brasil teve três gerações no voleibol, a geração de ouro, de prata, e a de lata. A minha foi a geração de lata, foram quinze, dezesseis anos de Seleção Brasileira, eu participei de trezentos e sessenta e seis jogos, não recebemos nada, nós íamos de trem para a concentração, andava de ônibus, e comia sanduíche na rodoviária, ou na estação de trem. Tivemos algumas facilidades para arrumar emprego. Na minha época o atleta tinha que estudar, e

trabalhar. A partir de um momento eu era atleta, trabalhava como técnico de voleibol, e como professor, em várias Faculdades de Educação Física.

Os Jogos Olímpicos

A minha primeira Olimpíada foi no México e vale a frase, “o primeiro amor a gente nunca esquece”, para mim, essa foi a Olimpíada mais marcante, foi um sonho. Eu lembro até hoje, passando embaixo de um túnel, entrando no Estádio Asteca, um dia de sol, quando saí do escuro do túnel, entrando no estádio, tem aquela multidão, falando, “Brasil, Brasil”, você fala, “bom, estou aqui, cheguei aqui”. Nessa Olimpíada nós ficamos em nono lugar. Eu era o atleta mais novo do time, devia ser um dos mais novos da Olimpíada. Isso é muito bacana, porque eu estava naquela fase de querer ser alguém, então, você não perde um minuto. Naquele tempo, a técnica individual era muito exigida no voleibol, tem os seis fundamentos, eu queria ser perfeito nos seis fundamentos, era assim, não queria dar chance para ninguém. Se alguém pegasse minha posição, seria porque treinou mais que eu. Eu fui capitão da Seleção Brasileira durante nove anos. Participei de sete campeonatos Sul-Americanos. Quatro Pan-Americanos, quatro Mundiais, e quatro Jogos Olímpicos, todos com M de Moreno, México, Munique, Montreal e Moscou, joguei na Seleção Brasileira até os trinta e dois anos, com trinta e quatro encerrei a minha carreira.

Paulo Roberto Petterle

Eu nasci no Rio de Janeiro, em 1949. Com a mudança da capital do Brasil, minha mãe foi transferida para Brasília, em 1960 eu fui morar em Brasília, foi onde eu comecei a praticar o voleibol. Ao contrário do Rio de Janeiro, que você tem praia, nessas cidades o pessoal tem uma vida nos clubes, pela minha altura, eu acabei praticando voleibol e basquete. Mas eu apanhava muito no basquete, não gostava daquilo, não conseguia me defender, acabei de dedicando ao voleibol. Quando eu voltei para o Rio de Janeiro, em 1965, voltei para fazer engenharia, em 1966 eu comecei a jogar no Botafogo, a minha vida inteira foi no Botafogo, no famoso time do Botafogo, que foi dodeca campeão carioca, e várias vezes campeão brasileiro. Para participar dos Jogos Olímpicos nós ganhamos o Sul-Americano.

Treinamento

Para a Olimpíada de 1968, nós ficamos seis meses concentrados na Ilha das Enxadas, perto do Aeroporto Santos Dumont, uma ilha que não tinha comunicação com a terra, você tinha que ir de barco, era um quarto com seis beliches, com doze pessoas.

Os Jogos Olímpicos

A minha participação nos Jogos Olímpicos foi incrível, quando você está envolvido, até pela idade, eu estava com dezenove anos, você não dá o devido valor, não sabe a dimensão que aquilo tem, eu não tenho nenhuma recordação, não guardei nenhum uniforme, nada, que hoje eu daria um valor enorme em ter, no momento você acha aquilo natural, você naquele grande evento, mas achava natural. Eu me lembro da Olimpíada do México, no desfile principal, o time do Brasil formava sempre dos mais altos para os mais baixos. Então eu ficava nas primeiras filas, com o pessoal do basquete, que era mais alto que a gente, então eu me lembro do Sylvio Fiolo, grande nadador, Ubiratan, Wlamir, que eram os nossos ídolos da época, chorando, e você ficava se segurando. Depois falei, “eu que tenho dezenove anos não vou chorar, vamos chorar também”. A convivência na Vila Olímpica era fantástica, você chega nos

restaurantes, as mesas são comuns, as vezes você estava sentado ao lado de uma celebridade, que você passa a conhecer em uma mesa. As Olimpíadas não eram televisionadas, depois que encerrava a Olimpíada tinha o vídeo tape, por exemplo, o de Tóquio, em 1964, era um filme que passava alguns eventos, e todo mundo corria para assistir, depois teve o México em 1968. Não eram eventos que tinham televisão, a gente via o vídeo tape, a primeira vez que a gente viu televisão a cores foi no México, não tinha televisão a cores no Brasil. Na época a gente não sabia o que estava acontecendo, você ficava em uma ilha da fantasia, que era a Vila Olímpica, cercada de todo o conforto. Você só ia para os jogos, a gente não sabia o que estava acontecendo em outros esportes. Na Olimpíada do México nós tínhamos um jogo de camisa, éramos muito amadores, talvez amadores demais, nós jogamos nove jogos em doze dias, com uma camiseta, e não tinha ninguém para lavar. Cada atleta cuidava das suas coisas, então, se eu não me engano, você ganhava, dois calções, dois pares de meia, uma camisa, e um agasalho, não tinha outra para substituir, eram outros tempos. Os times da cortina de ferro estavam em outro nível, era um nível superior ao nosso, era muita diferença, tamanho da quadra, potência, tudo, eles tinham uma dedicação, uma preparação, totalmente diferente da nossa. Eles jogavam no andar de cima, nessa época, eu comecei a jogar ganhando de Cuba, e terminei perdendo para Cuba. Eu fiz engenharia, antes de me formar comecei a trabalhar na Klabin, entrei na Klabin no dia primeiro de dezembro de 1970.

Sérgio Telles Pires Pinheiro

Eu comecei a jogar voleibol em 1958, tinha acabado o ginásio. Eu era jogador de basquete, mas comecei a gostar do voleibol. Em 1962 eu joguei no Rio de Janeiro, no time juvenil do Botafogo, eu fazia Escola Naval, estava estudando para oficial da Marinha, quando eu entrei para a Marinha, com dezoito anos, foi um grande salto. Eu tinha uma disciplina muito boa, bons técnicos, a parte física era muito exigida, eu desisti do curso, e fiz vestibular para engenharia em 1963, fiz engenharia civil em Juiz de Fora. Morei em Juiz de Fora de 1964 a 1972. Nesse período o voleibol cresceu, eu comecei a ser colocado na seleção brasileira. Eu fui cortado do Luso-brasileiro em 1966, mas em 1967 participei do Sul-Americano, que foi em Santos, nós ganhamos, em 1968 foram as Olimpíadas do México. Eu acabei vindo morar em Santos para jogar, nós tínhamos um time muito forte, estávamos entre os dois melhores times do Brasil, éramos nós e o Botafogo, na época. Nós sempre decidíamos o campeonato brasileiro, do nosso time seis ou sete jogadores estavam na seleção brasileira. No clube nós não tínhamos contrato, tinha um, vamos dizer assim, um amadorismo marrom. Uma ajuda de custo, mas contrato assinado não tinha. Eu continuei jogando no Santos até 1974, foi quando acabou o Santos e a vida profissional começou a exigir mais. Em 1968 quando nós fomos para a Olimpíada, ficamos concentrados, treinamos muito pesado, então era treinar e descansar, quando tinha uma folga, eu levava um livro para estudar, era difícil conciliar, tinha que contar com a boa vontade da escola e do professor, as vezes realmente não tinha jeito. Nós ficamos concentrados na Ilha das Enxadas, chegávamos domingo à noite, segunda-feira de manhã começávamos a treinar, treinava oito horas por dia, de segunda a sexta-feira, só no sábado que era de manhã. Quando fomos para a Olimpíada, fiquei praticamente um mês fora, eram duas semanas de Jogos e mais duas semanas para fazer adaptação.

Os Jogos Olímpicos

A Olimpíada do México foi uma experiência maravilhosa, sem querer ser saudosista, mas foi a última Olimpíada com espírito realmente livre, de

congraçamento, de amizade. No México a gente saía, fazia questão de sair com o uniforme do Brasil, os mexicanos receberam a gente muito bem. Você tinha coroa para todo lugar, eles te levavam para onde você quisesse, a Vila era relativamente aberta para visitas. Nessa época, era proibido ser profissional, as competições eram para amadores, mas os países da cortina de ferro, tinham um amadorismo marrom, a maioria dos jogadores estavam abrigados no exército. Então eles eram oficiais do exército, tinham promoções, tinham salário, e treinavam regularmente. Era desigual, porque no nosso caso, era aquele corre-corre, os atletas tinham compromissos, saíam da concentração, para fazer uma prova, alguns trabalhavam, depois voltava, então nós não estávamos imersos no voleibol. Os países da cortina de ferro, tinham um voleibol de alto nível, era Rússia, Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Romênia, esses eram os mais fortes, mas todos os países comunistas, tinham esse pretexto para melhorar a dedicação dos atletas. Outra coisa que eles tinham era intercâmbio, porque um país é relativamente perto do outro, nosso time não tinha intercâmbio nenhum. Então nós fomos para a Olimpíada, fisicamente muito bem, tecnicamente muito bem, mas sem conhecer os adversários, ficamos três meses concentrados, jogando entre a gente, viajamos para o México, antes de começar a Olimpíada, fizemos dois jogos contra a Tchecoslováquia, e fomos para os jogos da Olimpíada. Nós poderíamos ter tirado entre sexto e sétimo lugar, nós perdemos para os Estados Unidos, que era um jogo entre iguais, poderíamos ter ganho, contra a Holanda, que não tinha muita tradição, nós perdemos, perdemos para a Rússia de 3x1, para Tchecoslováquia de 3x1, para a Alemanha Oriental, que tinha um time bom, foi 3x0, ganhamos contra o México, ficamos em nono lugar. Quando entrávamos para jogar era muita surpresa durante o jogo, porque nós não conhecíamos ninguém, quando conhecia era de assistir algum jogo, mas com os treinos também não conseguíamos assistir muitas partidas. Jogávamos nosso jogo, a gente assistia um jogo bom antes ou depois, a gente ficava dividido, queria assistir outras modalidades da Olimpíada, queria conhecer a Cidade do México. Então tinha um monte de coisas disputando seu tempo.

O que eu vi de político na época, foi o jogo entre Rússia e Hungria, se eu não me engano, houve a invasão dos tanques em Budapeste, então os atletas não se cumprimentaram, foi assim, político mesmo. No atletismo teve uma parte também, os atletas negros fizeram um gesto de protesto, com luvas pretas, mãos fechadas, eles queriam mostrar que não estavam contentes com a situação do racismo nos Estados Unidos, foi um gesto de protesto, acho que os atletas foram punidos na época, isso não chegou até nós, nós presenciamos, estávamos no estádio. Nós vimos, isso acabou dando mídia, a gente não conversava sobre isso, era muito pouco politizados, estávamos focados no esporte. Eu me lembro que na final dos 100 metros, do atletismo, eu cheguei em cima da hora, mas consegui ver a prova, saí da Vila correndo, acho que nós tínhamos jogado. Fui controlando o horário, quer dizer, era pouco tempo para tanta coisa, aliado a isso, um pouco de espírito amador.

Eu participei da abertura e do desfile de encerramento, o encerramento é uma festa mais gostosa que a abertura, na abertura você está naquela tensão, e existe um formalismo, você tem que desfilar. No encerramento não, você fez amizades, é uma festa, totalmente desinibida, os atletas vão entrando, vai entrando aquele monte de atleta, quando chega no gramado, libera, todos se despedindo, felizes por ter participado de um evento como aquele, é um astral espetacular, um congraçamento, foi maravilhoso.

11 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

“Muito da vida não fica bom por escrito”. É com esse conselho de um avô a sua neta que começo essas considerações, pois, essa foi sem dúvida a maior preocupação em relação às histórias que compõe essa pesquisa. Como escrever uma tese que fizesse jus às pessoas que abriram suas recordações, seus conflitos, seus sentimentos, cenas cômicas da vida cotidiana que me ajudaram a formar imagens, em forma de um caleidoscópio, sobre suas experiências nos Jogos Olímpicos de 1968. Como não perder a vivacidade das 54 narrativas que eu tinha em mãos? Não digo que é tarefa impossível, pois os exemplos existem, e eu os encontrei na literatura.

Lições das aulas de “Mitopoética” e “Testemunho, história e esquecimento” mostraram que a literatura poderia ser uma companheira inseparável no processo de compreensão e interpretação das histórias que estavam em minhas mãos. Assim, Valter Hugo Mãe, José Saramago, Milan Kundera dentro outros ocuparam a cabeceira da minha cama, meu imaginário e iluminaram muitas ideias, colocando-me o desafio de encontrar imagens metafóricas para trabalhar com as narrativas. Eu precisava fugir da armadilha das explicações imediatas e, considerar o comportamento humano, bem como suas decisões, da forma mais complexa possível. Foi com eles que aprendi a lição de pensar em seres humanos, humanos.

Esses escritores me intimaram a pensar as histórias que estava lendo a partir de metáforas. E foi com eles que eu descobri que “o tempo pode ser varrido” (Walter Hugo Mãe), ou então que “o inconsciente é um maestro” (Milan Kundera). Que a “memória tem cicatriz” (Walter Benjamin), “que o silêncio tem som” (Milan Kundera). Que a palavra tem sabor, que o sol produz sombra sol, o cheiro das cores e “que o morrer é um perder-se em si mesmo” (Walter Hugo Mãe)

Quando se observa um momento histórico a partir das histórias de vida das pessoas que presenciaram um acontecimento, a questão que surge com a intensidade de sua existência é a onipresença. A depender de como são escritas as narrativas a humanidade do ser humano pode ser desconsiderada alocando-o em uma condição divina. Se sua história não demonstra uma compreensão universal do seu tempo ele pode ser relegado a categoria dos ingênuos, inocentes ou com mais dureza compor o quadro dos ignorantes, apolíticos e de forma categórica ao grupo dos alienados.

Essas considerações remetem a uma cena do “Livro do Riso e do Esquecimento”, de Milan Kundera (1994, p.190, *grifo nosso*) que parece esclarecer meu objeto de pesquisa:

(...) Ele disse [a] frase com doçura, mas também com uma tristeza tão sincera que ela ressoou durante muito tempo na sala. Era uma frase que dificilmente se podia receber com silêncio, mas também não era possível responder a ela. Ela não merecia ser aprovada, uma vez que não era progressista, mas também não merecia uma polêmica, já que não ia manifestamente contra o progresso. Era a pior frase possível, porque se situava fora do debate dirigido pelo espírito do tempo. Era uma frase além do bem e do mal, uma frase perfeitamente imprópria.

Descobri meu objeto como uma questão ‘perfeitamente imprópria’ a seu tempo. Estudar a participação brasileira nos Jogos Olímpicos do México em 1968 a partir da narrativa dos atletas, narrativa esta que se colocava num patamar para além do bem e do mal, do certo e do errado, do que se espera do atleta num cenário em que todas as posições políticas aparecem. Considerando o contexto brasileiro de um governo militar, essa questão se apresenta novamente como ‘perfeitamente imprópria’ pois ela está fora do debate acalorado de seu tempo. Um debate polarizado entre intelectuais e militares, pessoas contra ou a favor do governo militar.

A impertinência dessa questão se coloca exatamente aí...

Meu objeto existe, alocado em um tempo linear, exatamente no ponto de ebulição e convergência das principais questões que marcaram a década de 1960, e ele não expressa, necessariamente, essas questões. E quando expressa, não se consegue classificar ou quantificar. São histórias de vida, narrativas. A compreensão é possível a partir dos motivos e dos significados individuais, sem juízo de valores. Fora dessa polaridade que marca o contexto do Brasil, e também do mundo, é complexo responder à essa questão em silêncio. Afasto-me então de Kundera, para dizer que é impossível dar uma única resposta, quando se tem em mente a complexidade inconveniente e impertinente que ela se coloca.

Em princípio parecia que eu iria constatar o óbvio: o atleta brasileiro não se envolveu nas questões políticas de seu tempo ou não compreendeu os acontecimentos dessa edição dos Jogos, resposta recorrente no campo do esporte. Quando minhas hipóteses iniciais não se confirmaram e boa parte do meu projeto ruiu, foi necessário buscar ‘novos’ caminhos e outras possibilidades de leitura dos dados disponíveis. E foi desse momento de ruptura que surgiram autores e escolas que

incluíam o sujeito na interpretação dos fenômenos sociais. Assim se deu o contato com os autores da Escola dos Annales, da história cultural e da psicologia social, bem como a verticalização nos autores que tratam da história oral e da memória.

Percorrer esse caminho me levou a uma nova perspectiva das narrativas dos atletas. Foi possível perceber que em suas lembranças e memórias havia sentido e significado únicos, o papel político de cada um emergia das sutilezas, na relação entre os atletas, entre os atletas e a comissão técnica, o atleta em sua casa, com os amigos. Estava ali, manifesto ou latente uma resposta negativa, a capacidade audaciosa de dizer não! E, mesmo quando todas essas possibilidades de esvaíam, estava ali, em sua narrativa, em seu gesto, a poética.

A proposta aqui exposta não esgota o entendimento das narrativas apresentadas. Considerando o número de entrevistas os temas emergentes são proporcionais aos sujeitos. Num universo de 54 narrativas biográficas dificilmente algum tema relacionado ao Olimpismo, e as questões próprias do esporte, não foram citados. A partir da organização das narrativas foi possível perceber que o objetivo desenhado no primeiro momento da pesquisa era uma falsa premissa. Direcionado pela história oficial, imaginava que as narrativas trariam claramente o contexto histórico de seu desenvolvimento. No entanto, o contexto histórico apareceu em pequenas estilhas, e muitas vezes em frases curtas, dando a entender eventos de memória pública, ou seja, momento em que o narrador já reconstruiu suas experiências e tem explicações sobre o momento que viveu.

Fato inegável é que o contexto das narrativas estava permeado nas histórias, marcado por momentos que as questões da política mundial tangenciaram os atletas. A política presente nas narrativas é a política que cerca o protagonista do espetáculo esportivo, que o atravessa em campo, e que marca a discrepância técnica entre os atletas nos campos, nas quadras ou nas piscinas. Considerando isso, a Guerra Fria aparece como um dos temas mais recorrentes das narrativas, pois foi essa organização política do mundo, em dois grandes blocos de poder, que invadiu não apenas as esferas sociais, econômicas e culturais, mas também os Jogos Olímpicos, redesenhando os princípios do Olimpismo, marcando um novo período no Movimento Olímpico.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Ouvir contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBERTI, V. **Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC, p.1–11, 2005.

ALMEIDA, B. S. DE; CAPRARO, A. M.; MARCHI JUNIOR, W. Os Jogos Olímpicos na Cidade do México 1968: discursos oficiais, da mídia e da literatura científica. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, v. 29, n. 3, p. 383–393, set. 2015.

BARBERO, J. I. Introduccion. In: BROHM, J. M. (Org.). **Materiales de Sociologia del deporte**. Madrid: La Piqueta, 1993.

BECKER, H. S. A História de Vida e o Mosaico Científico. In: ESTEVÃO, M.; AGUIAR, R.; ARIEIRA, M. (Org.). **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

BENJAMIN, W. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, E. **O Tempo Vivo da Memória**: Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, P. Deporte y classe social. In: BROHM, J. M. (Org.). **Materiales de Sociologia del deporte**. Madrid: La Piqueta, 1993.

BOURDIEU, P. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, M. DE M.; AMADO, J. (Org.).

Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

BROHM, J. M. 20 tesis sobre el deporte. In: BROHM, J. M. (Org.). **Materiales de Sociologia del deporte.** Madrid: La Piqueta, 1993.

BROHM, J. M. (Org.) **Materiales de Socioloiga del Deporte.** Madrid: La Piqueta, 1993.

BURGOS, E. **Me Llamo Rigoberta Menchú:** y así me nació la conciencia. Ciudad de México: Siglo XXI Editores, 2007.

BURKE, P. **A Escola dos Annales 1929-1989:** A Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

BURKE, P. (Org.). **A Escrita da historia novas perspectivas.** São Paulo: Editora Unesp, 1992.

CARDOSO, M. **De Atenas a Atlanta:** 100 anos de Olimpíadas. São Paulo: Scritta, 1996.

CARDOSO, M. **O Arquivo das Olimpíadas.** São Paulo: Panda Books, 2000.

COUTO, R. C. **História indiscreta da ditadura e da abertura:** Brasil 1964-1985. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CYTRYNOWICZ, R. O Silêncio do Sobrevivente: Diálogos e rupturas entre memória e história do holocausto. In: **História, Memória e Literatura.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

FARIA, R. DE M.; MIRANDA, M. L. **Da Guerra Fria à Nova Ordem Mundial.** São Paulo: Contexto, 2013.

FAUSTO, B. **História do Brasil.** São Paulo: Edusp, 1996.

GASPARI, E. **A Ditadura Envergonhada**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GAZZANIGA, R. O homem branco naquela fotografia. **Revista Forum**, 27 out. 2015.

GIGLIO, S. S.; RUBIO, K. A hegemonia europeia no Comitê Olímpico Internacional. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, v. 31, n. 1, p. 291–305, 2017.

GINZBURG, C. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2003.

HOBSBAWN, E. **A Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KUNDERA, M. **O livro do riso e do esquecimento**. São Paulo: Círculo do Livro, 1994.

LE GOFF, J. **História & Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LICO, F. DE A. A. **O boicote aos jogos olímpicos de Moscou - 1980: uma análise da reação do movimento olímpico brasileiro e internacional**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

LUCENA, R. **Ralph Conrad relembra título na vela no Pan-63**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2003/jogospanamericanos/entrevistas-conrad.shtml>>. Acesso em: 21 maio. 2017.

MANDELL, R. D. **Historia Cultural del Deporte**. Barcelona - España: Edicions Bellaterra, 2006.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral: Como fazer como pensar**. São Paulo: Contexto, 2013.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia Prático de História Oral**: Para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MELO, V. A. **Dicionário do Esporte no Brasil**: Do século XIX ao início do século XX. Campinas - SP; Rio de Janeiro: Autores Assossidados; Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, 2007.

MUNNÉ, F. A explicação do comportamento humano deve ser o mais simples possível ou o mais complexa possível? In: **Psicologia Social e Imaginário**: Leituras Introdutórias. São Paulo: Zagodoni, 2012.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silencio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

POLLAK, M. Memória E Identidade Social. **Estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200–212, 1992.

PORTELLI, A. A Filosofia e os Fatos. **Tempo**, v. 1, n. 2, p. 59–72, 1996.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: **Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, p. 68–80, 1988.

QUEIROZ, M. I. P. **Variações Sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

REIS, D. A. A vida política. In: **Modernização, ditadura e democracia: 1964-2010** (Volume 5). Rio de Janeiro: Objetiva, 2014a.

REIS, D. A. **Ditadura e democracia no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014b.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa** (vol.1). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RODRÍGUEZ KURI, A. El otro 68: política y estilo en la organización de los juegos olímpicos de la Ciudad de México. **Relaciones**, n. 76, p. 107–129, 1998.

RODRÍGUEZ KURI, A. Pedro Ramírez Vázquez y el proyecto olímpico. **NEXOS**, 2002.

RODRÍGUEZ KURI, A. Geopolítica de la raza. Sudáfrica, Estados Unidos y boicot en los juegos olímpicos de 1968. **Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México**, v. 50, p. 45–62, jul. 2015.

ROSSI, P. **O Passado, a memória, o esquecimento**: Ensaio da história das ideias. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001a.

RUBIO, K. O fair play como valor ético do esporte e sua relação com a ética da Psicologia: haveria alguma diferença? In: **CD ROM do Simpósio Internacional de Psicologia do Esporte**. Simpósio Internacional de Psicologia do Esporte. São Paulo, 2001.

RUBIO, K. Do olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Rev Paulista de Educação Física**, v. 16, n. 2, p. 130–143, 2002a.

RUBIO, K. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. **Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. VI, n. 119, p. 1–6, 2002b.

RUBIO, K. **Heróis Olímpicos Brasileiros**. São Paulo: Zouk, 2004.

RUBIO, K. Da Europa para América: a trajetória do movimento olímpico brasileiro. **Scripta Nova**, v. 9, n. 200, p. 181–204, 2005.

RUBIO, K. **Medalhistas Olímpicos Brasileiros**: Memórias, histórias e imaginário. São Paulo: Casa do Psicólogo; FAPESP, 2006.

RUBIO, K. Jogos olímpicos da era moderna: uma proposta de periodização. **Rev**

Bras Ed Fís Esporte, v. 24, n. 1, p. 55–68, 2010.

RUBIO, K. A dinâmica do esporte olímpico do século XIX ao XXI. **Rev Bras Ed Fís Esporte**, v. 25, n. número especial, p. 83–90, 2011.

RUBIO, K. Memórias e Narrativas Biográficas de Atletas Olímpicos Brasileiros. In: **Preservação da Memória: A responsabilidade Social dos Jogos Olímpicos**. São Paulo: Képos, Editora Laços, 2014a.

RUBIO, K. **Atletas Olímpicos Brasileiros**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2015.

RUBIO, K. **Narrativas biográficas: da busca à construção de um método**. São Paulo: Képos, Editora Laços, 2016a.

RUBIO, K. Agenda 20+20 e o fim de um ciclo para o Movimento Olímpico Internacional. **Revista USP**, v. 108, n. 108, p. 21–28, 28 mar. 2016b.

RUBIO, K. (Org.). **Preservação da Memória: A responsabilidade social dos Jogos Olímpicos**. São Paulo: Képos, Editora Laços, 2014b.

RUBIO, K.; CARVALHO, A. L. Areté, fair play e o movimento olímpico contemporâneo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 5, n. 3, p. 350–357, 2005.

RYAN, C. **O Mais Longo dos Dias: 6 de junho de 1944**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

SALVADOR, J. L. **El Deporte en Occidente: Historia, cultura y política**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2004.

SANTOS, J. F. **Feliz 1958: O ano que não devia terminar**. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 1998.

SARLO, B. **Tempo Passado: Cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo;

Belo Horizonte: Companhia das Letras; Editora UFMG, 2007.

SEVCENKO, N. **A Corrida para o Século XXI**: No loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, P. (Org.). **A Escrita da História**: Novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 368.

SOARES, C. L. **Educação física**: raízes européias e Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

VIEIRA, E. **A ditadura militar**: 1964-1985: momentos da República brasileira. São Paulo: Cortez, 2014.

VIGARELLO, G. Treinar. In: **História do Corpo 3**: As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

ZAMBRA, A. **Múltipla Escolha**. São Paulo: Planeta, 2017.

LISTA DE SITES CONSULTADOS

<https://www.sports-reference.com/olympics/>

<https://www.sports-reference.com/olympics/summer/1968/>

<https://www.sports-reference.com/olympics/countries/BRA/summer/1968/>

http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2007/jogospanamericanos/medalhistas_brasileiros-1963.shtml

<http://www.jb.com.br/paginas/news-archive/>

http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_07&pagfis=95766&url=http://memoria.bn.br/docreader#

<http://www.cbat.org.br/>

<http://www.cbb.com.br/>

<http://www.boxe.cbboxe.com.br/>

<http://cbesgrima.org.br/>

<https://www.cbf.com.br/>

<http://www.cbh.org.br/>

<http://www.cbvela.org.br/>

<http://www.cblp.org.br/>

<http://www.cbda.org.br/>

<http://www.remobrasil.com/>

<http://www.cbte.org.br/>

<http://2018.cbv.com.br/>

ANEXOS

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título do Projeto: MEMÓRIAS OLÍMPICAS POR ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS

Pesquisador Responsável: Profa. Dra. Katia Rubio

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: EEFÉ-USP

Telefones para contato: (11) 30913181 - (11) 30913151 - (11) 91387466

Nome do voluntário: _____

Idade: _____ anos, R.G. _____, Responsável legal (quando for o caso): _____

R.G. Responsável legal: _____

O Sr. (a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa "MEMÓRIAS OLÍMPICAS POR ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS, de responsabilidade da Profa. Dra. Katia Rubio.

O presente projeto tem como objetivo recuperar a memória dos atletas olímpicos que representaram o Brasil em várias edições dos Jogos Olímpicos da Era Moderna e por meio dessas histórias individuais discutir a formação da identidade do atleta, a importância desse ator social no cenário brasileiro e o movimento de construção e manutenção do imaginário esportivo brasileiro.

Com o consentimento do atleta as entrevistas são registradas em vídeo e posteriormente transcritas para análise.

A pesquisa não oferece risco ao participante e espera-se com essa pesquisa fazer um levantamento das modalidades medalhistas, da trajetória de seus atletas no cenário nacional – e o reconhecimento por parte da população de seus feitos – e analisar a política das Federações e Confederações Esportivas naquilo que se refere à influência desse procedimento na formação de novos atletas. Montar um banco de dados – em forma de imagem e de textos – com a memória do esporte nacional e a partir desses dados construir uma Enciclopédia dos atletas olímpicos brasileiros.

As informações coletadas serão publicadas com o consentimento do participante.

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

São Paulo, _____ de _____ de _____

Nome e assinatura do participante

Testemunha

Informações relevantes ao pesquisador responsável:

Res. 196/96 – item IV.2: O termo de consentimento livre e esclarecido obedecerá aos seguintes requisitos:

- a) ser elaborado pelo pesquisador responsável, expressando o cumprimento de cada uma das exigências acima;
- b) ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa que referenda a investigação;
- c) ser assinado ou identificado por impressão dactiloscópica, por todos e cada um dos sujeitos da pesquisa ou por seus representantes legais; e
- d) ser elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo sujeito da pesquisa ou por seu representante legal e uma arquivada pelo pesquisador.

ANEXO 2

Ata do Yacht Club Santo Amaro enviada por Burkhard Cordes, onde consta a participação dos atletas Ralph Conrad e Joaquim Feneberg, na equipe de iatismo que participou dos Jogos Olímpicos de 1968.

ANEXO 3

ROTEIRO PARA ENTREVISTA EM HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA

Matricula da entrevista

- Local e Data
- Nome do projeto
- Nome do colaborador
 - data nascimento - idade
 - modalidade
- presença eventual de outras pessoas
- Eu gostaria que você me contasse como foram os Jogos Olímpicos de 1968 pra você...
- Como você se classificou para os JO do México em 1968? Onde foi?
- Você pertencia a algum clube na época? Qual?
- Você estudava na época? Onde? Que curso fazia?
- Onde estava morando?

Jogos Olímpicos

- Como é que estava o Brasil naquele momento?
- Como foi a viagem para o México?
- quem são as pessoas que acompanharam a viagem ao México?
- Quando chegaram? Quanto tempo antes dos Jogos?
- recepção dos mexicanos
- Viram os protestos dos mexicanos?
- doping em 68
 - passou pelo doping nos JO de 68?
- como foi:
 - abertura
 - provas/ competições
 - vila olímpica
 - alimentação
- Relação com os militares nos Jogos Olímpicos (pois a comissão era quase toda formada por militares)
- Cerimônia de encerramento
- Como foi a volta para o Brasil, todos voltaram juntos?
- Chegada no Brasil
- Como era ser atleta no Brasil na década de 1960?
- Você já sonhou com os Jogos Olímpicos, como foi?